



**OS IRMÃOS
SISTER**

PATRICK DEWITT

 Planeta

OS IRMÃOS SISTER
PATRICK DEWITT

Tradução
Marcelo Barbão



Copyright © 2011 by Patrick deWitt
Direitos exclusivos para o Brasil, não válidos para
territórios como Portugal, Angola e Moçambique.
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Sisters Brothers*

PREPARAÇÃO Gabriela Ghetti
REVISÃO Vivian Miwa Matsushita, Carla Schneider
DIAGRAMAÇÃO S4 Editorial
CAPA adaptada do original por S4 Editorial
CAPA ORIGINAL © Dan Stiles

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W784s

deWitt, Patrick

Os irmãos Sister / Patrick deWitt; tradução de Marcelo Barbão. – São
Paulo: Planeta, 2013.

208 p. 23 cm.

Tradução de: The Sisters Brothers

ISBN 978-85-422-0100-0

1. Ficção canadense. I. Barbão, Marcelo. II. Título.

13-0773.

CDD: 819.13

CDU: 821.111(71)-3

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

PARA MINHA MÃE

OREGON CITY, 1851



EU ESTAVA SENTADO DO LADO DE FORA DA MANSÃO DO COMODORO, esperando que meu irmão Charlie saísse com notícias sobre o trabalho. Estava ameaçando nevar e eu sentia frio. Como queria algo para fazer, comecei a estudar o cavalo novo do Charlie, Nimble. Meu novo cavalo se chamava Tub. Não acreditávamos muito em dar nomes a esses animais, mas tínhamos recebido como parte do pagamento pelo último trabalho os dois já com seus nomes, então tudo bem. Nossos cavalos anteriores, sem nomes, tinham sido sacrificados, então era claro que precisávamos desses novos, mas eu sentia que teria sido melhor receber dinheiro e comprar os cavalos que quiséssemos, sem histórias, hábitos e nomes pelos quais esperavam ser chamados. Eu gostava muito do meu cavalo anterior e ultimamente tive umas visões, enquanto dormia, de sua morte, as pernas queimadas coiceando, os olhos saltados por causa do calor. Ele conseguia cobrir quase cem quilômetros num dia, como uma rajada de vento, e eu nunca tinha encostado a mão nele, a não ser para acariciá-lo e limpá-lo, e tentava não pensar nele queimando naquele celeiro, mas, se a visão surgia sem ser convidada, como poderia impedi-la? Tub era um animal bastante saudável, mas estaria melhor com outro dono, menos ambicioso. Era corpulento e tinha as costas curtas, por isso não conseguia viajar mais do que oitenta quilômetros por dia. Eu era obrigado a chicoteá-lo, o que alguns homens não se importam em fazer e algo com que outros até sentem prazer, mas que eu odiava; e depois ele, Tub, terminava acreditando que eu era cruel e pensava para si mesmo: Triste vida, triste vida.

Senti alguém olhando para mim e deixei de encarar o Nimble. Charlie estava espiando da janela do segundo andar e acenou com a mão. Não respondi e ele fez uma careta para tentar me arrancar um sorriso; quando notou que eu não

sorriria, sua expressão ficou vazia e ele entrou, saindo da minha vista. Eu sabia que ele tinha me visto admirar seu cavalo. Na manhã anterior, eu tinha sugerido que vendêssemos Tub e dividíssemos os custos de um novo cavalo e ele havia concordado que isso era justo, porém mais tarde, no almoço, ele sugeriu que adiássemos isso até que o novo trabalho estivesse terminado, o que não fazia sentido já que o problema com Tub era que ele iria atrapalhar o trabalho, então não seria melhor substituí-lo antes disso? Charlie tinha um pouco de gordura no bigode e falou: “Depois do trabalho é melhor, Eli”. Ele não tinha reclamações com Nimble, que era tão bom ou até melhor do que seu cavalo anterior, sem nome, mas ele teve a chance de escolher primeiro entre os dois enquanto eu estava de cama, me recuperando de uma ferida na perna sofrida no trabalho. Eu não gostava de Tub, mas meu irmão estava satisfeito com Nimble. Esse foi o problema com os cavalos.

Charlie montou em Nimble e a gente se afastou, na direção do Pig-King. Só tinham se passado dois meses desde nossa última visita a Oregon City, mas eu pude contar cinco novos negócios na rua principal e cada um deles parecia estar indo bem. “Uma espécie engenhosa”, falei para Charlie, que não respondeu. Nós nos sentamos numa mesa no fundo do King e nos trouxeram a garrafa de sempre com dois copos. Charlie me serviu, quando normalmente cada um serve o seu, então eu me preparei para as más notícias.

— Vou ser o líder neste, Eli.

— Quem disse?

— O Comodoro disse.

Bebi meu conhaque.

— O que quer dizer?

— Quer dizer que eu vou liderar.

— O que quer dizer em termos de dinheiro?

— Mais para mim.

— Meu dinheiro, estou dizendo. O mesmo de antes?

— Menos para você.

— Não vejo lógica nisso.

— O Comodoro disse que os problemas com o último trabalho não teriam acontecido se houvesse um líder.

— Não faz sentido.

— Bom, na verdade, faz sim.

Ele me serviu outra dose e eu bebi. Falei tanto para mim quanto para Charlie:

— Se ele quer pagar um líder, tudo bem. Mas é mau negócio diminuir o homem que fica embaixo. Trabalhando para ele quase tive minha perna arrancada e meu cavalo foi queimado.

— Meu cavalo também foi queimado. Ele nos conseguiu cavalos novos.

— É mau negócio. Pare de me servir como se eu fosse um inválido.

Peguei a garrafa e perguntei detalhes do novo trabalho. Precisávamos encontrar e matar um prospector na Califórnia chamado Hermann Kermit Warm. Charlie tirou uma carta do bolso, enviada pelo mensageiro do Comodoro, um dândi chamado Henry Morris que geralmente ia antes da gente para juntar informações:

Estudei Warm por vários dias e posso falar o seguinte a respeito de seus hábitos e de seu caráter. Ele é de natureza solitária, mas passa muitas horas nos saloons de São Francisco, lendo seus livros de ciência e matemática ou fazendo desenhos nas margens. Leva esses tomos para todos os lados, amarrados como se fosse um estudante, e é ridicularizado por isso. Ele é baixo, o que o torna mais cômico, mas cuidado, pois não se deixará ser ridicularizado por sua altura. Já o vi brigar várias vezes e, apesar de quase sempre perder, não acho que seus oponentes gostariam de brigar outra vez contra ele. Não tem nada contra morder, por exemplo. É careca, com barba ruiva comprida, braços desengonçados e uma barriga protuberante, como a de uma mulher grávida. Ele não se lava com frequência e dorme onde pode – celeiros, varandas ou, se for necessário, nas ruas. Sempre que fala, é brusco e pouco amigável. Carrega um revólver pequeno, pendurado ao redor da cintura. Não bebe com frequência, mas, quando finalmente levanta uma garrafa, é para beber até cair. Paga pelo uísque com pó de ouro que guarda numa bolsinha de couro amarrada a um longo fio, escondida nas dobras de sua roupa. Ele não saiu da cidade nenhuma vez desde que estou aqui e não sei se planeja voltar a suas terras, que ficam a uns quinze quilômetros ao leste de Sacramento (ver mapa anexo). Ontem, num saloon, ele me pediu um fósforo, dirigindo-se polidamente e chamando-me pelo nome. Não tenho ideia de como ele soube disso, pois pareceu nunca notar que eu o seguia. Quando perguntei como ele sabia quem eu era, ficou bravo e foi embora. Não gosto dele, apesar de que alguns dizem que sua mente é absurdamente astuta. Admito que ele é incomum, mas isso é talvez o máximo de elogio que posso fazer.

Perto do mapa das terras de Warm, Morris tinha feito um desenho borrado do homem; mas ele poderia estar ao meu lado e eu não o reconheceria, de tão ruim o desenho. Mencionei isso para Charlie, que respondeu:

— Morris está nos esperando no hotel em São Francisco. Ele vai nos indicar Warm e aí vamos agir. É um bom lugar para matar alguém, ouvi dizer. Quando não estão ocupados queimando toda a cidade, estão distraídos com sua infinita

reconstrução.

— Por que ele não mata Morris?

— Você sempre faz essa pergunta e eu sempre respondo igual: não é o trabalho dele, é o nosso.

— Não faz sentido. O Comodoro diminui meu salário, mas paga as despesas desse abelhudo só para indicar a Warm que ele está sendo observado.

— Você não pode chamar o Morris de abelhudo, irmão. Essa é a primeira vez que ele comete um erro e o admite abertamente. Acho que sua descoberta fala mais sobre quem é Warm do que sobre Morris.

— Mas o homem passa a noite nas ruas. O que impede o Morris de simplesmente atirar nele quando estiver dormindo?

— Que tal a explicação de que Morris não é um assassino?

— Então por que enviá-lo? Por que não nos mandou há um mês, no lugar dele?

— Há um mês estávamos em outro trabalho. Você esquece que o Comodoro tem muitos interesses e preocupações e precisa resolvê-los, mas um de cada vez. Negócios corridos são mau negócios, essas são as palavras do próprio homem. Você só deve admirar seus sucessos para ver a verdade nisso.

Fiquei mal ao ouvi-lo citar o Comodoro com tanto carinho.

— Vamos demorar umas semanas para chegar à Califórnia. Por que fazer a viagem se não precisamos? – falei.

— Mas temos de fazer a viagem. Esse é o trabalho.

— E se Warm não estiver lá?

— Ele vai estar lá.

— E se não estiver?

— Mas que droga, ele vai estar.

Quando chegou o momento de ir embora, aponte para Charlie.

— O líder é que paga.

Normalmente, a gente dividia, por isso ele não gostou da minha sugestão. Meu irmão sempre foi mão de vaca, um traço herdado de nosso pai.

— Só dessa vez – ele falou.

— Líderes com seus salários de líder.

— Você nunca gostou do Comodoro. E ele nunca gostou de você.

— Eu gosto cada vez menos dele – falei.

— Você é livre para falar isso para ele, se a coisa se tornar insuportável.

— Você vai saber, Charlie, se a coisa ficar insuportável. Vai ficar sabendo e ele também.

Essa discussão poderia ter continuado, mas deixei meu irmão e fui para o quarto de hotel que ficava em frente ao *saloon*. Não gosto de discussões, principalmente com Charlie, que pode ser brutalmente cruel com sua língua. Mais tarde, naquela noite, consegui ouvi-lo conversando na rua com um grupo de

homens e fiquei prestando atenção para ter certeza de que ele não estava em perigo; e não estava – os homens perguntaram seu nome, ele falou e os outros foram embora. Mas eu teria ido em sua ajuda, na verdade estava colocando minhas botas quando o grupo se dispersou. Ouvi Charlie subindo as escadas e deitei na cama, fingindo que dormia. Ele enfiou a cabeça no quarto e me chamou, mas não respondi. Ele fechou a porta e foi até seu quarto, enquanto fiquei no escuro pensando nas dificuldades das famílias, como as histórias da linhagem podem ser loucas e desonestas.

Pela manhã estava chovendo – gotas frias e constantes que transformavam as estradas em barro. Charlie estava ruim do estômago por causa do conhaque e eu fui até o farmacêutico, atrás de um remédio contra enjoo. Ele me deu um pó azul e sem cheiro que misturei no café matutino de Charlie. Não sabia os ingredientes da infusão, só que ela conseguiu tirá-lo da cama, fazê-lo montar o Nimble e o deixar alerta a ponto de não se distrair. Nós paramos para descansar a uns trinta quilômetros da cidade, num setor deserto da floresta que tinha queimado no verão anterior por causa de um raio. Terminamos de almoçar e estávamos nos preparando para seguir em frente quando vimos um homem andando a cavalo a uns cem metros ao sul. Se ele estivesse montado no cavalo, acho que não teríamos comentado nada, mas era estranho vê-lo puxando o animal daquela forma.

— Por que você não vai ver o que ele está fazendo? – pediu Charlie.

— Uma ordem direta do líder – falei. Ele não respondeu e pensei: *a piada está perdendo a graça*. Decidi que não a repetiria. Levei Tub em direção ao caminhante. Quando dei uma volta ao redor dele, percebi que estava chorando e desmonte para encará-lo. Sou alto e pesado, com um jeito rude, e pude ler o pânico em seu rosto; para acalmar suas preocupações, falei:

— Não quero machucá-lo. Meu irmão e eu só estamos almoçando. Preparei uma grande quantidade de comida e pensei em convidá-lo, se estiver com fome.

O homem secou o rosto com sua palma, inspirando fundo e tremendo. Ele tentou me responder – pelo menos abriu a boca –, mas não saiu nenhuma palavra ou som; estava tão consternado que era impossível qualquer comunicação.

— Posso ver que você está atormentado com alguma coisa – falei – e provavelmente prefere continuar viajando sozinho. Minhas desculpas por perturbá-lo e espero que esteja a caminho de algo melhor.

Voltei a montar em Tub e estava no meio do caminho de volta quando vi Charlie se levantar e apontar seu revólver na minha direção. Virando-me, vi o homem chorando vindo rapidamente ao meu encontro; ele não parecia querer me machucar e gesticulei para Charlie baixar a arma. Agora o homem aos prantos estava ao meu lado e falou:

— Vou aceitar sua oferta.

Quando chegamos ao acampamento, Charlie segurou o cavalo do homem e falou:

— Você não deveria perseguir alguém assim. Achei que ia atacar meu irmão e quase atirei.

O homem aos prantos fez um gesto desdenhoso com as mãos, indicando a irrelevância do que havia sido dito. Isso pegou Charlie de surpresa – ele olhou para mim e perguntou:

— Quem é ele?

— Ele está chateado com algo. Eu ofereci um prato de comida.

— Não sobrou nada, a não ser biscoitos.

— Vou preparar mais, então.

— Não vai, não – Charlie olhou de alto a baixo para o homem aos prantos. – Não é ele que está triste mesmo?

Limpando a garganta, o homem aos prantos falou:

— É um comportamento ignorante falar sobre um homem como se não estivesse presente.

Charlie ficou em dúvida se devia rir ou atacar. Falou para mim:

— Ele está louco?

— Vou pedir que tome cuidado com suas palavras – falei ao estranho. – Meu irmão não está se sentindo bem hoje.

— Estou bem – falou Charlie.

— Sua caridade está meio distorcida – falei.

— Ele parece doente – disse o homem aos prantos.

— Falei que estou bem, droga.

— Ele *está* doente, levemente – concordei. Dava para ver que a paciência de Charlie tinha chegado a seu limite. Peguei alguns dos biscoitos e coloquei-os na mão do homem aos prantos, que ficou olhando para eles por um bom tempo, depois recomeçou a chorar, tossir, inspirar e tremer. Falei com Charlie:

— Era assim que ele estava quando o encontrei.

— Qual é o problema dele?

— Não falou – perguntei ao homem aos prantos: – Senhor, qual é o seu problema?

— Eles foram embora! – ele gritou. – Todos foram embora!

— Quem foi embora? – perguntou Charlie.

— Foram sem mim! E eu gostaria de ter ido! Quero ir com eles! – deixou cair os biscoitos e se afastou com seu cavalo. Ele deu dez passos e jogou a cabeça para trás com um gemido. Fez isso três vezes e, com meu irmão, comecei a recolher nosso acampamento.

— Fico imaginando qual é o problema dele – disse Charlie.

— Algum tipo de tristeza que o deixou louco.

Quando montamos nossos cavalos, o homem aos prantos estava longe, e a

fonte de sua preocupação continuaria para sempre um mistério.

Andamos em silêncio, pensando em nossas coisas. Charlie e eu tínhamos um acordo silencioso de não viajar correndo logo depois de uma refeição. Havia muitas dificuldades em nosso estilo de vida e aceitávamos esses pequenos confortos; sabia que eles acrescentavam um pouco de decência para que prosseguíssemos.

— O que esse Hermann Warm fez? – perguntei.

— Tirou algo do Comodoro.

— O que ele tirou?

— Isso será revelado no futuro. Matá-lo é a nossa tarefa – ele cavalgou na frente e eu o segui. Fazia algum tempo que queria conversar com ele, antes mesmo do último trabalho.

— Você nunca achou isso estranho, Charlie? Todos esses homens tontos o bastante para roubar o Comodoro? Temido como ele é?

— O Comodoro tem dinheiro. O que mais atrairia os ladrões?

— Como eles conseguem o dinheiro? Sabemos que o Comodoro é cuidadoso. Como é que todos esses homens diferentes conseguem acesso a sua riqueza?

— Ele faz negócios em todo canto do país. Um homem não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, muito menos em cem. É normal que seja a vítima.

— Vítima! – falei.

— Como você chamaria um homem que é forçado a proteger sua fortuna com gente como nós?

— Vítima! – achei incrível, de verdade. Em honra do pobre Comodoro, eu cantei uma balada triste – “His tears behind a veil of flowers, the news came in from town” (“Suas lágrimas por trás de um véu de flores, as notícias vieram da cidade”).

— Oh, está bem.

— “His virgin seen near country bower, in arms of golden down” (“Sua virgem vista perto da varanda, em braços dourados abaixados”).

— Você só está bravo comigo porque sou o líder.

— “His heart mistook her smile for kindness, and now he pays the cost” (“Seu coração confundiu o sorriso dela por bondade, e agora ele paga o custo”).

— Desisto de conversar com você sobre isso.

— “His woman lain in sin, her highness, endless love is lost” (“Sua mulher deitada em pecado, sua alteza, amor sem fim é perdido”).

Charlie não poderia deixar de sorrir.

— Que música é essa?

— Ouvi em algum lugar.

— É triste.

— As melhores músicas são tristes.

— Era o que a mamãe costumava dizer.

Fiz uma pausa.

— As músicas tristes não me deixam *realmente* triste.

— Você é como a mamãe, em muitas coisas – ele falou.

— Você não. E também não é como o papai.

— Não sou como ninguém.

Ele falou isso casualmente, mas era o tipo de declaração que eclipsava a conversa, que a matava. Ele acelerou e eu não o segui. Fiquei olhando suas costas e ele sabia que eu estava fazendo isso. Charlie apertou as costelas de Nimble com as botas e os dois saíram correndo, comigo atrás. Só estávamos viajando do nosso jeito, em nosso típico ritmo, mas eu sentia que o tempo todo estava correndo atrás dele.

Os dias eram curtos no fim do inverno e paramos numa ravina seca para armar acampamento para a noite. Você vai sempre ver este cenário em romances de aventura: duas pessoas sinistras em frente ao fogo, contando suas histórias indecentes e cantando músicas atormentadas sobre a morte. Mas posso contar que depois de um dia inteiro de cavalgada, não quero mais do que deitar para dormir, e isso é somente o que eu fazia, sem nem comer uma refeição apropriada. Na manhã, colocando minhas botas, senti uma dor forte no meu dedão esquerdo. Virei e bati no fundo da bota, esperando que saísse um espinho, mas o que vi foi uma aranha grande e peluda caindo de costas no chão, oito patas se movendo no ar frio. Meu pulso disparou e fiquei muito mal porque tenho bastante medo de aranhas, cobras e coisas que se arrastam, e Charlie, sabendo disso, veio me ajudar, jogando a criatura no fogo com sua faca. Vi a aranha se enrolar e morrer, pegando fogo como uma bola de papel, e fiquei feliz por seu sofrimento.

Agora, sentia um arrepio subindo pela minha espinha e falei:

— Era um animalzinho poderoso, irmão.

Uma febre tomou conta de mim de repente e fui forçado a me deitar.

Charlie ficou preocupado com minha cor pálida; quando descobri que não conseguia mais falar, ele aumentou o fogo e cavalcou até a cidade mais próxima atrás de um médico, trazido total ou parcialmente contra sua vontade – eu estava no meio de uma neblina, mas me lembro de como ele xingava cada vez que Charlie se afastava. Tomei um tipo de remédio ou antídoto, alguma coisa que me deixou feliz e tonto como quando estava bêbado e tudo que eu queria fazer era perdoar todo mundo por tudo e também fumar sem parar. Logo caí num sono profundo durante todo aquele dia e noite, só acordei na manhã seguinte. Quando despertei, Charlie ainda estava perto do fogo; ele me olhou e sorriu.

— Consegue se lembrar do que estava sonhando agora? – ele perguntou.

— Só que eu estava preso – falei.

— Você ficava falando: “Estou na barraca! Estou na barraca!”.

— Não me lembro.

— “Estou na barraca!”

— Ajude-me a me levantar.

Ele me ajudou e logo eu estava circulando pelo acampamento com as pernas rígidas. Estava um pouco enjoado, mas comi um grande pedaço de *bacon*, café e biscoitos, e consegui engolir tudo. Decidi que já estava bem para viajar e cavalgamos umas quatro ou cinco horas antes de parar de novo. Charlie me perguntou várias vezes como estava e eu tentava responder todas as vezes, mas a verdade é que não sabia muito bem. Talvez fosse o veneno da aranha ou o antídoto do médico atormentado, mas a verdade é que eu não controlava totalmente meu corpo. Passei uma noite com febre e espasmos e pela manhã, quando me virei para ouvir o bom-dia de Charlie, ele me olhou e soltou um grito de susto. Perguntei qual era o problema e ele trouxe um prato de lata para que eu usasse como espelho.

— O que é isso? – perguntei.

— É a sua cabeça, amigo – ele se levantou de um pulo e assobiou.

O lado esquerdo do meu rosto estava grotescamente inchado, do alto do meu crânio até o pescoço, chegando ao meu ombro. Meu olho era apenas uma fenda e Charlie, recuperando o humor, disse que eu parecia meio cachorro, e jogou uma vareta para ver se eu ia buscar. Vi que a fonte do inchaço era meu dente e minha gengiva; quando coloquei um dedo na fileira esquerda inferior, uma dor terrível se espalhou por meu corpo de alto a baixo e vice-versa.

— Deve ter alguns litros de sangue aí dentro – disse Charlie.

— Onde você encontrou aquele médico? Deveríamos fazê-lo voltar e pedir que me fure.

Charlie balançou a cabeça.

— Melhor não procurá-lo mais. Houve um episódio infeliz com relação ao pagamento. Ele ficaria contente em nos rever, é verdade, mas duvido que queira nos ajudar. Ele mencionou outro acampamento alguns quilômetros mais ao sul. Pode ser a melhor aposta, se você achar que consegue ir.

— Acho que não tenho escolha.

— Assim como com muitas coisas na vida, irmão, acho que você não tem.

Foi uma viagem lenta, apesar de o terreno ser fácil – uma descida leve em terra firme no meio de uma floresta. Eu estava me sentindo estranhamente feliz, como se estivesse no meio de algo divertido, até Tub errar um passo e minha boca se fechar de repente. Gritei de dor, mas ao mesmo tempo comecei a rir com o ridículo da situação. Enfiei um maço de tabaco entre os dentes para servir como almofada. Isso encheu minha boca com uma saliva marrom, mas eu não conseguia cuspir, porque era muito doloroso, então simplesmente me inclinava para frente e deixava o líquido escorrer da minha boca sobre o pescoço de Tub.

Passamos por uma rápida nevasca; os flocos eram ótimos e esfriaram meu rosto. Minha cabeça estava de lado e Charlie deu a volta para me olhar.

— Dá para ver até de trás – ele disse. – O escalpo em si está inchado. Seu cabelo está inchado.

Nós passamos longe da cidade do médico que não foi pago e encontramos o acampamento seguinte alguns quilômetros depois, um lugar sem nome, com poucos metros de largura e o lar de menos de uma centena de pessoas. Mas a sorte estava conosco e ali encontramos um médico de dentes chamado Watts fumando um cachimbo em frente a seu consultório. Quando me aproximei, ele sorriu e falou:

— Que profissão a minha, fico feliz ao ver alguém tão deformado.

Ele me levou a seu local de trabalho, pequeno mas eficiente – havia até uma cadeira de couro que fazia barulho de tão nova. Pegou uma bandeja com ferramentas brilhantes e me fez perguntas sobre a história do dente, para as quais não tinha respostas satisfatórias. De qualquer forma, eu tinha a impressão de que ele não se importava com as respostas, que estava simplesmente satisfazendo-se com as perguntas.

Contei minha teoria de que esse problema no dente estava ligado à mordida da aranha, ou ao antídoto, mas Watts disse que não havia provas médicas para apoiar isso. Ele me falou:

— O corpo é um verdadeiro milagre, quem pode dissecar um milagre? Talvez tenha sido a aranha, verdade, e talvez tenha sido uma reação ao chamado antídoto do médico, e talvez não tenha sido nenhum dos dois. Realmente, no entanto, que diferença faz *por que* você está mal? Estou certo?

Falei que achava que sim. Charlie respondeu:

— Eu estava contando ao Eli aqui, doutor, que aposto que há alguns litros de sangue acumulados dentro da cabeça dele.

Watts pegou uma ferramenta de prata. Sentado, ele olhou minha cabeça como um busto monstruoso.

— Vamos descobrir – falou.

A história de Reginald Watts era a de um cara sem sorte lidando com vários fracassos e várias catástrofes, apesar de falar disso sem amargura ou arrependimento e, na verdade, parecendo encontrar humor em seus inúmeros erros:

— Fracassei em negócios honestos, fracassei em empreendimentos criminosos, fracassei no amor, fracassei na amizade. Você pode falar, eu fracassei. Vá em frente e fale algo. Qualquer coisa.

— Agricultura – disse.

— Tive uma fazenda de açúcar a uns cento e cinquenta quilômetros ao nordeste daqui. Nunca ganhei um centavo. Nunca vi um grão de açúcar. Um

fracasso devastador. Fale outra coisa.

— Transporte marítimo.

— Comprei uma parte num barco a vapor que levava bens pelo Mississippi por um preço obscuro. Altamente lucrativo até eu entrar. Na segunda viagem que fiz com meu dinheiro, o barco afundou no rio. Não tinha seguro, que foi uma brilhante ideia minha para economizar alguns dólares. Também tinha encorajado uma mudança de nome, de *The Periwinkle*, que me parecia uma prova de frivolidade, para *Queen Bee*. Um fracasso total. Meus companheiros investidores, se não me equivoquei, iam me linchar. Eu preguei um bilhete suicida na frente da minha porta e abandonei às pressas a cidade. Deixei uma boa mulher para trás também. Ainda penso nela, tantos anos depois – o dentista parou por um momento e balançou a cabeça. – Diga outra coisa. Não, não diga nada. Estou cansado de falar sobre isso.

— Somos dois então – disse Charlie. Ele estava sentado no canto, lendo um jornal.

— Parece que você está indo bem aqui, doutor – falei.

— Dificilmente – ele falou. – Você é o meu terceiro cliente em três semanas. Parece que a higiene oral é a última das prioridades nesta parte do mundo. Não, eu também acho que vou fracassar na odontologia. Dê mais dois meses assim e o banco vai acabar com meu negócio – ele segurou uma longa injeção perto do meu rosto. – Isso vai doer, filho.

— Ai! – gritei.

— Onde você estudou odontologia? – perguntou Charlie.

— Numa instituição com forte reputação – ele respondeu. Mas havia um sorriso em seu rosto que não me agradou.

— Pelo que sei, esses estudos levam vários anos – falei.

— Anos? – disse Watts e riu.

— Quanto tempo?

— Pessoalmente? O suficiente para memorizar o mapa dos nervos. O tempo que demorou para aqueles tontos me enviarem as ferramentas a crédito – olhei para Charlie, que deu de ombros e voltou a sua leitura. Fui verificar o inchaço da minha bochecha e descobri que não estava sentindo meu rosto.

— Não é incrível? – falou Watts. – Eu poderia arrancar todos os dentes e você não sentiria nenhuma dor.

Os olhos de Charlie apareceram sobre o jornal.

— Você realmente não sente nada? – neguei com a cabeça e ele perguntou a Watts. – Como se consegue isso?

— Não se consegue se não for da profissão.

— Poderia ser ótimo em nossa linha de trabalho. O que você diria se eu lhe pedisse para nos vender um pouco?

— Eles não entregam num barril – disse Watts.

— Nós podemos pagar um preço justo.

— Infelizmente a resposta é não.

Charlie olhou para mim, com semblante inexpressivo; seu rosto desapareceu atrás do jornal.

Watts picou meu rosto em três lugares, e os fluidos coloridos saíram gotejando. Havia algo na cabeça, mas ele disse que ia descer em seu tempo e que o pior já tinha passado. Ele extraiu os dois dentes ruins e eu ri com a violência sem dor dessa extração. Charlie ficou desconfortável e foi para o *saloon* do outro lado da rua.

— Covarde – falou Watts.

Ele deu pontos no buraco e encheu minha boca com algodão, depois me levou a uma bacia de mármore onde me mostrou uma escova delicada, de madeira, com uma cabeça retangular cheia de cerdas brancas.

— Uma escova de dentes – ele falou. – Isso vai manter seus dentes limpos e seu hálito agradável. Veja como eu faço.

O dentista demonstrou o uso apropriado da ferramenta, depois soprou o ar com cheiro de menta no meu rosto. Entregou-me uma escova nova, idêntica à dele, e também um pacote do pó para dentes que produzia a espuma de menta, depois me disse que eram meus. Protestei contra isso, mas ele admitiu que tinha ganhado uma caixa a mais do fabricante. Eu paguei dois dólares pela extração dos dentes e ele trouxe uma garrafa de uísque para brindar o que chamou de transação mutuamente benéfica. Eu achei o homem bastante encantador e senti remorso quando Charlie voltou ao escritório com o revólver, apontando para o bom médico:

— Eu tentei negociar com você – ele falou, o rosto queimando com o conhaque.

— Imagino no que vou falhar no futuro – Watts disse, infeliz.

— Não sei e não me importa. Eli, junte o remédio entorpecedor e as agulhas. Watts, encontre um pedaço de corda, rápido. Se você tentar me enganar, vou abrir um buraco no seu cérebro.

— Às vezes, sinto que já tenho um – para mim, ele falou: – Perseguir dinheiro e conforto me deixou cansado. Cuide dos seus dentes, filho. Mantenha sua boca saudável. Suas palavras vão acabar soando mais doces, não é mesmo? Charlie deu um soco na orelha de Watts, terminando o discurso dele.

Cavalgamos por toda a tarde e no começo da noite, quando fiquei tonto a ponto de achar que iria cair da sela. Perguntei a Charlie se já poderíamos parar e ele concordou, mas antes deveríamos encontrar um lugar para acampar, já que ameaçava chover. Ele sentiu o cheiro de uma fogueira no ar e encontramos uma cabana, cheiro bom saindo da chaminé, uma luz baixa dançando na única janela. E uma velha enrolada numa colcha e em outros panos atendeu a porta. Ela tinha

pelos brancos pendurados no queixo, e sua boca meio aberta estava cheia de dentes pontudos e negros. Charlie, com o chapéu nas mãos, falou sobre nossas recentes dificuldades com um timbre dramático de ator. Os olhos de ostras da mulher se fixaram em mim e eu me senti imediatamente mais frio. Ela se afastou da porta sem uma palavra. Ouvi o arranhão de uma cadeira raspando o chão. Charlie se virou para mim e perguntou:

— O que você acha?

— Ela deixou a porta aberta para nós.

— Tem algo errado com ela.

Ele chutou um montinho de neve.

— Ela sabe como acender um fogo. O que mais você quer? Não estamos procurando um lugar permanente.

— Acho que deveríamos continuar – repeti.

— Porta! – gritou a mulher.

— Umás horinhas numa sala quente seriam ótimas para mim – falou Charlie.

— Eu é que estou doente – falei. – E estou disposto a continuar.

— Eu, a ficar.

A sombra da mulher refletiu na parede do fundo e ela se aproximou da entrada mais uma vez.

— Porta! – ela gritou. – Porta! Porta!

— Dá para ver que ela quer que entremos – disse Charlie.

Sim, pensei, entremos por seus lábios e cheguemos a seu estômago. Mas eu estava muito fraco para continuar lutando e, quando meu irmão me pegou pelo braço para entrar na cabana, não resisti.

Na sala havia uma mesa, uma cadeira e um colchão sujo. Charlie e eu nos sentamos no chão de madeira, em frente à lareira de pedra. O calor foi bom para meu rosto e minhas mãos, por um momento fiquei feliz com meu novo ambiente. A mulher se sentou à mesa sem falar uma palavra, seu rosto obscurecido nas dobras de seus trapos. Diante dela havia um monte de contas ou pedras pretas e vermelhas; suas mãos saíram do meio das roupas e com agilidade começaram a pegar uma a uma, colocando-as num fio fino para criar um colar comprido ou alguma outra joia elaborada. Havia uma lamparina em cima da mesa, com luz baixa e flamejante, amarela e laranja, uma cauda de fumaça negra subindo da ponta do fogo.

— Queremos agradecer à senhora, madame – disse Charlie. – Meu irmão está se sentindo mal e sem condições de dormir ao ar livre.

Ao ver que a mulher não respondia, Charlie disse para mim que ela deveria ser surda.

— Não sou surda – ela respondeu. Trouxe um pedaço do fio até sua boca e mastigou por um tempo.

— Só pensei – disse Charlie. – Não quis ofendê-la. Agora posso ver como a

senhora é capaz, como é inteligente. E tem uma linda casa, se não se importa que eu o diga.

Ela colocou as contas e o fio na mesa. Virou a cabeça para nos encarar, mas seus traços permaneceram escondidos nas sombras.

— Você acha que eu não sei que tipo de homem vocês são? — ela perguntou, apontando um dedo que parecia quebrado para as armas em nossos cintos. — Quem vocês estão fingindo ser e por quê?

A conduta de Charlie mudou ou voltou ao normal, tornando a ser quem era.

— Certo — ele falou —, quem somos então?

— Não poderiam se chamar assassinos?

— Só porque temos armas você assume isso?

— Sei pelos homens mortos que os seguem.

Os pelos da minha nuca se eriçaram. Era ridículo, mas não ousei me virar. O tom de Charlie saiu igual:

— Está com medo de que vamos matá-la?

— Não tenho medo de nada, muito menos de suas balas e de sua conversa — ela olhou para mim e perguntou: — Você tem medo de que eu vá matá-lo?

— Estou muito cansado — foi minha tonta resposta.

— Deite-se na cama — ela mandou.

— Onde você vai dormir?

— Não vou. Devo terminar meu trabalho. Pela manhã, terei quase ido embora.

O rosto de Charlie ficou duro.

— Essa não é sua cabana, não é mesmo?

Com isso ela ficou parada e parecia não estar respirando. Ela puxou suas roupas e, à luz do fogo e da lâmpada, vi que quase não tinha cabelo, só tufos brancos aqui e ali, e seu crânio estava amassado, parecendo macio em alguns lugares, como uma fruta velha.

— Todo coração tem um tom — ela disse para Charlie —, assim como todo sino. O tom do seu coração é o mais opressivo de se ouvir, jovem. É doloroso aos meus ouvidos, e seus olhos machucam os meus.

Um longo silêncio se seguiu, enquanto Charlie e a velha bruxa simplesmente ficaram se olhando. Eu não poderia, a partir de suas expressões, entender o que estavam pensando. No final, a mulher voltou a cobrir sua cabeça e retomou o trabalho, e Charlie se deitou no chão. Não subi na cama, mas deitei ao lado dele, porque estava com medo da mulher e pensei que era mais seguro se dormíssemos juntos. Estava tão fraco que, apesar do meu desconforto, logo caí num estado de sono em que imaginei a sala do jeito que era, embora estivesse de pé, olhando meu próprio corpo adormecido. A velha se levantou e veio até nós; meu corpo começou a tremer e suar, mas o de Charlie estava calmo e parado, e a velha se debruçou sobre ele, abrindo sua boca com as mãos. Do espaço escuro

em suas roupas surgiu um lento e pesado líquido negro; isso caiu em cima da boca de Charlie e eu, não o eu que dormia, mas o eu que assistia, comecei a gritar para que ela o deixasse em paz. Com isso o sonho terminou abruptamente e eu acordei. Charlie estava ao meu lado, olhando para mim, os olhos abertos apesar de estar dormindo, como era seu hábito enervante. Atrás dele estava sentada a velha, com uma pilha de contas bastante menor – tinha se passado bastante tempo. Ela continuava na mesa, mas a cabeça estava virada para o outro lado, para o canto mais escuro. Não sei o que tinha chamado sua atenção, mas ela ficou olhando para o vazio por tanto tempo que eu desisti de ficar imaginando e voltei minha cabeça para o chão. Num instante eu estava dormindo de novo.

Pela manhã, eu acordei no chão, e Charlie não estava ao meu lado. Ouvi passos nas minhas costas e me virei para encontrá-lo parado com a porta aberta, olhando os campos em frente à cabana. Era um dia brilhante e os cavalos estavam ali perto, amarrados a uma raiz que saía da terra. Nimble ficava procurando um punhado de grama no chão frio; Tub tremia e olhava para o nada.

— A mulher foi embora – disse Charlie.

— Tudo bem para mim – respondi, parado. O quarto cheirava a cinzas e carvão, e meus olhos estavam queimando. Precisava urinar e fui até a porta, para sair da cabana, mas Charlie bloqueou meu caminho, o rosto abatido e intranquilo.

— Ela foi embora – disse –, mas nos deixou algo como lembrança.

Ele apontou e eu segui a linha de seu dedo. A mulher tinha pendurado o fio de contas em cima do batente da porta. *Eu terei quase ido embora*, lembrei que falou – quase, mas não completamente.

— O que você quer fazer com isso? – perguntei.

— Não é decoração – falou Charlie.

— Poderíamos tirá-lo – falei, esticando a mão.

Ele segurou minha mão.

— Não toque nisso, Eli.

Nós nos afastamos para considerar as opções. Os cavalos ouviram nossas vozes e estavam nos olhando.

— Não vamos passar embaixo disso – falou Charlie. – A única coisa a fazer é abrir a janela e sair por lá.

Coloquei a mão na minha barriga, que sempre foi saliente, e falei que não passaria pela pequena abertura. Charlie mencionou que valia a pena tentar, mas a ideia de fracassar – de ter de voltar do buraco com o rosto vermelho – não era algo que eu estava querendo experimentar, e disse que não iria tentar.

— Então eu vou sozinho – disse Charlie. – E voltarei com algumas

ferramentas para abrir um buraco maior.

Parado sobre a cadeira da velha, ele bateu no vidro com o cabo do revólver e eu o ajudei a sair pela janela. Então nós nos encaramos de lados opostos da porta. Ele estava sorrindo, e eu não.

— Aí está você – ele falou, limpando os cacos de vidro de sua barriga.

— Não gosto desse plano – falei. – Sair por aí com a esperança de que uma alma gentil queira emprestar suas ferramentas. Você vai ficar andando sem rumo enquanto eu cozinho neste forno. E se a velha voltar?

— Ela nos deixou sua corrente do mal e não há motivo para voltar.

— É fácil para você falar.

— Acredito nisso. E o que mais posso fazer? Se tiver outro plano, agora é o momento de contar.

Mas não, eu não tinha nenhum. Pedi que me trouxesse comida e fiquei olhando-o se afastar em direção aos cavalos.

— Não se esqueça da panela – gritei.

— O quê, homem? – ele gritou.

— Uma panela! Uma panela! – fiz a mímica de cozinhar com uma panela e ele assentiu.

Ele se virou e passou meus pertences pela janela, desejando-me um bom café da manhã antes de montar em Nimble e ir embora. Experimentei uma sensação de tristeza quando ele se foi; olhando para a abertura nas árvores onde meu irmão e Nimble tinham desaparecido, senti uma preocupação premonitória de que eles nunca voltariam.

Juntei minhas reservas de esperança e decidi fazer da cabana meu lar temporário. Não havia madeira cortada ou carvão disponíveis, somente as cinzas que ainda estavam quentes, então destruí a cadeira da velha, levantando-a e jogando-a no chão. Atirei pernas, assento e costas da cadeira na lareira, coloquei tudo em forma de V, jogando um pouco de óleo da lamparina em cima da pilha. Não demorei para a cadeira pegar fogo. Fiquei mais tranquilo com sua luz e sua fragrância. Era feita de carvalho e queimaria bem.

— Pequenas vitórias – minha mãe costumava dizer e falei isso para mim mesmo em voz alta.

Passé alguns minutos parado na porta, olhando para o mundo. Não havia nenhuma nuvem à vista e era um desses dias azuis-arroxeados em que o céu parece mais alto e mais fundo do que o normal. A neve derretida caía do teto em riachos e coloquei minha caneca do lado de fora da janela para enchê-la. A caneca ficou gelada na minha mão e pequenas ilhas de gelo transparente flutuaram na superfície da água, picando meus lábios quando bebi. Foi um alívio lavar minha boca do terrível gosto de sangue do dia anterior. Esquentei o líquido com minha língua, bochechando de um lado para o outro, com a esperança de limpar minha ferida. Fiquei alarmado quando senti que algo sólido parecia se

soltar, viajando dentro da minha boca cheia de água. Pensando que o objeto seria um pedaço de pele, cuspi no chão. Caiu fazendo um barulho estranho e me ajoelhei para inspecioná-lo. Era cilíndrico e negro, o que me deixou preocupado: o Dr. Watts tinha colocado algo em mim sem que eu soubesse? Mas quando mexi na coisa com meu dedo, ela se abriu e me lembrei do algodão que ele tinha enfiado ao lado da minha gengiva. Joguei a coisa no fogo e ela deslizou pela perna da cadeira, queimando e deixando uma trilha de sangue e saliva.

Olhando para o vapor subindo nos campos, senti uma felicidade por ter sobrevivido à recente série de acontecimentos: a aranha, a cabeça inchada, a maldição evitada. Enchi meus pulmões com todo o ar frio que consegui suportar.

— Tub! – gritei para fora. – Estou preso aqui dentro da cabana da cigana-bruxa má!

Ele levantou sua cabeça, a mandíbula trabalhando sobre um tufo de grama.

— Tub! Venha me ajudar nesse momento de necessidade!

Preparei um modesto café com *bacon*, mingau e café. Um pedaço de carne se alojou no buraco do dente e não foi fácil retirá-lo, o que irritou a ferida e causou sangramento. Pensei na escova de dentes, que tirei do bolso do meu casaco juntamente com o pó, deixando-os em cima da mesa, ao lado da caneca. Watts não tinha dito se eu deveria esperar minha boca cicatrizar totalmente antes de usar a ferramenta, mas achei que devia usá-la, apesar de tomar cuidado. Molhei as cerdas e coloquei um pouco do pó.

— Para cima, para baixo, de lado a lado – falei, pois tinham sido as palavras que o médico havia usado. Minha boca estava cheia de espuma sabor menta e esfreguei minha língua. Colocando a cabeça fora da janela, cuspi a água ensanguentada na terra e na neve. Meu hálito estava fresco e com um ótimo cheiro. Fiquei bastante impressionado com a sensação boa que essa escova de dentes me dava. Decidi que a usaria todo dia e estava batendo a ferramenta na ponta do meu nariz, pensando em nada, ou em várias coisas vagas ao mesmo tempo, quando vi o urso saindo do bosque, indo na direção de Tub.

Era um urso-pardo. Era grande, mas estava magro e provavelmente tinha acabado de acordar da hibernação. Tub o viu ou sentiu seu cheiro e começou a pular, mas não conseguiu se soltar da raiz da árvore. Parado na porta, levantei meu revólver, dando seis tiros, mas eu estava em pânico e nenhum deles acertou o alvo. O urso não se impressionou com a arma e continuou seu caminho; quando peguei meu segundo revólver, ele já estava sobre Tub. Atirei duas vezes, mas errei e ele atacou, derrubando Tub com uma forte patada no olho. Agora ele estava do outro lado de Tub e eu não podia atirar sem colocar o cavalo em perigo e, sem outra opção a não ser ver meu animal morrer, cruzei o batente amaldiçoado, correndo até o local da briga, gritando o mais alto possível. O urso notou minha aproximação e ficou confuso – deveria continuar a matar o cavalo, já derrubado, ou deveria prestar atenção no barulhento animal de duas pernas?

Enquanto ele pensava nisso, meti duas balas em seu rosto e duas em seu peito; ele caiu morto no chão. Se Tub estava vivo ou morto, não consegui saber. Ele não parecia respirar. Eu me virei para olhar a boca negra da cabana. Um tremor cresceu nas minhas mãos e nas minhas pernas. Todo o meu corpo estava vibrando.

Voltei para a cabana. Amaldiçoado ou não, não via por que contar aquilo a Charlie. Dei uma checada na minha saúde, mas não consegui sentir nada de especial além da tremedeira, que decidi que fossem meus nervos, que estavam contraindo. Tub ainda não se movia e eu tinha certeza de que estava morto até que um pássaro parou em sua cabeça e ele o espantou, balançando a cabeça e arfando. Entrei na cabana e deitei na cama. Estava úmida e cheia de caroços, com cheiro de grama. Cortei um pedaço para ver dentro e estava realmente cheia de grama e terra. Algum tipo de preferência das bruxas, talvez. Decidi dormir no chão em frente ao fogo. Acordei uma hora depois. Meu irmão estava gritando meu nome e atacando o marco da janela com um machado.

Saí pelo buraco e nos sentamos no chão perto do urso morto. Charlie disse:

— Vi este cavalheiro deitado aqui e chamei seu nome, mas você não respondeu. Aí olhei pela porta e o vi de costas no chão. Foi uma sensação bem desagradável querer entrar na casa e não conseguir.

Ele me perguntou o que tinha acontecido e eu respondi:

— Não foi grande coisa. O urso saiu da floresta e derrubou Tub. Mirei bem e o matei.

— Quantos tiros você deu?

— Esvaziei os dois revólveres e o acertei com duas de um e duas do outro.

Charlie examinou as feridas do urso.

— Você atirou da janela ou da porta?

— Por que está fazendo essas perguntas?

— Por nada – ele deu de ombros. – Foram excelentes tiros, irmão.

— Sorte, foi tudo – esperando mudar de assunto perguntei sobre o machado.

— Prospectores que iam para o sul – ele falou. Ele tinha perdido um pedaço de pele nas juntas da mão e perguntei como tinha se machucado. – Os homens hesitaram em me emprestar o equipamento deles. Bom, eles não vão precisar do machado agora.

Ele voltou para a cabana, entrando pelo buraco que tinha feito. No começo, eu não sabia o que ele estava fazendo, mas logo vi a fumaça saindo de dentro. Em seguida, minha bolsa e a panela voaram pela janela, com Charlie aparecendo logo depois com um amplo sorriso no rosto. Enquanto íamos embora, a estrutura já era um tornado de calor e chamas, assim como o urso, que Charlie tinha molhado com o óleo da lamparina – uma visão impressionante, mas triste, e

fiquei grato de poder sair do lugar. Pensei que tinha cruzado o batente da porta por um cavalo de que não gostava, mas Charlie não tinha feito o mesmo por sua própria carne e sangue. *Uma vida de altos e baixos*, pensei.

O olho de Tub estava vermelho, inchado, com um olhar parado, e ele estava agindo de forma estranha, virando para a direita quando eu puxava para a esquerda, parando e andando quando queria, indo para os lados. Disse a Charlie:

— Acho que o cérebro do Tub sofreu algum dano com aquela patada do urso.

— Ele deve estar só meio tonto, temporariamente – respondeu Charlie. Tub foi direto para uma árvore e começou a urinar ruidosamente. – Você é muito bom com ele. Aperte suas costelas com as botas. Isso vai fazer que ele se concentre no que você quer.

— O cavalo anterior não precisava disso.

Charlie balançou a cabeça.

— Não vamos entrar nesse assunto de novo, obrigado.

— O cavalo anterior era mais inteligente do que muitos homens que eu conheço.

Charlie balançou a cabeça; não iria mais falar disso. Chegamos ao acampamento dos prospectores mortos, ou futuros prospectores, ou nunca mais prospectores. Conteí cinco corpos de bruços no chão e nenhum estava deitado perto do outro. Charlie me contou a história enquanto esvaziava seus bolsos e suas mochilas:

— Este cara gordo aqui foi o mais difícil. Tentei convencê-lo, mas ele queria se mostrar para seus amigos. Dei um tiro na sua boca e todos correram. É por isso que estão todos espalhados e com ferimentos nas costas, está vendo? – ele se ajoelhou em frente a um corpo magro. – Esse aqui não devia ter mais de dezesseis, diria. Bom, ele não deveria viajar com esses estúpidos.

Não falei nada. Charlie olhou para mim, procurando uma reação, e dei de ombros.

— O que isso quer dizer? – ele falou. – Você também teve culpa nisso, não esqueça.

— Não vejo como você pode afirmar isso. Não queria passar a noite na cabana daquela velha, lembra?

— Mas foi sua doença que fez que aquela parada fosse necessária.

— Uma aranha entrou na minha bota, essa foi a causa da minha doença.

— Está querendo culpar a aranha?

— Não quero culpar ninguém. Foi você quem começou.

Falando para os mortos reunidos, Charlie disse:

— Meus bons homens, deve-se culpar uma aranha pela morte antecipada do seu grupo. Uma aranha gorda e peluda buscando um lugar quente: esta é a causa

da morte de vocês.

— Só estou falando, irmão – interrompi –, que é uma lástima que eles tivessem que morrer. E é uma pena. Só isso.

Virei o menino com minha bota. Sua boca estava aberta e um par de dentes aparecia por cima de seus lábios.

— Era um rapaz bonito – falou Charlie, comicamente. Mas ele estava sentindo remorso, dava para ver. Cuspiu no chão e jogou um montinho de terra sobre seu ombro. – Todas essas pessoas procurando suas fortunas na Califórnia estariam melhores se ficassem onde nasceram e trabalhassem a própria terra.

— Entendo eles. Estão procurando aventura.

— Estes homens encontraram – ele voltou a mexer em seus bolsos. – Esse tem um bom relógio e corrente. Você quer? Veja como é pesado.

— Deixe o relógio desse homem – falei.

— Eu me sentiria melhor com tudo isso se você aceitasse algo.

— E eu me sentiria pior. Deixe o relógio ou pegue para você, eu não quero.

Ele também tinha matado os cavalos deles. Estavam deitados em grupo numa valeta depois do acampamento. Normalmente, isso não teria me incomodado, mas dois deles eram ótimos animais, bastante superiores a Tub; falei isso para Charlie. Ele ficou amargo e me respondeu:

— Sim, e suas marcas estão aqui para todos verem. Você seria tão estúpido de cavalgar com o cavalo de um morto até a Califórnia, onde estão esperando por ele?

— Ninguém está esperando esses homens. E você sabe tão bem quanto eu que não há melhor lugar para se esconder do que a Califórnia.

— Não vou mais falar sobre o seu cavalo, Eli.

— Se você acha que não vamos conversar sobre isso, está equivocado.

— Então não vou mais falar sobre seu cavalo *hoje*. Agora, vamos dividir o dinheiro.

— Você os matou. Pode guardar.

— Eu matei esses homens para liberá-lo da cabana amaldiçoada – ele reclamou.

Mas eu não aceitei as moedas e ele avisou:

— Não pense que vou forçá-lo a aceitar. Preciso de umas roupas novas mesmo. Você acha que seu cavalo deformado e sem cérebro consegue chegar até a próxima cidade sem se jogar de algum penhasco? O que foi isso? Você não está sorrindo, está? Estamos brigando e você não pode, sob nenhuma circunstância, sorrir.

Eu não estava, mas um sorriso começou a se formar.

— Não – falou Charlie –, você não deve sorrir quando briga. Está errado e ousado dizer que sabe disso. Você deve alimentar seu ódio e visitar todas as coisas que fez na sua infância.

Montamos para deixar o acampamento. Dei uma estocada nas costelas de Tub e ele se deitou no chão.

Já era noite quando chegamos à cidade mais próxima, e o mercado não estava aberto. Mas a porta estava destrancada e a lareira ainda fumegava, por isso batemos e entramos. O lugar estava quente e silencioso, o cheiro de coisas novas era forte no meu nariz – calças, camisas, roupa de baixo, meias e chapéus enchiam as prateleiras. Charlie bateu sua bota no chão, e um velho muito esperto com uma camisa folgada apareceu detrás de uma pesada cortina preta de veludo. Ele não nos cumprimentou, mas caminhou de um lado para o outro, em silêncio, acendendo as lamparinas no mostrador com uma vareta fina, a ponta brilhando na sua mão. Logo, a sala estava com um forte brilho dourado, e o velho apoiou as mãos no mostrador, brilhando e sorrindo curioso.

- Estou querendo roupas novas – disse Charlie.
- De alto a baixo? – perguntou o velho.
- Estou pensando em uma nova camisa, principalmente.
- Seu chapéu está esfarrapado.
- Que camisas você tem? – perguntou Charlie.

O velho estudou o torso de Charlie, lendo suas medidas com um olho bem treinado, virou-se e pegou uma escada atrás dele, tirando das prateleiras uma pilha de camisas. Ele desceu e colocou a pilha na frente de Charlie; enquanto meu irmão olhava, o velho me perguntou:

- E o senhor?
- Não estou procurando nada hoje.
- Seu chapéu está esfarrapado também.
- Gosto do meu chapéu.
- Vocês parecem se conhecer há muito tempo, julgando pelos anéis de suor.

Meu rosto ficou sério e falei:

- É pouco educado falar da roupa das outras pessoas assim.

Os olhos do homem eram negros e astutos; ele me lembrava uma toupeira ou algum outro tipo de animal cavador: rápido, certo e decidido.

- Não quero ser mal-educado – falou. – Culpou minha linha de trabalho.

Sempre que vejo um homem com roupas desgastadas, sinto enorme simpatia por ele.

Seus olhos se abriram, demonstrando inocência, mas, enquanto falava, suas mãos trabalhavam de forma independente, colocando três chapéus novos no balcão.

- Você não me ouviu quando falei que não queria nada? – perguntei.
- Que mal há em experimentar algum? – ele perguntou, sustentando o olhar.
- Você está só passando o tempo enquanto seu amigo aqui experimenta as

camisas.

Os chapéus eram preto, chocolate e azul-escuro. Coloquei o meu ao lado dos outros e tive de admitir que estava em má situação, se comparado. Falei que poderia experimentar um e o velho gritou forte:

— Rag!

Então uma jovem grávida e realmente feia surgiu detrás da cortina com uma toalha fumegante nas mãos. Ela me entregou a toalha e voltou para onde tinha vindo, sem dizer uma palavra. Fiquei passando a toalha quente de uma mão para a outra, para esfriá-la, e o velho me explicou:

— Espero que o senhor não se importe de limpar suas mãos e testa. Não podemos ter a mercadoria manchada por todo mundo que entra na loja.

Comecei a me limpar enquanto ele voltou sua atenção para Charlie, que abotoava uma camisa preta de algodão com botões cor de pérola.

— *Essa sim é uma linda camisa* – disse o velho.

Charlie parou em frente a um espelho comprido, movendo-se de um lado para o outro, a fim de ver a camisa de todos os ângulos. Ele se virou para mim e apontou para a roupa, as sobranceiras ligeiramente arqueadas.

— É bem bonita – falei.

— Vou levar – disse Charlie.

— E o que você acha do seu amigo nesse? – perguntou o velho, colocando o chapéu cor de chocolate na minha cabeça. Charlie ficou me olhando de perfil, depois pediu para ver como ficava o preto. Quando o velho os trocou, Charlie assentiu.

— Se você estivesse procurando um chapéu, poderia ficar com esse aí. Não vai encontrar outro melhor. E acho que eu queria experimentar o azul, já que está aqui.

— Rag! – disse o velho e novamente a garota grávida surgiu para colocar uma toalha fervendo no balcão e foi embora, sem falar nada. Limpando a testa, Charlie sorriu.

— É sua mulher, velho?

— É sim – ele disse orgulhoso.

— É seu filho na barriga dela?

Seu rosto se fechou numa carranca.

— Você duvida da qualidade da minha semente?

— Não tenho nenhuma intenção de discutir sua semente.

— É impertinente.

Charlie levantou as mãos em sinal de paz.

— Estou impressionado com você. Não quis ofender e desejo aos dois uma longa e feliz vida juntos.

Dessa maneira, a questão foi resolvida e qualquer sentimento que permaneceu foi deixado de lado por nossas compras: levei o chapéu e também

uma camisa, e Charlie, num frenesi de consumo, saiu com roupas novas da cabeça aos pés. O velho foi dormir quarenta dólares mais rico e ficou feliz por ter se levantado de seu repouso e visto nossas necessidades. Quando cavalgamos com nossas roupas novas, falei para Charlie:

— É um negócio apreciável.

— Melhor do que matar – ele concordou.

— Acredito que poderia me acostumar a uma vida como essa. Às vezes, penso em me acomodar. Não parecia agradável aquele lugar? Acender as lâmparinas? O cheiro de coisas novas?

Charlie balançou a cabeça.

— Eu ficaria louco de tédio. Se aquela garota muda saísse de seu buraco pela centésima vez, eu daria um tiro nela. Ou em mim.

— Me pareceu um negócio bem tranquilo. Aposto que o velho dorme muito bem à noite.

— Você não dorme bem à noite? – perguntou Charlie.

— Não – falei. – Nem você.

— Eu durmo como uma pedra – ele protestou.

— Você choraminga e geme.

— Ho, ho!

— É verdade, Charlie.

— Ho – ele falou, fungando. Parou para estudar minhas palavras. Queria ver se eram sinceras, eu sabia, mas não conseguia pensar numa forma de perguntar isso sem parecer preocupado demais. A alegria o abandonou nesse momento e não conseguiu olhar para mim por um tempo. Pensei: *Podemos todos ficar tristes e ninguém está a salvo da preocupação e da tristeza.*

Paramos num hotel desconfortável e estranho na parte mais ao sul da cidade. Só havia um lugar e fomos forçados a dividir um quarto, quando normalmente pedíamos habitações individuais. Sentado em frente à pia, peguei minha escova e o pó, e Charlie, que não tinha visto isso acontecer antes, me perguntou o que eu estava fazendo. Expliquei e demonstrei o uso apropriado da ferramenta, depois dei um tapa no meu rosto e respirei fundo.

— É muito refrescante para a boca – falei para ele.

Charlie ficou pensativo.

— Não gosto disso – ele falou. – Acho que é besteira.

— Pense o que quiser. Nosso Dr. Watts disse que meus dentes nunca mais vão apodrecer se eu usar a escova sempre.

Charlie continuou cético. Ele me contou que eu parecia uma besta raivosa com a boca cheia de espuma. Contei que preferia parecer uma besta por alguns minutos a cada dia do que feder como uma por toda a minha vida, e isso marcou o fim da nossa conversa sobre escovas de dentes. Minha menção a Watts o fez

lembrar o remédio roubado, e Charlie pegou a garrafa e a injeção de sua mochila. Ele queria experimentar em si mesmo, falou, e fiquei olhando enquanto ele injetava uma boa quantidade em sua bochecha. Depois que o remédio fez efeito, Charlie começou a cutucar e beliscar o rosto.

— Que maravilha – ele falou.

Pedi que eu lhe desse um tapa, o que fiz, de leve.

— Não sinto nada – ele falou.

— Seu rosto está parecendo um bolo grudado numa forma.

— Dê outro tapa, mais forte – ele mandou e eu obedeci. – Incrível – comentou. – Mais um, última vez, o mais forte que puder.

Eu joguei o braço para trás e dei um tapa tão forte que doeu minha mão.

— Você sentiu esse. Seu cabelo pulou. Pude ver a dor nos seus olhos.

— Um recuo do golpe, mas nada de dor – ele falou, maravilhado. – Um homem esperto poderia usar isso muito bem.

— Talvez você possa ir de uma cidade a outra, convidando cidadãos frustrados a surrar sua cabeça por um bom dinheiro.

— Estou falando sério. Temos nesta garrafinha algo que torna possível o impossível. Podemos lucrar de alguma forma.

— Veremos como você se sente sobre a solução miraculosa quando o efeito passar.

Sua boca estava meio aberta, e um fio de baba corria por seu queixo.

— Me faz babar – ele falou, sugando. Dando de ombros, guardou a garrafa e a seringa, e disse que gostaria de ir ao *saloon* do outro lado da rua. Ele me convidou e, apesar de não querer vê-lo tomar seu conhaque, tampouco queria ficar sozinho no quarto de hotel, com papel de parede, poeira e o cheiro dos hóspedes anteriores. O chiado das molas da cama sofrendo sob o peso de um homem agitado é o barulho mais solitário que eu conheço.

Acordei de madrugada com uma dor persistente na cabeça, não tanto pelo conhaque quanto pela fadiga geral, apesar de que beber não tivesse ajudado a situação. Imergi meu rosto na vasilha com água e escovei os dentes, parado ao lado de uma janela aberta para sentir a brisa contra meu crânio. Estava frio, mas o ar estava envolvido pelo calor; ali estava o primeiro gosto da primavera, que me trouxe uma satisfação, um sentido de certeza e organização. Cruzei o quarto para olhar o progresso de Charlie no dia, que achei ser pior do que o meu.

— Estava me sentindo meio abalado – falei para ele –, apesar de estar um pouco melhor. Acredito que tem algum elemento de cura naquele pó para o dente.

— Peça um banho – ele falou, escondido embaixo de roupas e lençóis. – Diga para a mulher que quero o mais quente possível.

— Um banho custa vinte e cinco centavos – falei. Sabia disso porque tinha

visto a placa no *lobby*; e mencionei pois em casa o banho custava cinco centavos. Mas Charlie não estava preocupado com o preço.

— Não me importaria se custasse vinte e cinco dólares. Vai salvar minha vida, se isso for possível. Quero a água quente o bastante para cozinhar um pássaro. E quero que você vá buscar algum remédio com o farmacêutico.

— Imagino o que o Comodoro pensaria – falei – de um líder que está sempre ruim por causa do álcool.

— Pare de falar – ele pediu. – Vá encontrar a mulher. Muito quente, peça.

— Volto depois de passar na farmácia.

— Rápido, por favor.

Encontrei a mulher no *lobby*, sentada atrás de seu balcão, consertando uma fronha com uma agulha comprida e linha. Só a tinha visto de relance, quando chegamos, mas agora dava para perceber que era razoavelmente bonita, jovem e branca, roliça e firme. Seu cabelo suado colava na testa, e seu braço trabalhava com rapidez, estendendo até seu limite quando ela puxava a agulha para trás. Bati no balcão e ela olhou para mim com evidente contrariedade.

— Meu irmão tomou muito conhaque e está precisando de um banho bem quente.

— Trinta centavos – ela falou, com voz monótona. Olhei para a placa em cima dela, que ainda marcava vinte e cinco centavos, mas antes que pudesse falar algo, ela disse: – Eram vinte e cinco ontem. São trinta agora. Em breve serão trinta e cinco.

— Um ótimo momento para pintores de placas – falei. Mas a mulher não parou de costurar. Por isso, continuei: – É melhor eu pagar agora, antes que os preços saiam do controle.

Nem mesmo um sorriso da empregada do hotel. Para irritá-la mais, paguei com vinte dólares. Ela olhou a pesada moeda por bons segundos antes de enfiá-la em seu bolso sujo e procurar o troco. Não fazia nenhum esforço para esconder que não gostava de mim e achei prudente avisá-la:

— Meu irmão não é tão paciente quanto eu, senhora, e ele está bem mal esta manhã. Está pedindo por um banho extremamente quente e é melhor que consiga. Não vai gostar se o aborrecer, acredite em mim.

— Será muito quente – ela falou. Enfiando o travesseiro embaixo do braço, virou-se para completar suas tarefas. Enquanto desaparecia atrás de uma cortina de contas separando o *lobby* da cozinha e dos fornos, percebi que uma parte de seu vestido estava presa no meio de sua bunda. Ela soltou com um puxão delicado – uma ação automática de sua parte, mas me senti muito feliz por ter visto isso e comecei a assobiar uma música alegre.

Saí do hotel, procurando distraído um farmacêutico ou médico, mas me encontrei concentrado principalmente no assunto de mulheres e amor. Nunca estive com uma mulher por mais do que uma noite e elas sempre eram

prostitutas. E apesar de sempre ter tentado manter uma postura amigável nesses encontros rápidos, eu sabia no meu coração que era tudo falso, e no final sempre me sentia distante e perdido. Tinha desistido totalmente das prostitutas no último ano, pensando que era melhor ficar sem do que fingir uma proximidade com outros humanos; e apesar de ser irreal para um homem na minha posição pensar nessas coisas, não conseguia evitar: via minha figura volumosa refletida nas janelas das lojas e ficava imaginando: *Quando esse homem aí será amado?*

Localizei o farmacêutico e comprei uma pequena garrafa de morfina. Voltando ao hotel, encontrei a mulher descendo as escadas. Tinha uma tina de banho embaixo do braço e sua lateral estava molhada. Ela parou por um momento; achei que queria me cumprimentar e tirei meu chapéu, oferecendo minha versão de um sorriso. Mas agora vi que ela respirava forte e abrigava amargura ou algum sentimento infeliz. Quando perguntei qual era o problema, ela declarou, em voz alta, que meu irmão era um bárbaro e que as águas mais quentes do inferno não o limpariam. Perguntei o que ele tinha feito, mas ela não respondeu, só me tirou do caminho para ir ao *lobby*. Ouvi o som das cortinas de contas e a tina sendo jogada contra a parede. Fiquei parado um tempo na escada, ouvindo os sons do hotel, os passos invisíveis e os rangidos, portas se abrindo e fechando, risos e conversas abafadas, um bebê chorando. Percebi uma vela apagada na parede em frente. Acendi a vela e apaguei o fósforo, colocando-o encostado na vela. Olhando para o alto das escadas, vi que a porta do nosso quarto estava entreaberta; quando me aproximei, fiquei surpreso ao vê-lo conversando comigo, apesar de não saber que eu estava ali. Ele falava em voz alta na banheira, um hábito que tinha desde a infância. Entrei escondido e fiquei ouvindo:

— Mas eu *sou* o líder. Sim. Bom, eu sou. Você? Você não consegue guiar seu cavalo sem ajuda. Também está doente. Está, sim. Você atrai doença e preocupação. Se não fôssemos irmãos, eu o teria deixado há muito tempo. Na verdade, o Comodoro me pediu para fazer isso, mas eu falei que não. Ele admirou minha fidelidade. Parece que gosta de mim. “Fé vai ser paga com fé”, ele falou. Ele tem fé em mim. Tem sim, irmão. Lá vai você, pode rir. Você ri de tudo. Mas vou fazer uma pergunta e é séria. Quem tem fé em você?

Ele parou para se molhar e esfregar seu corpo. Eu bati na porta enquanto a abria, batendo os pés e limpando a garganta de forma exagerada.

— Charlie — chamei. — Trouxe seu remédio.

Tentei fazer minha voz parecer natural, mas meu tom refletiu a dor que sofri com as palavras indelicadas de meu irmão. Quando entrei no banheiro, ele estava meio fora da banheira, o corpo vermelho da cintura para baixo como se estivesse usando calças. Estava vomitando na cuspidreira e vi seus espasmos enquanto ele eliminava a bile venenosa. Levantando um dedo e arfando, ele falou:

— Não saia daí.

Continuou a vomitar e puxou uma cadeira para que eu me sentasse perto dele. Meus joelhos estavam tremendo e eu desejei, apesar de ser impossível, que nunca tivesse ouvido seu discurso. Finalmente, decidi que não podia ficar no banheiro com ele. Eu me levantei e deixei a morfina na cadeira, apontando para a porta como se tivesse uma tarefa urgente me esperando do outro lado. Ele não percebeu minha saída, acho, preocupado como estava com seus vômitos e seu mal-estar.



Eu não tinha nenhum lugar para ir e não queria ser visto por ninguém, com medo de que reconhecessem minha tristeza. Assim, por vários minutos simplesmente fiquei no *lobby*, me balançando em cima de meu peso e de minha respiração, tentando clarear minha mente de qualquer pensamento reconhecível. Notei que a vela que tinha acendido estava novamente apagada. Assumi que um golpe de vento a apagara, mas, inspecionando mais de perto, vi que meu fósforo tinha desaparecido; repeti minha ação anterior de acender o pavio e encostar o fósforo usado na vela dentro do suporte preto de metal. Tinha vontade de conversar, não sabia com quem, provavelmente a mulher do hotel. Poderia deixar-lhe um bilhete secreto? Mas não tinha papel ou tinta e, de qualquer forma, o que eu iria dizer para ela? *Querida senhorita, gostaria que lavasse seu rosto e fosse boa comigo. Tenho dinheiro. Você quer? Nunca sei o que fazer com ele.*

Sentei-me nas escadas por mais uns vinte minutos antes de voltar ao quarto. Charlie estava sentado na cama, usando sua camisa nova, mas sem calça. Ele pegou uma de suas botas novas nas mãos, admirando-a. Tinha bebido um terço da morfina e ela tinha funcionado; seus olhos estavam admirando as pontas da bota e ele parecia satisfeito como um porco no feriado.

— Passou a dor de cabeça, irmão?

— Não, ela ainda está aqui, mas o remédio me faz não ligar para ela — abrindo a bota para estudar seu interior, disse solenemente: — A habilidade e a paciência envolvidas na fabricação desta bota são impressionantes.

Senti repulsa por Charlie.

— Você está bonito.

Suas pálpebras estavam subindo e descendo como um par de persianas sendo levantadas e abaixadas. Ele deu de ombros e falou:

— Alguns dias estamos mais fortes... do que outros.

— Quando você quer ir embora?

Agora ele falou com os olhos fechados:

— Não posso viajar nesse estado. Outro dia na cidade não vai ser problema. A mulher mencionou um duelo amanhã de manhã. A gente vai embora depois disso.

— Como você quiser.

Ele abriu os olhos um pouco.

— Qual é o seu problema? Está agindo de forma estranha.

— Sinto-me igual a antes.

— Você estava me ouvindo na banheira, não? – não respondi e ele abriu completamente os olhos. – Achei que tivesse ouvido você chegar. Esse é o destino do furtivo e do indiscreto.

De repente, ele se dobrou e uma fina coluna de bile amarela escorreu de sua boca para o chão. Seu rosto estava molhado quando se levantou, os lábios arqueados num sorriso diabólico.

— Eu *quase* vomitei na bota! Estava *a ponto* de vomitar na bota! Dá para imaginar como eu ficaria bravo?

— Eu o vejo mais tarde – falei.

— O quê? – ele resmungou. – Não, fique aqui comigo. Não estou me sentindo bem. Desculpe se falei algo que o deixou chateado. Eram apenas palavras perdidas.

— Não, eu quero ficar sozinho. Beba sua morfina e vá dormir.

Eu me virei para a porta, mas ele, sem perceber isso ou fingindo que não estava acontecendo, continuou a falar comigo.

— Havia algum tipo de veneno naquele conhaque, acho – ele sentiu outra ânsia de vômito. – É o pior que já me senti com o álcool.

— Bebi o mesmo conhaque e não fui envenenado.

— Você não bebeu tanto quanto eu.

— Não há por que argumentar com um alcoólatra sobre quem deveria ser culpado.

— Então sou mais alcoólatra.

— Estou cheio de você. Devo cuidar das minhas próprias feridas. A gente se vê mais tarde, irmão. Aconselho que fique longe do *saloon* enquanto isso.

— Não sei se serei capaz, sendo um alcoólatra tão depravado.

Ele só queria brigar e cultivar sua raiva contra mim, aliviando assim sua culpa, mas eu não o instiguei. Voltei ao *lobby* (a vela, percebi no caminho, permanecera acesa, o fósforo, intocado), onde encontrei a mulher atrás de sua mesa, lendo uma carta e sorrindo. Aparentemente, a correspondência trouxe boas notícias, porque ela estava mais animada depois de lê-la e me cumprimentou, não de forma acalorada, mas tampouco tão fria quanto antes. Pedi emprestados uma tesoura e um espelho, e ela não respondeu, mas se ofereceu para cortar meu cabelo por cinquenta centavos, assumindo que essa fosse a razão para eu precisar dessas ferramentas. Recusei com um agradecimento, explicando sobre meus pontos; ela perguntou se poderia ir comigo até meu quarto e ver todo o procedimento sangrento. Quando falei que queria passar um tempo longe do meu irmão, ela falou:

— Posso entender isso – aí me perguntou onde eu planejava fazer minha pequena cirurgia; quando admiti que não tinha pensado nisso, ela me convidou para ir até seu quarto.

— Você não tem outras tarefas importantes? – perguntei. – Não teve um momento de descanso agora de manhã.

Seu rosto ficou vermelho e ela explicou:

— Desculpe se fui grossa com você. Meu ajudante desapareceu na semana passada e não consigo dormir preocupada com tantas coisas. Também tinha alguém doente na minha família e estava muito ansiosa para receber notícias – ela bateu na carta e assentiu.

— Tudo está bem, então?

— Não tudo, mas a maior parte.

Com isso, ela me convidou a passar pelo seu sagrado balcão e eu a segui através da cortina de contas, entrando em seu mundo privado. As contas fizeram cócegas no meu rosto e experimentei um tremor de felicidade. *É verdade*, pensei. Estou vivendo uma vida.

O quarto dela não era como eu teria imaginado, se tivesse tempo de fazer isso, o que não aconteceu. Mas não havia flores e detalhes, nada de seda ou perfume, nada feminino decorado com um toque feminino; não havia volumes de poesia, nenhuma vaidade e conjunto de maquiagem; não havia nenhum travesseiro com laços adornados com provérbios de amor para acalmar o espírito em tempos de angústia ou que nos levariam a suportar a monotonia de dias infinitamente redundantes com suas palavras e tons salvadores. Não. Seu quarto era um *bunker* de teto baixo, sem nenhuma janela ou luz natural, e como estava localizado ao lado da cozinha e da lavanderia tinha cheiro de gordura, água suja e sabão. Ela deve ter notado minha expressão consternada, porque ficou tímida e disse baixinho que sabia que eu não ficaria impressionado com seu quarto; isso naturalmente me levou a elogiá-lo, e falei que ele passava o sentimento de segurança como uma forma de impenetrabilidade e também era perfeitamente privado. Ela falou que minhas palavras eram doces, mas desnecessárias. O quarto não tinha muitas coisas, ela sabia, mas iria melhorá-lo logo, pois, pelo fluxo constante de prospectores, estava indo muito bem.

— Mais seis meses, aí vou me mudar para o melhor quarto deste hotel.

A forma como falou a última frase me mostrou que isso era algo ambicioso para ela.

— Seis meses é muito tempo – falei.

— Já esperei mais por menos.

— Gostaria que houvesse uma forma de poder acelerar isso para você. Ela ficou intrigada.

— Que coisa estranha para falar a um estranho – ela disse.

Ela me guiou até uma pequena mesa de pinho, colocando um espelho na minha frente. Meu rosto engrandecido ficou à vista, e eu o estudei com minha normal mistura de curiosidade e pena. Ela me entregou uma tesoura e eu a peguei, segurando as lâminas para esquentá-las. Virei o espelho para que eu conseguisse me ver trabalhando, aproximei a tesoura dos pontos e comecei a tirar o fio preto de dentro da minha boca. Não doía, eu só sentia uma leve queimação, como quando uma corda passa pela sua mão. Era muito cedo para remover os pontos e o fio saiu sujo de sangue. Juntei os pedaços perto do meu pé e depois queimei-os, já que o cheiro era terrível. Depois que isso terminou, decidi mostrar à mulher minha nova escova de dentes e o pó, que estavam no bolso da minha jaqueta. Ela ficou animada pela sugestão, pois também tinha se convertido recentemente ao método e correu para pegar seu equipamento, assim poderíamos escovar ao mesmo tempo. Foi assim que ficamos lado a lado na bacia, as bocas cheias de espuma, sorrindo enquanto trabalhávamos. Depois de terminarmos, houve um momento estranho em que nenhum dos dois sabia o que falar; e quando sentei em sua cama, ela começou a olhar para a porta como se quisesse ir embora.

— Venha se sentar aqui ao meu lado – falei. – Gostaria de conversar com você.

— Eu deveria voltar ao meu trabalho.

— Não sou hóspede aqui? Você deve me entreter ou vou escrever cartas de reclamação à Câmara de Comércio.

— Oh, está bem – ela sorriu. Juntando o vestido com as mãos enquanto se sentava, perguntou: – Sobre o que você gostaria de conversar?

— Sobre qualquer coisa. Que tal sobre a carta, aquela que a fez sorrir? Quem na sua família estava doente?

— Meu irmão, Pete. Ele foi chutado no peito por uma mula, mas eles me disseram que está se recuperando bem. Mamãe diz que dá para ver a marca da pata direitinho.

— Ele tem sorte. Teria sido uma morte bem indigna.

— Morte é morte.

— Você está errada. Há muitos tipos de morte – contei nos dedos. – Morte rápida, morte lenta. Morte cedo, morte tarde. Morte corajosa, morte covarde.

— De qualquer forma, ele ainda está fraco. Vou mandar uma carta convidando-o a vir trabalhar comigo.

— Você é próxima de seu irmão? – perguntei.

— Somos gêmeos – ela respondeu. – Sempre tivemos uma forte conexão. Penso nele às vezes e é como se estivesse aqui comigo. Na noite em que foi chutado, eu acordei com uma marca vermelha em cima do meu peito. Acho que isso parece estranho.

— Parece, sim.

— Acredito que devo ter me acertado enquanto dormia – ela explicou.

— Oh.

— Aquele homem lá em cima é realmente seu irmão?

— É.

— Vocês dois são bem diferentes, não? – ela comentou. – Ele não é ruim, acho que não. Talvez seja simplesmente muito preguiçoso para ser bom.

— Nenhum dos dois é bom, mas ele é preguiçoso, isso é verdade. Quando era garoto, ele só se lavava quando minha mãe pedia aos prantos.

— Como era sua mãe?

— Era muito inteligente e muito triste.

— Quando ela morreu?

— Ela não morreu.

— Mas você disse que *era* muito inteligente.

— Acho que quis dizer... bom, ela não quer nos ver, se você quer saber a verdade. Ela não está feliz com nosso trabalho e diz que não vai falar conosco até termos encontrado outro emprego.

— E o que vocês dois fazem?

— Somos Eli e Charlie Sister.

— Oh – ela falou. – Oh, meu...

— Meu pai está morto. Ele foi morto e mereceu ser morto.

— Certo – ela disse, levantando-se.

Segurei sua mão.

— Qual é o seu nome? Será que você já tem um homem? Sim ou não?

Mas ela estava indo na direção da porta e disse que já não tinha mais nenhum minuto de descanso. Eu me levantei e me aproximei dela, perguntando se poderia roubar um beijo, mas ela afirmou mais uma vez que estava com pressa. Pressionei por detalhes a respeito de seus sentimentos por mim, se na verdade ela tinha algum; ela respondeu que não me conhecia bem o suficiente para dizer, e admitiu uma preferência por homens mais magros, ou pelo menos não tão gordos quanto eu. Não estava falando isso para ser cruel, mas suas palavras me machucaram, e depois que ela saiu fiquei parado ali, na frente do espelho, estudando meu perfil, a linha que ocupo neste mundo de homens e mulheres.

Evitei Charlie toda aquela tarde e noite. Voltei a nosso quarto depois do jantar e o encontrei dormindo, a garrafinha de morfina tombada e vazia no chão. Na manhã seguinte, tomamos o café da manhã juntos no nosso quarto, ou melhor, ele tomou, já que eu tinha resolvido parar de me encher de forma tão glutona, assim poderia melhorar minha forma e meu peso. Charlie estava meio grogue, mas feliz, e queria voltar a ser meu amigo. Apontando sua faca para meu rosto, perguntou:

— Lembra como você ganhou suas sardas?

Neguei com a cabeça. Não estava querendo conversa.

— Você sabe algo mais sobre esse duelo?

Ele negou.

— Um homem é advogado e, pelo que sei, não é bom de briga. Williams é seu nome. Ele vai enfrentar um rancheiro com uma história cheia de maldade, um homem chamado Stamm. Todos falam que Stamm vai matar Williams, não tem jeito.

— Mas quais os motivos dessa briga?

— Stamm contratou Williams para conseguir alguns salários que ele tinha para receber. A questão foi até o tribunal e Williams perdeu. No momento em que saiu o veredicto, Stamm desafiou Williams a um duelo de pistolas.

— E o advogado não tem histórico de saber atirar?

— Sempre ouvimos histórias de duelos de cavalheiros, mas eu nunca vi um.

— Não parece nada importante. É melhor ir embora.

— Se é isso que você quer – Charlie tirou um relógio do bolso. Percebi que era o do prospector que ele havia matado. – É pouco mais de nove horas, agora. Você pode seguir com o Tub e eu o alcanço depois do duelo, daqui a uma hora.

— Acho que vou fazer isso – falei.

A mulher do hotel bateu e entrou para retirar nossos pratos e copos. Eu falei bom-dia e ela respondeu educadamente, colocando uma mão nas minhas costas ao passar. Charlie também a cumprimentou, mas ela fingiu não ter ouvido. Quando comentou sobre meu prato, que não havia sido tocado, bati no estômago e disse que estava querendo emagrecer por razões do coração.

— É mesmo? – ela perguntou.

— Do que você está falando? – perguntou Charlie.

A mulher não usava seu avental, substituído por uma blusa de linho vermelha, decotada o suficiente para revelar sua garganta e clavícula. Charlie perguntou se ela iria assistir ao duelo e ela respondeu que sim, acrescentando:

— Vocês deveriam correr e encontrar um bom lugar. As ruas se enchem rapidamente e as pessoas não abrem mão de seus lugares.

— Talvez eu fique – falei.

— Ahn? – perguntou Charlie.

Nós três fomos até o local do duelo juntos. Enquanto abria caminho entre a multidão, fiquei feliz em perceber o braço da mulher sobre o meu. Estava me sentindo muito grande e cavalheiro; Charlie trazia nossas coisas, assobiando uma inocente melodia. Encontramos um lugar e foi como a mulher tinha previsto, a competição por lugares era dura. Ameacei um homem que a empurrou e Charlie falou:

— Cuidado com o Cavaleiro Raivoso, nativos fiéis.

Quando os duelistas chegaram, um corpo atrás de mim me empurrou uma vez, depois outra. Eu me virei para reclamar e vi que era um homem com uma

criança de sete ou oito anos sobre o ombro – a criança estava me atingindo com sua bota.

— Eu apreciaria se o seu garoto não chutasse minhas costas – falei.

— Ele estava chutando você? – perguntou o homem. – Acho que não.

— Estava e se isso acontecer de novo a culpa vai ser só sua.

— É mesmo? – ele falou, fazendo uma expressão que mostrava sua crença de que eu estava sendo insensato ou exageradamente dramático. Tentei olhar bem para ele, para informá-lo do perigo de sua atitude, mas ele não olhava para mim, só queria espiar por cima do meu ombro para o local do duelo. Eu me virei, a mulher segurava meu braço e tentava me acalmar, mas eu já tinha ficado bravo e virei de novo para retomar a discussão:

— De qualquer forma, não entendo por que você quer mostrar tanta violência a esse menino.

— Já vi alguém ser morto antes – me contou o garoto. – Vi um índio ser cortado com uma faca, suas tripas saindo de dentro dele como se fosse uma cobra vermelha e gorda. Também já vi um homem enforcado numa árvore do lado de fora da cidade. Sua língua estava inchada, assim. – A criança fez uma careta.

— Ainda não me parece correto – falei para o homem, que não disse nada. A criança continuou a fazer sua careta e eu me virei para assistir aos homens assumindo seus lugares na rua. Era fácil identificá-los: o rancheiro, Stamm, estava de couro e algodão bem passado, seu rosto era curtido e a barba estava benfeita. Ele estava sozinho, sem ninguém para ajudá-lo, olhava para a multidão sem expressão no rosto, os braços descansados na lateral do corpo. O advogado Williams usava um terno cinza, o cabelo dividido no meio, o bigode cortado e arrumado. Seu ajudante, também bem arrumado, tirou o casaco de Williams e a multidão viu como o advogado fazia alguns exercícios, agachando-se. Então ele levantou uma arma imaginária para Stamm e imitou seu recuo. Essas pantomimas eram a causa de alguns risos na multidão, mas o rosto de Williams se mantinha muito sério e solene. Pensei que Stamm estava bêbado ou tinha estado recentemente.

— Por quem você está torcendo? – perguntei à mulher do hotel.

— Stamm é um maldito. Não conheço Williams, mas ele parece ser um maldito também.

O homem com a criança nos ombros ouviu isso e falou:

— O senhor Williams não é um maldito. Ele é um cavalheiro.

— Ele é amigo seu? – eu me virei lentamente.

— Tenho orgulho de dizer que é.

— Espero que tenha se despedido. Ele vai estar morto daqui a alguns minutos.

O homem balançou a cabeça.

— Ele não tem medo.

Era algo estúpido de dizer, por isso acabei rindo.

— E daí que não tem?

O homem fez um gesto de desprezo. Mas o garoto tinha me ouvido; ele me olhou com um medo conhecido.

— Seu pai quer que você veja violência – falei. – E hoje você vai ver.

O homem parou por um momento, aí me xingou baixinho e se afastou, empurrando a multidão para ver o duelo de outro local.

Ouvi o ajudante de Williams gritar para Stamm:

— Onde está seu ajudante, senhor?

— Não sei e não me importa – respondeu Stamm.

Williams e seu ajudante conversaram entre eles. O ajudante assentiu e perguntou a Stamm se ele poderia inspecionar seu revólver. Stamm repetiu que ele não se importava, e o ajudante pegou a arma para olhar. Aprovando com a cabeça, ele perguntou se Stamm gostaria de fazer o mesmo com o revólver de Williams, e Stamm respondeu que não. Então Williams se aproximou e os dois ficaram frente a frente. Apesar da demonstração de coragem, parecia que o coração de Williams não estava no duelo; como era de se esperar, ele sussurrou no ouvido do ajudante e este falou com Stamm:

— Se o senhor quiser pedir desculpas, isso seria satisfatório para o Sr. Williams.

— Não – disse Stamm.

— Muito bem – disse o ajudante.

Ele colocou os homens de costas um para o outro e contou vinte passos. Começou a contar e os duelistas seguiram a contagem. A testa de Williams brilhava de transpiração e seu revólver tremia, enquanto Stamm poderia estar saindo do banheiro, pela preocupação que demonstrava. Depois de contar vinte, eles viraram e atiraram. Williams errou, mas a bala de Stamm atingiu Williams no meio do peito. O rosto do advogado se transformou numa ridícula máscara de agonia, surpresa e, pensei, um grau de insulto. Cambaleando para lá e para cá, ele apertou o gatilho e atingiu os espectadores. Uma série de gritos – a bala tinha acertado uma jovem na canela e ela estava caída no chão, contorcendo-se e agarrando a perna. Não sei se Williams percebeu seu vergonhoso erro ou não; quando olhei novamente para ele, estava morto no chão. Stamm se afastava, na direção de um *saloon*, a pistola no coldre, os braços estendidos na lateral. O ajudante ficou sozinho no campo do duelo, olhando impotente para a esquerda e a direita. Procurei o homem com o menino nos ombros, para fazer uma cara de desdém, mas não os encontrei.

A mulher tinha algum trabalho para fazer e pediu licença, enquanto eu guardava minhas coisas para ir embora. Eu a procurei por todo o hotel para me despedir, mas não a encontrei, então deixei um presente de cinco dólares, escondendo a

moeda no meio dos lençóis, assim ela poderia associar seus pensamentos sobre mim com uma cama de casal, ou uma cama, pelo menos. Charlie me pegou fazendo isso e disse que admirava o gesto, mas que meu plano ia falhar, pois aqueles lençóis estavam sujos e iriam continuar a acumular sujeira, já que a mulher não tinha interesse em manter um negócio respeitável.

— Você só está deixando dinheiro para o próximo homem que dormir neste quarto.

— Ela pode encontrar – falei.

— Não vai e, além disso, cinco dólares é muito. Deixe um dólar para ela na entrada. Ela poderia limpar seu avental, e ainda sobraria bastante para encher a cara.

— Você só está com ciúmes porque não tem uma garota.

— Essa esfregadora de costas é sua garota? Meus parabéns. É uma pena que não possamos levá-la para mamãe. Ela ficaria feliz em conhecer a delicada flor.

— Se a alternativa é conversar com um bobo ou com ninguém, prefiro a segunda opção.

— Cospe no chão e limpa o nariz na manga da roupa. Realmente uma dama muito especial.

— Não vou falar nada – disse, e o deixei juntando suas coisas.

Desci até a rua para me encontrar com Tub, cumprimentei-o e perguntei como ele estava se sentindo. Ele pareceu mais alerta do que no dia anterior, apesar de seu olho estar muito pior, e senti muita simpatia pelo animal. Ele era forte, acima de tudo. Eu me aproximei para acariciá-lo, mas quando minha mão pousou em seu rosto, ele se mexeu e senti um pouco de vergonha por estar tão descostumado a um toque gentil. Decidi tentar melhorar minha postura e fiz uma promessa para mim mesmo. Charlie saiu do hotel, rindo com a cena meiga.

— Estou testemunhando aqui o amante de todas as coisas vivas – falou. – Ele vai deixar algum dinheiro na bolsa de comida de seu animal defeituoso? Eu não deixaria de fora seus amigos.

Ele se aproximou e estalou os dedos de cada lado da cabeça de Tub. As orelhas do cavalo se mexeram e Charlie, satisfeito com o teste, foi ver Nimble.

— Vamos ficar ao ar livre o resto da viagem – ele falou. – Chega de ficar preguiçoso em quartos de hotéis.

— Não faz nenhuma diferença para mim – falei.

Ele fez uma pausa.

— Só quero dizer que, se você tiver outra doença ou maldição, terei de continuar sozinho.

— Doenças ou maldições? Tudo bem, vindo de você. Por duas vezes até agora você diminuiu nosso avanço com suas bebedeiras.

— Certo, então, vamos dizer que tivemos algum azar e estabelecemos maus exemplos para nós mesmos. O que passou, passou, mas é a última vez, de

acordo?

— Não vamos falar mais nada sobre minhas maldições ou doenças.

— É justo, irmão – ele montou em Nimble e olhou para a estrada, além das lojas e na direção do deserto. Ouvi o barulho de metal sobre o vidro e vi a mulher do hotel no nosso quarto no segundo andar, a moeda de cinco dólares entre seus dedos enquanto ela batia contra o vidro. Depois, beijou a moeda e apoiou sua palma contra a janela, e eu apontei para Charlie, cujo rosto estava frio e impassível; ele apertou as costelas de Nimble e foi embora. Eu levantei uma mão para a mulher e ela falou algumas palavras que não consegui decifrar, mas assumi que eram uma expressão de agradecimento. Eu me virei para seguir Charlie, pensando em sua voz no quarto vazio onde ela trabalhava e se preocupava, e fiquei feliz por ter deixado o dinheiro e esperava que isso a tivesse feito feliz, pelo menos por algum tempo. Resolvi perder doze quilos de gordura e escrever uma carta de amor e elogios, falando que ela poderia melhorar o tempo que vai passar na Terra com a devoção de outro ser humano.

Aconteceu uma tempestade atrás de nós, a última verdadeira tempestade do inverno, mas conseguimos fugir dela e o tempo ficou bom durante toda a tarde e noite. Montamos acampamento numa grande caverna, o tempo escurecido pelas fogueiras de outros homens. Charlie preparou o jantar de feijão, carne de porco e biscoitos, mas eu só comi os feijões, passando secretamente o resto para Tub. Fui dormir com fome, acordei no meio da noite e vi um cavalo sem dono parado na entrada da caverna, respirando forte e batendo a pata na pedra. Era preto e estava molhado de suor; quando ele começou a tremer, eu me aproximei dele e joguei meu cobertor sobre suas costas.

— O que foi? – perguntou Charlie, segurando meu cotovelo ao lado do fogo.

— Um cavalo.

— Onde está o dono?

— Não tem ninguém por aqui.

— Se o dono aparecer, você pode me acordar – ele se virou e voltou a dormir.

O cavalo tinha uns dezessete palmos de altura e era todo musculoso. Não tinha marca, sela ou ferradura, mas sua crina estava limpa e ele não era tímido. Eu lhe trouxe um biscoito, mas ele não estava com fome e só mordiscou.

— Para onde você está indo, correndo no meio da noite assim? – perguntei. Tentei guiá-lo em direção a Nimble e Tub, para compartilhar o calor do grupo, mas ele se recusou e voltou para a entrada, onde eu o havia encontrado.

— Você quer me deixar sem manta, é isso?

Voltei à caverna para aumentar o fogo, me enrolando ao lado dele para me esquentar, mas não consegui dormir sem coberta e em vez disso passei o resto da noite reescrevendo discussões perdidas do meu passado, alterando histórias, de

forma que eu terminasse vitorioso. Quando o sol surgiu pela manhã, tinha decidido que ficaria com esse cavalo. Contei meu plano para Charlie quando entreguei seu café e ele assentiu.

— Você pode colocar ferraduras nele em Jacksonville. E podemos conseguir um preço justo por Tub, apesar de que duvido: ele provavelmente será sacrificado. Bom, você pode ficar com o dinheiro que conseguir. Você sofreu com Tub, não vou negar isso. Uma feliz coincidência esse cavalo vir até você. Como você vai chamá-lo? Que tal: Filho de Tub.

— Acho que algum fazendeiro ficaria feliz em pagar pelos serviços de Tub. Ele ainda tem alguns poucos anos de vida.

— Não teria tanta esperança – ele se virou para Tub e disse: – Carne ensopada? Ou um bom pasto, com a bunda macia da filha do fazendeiro? – para mim, ele sussurrou: – Carne ensopada.

O cavalo negro aceitou a sela sem nenhum incidente. Tub balançou a cabeça quando passei uma corda ao redor de seu pescoço e não pude olhar para seus olhos. Já tínhamos andado quase quatro quilômetros quando encontramos um índio morto no chão.

— Esse pode ser o dono anterior – disse Charlie. Nós o viramos para dar uma olhada. Seu corpo estava duro e deformado, o pescoço quebrado e a boca aberta numa expressão de dor.

— Estranho, no entanto, que um cavalo índio aceite sela – falei.

— Deve ser porque ele roubou de um homem branco – falou Charlie.

— Mas o cavalo não tem ferradura nem marca.

— É um enigma – ele admitiu. Apontando para o índio, falou: – Pergunte para ele.

O indígena não tinha ferimentos para explicar sua morte, mas era extremamente pesado e pensamos que talvez tivesse sofrido um ataque massivo, depois caiu do cavalo e quebrou o pescoço.

— O cavalo continuou – disse Charlie. – Provavelmente eles iam para a caverna. Eu fico imaginando o que ele teria feito se nós dois estivéssemos dormindo ali.

O cavalo preto abaixou sua cabeça para o índio, cheirando e cutucando-o. Nesse momento, eu podia sentir Tub olhando para mim. Decidi que o melhor era retomar a viagem. No começo, o cavalo negro não queria ir embora, mas depois ele cavalgou muito bem, apesar do terreno ruim, e com Tub bem atrás de nós. Uma chuva pesada começou a cair, mas o frio desapareceu; eu estava suando, assim como o cavalo novo, e seu cheiro e calor eram agradáveis para mim. Todos os seus movimentos eram espertos e graciosos, e eu descobri que corria muito bem. Apesar de não achar bom pensar nisso, sabia que seria um grande alívio liberar Tub. Olhei de volta para ele e vi como fazia o máximo para nos seguir. Seu olho estava lacrimejando e com cor de sangue, e ele levantava e

virava a cabeça, como se quisesse evitar se afogar.

Quando chegamos a Jacksonville, fiquei imaginando se Charlie iria honrar sua promessa de dormir ao ar livre; sabia que não quando percebi como olhava para as janelas brilhantes do primeiro *saloon* pelo qual passamos. Acomodamos os cavalos em estábulos. Disse ao cuidador para colocar ferradura no preto e pedi que fizesse um preço por Tub. O homem segurou sua lanterna perto do olho machucado de Tub e disse que ele me falaria na manhã seguinte, quando pudesse dar uma boa olhada nele. Charlie e eu nos separamos no centro da cidade. Ele queria beber e eu, comer. Ele apontou para um hotel como nosso eventual ponto de encontro, e eu assenti.

A chuva tinha passado; agora a lua estava cheia e baixa, e as estrelas brilhavam. Entrei num restaurante modesto e me sentei perto da janela, olhando para minhas mãos na mesa simples. Elas estavam paradas e brancas sob o luar, e não senti nenhuma ligação pessoal com elas. Um garoto se aproximou e colocou uma vela na mesa, arruinando o efeito, e eu estudei o menu na parede. Tinha comido pouco no café, apesar de ter ido dormir com o estômago vazio, e minha barriga roncava de fome. Mas a comida era do tipo gordurosa e quando o garçom chegou ao meu lado, fazendo uma reverência com um lápis na mão, perguntei se ele tinha algo para oferecer que não fosse tão gostoso.

— Não está com fome, senhor?

— Estou fraco de fome – falei para ele. – Mas estou procurando algo menos pesado que cerveja, carne e batata.

O garçom bateu seu lápis no bloco.

— Você quer comer, mas não quer se sentir cheio?

— Quero ficar *sem fome* – falei.

— E qual é a diferença?

— Quero comer, só que não quero comer nada pesado, entende?

Ele falou:

— Para mim, o objetivo de comer é ficar cheio.

— Está me dizendo que não há opções além das que estão listadas?

O garçom ficou confuso. Ele pediu licença para falar com a cozinheira; ela tinha muito trabalho e ficou brava com a inconveniência.

— Qual é o problema, senhor? – ela perguntou, limpando as mãos no avental.

— Nunca disse que havia um problema. Só me pergunto se há uma opção mais leve do que as refeições listadas no cardápio.

A cozinheira olhou para o garçom e depois para mim.

— Você não está com fome?

— Poderíamos servir meia porção, se não estiver com fome – disse o garçom.

— Já disse que estou com fome. Estou faminto. Mas estou procurando algo

que não me encha tanto, entendem?

— Quando como uma refeição, *quero* ficar cheia – disse a cozinheira.

— Esse é o objetivo de comer! – disse o garçom.

— E depois, quando você termina, dá um tapa na barriga e diz: “Estou cheio”.

— Todo mundo faz isso.

— Olha – falei. – Vou aceitar meia porção de carne, nada de batata, com vinho. Você tem algum vegetal? Algo verde?

Pensei que a cozinheira ia rir na minha cara.

— Acho que há algumas cenouras.

— Traga um punhado delas, com o bife, descascadas e cozidas. Pode me cobrar o preço de um prato completo pelo trabalho, tudo bem?

— O que você quiser – disse a cozinheira.

— Vou trazer o vinho agora mesmo – disse o garçom.

Quando trouxeram meu prato, estava cheio de cenouras quentes e moles. A cozinheira tinha cortado o talo, mas deixou as folhas verdes em cima, uma visão maliciosa, achei. Engoli uma meia dúzia, mas era como se desaparecessem antes de chegar ao meu estômago, e comecei a desejar desesperadamente a carne. Encontrei-a embaixo da pilha e saboreei cada mordida, mas ela desapareceu rápido demais também e fiquei deprimido. Apaguei a vela e olhei outra vez para minhas mãos fantasmagóricas. Quando começaram a formigar, eu me perguntei sobre a maldição da cabana da bruxa-cigana. Quando ia começar, se é que ia? Que forma iria tomar? O garçom voltou para limpar a mesa e apontou para as cenouras que sobraram.

— Não gostava de vegetais? – ele perguntou, ingênuo.

— Tudo bem – falei. – Pode levá-las.

— Mais vinho?

— Mais uma taça.

— Quer alguma sobremesa?

— Não! Droga!

O garçom atormentado fugiu correndo.

Pela manhã, fui ver Charlie e não fiquei surpreso ao encontrá-lo mal e sem condições de viajar. Comecei com minhas broncas, mas não foi necessário; ele sabia tão bem quanto eu que não poderíamos passar outro dia sem cavalgar e prometeu estar pronto em uma hora. Não sabia que mágica ele pensava conjurar, que pudesse terminar com seu sofrimento em tão pouco tempo, mas não entrei nesse tópico, deixando-o com seus vapores e dores, voltando ao restaurante da noite anterior para um muito necessário café da manhã. O garçom não estava lá, mas em seu lugar havia um rapaz que era parecido com ele e que achei que fosse seu filho; no entanto, quando perguntei:

— Onde está seu pai? – o garoto apertou as mãos e disse:

— No Céu.

Comi uma pequena porção de ovos e feijão, mas ainda sentia fome quando terminei. Fiquei olhando para o prato gorduroso, desejando, na verdade, lambê-lo, mas o decoro impediu. Quando o garçom veio e recolheu o prato, fiquei olhando como ele se afastava até a cozinha, até sair da minha visão. Então ele voltou e perguntou se eu queria algo mais antes de pagar.

— Temos torta fresca esta manhã – ele falou.

— Que sabor? – perguntei. Pensei: *Que não seja de cereja.*

— Cereja – disse o garoto. – Acabou de sair do forno. Elas acabam rápido. São meio famosas, na verdade. – Devo ter feito alguma careta, porque ele me perguntou: – O senhor está bem? Parece doente.

Gotas de suor caíam pela minha testa, e minhas mãos estavam tremendo. Meu próprio sangue queria aquela torta de cereja. Limpando meu rosto com o guardanapo, falei ao rapaz que estava bem, só cansado.

— Quer ou não? – ele perguntou.

— Nada de torta! – falei. Ele trouxe a conta e voltou para a cozinha. Depois de pagar, fui repor o nosso estoque de comida, cantando uma música virtuosa. Um galo veio atrás de mim, procurando uma briga; tirei meu chapéu e ele saiu correndo para o meio do mato, músculos e penas.

Com meu pé para dentes quase no fim, perguntei ao dono do mercado se ele tinha algum, e ele apontou para uma pequena pilha de caixas, cada uma delas de um diferente cheiro ou sabor: sálvia, pinho, menta e erva-doce. Quando perguntou que sabor eu queria, falei que poderia ser menta, já que tinha gostado dele, até agora, mas o homem, que parecia uma pomba com roupa de gente, insistiu para que eu experimentasse os outros.

— O tempero da vida – ele falou, e, apesar de não me importar com sua atitude satisfeita, fiquei curioso com os outros sabores e carreguei-os até uma bacia no fundo, com cuidado para não dobrar ou danificar as caixas, assim não seria forçado a comprar o que não gostasse. Experimentei um sabor depois do outro. Voltando para a frente, falei ao proprietário:

— O de pinho é bom. Dá uma sensação boa e limpa na língua. O de sálvia queima minha garganta; não gostei muito. O de erva-doce é horrível. Vou levar esse de menta, como disse antes.

— É sempre melhor ter certeza – ele falou, uma declaração tão óbvia que chegou a ser patética, por isso não respondi.

Além do pó, comprei meio quilo de farinha, meio de café, meio de açúcar, um quilo de feijão, um quilo de carne de porco salgada e um quilo de frutas secas; meu estômago agora roncava alto. Bebi um grande copo de água e caminhei até o estábulo, meus intestinos balançando a cada passo.

O cuidador do estábulo estava acabando de colocar a ferradura no cavalo

negro quando eu entrei.

— Eu dou seis dólares pelo animal com as costas caídas – ele falou. – Cobro um dólar pelas ferraduras, então deixamos por cinco dólares.

Eu me aproximei de Tub e coloquei a mão em sua focinheira.

— Bom dia – falei para ele.

Senti que me reconheceu; olhou para mim honestamente, sem medo ou malícia. O cuidador do estábulo ficou atrás de mim.

— Ele provavelmente vai perder esse olho – ele me falou. – Será que conseguirá puxar uma carroça? Eu ofereço quatro dólares.

— Decidi não vendê-lo – falei.

— Dou seis dólares, incluindo as ferraduras.

— Não, mudei de ideia. Vamos discutir o cavalo negro.

— Sete dólares é minha oferta final pelo cavalo velho.

— Quanto você me dá pelo cavalo negro?

— O negro é muito caro para mim. Dou oito dólares pelo outro.

— Faça-me uma oferta pelo cavalo negro – falei.

— Vinte e cinco dólares.

— Ele vale cinquenta.

— Trinta dólares com a sela.

— Não seja ignorante. Aceito quarenta, sem a sela.

— Eu dou trinta e cinco dólares.

— Trinta e cinco dólares sem a sela?

— Trinta e cinco, sem a sela, menos um dólar pelas ferraduras.

— Você espera que eu pague por ferraduras num cavalo que não vou ficar?

— Você pediu que colocasse as ferraduras. Agora, deve pagar pelo serviço.

— Você iria colocar as ferraduras de qualquer jeito.

— Isso não tem nada a ver.

— Trinta e quatro dólares – falei.

O cuidador desapareceu no quarto para pegar o dinheiro. Consegui ouvi-lo discutir com uma mulher. Ele falava baixo, e, apesar de não conseguir ouvir as palavras, entendi o sentimento: *Cale a boca! O homem aí fora é um estúpido!*

Charlie entrou no estábulo, passando mal, mas tentando esconder isso. Quando o cuidador saiu com o dinheiro, também trouxe uma garrafa de uísque para fechar o acordo. Ofereci um gole a meu irmão e ele quase desmaiou. Estava tão distraído com seu próprio sofrimento que não percebeu meu negócio até estarmos a uns quinze quilômetros de distância da cidade.

— Onde está o cavalo negro? Por que você ainda está cavalgando o Tub?

— Mudei de ideia e decidi ficar com ele.

— Não entendo você, irmão.

— Ele tem sido um animal fiel.

— Não entendo você. Aquele cavalo negro era especial.

— Até alguns dias atrás, você não queria que eu vendesse Tub – falei. – Só mudou de ideia quando apareceu um substituto do nada, de graça.

— Você está sempre discutindo, mas o passado era outro momento e, por isso, irrelevante. A Providência trouxe aquele cavalo negro para você. E o que será do homem que evita a Providência?

— A Providência não tem lugar nesta discussão. Um índio comeu muito e morreu, essa foi a fonte da minha sorte. A questão do meu argumento é que você só concordou em se livrar de Tub quando isso se tornou um bom negócio financeiramente.

— Então sou um alcoólatra e um pão-duro?

— Quem está querendo discutir agora?

— Um alcoólatra pão-duro. Esse é o meu destino miserável.

— Você é sempre do contra.

Ele fez que caiu, como se tivesse sido atingido por uma bala.

— Um alcoólatra, pão-duro e do contra! Ouça suas palavras terríveis! – ele riu para si mesmo. Um minuto depois, ficou sério e perguntou: – Quanto ganhamos com o cavalo negro?

— Ganhamos? – falei e ri para ele.

Aceleramos o passo dos nossos animais. O mal-estar de Charlie não diminuiu e duas vezes eu o vi cuspir bile enquanto cavalgávamos. Há maior agonia do que cavalgar de ressaca? Tinha de admitir que meu irmão pagou sua punição sem reclamar, mas eu sabia que não poderia manter o ritmo por mais do que algumas horas e acho que ele estava a ponto de pedir um descanso quando espiamos um grupo de carroças na base de uma passagem. Charlie foi na direção deles, de propósito, com um ar de seriedade respeitosa, mas eu sabia que estava contando os segundos até poder desmontar e descansar suas entranhas torturadas.

Demos a volta nas três carroças, mas não vimos sinal de vida a não ser uma pequena fogueira no centro. Charlie gritou uma saudação, mas não recebeu nenhuma resposta. Ele desmontou e entrou no círculo, subindo nos engates de duas carroças quando o cano de um rifle surgiu silencioso, como uma cobra, de um dos toldos. Charlie olhou para a arma, os olhos levemente vesgos.

— Certo – ele falou.

O cano subiu até sua testa e um garoto de quinze anos ou menos olhou para nós. Seu rosto, seu nariz e sua boca estavam sujos, sua expressão, um permanente sorriso desdenhoso; suas mãos estavam firmes e a postura era perfeita para a arma – eu acredito que ele a conhecia bem. Seus olhos estavam cheios de desconfiança e desgosto, era um jovem bem pouco amigável, e eu fiquei preocupado de que mataria meu irmão se não nos comunicássemos bem, e rapidamente.

— Não queremos fazer nenhum mal, filho – falei.

— Foi o que os últimos me disseram – disse o rapaz. – Aí eles me acertaram na cabeça e roubaram todo o meu bolo de batata.

— Não queremos nenhum bolo – disse Charlie.

— Estamos quites, então, porque não tenho mais nenhum.

Dava para ver que o garoto estava faminto e eu disse que ele poderia comer nossa carne, se estivesse com fome.

— Eu comprei esta manhã, na cidade – falei. – E farinha também. Você quer, garoto? Um banquete de carne de porco e biscoitos?

— Você é um mentiroso – ele falou. – Não tem nenhuma cidade aqui. Meu pai foi procurar comida há uma semana.

Charlie olhou para mim.

— Será que é o homem que encontramos na trilha ontem? Ele estava com pressa para voltar e alimentar seu filho, lembra-se?

— É verdade. E estava vindo nessa direção, também.

— Estava numa égua cinza? – ele perguntou, sua expressão transformada com a esperança.

Charlie assentiu.

— Uma égua cinza, estava sim. Ele nos contou como você era um bom garoto, como sentia orgulho de você. Estava muito preocupado, falou. Queria vê-lo logo.

— O papai falou isso? – o garoto perguntou, duvidando. – De verdade?

— É, ele estava muito feliz por estar voltando. É uma pena que tivemos que matá-lo.

— O... o quê?

Antes que o menino pudesse se recuperar, Charlie afastou o rifle e bateu forte na cabeça dele com o cabo. O menino caiu para trás na carroça e ficou em silêncio.

— Vamos fazer um pouco de café naquela fogueira – disse Charlie, pulando sobre os engates.



Charlie ficara revigorado por essa última aventura – a adrenalina tinha eliminado seu mal-estar, falou – e começou a preparar nosso almoço com um entusiasmo incomum. Concordou em fazer também para o menino, mas só depois que vi sua situação, porque até onde sabíamos, o golpe poderia tê-lo matado. Enfiei minha cabeça na carroça e vi que estava vivo, sentado e de costas para mim.

— Estamos cozinhando um pouco de comida – falei para ele. – Você não precisa comer conosco se não quiser, mas meu irmão está fazendo um prato para você.

— Seus malditos, mataram meu pai – disse o garoto, chorando.

— Oh, isso foi só um truque para conseguir tirar seu rifle.

Ele se virou e me olhou. O golpe tinha cortado sua testa e havia uma trilha de sangue caindo sobre sua sobrancelha.

— Está falando sério? – ele perguntou. – Jura por Deus?

— Isso não significa nada para mim, então não vou jurar. Mas posso jurar pelo meu cavalo, que tal?

— Vocês nunca viram um homem numa égua cinza?

— Nunca o vimos.

O menino se levantou e começou a vir na minha direção por cima dos engates das carroças. Peguei seu braço para ajudá-lo a descer; suas pernas estavam fracas.

— Veja quem está de volta da morte solitária – disse Charlie, rindo.

— Quero meu rifle – disse o garoto.

— É melhor se acostumar com o desapontamento, então.

— A gente devolve quando formos embora – falei para o menino. Entreguei um prato de carne de porco, feijão e biscoito, mas ele não comeu, só ficou olhando, triste, para a comida, como se a refeição fosse melancólica para ele.

— Qual é o problema? – perguntei.

— Estou cansado disso – ele respondeu. – Todo mundo está sempre me acertando na cabeça.

— Você tem sorte que não meti uma bala nela – disse Charlie.

— Não vamos bater mais em você – falei – desde que não tente nada. Agora, coma sua carne antes que esfrie.

O rapaz limpou o prato, mas logo vomitou. Ele tinha ficado muito tempo sem comida sólida e seu estômago não conseguia aceitar tanta coisa assim de repente. Ele ficou ali sentado, olhando para seu almoço meio digerido no chão, pensando, acho, se deveria tentar de novo.

— Garoto – disse Charlie –, se tocar nisso, eu mato você.

Dei ao garoto um pouco do meu prato e falei para ele comer devagar e depois deitar e respirar bastante ar fresco. Ele fez isso e se passaram quinze minutos sem incidentes, apesar de que seu estômago fazia barulhos altos. O garoto se sentou e perguntou:

— Você não vai ficar com fome?

— Meu irmão está jejuando em nome do amor – disse Charlie.

Eu fiquei vermelho e não disse nada. Não tinha percebido que meu irmão notara minha dieta; não pude aguentar seu olhar brincalhão.

O garoto estava olhando para mim, esperando uma explicação.

— Você tem uma garota?

Não respondi.

— Tenho uma também – ele me contou. – Pelo menos era minha garota quando eu e papai saímos do Tennessee.

— Como é que você acabou sozinho com três carroças, sem animais e sem

comida? – perguntou Charlie.

— Havia um grupo indo para a Califórnia, para trabalhar nos rios. Eu, meu pai e seus dois irmãos, Jimmy e Tom, um amigo do Tom e também a esposa desse amigo. Ela foi a primeira a morrer. Não conseguia manter nenhuma comida no estômago. Papai falou que tinha sido um erro trazê-la e acho que foi mesmo. A gente a enterrou e continuou, depois o amigo do Tom quis voltar para casa, disse que podíamos ficar com sua carroça e seus equipamentos, porque seu coração estava partido e ele queria voltar para começar seu luto. O tio Tom deu um tiro nele quando estava a uns quatrocentos metros.

— Logo depois de a esposa do homem morrer? – perguntei.

— Foi uns dias depois que ela morreu. Tom não estava tentando acertá-lo, só amedrontar. Um pouco de diversão, ele falou.

— Não foi muito gentil da parte dele.

— Não, o tio Tom nunca fez nada gentil na vida. Ele morreu em seguida, numa briga num *saloon*. Tomou uma facada na barriga e o sangue se espalhou como um tapete embaixo dele. Ficamos todos um pouco felizes por ele ter morrido, para falar a verdade. Era difícil aguentá-lo. Ele me acertou na cabeça mais do que qualquer outro. Nem precisava ter motivo, era só passatempo.

— Seu pai não o mandava parar?

— O papai nunca foi de falar muito. Era o que se poderia chamar de tipo privado.

— Continue com a história – disse Charlie.

— Certo – falou o garoto. – Depois Tom morreu, e nós vendemos seu cavalo e tentamos vender sua carroça, mas ninguém quis, porque era bem vagabunda. Então, tínhamos dois bois puxando três carroças, e o que você acha que aconteceu em seguida? Os bois morreram, de fome e sede, com feridas nas costas e eu, o papai e o tio Jimmy, com os cavalos puxando as carroças e o dinheiro acabando rápido, assim como a comida, ficamos olhando um para o outro e pensando a mesma coisa: Droga!

— O tio Jimmy era chato também? – perguntei.

— Eu gostava do tio Jimmy até ele pegar todo o dinheiro e fugir. Isso aconteceu há duas semanas. Não sei se ele foi para o leste ou o oeste, o norte ou o sul. Papai e eu ficamos presos aqui, sentados pensando no que fazer. Ele foi embora, como eu falei, há uma semana. Espero que volte logo. Não sei o que pode ter acontecido para ele demorar tanto. Agradeço por compartilhar essa comida comigo. Quase matei um coelho ontem, mas é difícil acertá-los e minha munição não está bem estocada.

— Onde está sua mãe? – perguntou Charlie.

— Morta.

— Sinto muito.

— Obrigado. Mas ela sempre esteve morta.

— Conte-nos sobre sua garota – eu pedi.

— Seu nome é Anna e seu cabelo é da cor do mel. É o cabelo mais limpo que já vi e chega até a metade das costas. Estou apaixonado por ela.

— É recíproco?

— Não sei o que significa essa palavra.

— Ela também te ama?

— Acho que não, não. Tentei beijá-la e abraçá-la, mas ela me empurrou. Na última vez, ela falou que ia mandar o pai dela e seus irmãos me baterem se eu tentasse de novo. Mas ela vai mudar de ideia quando vir meu bolso cheio de riquezas. Nos rios da Califórnia há ouro pulando como sapos e tudo que preciso fazer é ficar parado e agarrá-lo.

— É nisso que você acredita? – perguntou Charlie.

— Saiu no jornais.

— Você vai ter uma surpresa desagradável, acho.

— Eu só quero chegar lá. Estou cansado de ficar sentado aqui sem fazer nada.

— Você não está longe – contei. – A Califórnia é logo ali, depois daquela passagem.

— Foi nessa direção que o papai seguiu.

Charlie riu.

— O que é tão engraçado? – perguntou o garoto.

— Nada – respondeu Charlie. – Ele provavelmente foi agarrar uns quilos de ouro pulador. Ele vai voltar com algum dinheiro na hora do jantar, tenho certeza.

— Você não conhece meu pai.

— Não?

O garoto fungou e se virou para mim.

— Você nunca me contou sobre sua garota. Qual é a cor do cabelo dela?

— Castanho-escuro.

— Castanho-lama.

— Por que você diz isso? – perguntei. Olhei para ele, que não respondeu.

— Qual é o nome dela? – perguntou o garoto.

— Isso preciso ser resolvido – respondi.

O garoto ficou cavando no chão com uma vareta.

— Você não sabe o nome dela?

— O nome dela é Sally – respondeu Charlie. – E se você está curioso para descobrir como eu sei e meu irmão não sabe, ele também está.

— O que isso quer dizer? – perguntei bravo. Ele não respondeu. Eu me levantei e olhei para ele. – Que merda isso quer dizer?

— Só falei para colocá-lo no caminho certo – disse Charlie.

— Só falou o quê?

— Que eu consegui de graça o que você pagou cinco dólares e nem

conseguiu.

Comecei a falar, mas parei. Lembrei que tinha encontrado a mulher nas escadas do hotel. Ela tinha estado no quarto do Charlie, enchendo sua banheira, e parecia brava.

— O que você fez com ela?

— Ela fez comigo. Eu nem estava pensando. Cinquenta centavos com a mão, um dólar com a boca, mais cinquenta centavos por tudo. Eu fiz tudo.

Minha cabeça estava latejando forte. Eu peguei um biscoito.

— Por que ela estava tão brava?

— Se você quer a verdade, não gostei do serviço. Meu pagamento refletiu isso ou devo dizer meu “não pagamento”, e ela ficou ofendida. Você precisa saber, eu não teria tocado na garota se soubesse como você se sentia. Mas eu estava mal, você se lembra, e precisava de um pouco de conforto. Desculpa, Eli, mas no momento, até onde eu sabia, ela estava disponível.

Comi o biscoito em duas mordidas e peguei outro.

— Onde está a gordura?

O garoto me entregou a lata e eu mergulhei o biscoito inteiro.

— Eu deixei você dar os cinco dólares – continuou Charlie –, mas não queria vê-lo passar fome por nada.

Meu sangue estava pulsando rápido, celebrando a chegada da comida pesada, enquanto meu coração estava partido com a notícia do caráter da mulher do hotel. Voltei a me sentar, mastigando, pensando.

— Posso preparar mais carne – Charlie ofereceu, para me apaziguar.

— Faça mais de tudo – falei.

O garoto tirou uma gaita do bolso de sua camisa e bateu na palma.

— Vou tocar uma música para as refeições.



O GAROTO DISSE QUE TINHA UM CAVALO ESCONDIDO NUM BOSQUE ALI perto e perguntou se poderia ir conosco para a Califórnia. Charlie era contra, mas eu não vi nenhum mal e disse ao garoto que ele tinha cinco minutos para juntar suas coisas. Ele saiu e voltou com seu cavalo, pequeno e doente, sem sela ou acessórios, e com tufo de pelo caindo, expondo a pele e os ossos da costela. Em resposta a nossas expressões preocupadas, o garoto respondeu:

— Sei que ele não parece muita coisa, mas Lucky Paul pode subir essas colinas como uma aranha sobe uma parede.

— Você vai falar com ele ou quer que eu fale? – Charlie me perguntou.

Respondi que eu falaria e Charlie se afastou. Não tinha certeza por onde começar, mas decidi enfrentar o problema de um ponto de vista prático.

— Onde está sua sela, garoto?

— Tenho uma manta e meu enchimento pessoal – disse batendo na bunda.

— Nenhum bridão? Nem rédea?

— O tio Jimmy levou com ele. Não sei por quê. Mas não importa. Lucky Paul sabe o caminho.

— Não vamos esperar por você – eu falei.

Ele estava alimentando o cavalo com um biscoito.

— Você não entende, mas vai ver. Ele está alimentado, descansado e pronto para caminhar.

Sua confiança era verdadeira e eu tinha esperança de que Lucky Paul fosse mesmo o tipo de corredor que o garoto afirmava, mas não era o caso e nós os perdemos instantaneamente. O cavalo não tinha nenhum interesse em subir a longa passagem; olhando para trás, vi o garoto espancando a cabeça e o pescoço do cavalo. Charlie quase caiu do Nimble de tanto rir e eu também percebi o

humor da cena, mas essa diversão logo perdeu sua graça e cavalgamos de verdade, assim chegamos ao topo nevado em umas quatro horas. Apesar do olho de Tub, ele nunca chegou a tropeçar e eu senti pela primeira vez que nos entendíamos; senti nele um desejo de melhorar, o que talvez fosse besteira e um pouco de esperança da minha parte, mas são os pensamentos de um viajante.

O outro lado da passagem nos apresentava um terreno mais favorável, e no anoitecer já tínhamos descido abaixo da linha de neve, onde acampamos para passar a noite. Pela manhã, dormimos até mais tarde e fomos em passo moderado até a Califórnia. Entramos numa densa e alta floresta de pinheiros no fim da tarde e encontramos um riacho pequeno e sinuoso, e foi ali que paramos. Naquele lugar, à nossa frente, estava a coisa que tinha levado milhares de pessoas inteligentes a abandonar suas famílias e seus lares para sempre. Olhamos para aquilo sem falar nada. Finalmente Charlie não pôde evitar; desmontou e se agachou ao lado do riacho, tirando um pouco de areia molhada e terra com a mão.

Eu vi uma barraca do outro lado da água, a uns quinhentos metros ao norte. Um cara sozinho, barbudo e muito sujo espiava atrás dela. Levantei minha mão, cumprimentando, e o rosto desapareceu.

— Acredito que temos um verdadeiro prospector aqui – falei.

— Muito longe para estar trabalhando, não acha?

— Pelo que sabemos. Deveríamos visitá-lo e ver como está indo?

Charlie jogou a areia para trás.

— Não tem nada nesse rio, irmão.

— Mas você não tem curiosidade?

— Se quiser ver como ele está, vá até lá enquanto vou ao banheiro. Mas não posso gastar meu tempo com cada curiosidade.

Ele caminhou até a floresta e eu levei Tub rio acima, cumprimentando-o do outro lado do rio, mas não vi nenhum sinal do homem barbado. Vi um par de botas na frente da sua barraca e uma pequena fogueira numa cova; havia uma sela no chão, mas nenhum cavalo. Gritei várias vezes e nada. Será que o homem tinha corrido descalço para a floresta em vez de compartilhar as informações sobre riquezas desconhecidas? Mas não, a visão do acampamento abandonado me contava que o prospector não estava tendo nenhum sucesso. Ali estava um homem louco por ouro, mas sem coragem suficiente para encarar os ninhos de vespa, tão comuns na Califórnia. Ele não encontraria nada, ia morrer de fome, ia delirar e morrer – dava para imaginar seu corpo nu comido por urubus.

— Uma dessas manhãs frias – falei.

Aí ouvi o som de um rifle sendo armado atrás de mim.

— Uma dessas manhãs frias o quê? – disse uma voz.

Levantei as mãos, e o prospector começou a rir, apreciando sua posição.

— Túnel sob o rio – ele falou. – Não pensou nisso, pensou?

Ele golpeou minha coxa fortemente com o cabo da sua arma e eu comecei a me virar.

— Olha pra mim, vou atirar na sua cara, seu maldito – ele falou com a boca entreaberta.

— Não é preciso – falei. – Não quero fazer mal.

Ele golpeou minha perna de novo.

— Talvez eu queira, pensou nisso?

Seu riso era agudo e melancólico, achei que devia ter ficado louco ou estava ficando. Pensei, chateado, que Charlie estava certo em ter preferido deixar o homem sozinho.

— Você é um caçador, é isso? – ele perguntou. – Está procurando a urso de pelo vermelho?

— Não sei nada sobre nenhuma urso de pelo vermelho – respondi.

— Há uma urso de pelo vermelho perto daqui. May field colocou o preço de cem dólares por ela e agora os caçadores estão loucos por sua pele. Eu a vi a uns três quilômetros e meio ao norte do acampamento, ontem de manhã. Dei um tiro, mas não consegui chegar muito perto.

— Não estou interessado em nada disso e não conheço ninguém chamado May field.

Ele golpeou minha perna de novo.

— Você não estava com ele, seu filho da puta? Ele estava olhando a areia do leito do meu rio?

— Está falando do meu irmão, Charlie. Estamos vindo de Oregon City para o sul. Nunca viemos para esses lados e não conhecemos ninguém nessa parte.

— O chefe de May field está por aqui. Envia homens para atrapalhar meu acampamento quando estou na cidade, comprando suprimentos. Certeza que não era ele? Achei que tinha visto a cara estúpida dele.

— Era só o Charlie. Ele está ali na floresta, fazendo suas necessidades. Estamos indo para o sul trabalhar nos rios.

Eu ouvi ele dar a volta ao redor de Tub e voltar.

— Onde está seu equipamento? – ele perguntou. – Você diz que vai trabalhar nos rios, mas não tem equipamento?

— Vamos comprar em Sacramento.

— Vai pagar mais caro, vai perder dinheiro. Só um tonto compra equipamento na cidade.

Não tinha nada para falar. Ele golpeou minha coxa e disse:

— Estou falando com você.

Não tinha resposta e ele me golpeou de novo.

— Pare de me bater assim.

Ele me deu outro golpe.

— Não gosta, não? – mais um golpe.

— Quero que você pare.

— Acha que eu me importo com o que você quer? – ele me deu mais um golpe e apontou a arma contra minha perna. Um galho se quebrou ao longe e senti a arma afrouxar quando o prospector se virou para olhar. Agarrei o cano do rifle e o puxei. O prospector tentou fugir para o bosque, eu me virei e apertei o gatilho, mas o rifle estava descarregado. Estava pegando minha pistola quando Charlie saiu detrás de uma árvore e atirou no prospector quando ele passou correndo. Foi um tiro na cabeça, que arrancou a parte de trás do crânio. Eu desmontei do cavalo e fui mancando até o corpo. Minha perna doía muito e eu estava furioso. O cérebro do homem estava manchado de vermelho sangue, uma espuma borbulhante saía de sua boca; eu levantei minha bota e enfiei meu salto na boca dele com toda a força, abrindo o que sobrava de seu crânio e achatando o que, no geral, já não podia ser mais reconhecido como a cabeça de um homem. Quando tirei minha bota, era como se estivesse pisando no barro. Afastei-me do corpo sem nenhum objetivo e por nenhuma razão além da necessidade de me apartar de minha própria raiva. Charlie me chamou, mas não veio atrás de mim, sabendo que era melhor me deixar em paz quando eu estava assim. Caminhei quase um quilômetro e me sentei em um pinheiro largo, esticando e soltando meu corpo com os joelhos contra meu peito. Achei que iria quebrar minha própria mandíbula de tanta tensão e por isso coloquei a bainha de couro da minha faca entre os dentes.

Levantando os joelhos, abaixei as calças para ver o estado da minha perna. A pele estava inflamada e eu podia ver o círculo perfeito do cano, da série de golpes, uma meia dúzia de zeros vermelhos – a visão deles me deixou frustrado novamente e quis que o prospector voltasse à vida para que eu o matasse de novo, mas lentamente. Eu me levantei, pensando em voltar para mutilar o corpo mais um pouco, descarregar meu revólver em seu estômago, mas depois de um momento desisti de ir, ainda bem. Minhas calças ainda estavam abaixadas e, depois de acalmar minhas emoções, toquei meu membro para me recuperar. Quando era jovem, quando meu temperamento estava ficando problemático, minha mãe me ensinou a fazer isso como uma forma de ficar calmo, e eu achei que era algo prático. Depois de terminado, voltei para o rio, sentindo-me vazio e frio por dentro, mas não mais bravo. Não consigo entender as motivações de um agressor, essa é a questão. Meu pai implicava conosco quando éramos crianças, também com minha mãe, e essa era uma das coisas que me deixava louco.

Localizei o túnel do prospector morto. Tinha imaginado um caminho subterrâneo com suporte de madeira e lanternas penduradas, mas só dava para entrar engatinhando, e como estava localizado no ponto mais estreito do riacho, só tinha uns poucos metros. A gente arrastou o prospector e o empurrou no buraco. Eu cavalguei com Tub sobre o lugar, de um lado ao outro do riacho, para enterrar bem. Encontramos poucas coisas com essa pessoa, uma faca de bolso,

um cachimbo e uma carta, que enterramos com ele, na qual estava escrito:

Querida mãe,

Estou sozinho e os dias são longos aqui. Meu cavalo morreu e era meu querido amigo. Penso em sua comida e imagino o que está fazendo. Acredito que em breve vou para casa. Tenho quase duzentos dólares em pó de ouro. Não é o tanto que eu esperava, mas está bom por ora. Como está minha irmã? Não sinto tantas saudades dela. Casou-se com aquele gordo? Espero que a tenha levado embora! O cheiro da fumaça está no meu nariz e eu não rio há muito, muito tempo. Mãe! Acho que vou embora daqui em breve.

*Com amor,
seu filho.*



Pensando nisso agora, acho que teria sido melhor se eu tivesse colocado a carta no correio. Mas, como falei, quando meu temperamento está agitado, tudo fica preto e estreito para mim e tais ideias nem passaram pela minha cabeça. É solitário pensar num esqueleto sem cabeça embaixo daquela água fria. Não me arrependo de termos matado o homem, mas eu gostaria de controlar mais minhas emoções. A perda de controle não me amedronta tanto quanto me embaraça.

Quando o prospector estava enterrado, Charlie e eu começamos a procurar ouro dele. Não foi difícil encontrar. Ele tinha enterrado a uns vinte metros do acampamento, marcado com um pequeno crucifixo feito de gravetos. Não parecia valer duzentos dólares, mas nunca tinha negociado com pó e pepitas, então não podia ter certeza. Dividimos meio a meio e eu coloquei minha parte numa velha bolsinha de tabaco que encontrei guardada na minha sela.

Charlie passou a noite no abrigo e eu também tentei, mas não consegui aguentar o cheiro, tanto do prospector morto quanto do cavalo, que tinha sido cortado, sua carne pendurada em cabos para secar no fundo da barraca. Prefiro dormir ao lado da fogueira em vez de lutar contra esses gases, sob as estrelas. Estava frio, mas Charlie não tinha o que eu chamo de “peso do inverno” – esfriava a pele, mas não seus músculos e ossos. Meu irmão saiu do abrigo meia hora depois do amanhecer, parecendo uma década mais velho e bastante mais sujo também. Ele bateu no peito para mostrar a nuvem de poeira que saía dele; decidi que era bom tomar um banho e encheu uma das panelas do prospector com água, colocando-a depois no fogo. Encontrou um ponto mais fundo no riacho, tirou a roupa e entrou, gritando alto por causa do frio. Eu me sentei na margem e vi como ele jogava água e cantava; não tinha bebido nada na noite anterior e não havia ninguém por perto para atrapalhar sua natureza volátil, e

acabei ficando todo emotivo por essa rara demonstração de felicidade inocente. Charlie tinha sido um jovem feliz, sempre cantando, antes de começarmos a trabalhar com o Comodoro, quando ele se tornou cuidadoso e duro, então era triste vê-lo brincando no rio, com as altas montanhas nevadas ao fundo. Ele estava revivendo seu Eu anterior, mas por pouco tempo, e eu sabia que em breve voltaria a sua atual encarnação. Ele correu nu até a margem, para ficar perto do fogo. Seus genitais estavam encolhidos e ele fez uma piada sobre como nadar sempre o lembrava de sua infância. Tirando a panela do fogo, jogou a água quente sobre sua cabeça, o que inspirou outra rodada de gritos alegres.

Depois do café, tirei vantagem do seu bom humor, convencendo-o a experimentar minha escova de dentes.

— É assim – falei. – Para cima e para baixo. Agora, dê uma boa esfregada na língua.

Respirando fundo, ele sentiu a menta em sua língua e ficou impressionado com a sensação. Devolvendo a escova e o pó, falou:

— A sensação é *realmente* muito boa.

— É o que falei.

— É como se toda minha cabeça estivesse limpa.

— Podemos conseguir uma escova para você em São Francisco.

— Acho que vamos ter de fazer isso.

Estávamos nos preparando para montar nossos animais quando vi o garoto e Lucky Paul surgirem do meio da floresta do outro lado do riacho. Ele tinha sangue fresco em todo o seu rosto e a sua cabeça, parecendo meio morto. Ele me viu e levantou a mão antes de cair do seu cavalo no chão, onde ficou imóvel. Lucky Paul não percebeu isso, e aproximou-se do rio para beber.

Nós enfiamos o garoto no riacho e ele acordou no ato. Estava feliz por nos ver, feliz quando o colocamos sentado.

— Nunca tinha entrado em água corrente antes – ele bateu no rosto com sua palma. – Meu *Deus*, está fria.

— O que aconteceu com você? – perguntei.

— Na entrada do bosque, encontrei um grupo de caçadores a cavalo, quatro deles, disseram que estavam procurando uma urso de pelo vermelho. Quando falei que não tinha visto a urso, eles me acertaram na cabeça com um porrete. Cai no chão e eles foram embora rindo. Depois que consegui me recuperar, subi de novo no velho Paul e ele me trouxe aqui, até vocês.

— Ele o trouxe até a água, isso sim – falou Charlie.

— Não – disse o garoto, acariciando o rosto de Lucky Paul. – Ele estava pensando em mim e fez o que era necessário.

— Você parece meu irmão e seu cavalo, Tub – disse Charlie, virando-se para mim. – Você e esse garoto deveriam se juntar e formar algum tipo de

comitê ou associação.

— Para onde foram esses homens? – perguntei ao garoto.

— Os Protetores de Animais Idiotas – disse Charlie.

— Ouvi quando falaram que estavam voltando para Mayfield – disse o rapaz.
— É uma cidade? Fico imaginando se é onde está meu pai.

— Mayfield é o chefão por aqui – expliquei, contando a Charlie o que o prospector tinha dito sobre a tarifa de cem dólares paga pelo couro do urso. Charlie disse que qualquer homem que pagasse tanto pela pele de um urso era um louco. O garoto, lavando o sangue do rosto e cabelo, disse que cem dólares comprariam tudo que ele precisava por toda a sua vida. Apontei para o acampamento do outro lado do riacho e falei que poderia usar o fogo e encontrar um abrigo temporário ali. Nesse momento, ele pareceu confuso.

— Achei que seguiria com vocês dois.

— Oh, não – falou Charlie. – Foi engraçado da primeira vez, mas esse é o fim.

— Agora que já cruzamos a passagem, Lucky Paul vai mostrar do que é capaz.

— Na última vez, ele era bom de colinas.

— Ele é excelente nas planícies.

— Não e não – disse Charlie.

O garoto apelou para mim com um olhar triste, mas eu falei que ele estava sozinho nessa. Começou a chorar e Charlie se aproximou para bater nele; eu segurei meu irmão e ele desistiu, voltando ao campo para empacotar as coisas. Não sei o que tinha o menino, mas era só olhar para ele e até eu queria dar um soco em sua cabeça. Era uma cabeça que convidava à violência. Agora ele estava chorando alto, com bolhas de muco escorrendo de seu nariz e era só uma bolha estourar na direita que outra se formava na esquerda. Expliquei que não tínhamos como cuidar de crianças, que nosso caminho era rápido e perigoso, um discurso provavelmente nem ouvido, já que o menino estava totalmente absorto em sua própria tristeza. Finalmente, com medo de que eu pudesse machucá-lo se não parasse de chorar, cruzei o riacho com ele até o acampamento do prospector e puxei a bolsinha de tabaco de minha sela. Mostrando o ouro, falei:

— Isso vai levá-lo para casa e para sua garota, se você conseguir evitar que sua cabeça seja arrancada de cima dos ombros. Há carne de cavalo ali. Sugiro que se alimente, também a Lucky Paul e descanse até a noite. Quando nascer o sol, quero que você volte, pelo mesmo caminho.

Entreguei a bolsinha e ele ficou ali olhando para sua palma. Charlie tinha visto a transação com o canto dos olhos e veio até perto de nós.

— O que você está fazendo? – perguntou.

— Está me dando isso? – falou o menino.

— O que você acha que está fazendo? – perguntou Charlie.

Falei para o menino:

— Volte até a passagem e continue até o norte. Quando chegar a Jacksonville, encontre o xerife e explique sua situação. Se achar que ele é confiável, peça para trocar seu pó por dinheiro.

— Ho, ho! – disse o menino, balançando a bolsa em sua mão.

— Sou contra isso – disse Charlie. – Você está jogando dinheiro fora.

— Foi dinheiro tirado do chão, quando nenhum de nós precisa dele – falei.

— Simplesmente tirado do chão, é isso? Mas acho que me lembro de algum elemento de trabalho envolvido além de cavar o chão.

— Bom, o menino fica com a minha parte, pelo menos.

— Quando é que minha parte entrou na conversa?

— Então não importa.

— Quem disse algo sobre isso?

— Não importa. – Voltando a me concentrar no garoto, falei: – Depois que o xerife acertar o valor do pó, quero que você compre roupas novas, que o façam parecer mais velho. Acho inteligente que você compre o maior chapéu que puder encontrar, que possa cobrir toda a sua cabeça. E vai precisar também de um novo cavalo.

— E o Lucky Paul? – perguntou o menino.

— Venda pelo preço que conseguir. Se não conseguir um comprador, meu conselho é que simplesmente o abandone.

O menino balançou a cabeça.

— Nunca vou me separar dele.

— Então nunca vai chegar em casa. Ele vai atrasá-lo até que seu dinheiro termine e os dois morram de fome. Estou tentando ajudá-lo, está entendendo? Se não me ouvir, vou tirar essa bolsinha de ouro de você.

O menino ficou em silêncio. Joguei alguma madeira no fogo e o instruí a secar suas roupas antes do pôr do sol. Ele tirou tudo, mas não pendurou sua roupa; ela ficou amontoada na terra e na areia, enquanto ele permaneceu na nossa frente, nu, cheio de petulância e derrota. Era uma criatura feia com suas roupas; pelado parecia um bode. Recomeçou a chorar, o que eu tomei como uma dica para cortar nossas conexões. Quando subi no Tub, desejei uma boa viagem ao garoto, mas eram palavras vazias, porque ele estava claramente fadado ao fracasso e era um erro dar aquele ouro a ele, mas eu não poderia recuperá-lo agora. Ele ficou ali, chorando e olhando enquanto nos afastávamos; atrás dele Lucky Paul entrava e colapsava na barraca do prospector, e eu pensei: *Aqui está outra imagem mental miserável que vou ter de catalogar e encontrar um lugar para guardar.*

Fomos para o sul. As margens eram de areia, mas duras, e cavalgamos bem nos dois lados do riacho. O sol subiu no alto das árvores e esquentou nossos rostos; a

água era transparente e trutas de noventa centímetros subiam o rio ou ficavam descansando na corrente lenta e preguiçosa. Charlie falou que estava impressionado com a Califórnia, que havia algo no ar, “uma energia fortuita”, foi a frase que usou. Eu não sentia isso, mas entendia o que ele queria dizer. Era o pensamento de que algo tão cênico como essa água corrente poderia oferecer não só conforto estético como também riquezas; o pensamento de que a Terra estava cuidando de você, estava a seu favor. Isso talvez tenha sido a base da histeria cercando o que veio a ser conhecido como a Corrida do Ouro: homens desejando um sentimento de fortuna; as massas azaradas querendo roubar ou emprestar a sorte dos outros, ou a sorte de um destino. Uma ideia sedutora, por isso precisava ser cuidadoso. Para mim, sorte era algo que você recebia ou inventava através da força do seu caráter. Era preciso chegar a ela honestamente; não dava para enganar ou blefar.

Mas aí, como se a Califórnia quisesse provar que eu estava errado nesse ponto, paramos para beber água quando a ursa de pelo vermelho saiu da floresta e caminhou até o riacho a uns trinta metros à nossa frente. Ela era grande e sua pele, que eu imaginei ser amarelo-escuro, era realmente vermelha, como uma maçã. Ela olhou para nós, sem prestar atenção e voltou a entrar na floresta. Charlie verificou seus revólveres e a seguiu; quando fiquei parado, ele perguntou o que eu estava esperando.

— Nem sabemos onde esse Mayfield vive – falei.

— Sabemos que ele vive descendo o rio.

— Estivemos descendo o rio a manhã toda. E se já passamos por ele? Não gosto da ideia de subir colinas e montanhas com um urso morto amarrado a meu cavalo.

— Mayfield só está atrás da pele.

— E qual de nós vai tirar a pele dela?

— Quem a derrubar, o outro tira a pele – falou, descendo de Nimble. – Você realmente não vem comigo?

— Não tenho motivos.

— Então é melhor preparar sua faca – ele falou, entrando na floresta. Eu fiquei parado, olhando as trutas que passavam e inspecionando o olho de Tub, cada vez pior, esperando que não ouvisse o barulho da arma de Charlie. Mas ele era bom rastreador e atirador, assim, quando seu revólver soou cinco minutos depois, aceitei meu destino e fui na direção do barulho com minha faca. Encontrei Charlie sentado perto do animal caído. Estava arfando e rindo, cutucando a barriga da ursa com sua bota.

— Sabe quanto são cem dólares? – ele perguntou. Disse que não e ele respondeu: – São cem dólares.

Virei a ursa de barriga para cima e enfiei minha faca no centro do seu peito. Sempre senti que os animais, por dentro, são sujos, mais do que o homem, algo

que não faz sentido, eu sei, quando se considera os venenos que colocamos em nosso corpo, mas não dava para escapar da sensação, e por isso eu relutava e ficava ressentido por ter de tirar a pele da ursa. Depois que Charlie recuperou o fôlego, ele saiu para procurar o acampamento do chefe Mayfield, dizendo que tinha visto uma série de trilhas há alguns quilômetros, saindo do riacho e indo para o oeste. Três quartos de hora depois, eu estava lavando a pele da ursa e o sangue grudado das minhas mãos e dos meus braços, com o couro escuro secando em cima de algumas samambaias. A carcaça estava de lado na minha frente, agora não mais masculina ou feminina, só uma pilha de carne e ossos, viva com um êxtase e uma comunidade de moscas que não parava de aumentar. O número crescia tanto que eu quase não conseguia ver a carne da ursa e não podia nem ouvir meus pensamentos, de tão forte que era o barulho. Por que e como as moscas fazem esse barulho? É como um grito para elas? Quando o barulho parou de repente, levantei a cabeça, esperando que as moscas tivessem ido embora e algum predador maior tinha aparecido, mas os insetos ainda estavam em cima da ursa, todos eles quietos e parados, menos suas asas, que se abriam e fechavam. O que causou esse silêncio? Nunca vou saber. O barulho recomeçou forte quando Charlie, de volta de sua busca, soltou um assobio estridente. Com isso, as moscas voaram da ursa como uma massa negra. Depois de ver a carcaça, meu irmão deu um grito feliz:

— Açougueiro de Deus. Você é a faca e a consciência do próprio Criador.

Nunca tinha visto tantas peles, cabeças, águias e corujas empalhadas num único lugar como no gabinete bem equipado do Sr. Mayfield, localizado no único hotel da cidade de Mayfield, que, sem surpresa, se chamava: Mayfield's. O homem estava sentado atrás de uma mesa e de uma cortina de fumaça de charuto. Sem saber o que fazíamos, nem quem éramos ou por que tínhamos vindo, ele não se levantou para nos cumprimentar, nem nos saudou verbalmente. Quatro caçadores que correspondiam com a descrição dada pelo garoto cabeçudo estavam de pé ao lado dele, dois de cada lado. Esses homens enormes nos olhavam plenamente confiantes e sem nenhum traço de preocupação. Eles me pareceram destemidos, mas pouco inteligentes, e suas roupas eram exageradas a ponto de serem ridículas, estavam fortemente cobertos de peles, couros, correias, revólveres e facas, tanto que me perguntava como eles conseguiam ficar retos carregando tamanho peso. O cabelo deles era comprido, liso e seus chapéus combinavam, mas de uma forma que eu nunca tinha visto antes: amplos, bordas moles, com o topo alto e pontudo. *Como é, pensei, que se parecem tanto se eles se vestem de forma tão excêntrica?* Claramente havia um entre eles que fora o primeiro a se vestir assim. Será que ele havia ficado feliz quando os outros o imitaram ou chateado com seu sentido de individualidade comprometido pela cópia?

A mesa de May field era a base de um pinheiro moderadamente grande, talvez um metro e meio de diâmetro e uns dez ou doze centímetros de grossura, com a casca intacta. Quando estiquei a mão para tocar o anel mais externo, May field falou suas primeiras palavras:

— Não toque aí, filho.

Encolhi o braço e fiquei envergonhado com a bronca. Para Charlie, ele explicou:

— As pessoas adoram arrancar a casca. Isso me deixa louco.

— Não ia arrancar, só tocar – falei, uma declaração que efetivamente duplicou meu desconforto com aquele tom maldoso. Decidi que a mesa era o móvel mais estúpido que já tinha visto.

Charlie entregou a pele da urso e o rosto de May field se transformou de uma expressão de aparente indignação para a de um garoto vendo uns seios nus pela primeira vez.

— Ah! – ele gritou. – Ahá!

Havia três sinos de latão na mesa dele, idênticos a não ser pelo tamanho: pequeno, médio e grande; ele tocou o menor, que chamou uma velha do hotel. Disse à mulher para pendurar a pele na parede atrás dele e ela a desenrolou com um movimento brusco. Mas como eu não tinha conseguido limpar bem a pele, isso mandou glóbulos vermelhos de gordura e sangue voando pela sala. Terminaram na vidraça da janela e May field, com cara de desgosto, pediu que ela limpasse a pele. A mulher a enrolou e saiu, olhando para o chão.

Os caçadores, enquanto isso, tinham ficado descontentes por termos usurpado sua glória com a urso e estavam se preparando, senti, para exibir toda a sua indelicadeza. Para impedir isso, eu nos apresentei, Charlie e eu, nomes completos, o que os silenciou. *Agora eles vão nos odiar com mais virulência, mas secretamente*, pensei. Charlie gostou desses homens e não pôde deixar de fazer um comentário.

— Parece que vocês quatro estão envolvidos em algum tipo de concurso para se tornar completamente circular, é isso?

May field riu disso. Os caçadores olharam um para o outro, descontentes. O maior do grupo falou:

— Você não conhece os costumes daqui.

— Se fosse ficar, você também acha que eu chegaria à proporção física de um búfalo?

— Você planeja ficar?

— Estamos só de passagem, por ora. Mas gosto de conhecer um lugar muito bem, então não se surpreenda se me encontrar na viagem de volta.

— Nada nesse mundo poderia me surpreender – disse o caçador.

— Nada? – Charlie perguntou e piscou para mim.

May field mandou seus homens embora. Quando escureceu, ele pediu que a

sala fosse iluminada. Isso foi feito tocando o sino médio, que produziu um tom diferente e chamou outro ser humano, um menino chinês de uns onze ou doze anos; ficamos vendo enquanto ele acendia cada uma das velas com admirável precisão e sem perder meio segundo.

— Ele se move como se sua vida dependesse disso – falou Charlie.

— Não a dele, a de sua família – falou May field. – Está economizando para trazê-los da China. Irmã, mãe e pai – um aleijado pelo que sei, apesar de que, para dizer a verdade, não entendo metade do que ele fala. O bastardo cumpre sua missão direito, no entanto.

Quando o jovem terminou, a sala estava banhada de luz e ele parou na frente de May field, tirou seu chapéu de seda e fez uma reverência. May field bateu palmas e falou:

— Agora, dance, china!

Com essas palavras, o garoto começou a dançar como um selvagem e sem graça, parecendo alguém forçado a ficar descalço em cima de carvão quente. Era uma coisa horrível de ver e, se eu já não tivesse formado uma opinião na minha mente sobre May field, a questão estaria decidida agora. Quando ele bateu as mãos pela segunda vez, o garoto ficou de quatro, arquejando e esperando. Algumas moedas foram jogadas no chão e o garoto as recolheu com seu chapéu. Ele se levantou e fez outra reverência, saindo sem fazer nenhum ruído.

A velha logo voltou com a pele vermelha, agora limpa e montada numa espécie de mostrador, para esticá-la, algo como um grande bumbo deitado. Ela puxou esse aparato desajeitado pela porta; levantei-me para ajudá-la e May field mandou, um pouco seco demais, que eu me sentasse.

— Deixe que ela faz isso – falou.

Ela arrastou o mostrador até uma ponta da sala onde todos poderíamos estudar a estranha cor da urso. A velha limpou a testa e saiu da sala.

— A mulher é muito velha para essas tarefas – falei.

May field balançou a cabeça.

— Ela é um dinamo. Tentei passar trabalhos mais leves e simples, mas ela não quis saber. Gosta disso, para falar a verdade.

— Não consegui ver todo esse prazer nela. Mas talvez seja do tipo quieto, que não se abre com estranhos.

— Meu conselho é que não se preocupe mais com isso.

— Não diria que estou preocupado, para dizer a verdade.

— Você está me cansando.

— Sobre nosso pagamento por essa pele – falou Charlie.

May field ficou me olhando por um momento, depois se virou para Charlie. Ele jogou cinco águias duplas sobre a mesa, e Charlie as pegou. Entregou-me duas moedas e eu as peguei. Decidi que ia gastar o dinheiro de forma ainda mais irresponsável do que o normal. *O que seria o mundo, pensei, sem dinheiro*

pendurado ao redor de nosso pescoço, ao redor de nossa própria alma?

May field se levantou e tocou o terceiro e maior sino. Ouvimos passos rápidos no corredor e estava meio preparado para que os caçadores entrassem e nos atacassem. Em vez disso, a sala se encheu de prostitutas pintadas, sete, cada uma delas com cachos e laços, todas já bêbadas. Elas começaram a se apresentar para nós, recriando-se como curiosas, amorosas etc. Uma delas achou que era prudente falar como um bebê. Achei a presença delas deprimente, mas Charlie ficou animado e dava para ver que seu interesse em May field estava crescendo. Percebi que, ao olhar para esse chefe, estava testemunhando a personificação terrena do futuro de Charlie, ou suposto futuro, porque o nosso sempre estava sob ameaça; e era verdade, assim como o prospector morto havia dito, que Charlie e May field tinham alguma semelhança, apesar de que o segundo era mais velho, mais pesado e bem mais bêbado. Mas, da mesma forma como eu queria a solidão organizada de um comerciante, Charlie desejava os dias de contínua excitação e violência, exceto que ele não mais faria aquilo pessoalmente, mandaria detrás de uma parede de soldados bem servidos, enquanto permanecia em salas perfumadas onde mulheres desnudas serviam suas bebidas e engatinhavam no chão como crianças histéricas, as costas nuas, tremendo com risos, conhaque e desonestidade. May field deve ter pensado que eu agia sem entusiasmo suficiente, porque me perguntou, num tom abusado:

— Você não gosta das mulheres?

— As mulheres são ótimas, obrigado.

— Talvez seja o conhaque que o faz virar os seus lábios quando você fala?

— O conhaque também está ótimo.

— Está muito esfumaçado aqui, não é? Quer que abra a janela? Gostaria de um ventilador?

— Tudo está ótimo.

— Talvez seja costume de onde você vem tratar seu anfitrião mal assim – virando-se para Charlie, ele falou: – Devo admitir que não gostei de Oregon City quando a visitei.

— O que foi fazer em Oregon City? – perguntou Charlie.

— Sabe, não consigo me lembrar exatamente. Naqueles dias jovens, seguia uma ideia louca atrás da outra, e meu propósito era geralmente pouco claro. Mas Oregon City era um lugar perdido. Fui roubado por um homem que mancava. Nenhum de vocês manca, não é?

— Você nos viu entrar – falei.

— Não estava prestando atenção – meio sério, ele perguntou: – Vocês dois não se recusariam a se levantar e bater os calcanhares para mim?

— Eu me objetaria muito a isso – falei para ele.

— Somos bem saudáveis das pernas – disse Charlie.

— Mas não bateriam os calcanhares? – ele me perguntou.

— Prefiro morrer a bater meus calcanhares para você.

— Ele é o hostil – disse May field para Charlie.

— A gente reveza – disse Charlie.

— De qualquer forma, eu prefiro você.

— O que fez esse manco? – perguntou Charlie.

— Ele levou uma bolsa de ouro que valia vinte e cinco dólares, e um revólver Paterson Colt com cabo de marfim que não tinha preço. O nome do *saloon* era o Pig-King. Vocês o conhecem? Não me surpreenderia se não estivesse mais ali, do jeito que essas cidades crescem e desaparecem.

— Ainda está ali – disse Charlie.

— O homem que me roubou tinha uma faca com lâmina meio gancho, como uma pequena foice.

— Oh, você está falando de Robinson – disse Charlie.

May field se sentou.

— O quê? Você conhece o homem? Tem certeza?

— James Robinson – ele assentiu.

— O que você está fazendo? – perguntei. Charlie esticou a mão e deu um beliscão na minha coxa. May field, mexendo em seu tinteiro, escrevia o nome.

— Ele ainda vive em Oregon City? – perguntou.

— Vive, sim. E ainda leva a mesma faca curva que usou para roubá-lo.

Estava manco, mas era um machucado temporário que já se curou, mas você o encontrará sentado no King, como antes, fazendo piadas que ninguém acha engraçadas e que, na verdade, quase nunca fazem sentido.

— Pensei nesse homem muitas vezes nesses últimos anos – disse May field. Colocando de volta sua caneta no porta-tinteiro, ele nos contou: – Vou fazer com que seja morto com aquela faca. Vou pendurá-lo pelos próprios intestinos.

Nessa parte da dramática exposição, não pude deixar de girar os olhos. Os intestinos não conseguiriam aguentar o peso de uma criança, muito menos de um homem. May field pediu licença para ir ao banheiro; nos trinta segundos que ficou fora, meu irmão e eu tivemos uma discussão rápida e sussurrada:

— O que você está fazendo, entregando Robinson dessa forma?

— Robinson morreu de tifo há seis meses.

— Como? Tem certeza?

— Claro que tenho. Visitei sua viúva na última vez que estivemos na cidade. Sabia que ela tem dentes falsos? Quase morri de rir quando ela os colocou num copo com água.

Uma prostituta passou por ele, tocando seu queixo; ele sorriu para ela e me perguntou, distraído.

— O que você acha de passar a noite aqui?

— Prefiro continuar. Você vai ficar mal de manhã e a gente vai perder outro dia de viagem. Além do mais, haverá problema com May field.

— Se houver problema, será para ele, não para nós.

— Problema é problema. Sou a favor de continuar.

Ele balançou a cabeça.

— Desculpe, irmão, mas o moleque aqui vai para a guerra essa noite.

Mayfield saiu do banheiro, abotoando as calças.

— O que é isso? Nunca imaginaria que os famosos irmãos Sister gostavam de segredinhos.

As prostitutas, como gatos, circulavam na sala atrás de nós.

Charlie tinha bebido três copos de conhaque e seu rosto estava assumindo a conhecida cor vermelha que indicava o início de uma bebedeira. Ele começou a fazer perguntas a Mayfield sobre seus negócios e sucessos, num tom diferente, que eu não gostava de ver meu irmão usando. Mayfield respondeu às perguntas vagamente, mas deduzi que teve um golpe de sorte e agora estava gastando seus lucros dourados o mais rapidamente possível. Fiquei cansado dos gracejos e fui me embebedando em silêncio. As mulheres continuavam a vir me provocar, sentando-se no meu colo até que meu órgão ficou duro, depois riam para mim e iam para meu irmão ou Mayfield. Lembro-me de ter levantado para corrigir e redobrar o apêndice inchado e notei que tanto meu irmão quanto Mayfield estavam duros também. O grupo de cavalheiros civilizados de sempre, sentado num círculo para discutir os eventos do dia com ereções trêmulas. Quando o conhaque tomou conta da minha mente, não conseguia mais ver uma garota em particular; suas risadas e perfumes se borravam num buquê espantoso que eu achei ao mesmo tempo sedutor e nojento. Mayfield e Charlie estavam envolvidos numa conversa, mas na verdade conversavam sozinhos e só queriam ouvir suas próprias palavras e vozes: Charlie gozou da minha escova de dentes; Mayfield desmascarou o mito da vara divina. Continuaram assim, até que eu desprezei os dois. Pensei: *quando um homem está tão bêbado assim é como se estivesse num quarto sozinho* – há uma separação física e impenetrável entre ele e seus colegas.

Outro conhaque, depois outro, então notei uma nova mulher no canto do salão, parada sozinha numa janela. Era mais pálida e não tão carnuda quanto as demais, seus olhos brilhavam de preocupação ou falta de sono. Apesar de seu aspecto doentio, era uma verdadeira beleza, com olhos cor de jade e cabelo dourado até as costas. Encorajado pelo conhaque e pela estupidez que o acompanhava, olhei para ela até que não pôde evitar devolver meu olhar, quando me ofereceu um sorriso de lástima. Pisquei para ela e sua lástima duplicou. Ela cruzou o salão para ir embora, mas a cada passo seus olhos permaneciam fixos em mim. Ela saiu do quarto e fiquei olhando para a porta, que ela tinha deixado entreaberta.

— Quem era aquela? – perguntei a Mayfield.

— Quem era quem? — ele falou.

— Quem é o quê? — disse Charlie e as prostitutas todas riram.

Deixei o salão e encontrei a mulher fumando um cigarro no corredor. Ela não ficou surpresa por eu a seguir, o que não quer dizer que estava feliz. Era provável que cada vez que saísse da sala, algum homem a seguisse, e com o tempo tenha se acostumado a isso. Fui tirar meu chapéu, mas não estava na minha cabeça. Falei para ela:

— Não sei você, mas já me cansei daquela sala.

Ela não respondeu nada.

— Meu irmão e eu vendemos a Mayfield uma pele. Agora estamos obrigados a nos sentar e ouvir seus exageros e suas mentiras.

Ela continuou só olhando, a fumaça saindo de sua boca, um sorriso desdenhoso em seus lábios e eu não pude decifrar seus pensamentos.

— O que você faz aqui? — perguntei.

— Vivo aqui. Sou a guarda-livros do Sr. Mayfield.

— Você dorme num quarto de hotel ou é diferente?

Pensei: *este é precisamente o tipo errado de pergunta a fazer, e estou perguntando só por causa do conhaque*. Pensei: *pare de beber conhaque!* Felizmente, a mulher não tinha problema com isso.

— Meu quarto é comum. Mas às vezes vou dormir num vazio, só para me divertir.

— Qual é a diversão? — perguntei. — Não são todos iguais?

— São os mesmos aparentemente. Mas as diferenças na realidade são significativas.

Não sabia o que falar em resposta, mas o conhaque me obrigava a tagarelar e eu estava abrindo minha mandíbula para fazer isso quando algum profundo raciocínio tomou conta de mim e fechei minha boca, mantendo meu silêncio. Estava me parabenizando internamente quando a mulher começou a procurar um lugar para colocar seu cigarro. Eu me voluntariei para jogá-lo fora e ela colocou a bituca na minha palma. Apaguei-o entre meus dedos enquanto olhava friamente para a mulher, esperando, acho, mostrar minha resistência à dor, que sempre foi absurdamente alta: pare de beber conhaque! Coloquei as cinzas e o papel chамuscado no bolso. A atenção da mulher continuou distante, apartada.

— Não dá para saber nada sobre você, madame.

— O que isso quer dizer?

— Não consigo saber se você está feliz, triste, brava ou como está.

— Estou doente.

— Como assim, doente?

Ela tirou do bolso do vestido um lenço com marcas de sangue seco, exibindo isso com uma alegria macabra. Mas eu não aceitei e na verdade fiquei ultrajado com a visão das manchas. Sem pensar direito, perguntei se ela estava morrendo.

Sua expressão ficou triste e eu comecei a me desculpar:

— Não responda isso. Eu bebi muito. Vai me perdoar? Por favor.

Ela não falou nada, mas não parecia ter ficado brava e decidi continuar como se não tivesse falado nenhuma asneira. Disse o mais casual possível:

— Para onde você está indo agora, posso perguntar?

— Não pensei em nada. Não há outro lugar para ir à noite além deste hotel.

— Bom – falei, com um barulho da língua –, parece que você estava esperando por mim aqui fora.

— Não estava, não.

— Você deixou a porta aberta, para que eu pudesse segui-la.

— Não deixei, não.

— Acho que provavelmente deixou.

Ouvi um barulho no corredor; a mulher e eu nos viramos para encontrar um dos caçadores parado no alto da escada. Ele esteve nos escutando e sua expressão era pouco amigável.

— É melhor você ir para seu quarto agora – ele falou para ela.

— Desde quando isso é problema seu? – ela perguntou.

— Não trabalho para o homem?

— E eu não? Estou conversando com um convidado dele.

— Haverá problemas se você continuar.

— Problemas com quem?

— Você sabe. Com ele.

— Você – falei para o caçador.

— O quê?

— Vá embora daqui.

O homem parou, alisou sua barba negra, coçou o rosto e o queixo. Virou-se e desceu a escada; a mulher falou para mim:

— Ele fica me seguindo pelo hotel. Preciso trancar minha porta à noite.

— Mayfield é seu homem, não é?

Ela apontou para o salão cheio de prostitutas.

— Ele não tem uma mulher.

Como minha expressão mostrava que sua resposta não tinha sido completa, ela acrescentou:

— Mas não, não estamos conectados. Já estivemos, talvez, de alguma forma.

De trás das portas, eu podia ouvir meu irmão rindo alto. Charlie tinha uma risada que não parecia muito inteligente. Era um zurro, na verdade.

— Esta cidade está me deixando uma má impressão – falei.

A mulher deu um passo na minha direção. Estava se aproximando para me beijar? Mas não, ela só tinha um segredo para me contar:

— Ouve aquele caçador e os outros falando sobre você e seu irmão. Eles têm alguns planos contra vocês. Não conseguem entender, exatamente, mas eles bebem

todas as noites, e hoje não. Vocês deviam tomar cuidado.

— Eu já bebi muito conhaque para ser cuidadoso.

— Então você deveria voltar para sua festa. Ficar perto de May field seria o melhor, acho.

— Não, não posso ficar nem mais um minuto ali dentro. Só quero dormir.

— Onde May field o colocou?

— Ele não me colocou em nenhum lugar.

— Vou encontrar um local seguro – ela falou e me levou até o fim do corredor, onde abriu uma porta com uma chave tirada de seu bolso. Ela fez isso com cuidado, sem barulho, e eu me peguei imitando seus cautelosos passos. Entramos no quarto escuro e ela fechou a porta atrás de nós. Ela me colocou encostado numa parede e falou para esperar enquanto procurava uma vela. Não podia enxergá-la, mas ouvia seus movimentos – seus passos, suas mãos abrindo algumas gavetas e procurando em cima das mesas; achei isso muito simpático, sua proximidade, sua preocupação e eu sem saber o que ela estava fazendo. Decidi que gostava dela; estava grato por ela estar devotando tempo e se preocupando comigo e pensei: *não preciso de muito para me sentir contente.*

Ela acendeu uma vela e abriu as cortinas para que a luz da lua entrasse. Era um quarto de hotel como qualquer outro, só que havia poeira e um ar de velharia. Ela me explicou:

— Este está sempre vazio porque a chave estava perdida e May field é muito preguiçoso para chamar um chaveiro. Mas a chave não sumiu, eu a roubei. Venho aqui às vezes, quando quero ficar sozinha.

Assentindo polidamente, falei:

— É, bom. É bastante óbvio que você está apaixonada por mim!

— Não – ela disse, vermelha. – De jeito nenhum.

— Dá para ver. Totalmente apaixonada, sem forças para esconder. Não deveria se sentir tão mal por isso, já aconteceu antes. Parece que, sempre que pego a estrada, vem uma mulher na minha direção com os olhos cheios de paixão e ansiedade.

Pulei na pequena cama, rolando no colchão. A mulher estava espantada comigo, mas não tanto que quisesse ficar mais tempo, e foi até a porta, para sair. Eu me virei de um lado para o outro e a cama fez os barulhos de sempre.

— Você deveria parar de rolar na cama – ela falou. – Os quartos dos caçadores ficam bem abaixo de nós.

— Oh, pare de falar neles. Não me importa e não há nada que possam fazer comigo.

— Mas eles são assassinos – ela sussurrou.

— Eu também! – sussurrei de volta.

— O que você quer dizer?

Houve algo naquele olhar em seu rosto, sua palidez e incerteza, que me

deixou louco e fui tomado por um tipo de crueldade ou selvageria. Parado, gritei:

— A morte persegue todos nós na Terra!

Essas palavras vieram não sei de onde e me inspiraram terrivelmente; eu me afastei da cama, peguei meu revólver e atirei no chão. O tiro saiu terrivelmente alto; rebotou nas paredes e encheu o quarto de fumaça; a mulher, horrorizada, se virou e me deixou, trancando a porta com a chave. Atravessei o quarto e a abri de forma violenta, sentando-me de volta na atormentada cama, os revólveres prontos, engatilhados e apontados. Meu coração estava batendo forte e eu esperava uma briga final, mas depois de cinco minutos meus olhos começaram a ficar pesados. Depois de dez minutos, decidi que os caçadores não tinham ouvido o tiro. Não estavam no quarto ou eu havia atirado num quarto que não era o deles. Desisti de minha aventura mortal. Escovei os dentes e fui dormir.

Estava ensolarado pela manhã e a janela aberta trazia um ar frio a meu rosto. Estava deitado na cama, vestido, e a porta estava fechada e trancada. A guardalivros tinha voltado à noite para me proteger? Ouvi uma chave na fechadura e ela entrou, sentando-se na ponta da cama e sorrindo. Perguntei por Charlie e ela disse que estava bem. Convidou-me para ir caminhar com ela e, apesar de ainda parecer meio morta, tinha um doce perfume, era muito bela e parecia não estar infeliz com a visita. Levantando da cama, andei até a janela e me encostei nela, olhando para a estrada que saía do hotel. Homens e mulheres passavam por ali, dando bom-dia, fazendo reverências e tirando o chapéu. A mulher limpou a garganta e disse:

— Ontem à noite, você disse que não me entendia. Agora, eu estou pensando o mesmo de você.

— O que você quer dizer?

— Para começar, por que droga você atirou no chão?

— Estou envergonhado por isso – admiti. – Desculpe por ter assustado você.

— Mas por que você fez isso?

— Às vezes, se bebo muito e estou me sentindo triste, uma parte de mim quer morrer.

Quem é que está mostrando suas manchas de sangue agora?, pensei.

— Por que estava se sentindo triste?

— Por que as pessoas se sentem assim? Isso acontece apenas de vez em quando.

— Mas você estava feliz num momento, depois não estava mais.

Dei de ombros. Na estrada, vi um homem que era conhecido, mas não conseguia determinar de onde. Sua carroça estava pesada e andava com dificuldades, sua marcha parecia sem objetivo, como se ele não tivesse nenhum destino em mente.

— Conheço aquela pessoa – falei, apontando. A mulher veio até meu lado,

mas o homem já estava fora da nossa visão. Arrumando seu vestido, ela perguntou:

— Quer vir caminhar comigo ou não?

Usei um pouco de pó para os dentes e ela me levou pelo corredor segurando meu braço. Quando passamos pela porta aberta do salão de May field, vi o chefe dormindo com a cara apoiada sobre a mesa, cabeça e braços descansando entre a bagunça de garrafas, cinzas de charutos e os três sinos. Havia uma prostituta grande e pelada deitada de costas no chão, ao lado dele. Seu rosto estava virado e parei para olhar seu corpo adormecido, peitos e estômago subindo e descendo com a respiração. Aqui estava a foto da negligência moral e me encontrei espantado pela visão de seus genitais, os pelos emaranhados e curtos. Percebi que meu chapéu estava pendurado num chifre de veado na parede do fundo e cruzei o grande salão para recuperá-lo. Após pegá-lo, estava saindo, limpando as cinzas do chapéu, quando tropecei e caí no chão. Tinha caído sobre o aparelho de esticar pele, que agora estava sem a pele vermelha. Ela não havia sido desamarrada, mas cortada de forma rápida e indelicada. Olhei para a guardalivros parada no batente da porta; seus olhos estavam fechados e ela girava a cabeça em pequenos círculos. Pensei que ela estava presa sob o peso de sua carga.

A estrada tinha virado lama e poças profundas, e para cruzar éramos forçados a ficar pisando em uma série de tábuas de madeira. A mulher gostava disso e seu riso era claro e gostoso de manhã. *Sua risada, esse ar frio e fresco*, pensei, *são a mesma coisa acolhedora e purificadora para mim*. É estranho pensar que isso me parecia uma aventura, eu que já tinha passado por tantas aventuras verdadeiras, mas lá estava, segurando sua mão e apontando o caminho pelas pranchas balançantes; a náusea era sempre iminente, mas isso só tornava o evento muito mais cômico e, portanto, feliz. Quando chegamos ao outro lado da estrada, minhas botas estavam cobertas de lama, mas as delas não tinham nenhuma mancha e por isso falou: “Obrigada”. Instalados em segurança na calçada de madeira seca, ela agarrou meu braço por uma meia dúzia de passos, depois se separou de mim para arrumar seu cabelo. Não acho que havia alguma necessidade precisa para ela se separar, nem que isso havia sido feito em nome do bom gosto e dos princípios. Acredito que ela gostava da necessidade do meu braço e queria segurá-lo por mais tempo. Essa era minha impressão esperançosa.

— Como é trabalhar para May field? – perguntei.

— Ele me paga bastante bem, mas é difícil aguentá-lo, sempre querendo mostrar que está certo. Era um bom homem antes de seu golpe de sorte.

— Ele parece estar gastando tudo bem rápido. Talvez volte a ser o primeiro homem quando tudo terminar.

— Ele vai mudar, mas não voltará a ser o primeiro homem. Vai se tornar o terceiro homem e acho que ainda será menos agradável do que o segundo – fiquei em silêncio e ela acrescentou: – Sim, não há nada a ser dito sobre isso.

Passou um momento e ela voltou a segurar meu braço. Eu me senti orgulhoso e minhas pernas caminharam confiantes.

— Como é que minha porta estava trancada essa manhã? Você voltou mais tarde para me visitar?

— Você não se lembra? – ela perguntou.

— Desculpe, mas não.

— Isso me deixa muito infeliz.

— Vai me explicar o que aconteceu?

Ela pensou um pouco e disse:

— Se você quer realmente saber, vai ter de forçar suas lembranças.

Pensando em algo, ela riu mais uma vez e o som era lindo como um diamante.

— Sua risada é como água fresca para mim – falei.

Senti meu coração bater mais rápido ao falar essas palavras e não teria sido difícil chegar às lágrimas: estranho.

— Você ficou muito sério de repente – ela me falou.

— Não foi nada – respondi.

Chegando à saída da cidade, cruzamos outra linha de tábuas e voltamos na direção do hotel. Pensei em meu quarto, na cama em que tinha dormido; imaginei minha forma sobre os lençóis. Lembrando então, falei:

— É o homem aos prantos!

— Quem? – perguntou a mulher. – O quê?

— A pessoa que vi da janela e falei que era familiar? Eu o conheci em Oregon há algumas semanas. Meu irmão e eu estávamos saindo de Oregon City e cruzamos com um homem solitário puxando um cavalo. Estava muito chateado, mas não aceitou nossa ajuda. Sua tristeza era muito profunda e o deixava meio insensato.

— Será que a sorte dele mudou completamente?

— Parece que não.

— Pobre alma.

— Ele parecia um histérico andando a pé.

Uma pausa e ela soltou meu braço.

— Na noite passada, você mencionou algum trabalho importante em São Francisco – ela falou.

Assenti.

— Estamos atrás de um homem chamado Hermann Warm que, dizem, vive ali.

— O que isso quer dizer? Atrás dele?

— Ele fez algo incorreto e fomos contratados para fazer justiça.

— Mas vocês são homens da lei?

— Somos o oposto dos homens da lei.

Seu rosto ficou pensativo.

— Esse Warm é realmente um homem mau?

— Não sei. É uma questão imprecisa. Dizem que é um ladrão.

— O que ele roubou?

— O que as pessoas normalmente roubam. Dinheiro, provavelmente – mentir assim me deixou mal e procurei ao redor algo para olhar e encontrar alguma distração, mas não consegui achar nada. – Honestamente, na verdade, ele provavelmente não roubou um centavo – seus olhos se abaixaram e eu ri um pouco. – Não me surpreenderia nada se ele fosse perfeitamente inocente – completei.

— E você sempre vai atrás de homens que podem ser inocentes?

— Há poucas coisas típicas na minha profissão – de repente, não queria mais falar sobre aquele assunto. – Não quero mais falar nisso.

Ignorando essa declaração, ela perguntou:

— Você gosta desse trabalho?

— Cada trabalho é diferente. Alguns eu vejo como escapadas singulares. Outros foram um inferno – dei de ombros. – Você coloca um preço em tudo, dá um tipo de respeito. De alguma forma, acho que parece significativo ter algo tão grande quanto a vida de um homem sob minha responsabilidade.

— A morte de um homem – ela corrigiu.

Não estava certo se ela havia entendido qual era a minha posição. Fiquei aliviado em saber que entendia – que eu não precisava contar.

— Como você quiser colocar – falei.

— Nunca pensou em parar?

— Já quis – admiti.

Ela pegou no meu braço de novo.

— Que tal depois de resolver com esse homem, Warm? O que vai fazer?

— Tenho uma casinha nos arredores de Oregon City que divido com meu irmão. A terra é boa, mas a casa está apertada e mal construída. Gostaria de me mudar, mas nunca encontro tempo para procurar por outro lugar. Charlie tem muitos amigos repugnantes. Não possuem nenhum respeito pelas horas tradicionais de sono – mas a mulher foi ficando inquieta com minha resposta e falei: – Por que está me perguntando isso?

— Minha esperança era vê-lo novamente.

Meu peito se encheu, confuso, e pensei: *sou um estúpido*.

— Sua esperança será cumprida – prometi.

— Se você for embora, acho que não o verei mais.

— Vou voltar, dou minha palavra.

A mulher não acreditou em mim, entretanto, ou só acreditou parcialmente.

Olhando diretamente para mim, pediu que eu tirasse meu casaco, o que fiz, e ela arrancou um pedaço de seda azul de sua roupa. Amarrou a faixa em meu ombro, prendendo com um nó apertado e depois se afastando para me olhar. Estava muito triste e linda, seus olhos úmidos e pesados. Coloquei minhas mãos sobre o material, mas não consegui pensar em nada para dizer.

— Você deve sempre usar isso assim – ela falou – e quando olhar, vai se lembrar de mim e lembrar sua promessa de voltar aqui – depois, começou a limpar o tecido. – Isso vai deixar seu irmão com ciúmes?

— Acho que ele vai querer saber o que é.

— É um ótimo tecido, não?

— Muito brilhante.

Abotoei meu casaco para cobri-lo. Ela se aproximou e me abraçou, descansando seu rosto sobre meu coração, ouvindo minhas loucas batidas. Depois disso, ela se despediu, se virou e desapareceu dentro do hotel, mas antes coloquei os quarenta dólares de Mayfield em seu bolso. Falei que a veria ao voltar, mas ela não respondeu e fiquei sozinho, meu pensamento muito longe, desaparecendo. Não queria entrar, queria continuar caminhando ao ar livre. Espiei uma linha de casas saindo da rua principal e caminhei na direção delas.

INTERVALO

Encontrei uma menina de sete ou oito anos, muito bem-vestida, do chapéu ao sapato, e parada sem se mexer em frente a um jardim com cerca, em uma casa recentemente pintada. Ela olhava para a propriedade de um jeito que demonstrava desgosto ou maldade – sua sobranceira estava levantada, suas mãos fechadas e ela chorava, não com força, mas calmamente e sem fazer nenhum som. Quando me aproximei e perguntei qual era o problema, ela me contou que havia tido um pesadelo.

— Justo agora você teve um pesadelo? – perguntei, porque o sol estava bem alto no céu.

— À noite. Mas tinha me esquecido dele até agora pouco, quando aquele cachorro me fez lembrar – ela apontou para um cachorro gordo, dormindo do outro lado da cerca. Fiquei espantado quando espiei o que parecia ser a perna do cachorro esticada independentemente do corpo, mas depois de inspecionar melhor, vi que era o fêmur de uma ovelha ou bezerro, para o cachorro morder. Ainda tinha alguma carne e cartilagem, o que dava uma aparência carnosa. Sorri para a garota.

— Achei que era a perna do cachorro – falei.

A garota limpou as lágrimas de seu rosto.

— Mas é a perna do cachorro.

Neguei com a cabeça e apontei:

— A perna do cachorro está enfiada embaixo dele, está vendo?

— Você está errado. Olhe isso.

Ela assobiou e o cachorro acordou e ficou de pé. Descobri que ele realmente não tinha a perna perto do osso no chão, só que a pele já tinha sarado. Era uma ferida de muitos anos e apesar de ter ficado confuso, continuei:

— Aquilo no chão é o fêmur de uma ovelha e não do cachorro. Não vê que o animal sofreu sua perda há algum tempo e que não sente dor?

A declaração deixou a menina com raiva, e agora ela me olhava com a mesma maldade que havia dedicado à casa.

— O cachorro *sente* dor – ela insistiu. – O cachorro está sentindo muita dor!

A violência de suas palavras e de seu temperamento me pegou de surpresa; eu me percebi dando um passo para trás.

— Você é uma garota muito peculiar – falei.

— É uma época peculiar na Terra – ela respondeu.

Eu não soube o que falar. De toda forma, era uma declaração muito verdadeira. A garota continuou, sua voz agora doce e inocente:

— Mas você não perguntou sobre meu sonho.

— Você falou que tinha a ver com o cachorro.

— O cachorro era só uma parte dele. Tinha também a ver com a cerca, a casa e você.

— Eu estava no seu sonho?

— Havia um homem nele. Um homem que eu não conhecia e do qual não gostava.

— Ele era um bom homem ou um mau homem?

Ela falou num sussurro:

— Era um homem protegido.

Pensei de repente na bruxa-cigana, na porta e no colar:

— Como ele era protegido? – perguntei. – Protegido do quê?

Mas ela não respondeu minha pergunta.

— Eu estava andando até aqui para ver esse cachorro, que eu odeio. E quando entrei para matá-lo com veneno, apareceu nesse jardim, bem na minha frente, uma nuvem do tamanho de um punho, cinza e preta girando. Ela foi ficando maior e chegou a meio metro, um metro, depois três metros, logo era do tamanho da casa. E eu sentia o vento que os giros produziam, um vento frio, tão frio que queimava meu rosto – ela fechou os olhos e levantou a cabeça, como se lembrasse a sensação.

— Que tipo de veneno você deu ao cachorro? – perguntei, porque percebi que sua mão direita tinha resíduos de grãos negros em cima do pulso.

— A nuvem foi ficando cada vez maior – continuou a terrível garota, sua voz se tornando mais alta e ela, mais agitada. – Ela me levantou até seu centro, onde fiquei pendurada no ar, girando em círculos. Acho que teria sido até calmo se o

cachorro de três patas, agora morto, não estivesse também girando dentro do globo ao meu lado.

— Foi um sonho bem estressante, garota.

— O cachorro de três pernas, agora morto, girando dentro do globo ao meu lado! – ela bateu palmas uma vez, virou-se abruptamente e me deixou ali parado, pasmo e bastante nervoso.

Pensei que gostaria de ter uma companhia confiável. A garota tinha virado a esquina antes de eu olhar de novo para o cachorro que mais uma vez estava deitado no chão, uma espuma escorrendo de sua boca, o peito sem se mexer, mortinho da silva. Quando as cortinas da casa se mexeram, eu me virei e fui embora tão rápido quanto a garota, mas na direção oposta, e não olhei para trás. Estava na hora de dizer adeus para May field por ora. E já ia tarde!

FIM DO INTERVALO

Passando pelo salão de May field olhei para dentro e vi que tanto ele quanto a mulher nua tinham desaparecido, e o suporte da pele tinha sido arrumado. No fundo do corredor, uma das prostitutas estava parada com a cabeça enfiada pela porta do quarto ao lado do meu. Indo na direção dela, perguntei se tinha visto Charlie.

— Ele me trouxe aqui.

Sua pele tinha um toque esverdeado; estava muito mal de beber tanto conhaque. Arrotando, ela cobriu a boca com o punho fechado.

— Oh, Deus – falou.

Abri a porta do meu quarto e pedi que ela falasse para Charlie se apressar.

— Não vou dizer nada para ele, senhor. Estou indo para minha própria cama esperar que essas longas horas passem.

Fiquei olhando-a se afastar, a mão na parede, insegura de sua caminhada. A porta de Charlie estava trancada e, quando bati, ele fez um som gutural comunicando seu desejo de ficar sozinho. Quando o chamei, ele veio até a porta, estava nu e me mandou entrar.

— Onde você estava? – perguntou.

— Estava caminhando com a garota de ontem à noite.

— Que garota de ontem à noite?

— A magra e bonita.

— *Havia* uma magra e bonita?

— Você estava muito distraído com suas próprias gargalhadas para notar.

Olhe como sua cabeça está vermelha.

Dava para ouvir a voz abafada e brava de May field vindo do salão. Contei a Charlie que a pele tinha sumido e ele ficou tenso.

— Como assim, sumiu? – quis saber.

— Sumiu. Não está lá. O suporte foi derrubado e a pele foi cortada.

Ele pensou um pouco nisso, depois começou a se vestir.

— Vou conversar com Mayfield sobre isso – falou, resmungando enquanto colocava as calças. – A gente se entendeu bem ontem à noite. Com certeza, os responsáveis são esses malditos caçadores que ele contratou.

Ele saiu e eu me sentei numa cadeira. Percebi que o colchão de Charlie tinha sido jogado no chão e cortado com uma faca, o conteúdo espalhado pelo quarto. *Será que seu desejo por carnificina sem sentido vai acabar algum dia?*, pensei. Ele e Mayfield estavam discutindo, mas eu não conseguia entender as palavras. Meu corpo queimava de fadiga e estava meio dormindo quando Charlie voltou, o rosto endurecido, os punhos fechados com os dedos esbranquiçados.

— Aí está um homem que sabe falar alto – ele disse. – Que fanfarrão.

— Ele acha que nós pegamos a pele?

— Com certeza, e sabe por quê? Um dos caçadores afirma ter visto você correndo pelo corredor com a coisa embaixo do braço. Pedi para Mayfield olhar nossos quartos e nossa bagagem, mas ele disse que isso estava abaixo dele. Sussurrou algo para sua prostituta e ela saiu correndo. Está procurando os caçadores, imagino – ele foi até a janela olhando para a rua principal. – Fico muito bravo por imaginá-los pregando essa peça na gente. Se eu não estivesse me sentindo tão mal, iria atrás deles – olhou para mim. – E você, irmão? Pronto para uma briga?

— Nem um pouco.

— O que é isso embaixo do seu casaco?

— Um presente da garota.

— Vai ter uma parada?

— É um pedaço de tecido para me lembrar dela. Uma *bonbonnière*, como a mamãe costumava dizer.

Ele fez um barulho com a boca.

— Você não devia usar isso – ele falou, decidido.

— É um material bem caro, acho.

— A garota brincou com você.

— Ela é uma pessoa bem séria.

— Você parece o ganso premiado.

Eu desamarrei e removi o tecido, dobrando-o num pequeno quadrado. Decidi que iria mantê-lo comigo, mas em segredo.

— Quem está com a cabeça vermelha agora? – perguntou Charlie. Virando-se para a janela, ele bateu no vidro e falou: – Ahá, aqui vamos nós.

Cruzei o quarto e vi a prostituta que estava dormindo no chão falando com o caçador mais alto. Ele ficou ouvindo, enrolando um cigarro e assentindo; quando ela terminou, ele deu algumas instruções e a mulher voltou na direção do hotel. Fiquei olhando até ela sair da minha visão, aí olhei de novo para o caçador, que

tinha nos localizado na janela e nos olhava debaixo de seu chapéu pontudo e de abas moles.

— Onde é que se *compra* um chapéu assim? – perguntou Charlie. – Eles devem fabricá-los.

O caçador acendeu seu cigarro, soltou uma coluna de fumaça e foi andando na direção contrária à do hotel. Charlie bateu em sua perna e cuspiu.

— Odeio admitir, mas estamos ferrados. Dê-me suas duas águias e vou entregar as minhas também.

— Devolver o dinheiro é o mesmo que uma admissão de culpa.

— É nossa única opção além de lutar ou fugir, coisa que nenhum dos dois está em condição de fazer. Vamos lá, entregue-me.

Ele se aproximou até ficar na minha frente com a mão estendida. Fiz o movimento de bater nos meus bolsos, uma triste pantomima que me entregou. Quando seu pescoço, ele falou:

— Você deu para a mulher, não foi?

— O dinheiro era meu. E o que um homem faz com seu dinheiro não é problema de ninguém – lembrando a mão fechada da prostituta quando cobriu a boca, falei: – Você não deu uma parte do seu?

— Sabe, não tinha pensado nisso – ele olhou sua bolsa e riu amargo. – E Mayfield tinha dito que a casa pagava.

Mais gritos vindos do salão. Um sino foi tocado, um copo quebrado.

— Espero que você não venha propor que paguemos o homem com nosso dinheiro – falei.

— Não estou com *tanta* vontade de fazer amigos. Vou juntar minhas coisas, depois a gente pega as suas. Podemos sair pela janela e tentar escapar sem que ninguém veja. Vamos lutar se precisarmos, mas eu preferia esperar outro dia, quando estivermos nos sentindo cem por cento.

Com a mochila na mão, ele olhou para o quarto e perguntou:

— Temos tudo? Sim? Certo. Vamos tentar cruzar o corredor em silêncio puro.

Silêncio puro, pensei enquanto caminhávamos em direção a meu quarto. As palavras pareceram bastante poéticas.

Saimos pela janela do meu quarto e fomos caminhando pela varanda que corria por cima da calçada. Isso provou ser uma mão na roda para nós, porque Tub e Nimble estavam no estábulo do outro lado de Mayfield e cobrimos toda aquela distância sem que uma alma sequer percebesse nossa viagem. No meio do caminho, Charlie parou atrás de um poste alto para olhar o caçador maior encostado num poste embaixo de nós. Agora os outros três se juntaram e o grupo formou um círculo aberto, falando através de suas barbas sujas.

— Sem dúvida, eles são famosos entre a comunidade de ratos – falou

Charlie. – Mas não são assassinos.

Ele apontou para o líder.

— Foi ele que roubou a pele, tenho certeza. Se tivermos que brigar, eu cuido dele. Vai ver como o resto fugirá assim que dispararmos o primeiro tiro.

Os homens se dispersaram e continuamos pela varanda até seu limite, descendo e entrando escondidos no estábulo, onde encontrei o cuidador detuço parado perto de Tub e Nimble, observando os dois com o olhar vazio. Ele pulou quando o cumprimentamos e foi rápido em nos ajudar com as selas, o que deveria ter me deixado com suspeitas, mas estava muito distraído pensando na fuga para dissecar tudo de forma apropriada. Charlie e eu estávamos amarrando nossas bolsas quando os quatro caçadores entraram sem fazer barulho pela cocheira atrás de nós. Não os notamos quando já era muito tarde. Eles tinham seus revólveres apontados para nossos corações.

— Estão prontos para deixar May field? – perguntou o caçador maior.

— Estamos indo embora – disse Charlie. Não tinha certeza do que ele ia fazer, mas possuía o hábito de estalar o dedo indicador com o dedão antes de tirar suas armas, então fiquei esperando esse ruído.

— Vocês não vão embora sem devolver o dinheiro que devem ao sr. May field.

— Sr. May field – disse Charlie. – O amado patrão. Digam, vocês arrumam a cama dele também? Esquentam seus pés com as mãos nas longas noites de inverno?

— Cem dólares ou vou matá-lo. Provavelmente vou matá-lo de qualquer forma. Você acha que sou lento com minhas peles e couro, mas vai descobrir que sou mais rápido do que você acredita. E não ficará surpreso ao encontrar minhas balas no seu corpo.

— Acho que você é lento, caçador – falou Charlie –, mas não é sua roupa que restringe sua velocidade. Sua mente é a culpada. Porque eu acredito que você é tão estúpido quanto os animais para os quais cria emboscadas na lama e na neve.

O caçador riu ou fingiu rir, uma imitação de leveza e bondade.

— Vi você ficando bêbado ontem à noite e pensei: *não vou beber nenhuma gota hoje*. Estarei descansado e rápido, caso tenha de matar este homem pela manhã. E agora é de manhã e peço mais uma vez: vocês vão devolver o dinheiro ou a pele?

— Tudo que você vai receber de mim é a morte – as palavras de Charlie, ditas de forma casual como um homem descrevendo o clima, levantaram os pelos do meu pescoço, e minhas mãos começaram a pulsar e vibrar. Ele é ótimo em situações assim, direto e sem um traço de medo. Sempre tinha sido assim e apesar de já ter visto isso muitas vezes, sempre sentia uma admiração por ele.

— Vou atirar em você – falou o caçador.

— Meu irmão vai contar – disse Charlie. – Quando chegar a três, nós sacamos.

O caçador assentiu e colocou o revólver de volta no coldre.

— Ele pode contar até cem se quiser – falou, abrindo e fechando a mão para alongar.

Charlie fez uma cara azeda.

— Que coisa estúpida para falar. Pense em outra coisa além disso. Um homem quer que suas últimas palavras sejam respeitáveis.

— Vou falar o dia e a noite toda. Vou contar a meus netos a história de como matei os famosos irmãos Sister.

— Isso pelo menos faz sentido. Também vai servir como uma nota de rodapé engraçada – disse Charlie. – Ele vai matar nós dois, agora, Eli.

— Fui muito feliz esses dias, cavalgando e trabalhando com você – falei.

— Mas é a hora de um último adeus? – ele perguntou. – Se você olhar bem para o homem, poderá ver que seu coração não está nisso. Perceba como sua pele ficou suada. Em algum lugar do seu ser, há uma voz falando que ele se equivocou.

— Comece a contar, maldição – gritou o caçador.

— Vamos colocar *isso* no seu túmulo – disse Charlie, e ele estalou os dedos bem alto. – Conte até três, irmão. Devagar e com calma.

— Vocês dois estão prontos? – perguntei.

— Estou pronto – disse o caçador.

— Pronto – falou Charlie.

— Um – falei e Charlie e eu sacamos nossos revólveres, quatro balas simultaneamente, cada uma encontrando seu alvo, na cabeça de todos eles. Os caçadores caíram no chão, de onde nenhum deles voltaria a se levantar. Foram assassinatos perfeitos, os mais eficientes de que consegui me lembrar, e assim que eles caíram Charlie começou a rir, como eu, apesar de que, no meu caso, era mais por me sentir aliviado do que outra coisa, enquanto Charlie parecia realmente feliz. *Não é suficiente ter sorte*, pensei. Um homem precisa ser equilibrado em sua mente para permanecer calmo, quando o homem médio não é nada disso. O caçador com a barba negra ainda arfava e eu fui olhar para ele. Estava confuso, os olhos girando para todos os lados.

— Que barulho foi aquele? – perguntou.

— Foi a bala entrando em você.

— Onde entrou?

— Na sua cabeça.

— Não consigo sentir. E quase não consigo ouvir nada. Onde estão os outros?

— Estão deitados ao seu lado. A cabeça deles também tem balas.

— É mesmo? Estão falando? Não consigo ouvi-los?

— Não, estão mortos.

— Mas eu não estou morto?

— Ainda não.

— *Ch* – ele falou. Seus olhos se fecharam e sua cabeça ficou parada. Eu estava me afastando quando ele tremeu e abriu os olhos. – Foi Jim que queria vir atrás de vocês dois. Eu não queria.

— Está bem.

— Ele acha que, por ser grande, precisa fazer coisas grandes.

— Ele está morto agora.

— Ficou falando sobre isso a noite toda. Eles escreveriam livros sobre nós, dizia. Não gostou que você tivesse tirado um sarro das nossas roupas, foi isso.

— Não importa agora. Feche os olhos.

— Olá? – falou o caçador. – Olá? – ele olhava para mim, mas acho que não conseguia me ver.

— Feche os olhos. Está tudo bem.

— Não queria fazer isso – ele reclamou. – Jim achou que podia matar vocês e que poderia contar para todo mundo.

— Você deveria fechar os olhos e descansar – falei.

— *Ch. Ch, ch* – então a vida o deixou e ele morreu.

Voltei para Tub e a sela. Essa coisa de “contar até três” era um velho truque nosso. Era algo de que não tínhamos orgulho nem vergonha; era suficiente dizer que só era usado em situações complicadas e tinha salvado nossas vidas mais de uma vez.

Charlie e eu estávamos prontos para partir quando ouvimos uma bota raspar o chão. O cuidador não tinha ido embora, mas se escondera para testemunhar a luta; infelizmente para ele, tinha visto também nosso truque com os números e subimos a escada para encontrá-lo. Isso demorou um tempo, já que havia muitas torres altas de feno na parte de cima, o que era um ótimo esconderijo.

— Saia, rapaz – falei. – Estamos indo embora e prometemos não machucá-lo.

Uma pausa e ouvimos uma corrida no canto. Atirei em direção ao som, mas os fardos abafaram a bala. Outra pausa e mais corridas.

— Rapaz, saia – disse Charlie. – Vamos matá-lo e não há nenhuma chance de escapar. Vamos ser razoáveis.

— Boo-hoo-hoo – disse o rapaz.

— Você só está perdendo seu tempo. E não temos mais tempo a perder.

— Boo-hoo-hoo.



Depois de despacharmos o cuidador, visitamos Mayfield em seu salão. Ele ficou chocado ao nos ver batendo à sua porta, a ponto de não conseguir falar ou se mover por um tempo; eu o levei até sua poltrona, onde ficou sentado, esperando

seu destino.

Falei para Charlie:

— Ele está diferente de ontem à noite.

— Esse é o verdadeiro homem – Charlie me contou. – Eu sabia desde que o vi pela primeira vez.

Dirigindo-se a May field, ele falou:

— Como você pode imaginar, nós cortamos sua ajuda, os quatro, mais o garoto do estábulo, que foi algo infeliz e não planejado. Afirmando que tudo isso é culpa sua, já que trouxemos a pele com boa-fé e não tivemos nada a ver com seu desaparecimento. Portanto, a morte de seus homens e do garoto deveria ficar somente na sua consciência, não na nossa. Não peço que você necessariamente concorde com isso, só que reconheça. Já falei muito. Entendeu?

May field não respondeu. Seus olhos estavam fixos num ponto na parede atrás de mim. Virei-me para ver o que ele estava olhando e descobri que não era nada. Quando olhei de volta, ele estava esfregando o rosto com suas palmas, como se estivesse se lavando.

— Certo – Charlie continuou. – Dessa próxima parte você não vai gostar, mas aqui está o preço a pagar pelas imposições que você levantou sobre meu irmão e sobre mim. Está me ouvindo, May field? Sim, quero que nos diga agora. Onde está seu cofre?

May field ficou quieto por tanto tempo que achei que não tinha ouvido a pergunta. Charlie estava abrindo a boca para repetir quando May field respondeu, numa voz que quase parecia um sussurro:

— Não vou dizer.

Charlie se aproximou dele.

— Diga onde está o cofre ou vou acertar sua cabeça com meu revólver.

May field não disse nada e Charlie tirou o revólver do coldre, segurando-o pelo cano. Fez uma pausa e acertou May field bem no alto do crânio. May field caiu no sofá, cobrindo a cabeça e soltando sons de dor, um tipo de grito entredentes que achei bastante pouco digno. Começou imediatamente a sangrar e Charlie colocou um lenço na sua mão. May field não o enrolou e o posicionou sobre a ferida como qualquer pessoa faria, mas jogou o lenço de algodão por cima da cabeça, como uma toalha; como era careca, o sangue fez o lenço grudar na cabeça quase imediatamente. O que o levou a fazer isso? Foi uma inspiração irrefletida ou algo que ele tinha aprendido em algum lugar? May field se sentou olhando para nós com uma expressão irritada. Usava somente uma bota e percebi que seu pé descalço era vermelho com os dedos inchados. Apontei e falei:

— Toques de frieiras, May field?

— O que são frieiras?

— Parece que é esse o problema no seu pé.

— Não sei o que tem de errado com ele.

— Acho que são frieiras – falei.

Charlie estalou os dedos, para me fazer calar a boca e para recuperar a atenção de May field.

— Dessa vez – ele falou –, se você não me responder, vou acertá-lo duas vezes.

— Não vou deixar vocês levarem tudo – disse May field.

— Onde está o cofre?

— Trabalhei pelo dinheiro. Não é de vocês.

— Certo – e acertou May field duas vezes com o cabo do revólver e o homem mais uma vez se dobrou no sofá para chorar e reclamar. Charlie não tinha tirado o lenço para acertá-lo e os golpes fizeram um som desagradável. Quando ele levantou May field, o homem estava com a boca tensa e toda a sua cabeça manchada de sangue – o próprio lenço pingava. Ele abriu a boca e tentou mostrar alguma coragem, mas parecia ridículo, como algo na vitrine de um açougue, o sangue escorrendo pelo queixo e pescoço, ensopando suas roupas. Charlie falou:

— Vamos esclarecer algo entre nós, agora. Seu dinheiro acabou. Essa é a pura verdade, um fato e, se você lutar contra isso, vamos matá-lo, *ai* vamos encontrar seu cofre. Quero que pense nisso: por que precisa apanhar e morrer por algo que já está perdido? Pense nisso. Sua atitude não faz sentido.

— Você vai me matar de uma forma ou de outra.

— Isso não é necessariamente verdade – falei.

— Não é – disse Charlie.

— Dão suas palavras? – perguntou May field.

Charlie olhou para mim, seus olhos perguntando: *Deveríamos deixá-lo vivo?* Meus olhos responderam: *Não me importa.*

— Se nos der o dinheiro, vamos deixá-lo como o encontramos, vivo e respirando.

— Jurem.

— Eu juro – falou Charlie.

May field olhou para ele, procurando algum sinal de maldade. Satisfeito, olhou para mim.

— Você jura também?

— Se meu irmão diz que é assim, então é assim. Mas se você quer que eu jure que não vou matá-lo, então eu juro.

Ele tirou o lenço pesado e jogou-o no chão, o que fez barulho, e ficou olhando com desgosto. Arrumou sua roupa e ficou de pé, cambaleando, depois voltou a se sentar, quase desmaiando com o esforço.

— Preciso de uma bebida e algo mais para limpar minha cabeça. Não quero caminhar pelo meu hotel assim.

Preparei uma dose grande de conhaque e ele bebeu em dois grandes goles. Charlie foi até o banheiro e voltou cheio de toalhas, uma bacia de água e um espelho. Colocou tudo na mesinha em frente a May field, e ficamos olhando enquanto ele se limpava. Não demonstrou nenhuma emoção enquanto fazia isso e senti uma obscura admiração por ele. Estava perdendo todas as suas economias e seu ouro, e mesmo assim demonstrava tanta preocupação quanto um homem que fazia a barba. Fiquei curioso em saber o que ele pensava e perguntei; quando ele falou que estava fazendo planos, indaguei quais poderiam ser. Ele colocou o espelho na mesa e falou:

— Isso depende de quanto dinheiro vocês vão deixar comigo.

— Deixar? – falou Charlie, com as sobrancelhas levantadas. Ele estava abrindo as gavetas da mesa de May field. – Achei que você tivesse entendido que não ia ficar com nada.

— Nada? – May field suspirou. – Você quer dizer, absolutamente nada?

Charlie olhou para mim.

— Esse não era o plano?

— O plano, se não me engano, era matá-lo. Agora que mudamos essa parte, podemos pelo menos conversar sobre essa nova questão. Vou admitir que parece cruel deixá-lo sem um centavo.

Os olhos de Charlie ficaram tristes e ele ficou pensativo.

— Você perguntou em que eu estava pensando – disse May field. – Bom, vou falar. Estava pensando que um homem como eu, depois de sofrer um golpe como o que vocês me deram hoje, tem dois caminhos distintos que poderia seguir na vida. Poderia sair pelo mundo com um coração ferido, tentando dividir seu ódio louco com toda pessoa que encontrar; ou poderia recomeçar com um coração vazio e cuidar para preenchê-lo só com coisas nobres a partir de então, para nutrir sua mentalidade e cultivar algo positivo.

— Ele está inventando isso agora? – perguntou Charlie.

— Vou tomar a segunda rota – continuou May field. – Sou um homem que precisa se reconstruir e a primeira coisa na qual vou trabalhar é meu propósito. Vou me lembrar de quem sou, ou fui, porque temo que minha vida exagerada aqui tenha me deixado preguiçoso. Devo dizer que a facilidade com que vocês estão levando minhas coisas é uma prova disso.

— Ele descreve sua inação e covardia como preguiça – disse Charlie.

— E com cinco homens mortos – falei –, ele descreve o roubo de suas riquezas como fácil.

— Ele tem um problema de como descrever as coisas – falou Charlie.

— Minha esperança – disse May field –, vou ser direto com vocês, é que me deixem dinheiro para uma viagem até sua cidade, Oregon City, para onde irei imediatamente e matarei o vagabundo com a faca, esse James Robinson.

Ele falou isso e imediatamente meu irmão e eu tivemos o mesmo

pensamento mau.

— Diga-me que não é perfeito – falou Charlie.

— Mas é muito trágico – respondi.

— Vocês querem proteger esse criminoso apesar do que fizeram comigo? – disse Mayfield indignado. – É justo e apropriado que me ajudem a fazer isso. Vocês levaram tudo que eu ganhei, mas podem se redimir, pelo menos parcialmente, se deixarem apenas uma porção da minha fortuna.

Esse discurso moral selou seu destino e chegamos a um acordo de que Mayfield deveria ficar com cem dólares, o suficiente para chegar a Oregon City, onde ficaria empacado, e descobriria sobre a morte de Robinson ao perguntar à primeira pessoa. Ele entenderia que nós já sabíamos, e se lembraria do nosso assombro com muita raiva. O dinheiro foi pago em ouro direto de seu cofre, que estava localizado no porão do hotel. Olhando para o cofre aberto, Mayfield falou:

— Foi a única vez que tive sorte na minha vida. Enchi um cofre com ouro e papéis. Mais do que a maioria fez na vida – assentiu solene, mas sua demonstração de coragem logo se transformou em emoção; abaixou o rosto e as lágrimas começaram a escorrer dos olhos. – Mas, droga, sorte é algo difícil de se manter! – falou.

Limpando o rosto, falou todos os palavrões que conhecia, em voz baixa.

— Não sinto nenhuma sorte no meu corpo agora, é um fato.

Ele parecia lamentável com sua pequena bolsa de dinheiro, puxando as cordinhas como se segurasse um rato morto pelo rabo. Nós o seguimos até a rua e vimos como se arrumava e amarrava sua sela. Parecia querer falar algo, mas as palavras ou não saíram naturalmente ou ele nos considerou indignos de recebê-las, por isso ficou em silêncio. Montou em seu cavalo, partindo com um movimento de cabeça e um olhar que dizia: não gosto de vocês. Voltamos ao porão para contar o conteúdo do cofre, dividindo e guardando o dinheiro em papel, que chegava a mil e oitocentos dólares. O ouro era muito para levar em nossas viagens e assim escondemos embaixo de um forno amplo, sob uma paleta de madeira no canto do porão. Deu trabalho, já que tivemos que desmontar a chaminé de lata para mover o forno, e nós dois acabamos cobertos de fuligem negra; mas quando terminamos, achei que ninguém poderia encontrar nosso tesouro, porque nenhuma pessoa pensaria em procurar num lugar tão remoto. Uma estimativa superficial colocaria o valor em uns quinze mil dólares; minha parte disso triplicaria minhas economias e quando saímos do porão mofado, subindo as escadas, senti duas coisas ao mesmo tempo: uma felicidade por essa mudança na minha sorte, mas também um vazio por não me sentir *mais* contente; ou, em vez disso, um medo de que minha felicidade fosse forçada ou falsa. *Talvez um homem nunca deva ser verdadeiramente feliz*, pensei. Talvez não exista essa coisa no nosso mundo, afinal.

Quando cruzamos os corredores do hotel, as prostitutas estavam comentando as notícias da fuga de May field com um machucado na cabeça e o desaparecimento dos caçadores. Espiei a prostituta de Charlie, que estava um pouco melhor do que antes, e a puxei de lado, perguntando onde estava a guarda-livros.

— Foi levada para o médico.

— Ela está bem?

— Acho que sim. Ela sempre é levada correndo para o médico.

Coloquei cem dólares na mão dela.

— Quero que você dê isso a ela quando voltar.

Ela olhou para o dinheiro.

— Jesus Cristo numa nuvem.

— Voltarei em duas semanas. Se descobrir que ela não recebeu o dinheiro, haverá um preço a pagar, está me entendendo?

— Senhor, eu só estava parada aqui no corredor.

Peguei uma moeda.

— Isso é para você.

Ela colocou o dinheiro no bolso. Olhando para onde Charlie tinha ido, ela perguntou:

— Não acho que seu irmão vai *me* deixar cem.

— Não, acho que não.

— Você tem todo o sangue romântico, é isso?

— Nosso sangue é o mesmo, só o usamos de forma diferente.

Eu me virei e fui embora. Depois de uma meia dúzia de passos, ela perguntou.

— Você pode me dizer o que ela fez para ganhar isso?

Parei e pensei:

— Ela era bonita e foi gentil comigo.

A pobre prostituta não sabia o que pensar. Voltou para seu quarto, bateu a porta e gritou duas vezes.

A gente saiu da cidade e seguiu as margens do rio. Estávamos atrasados para nosso encontro com Morris, mas nenhum dos dois se preocupava com isso. Eu estava aliviado e catalogava os eventos das últimas trinta e seis horas quando Charlie começou a rir. Tub e eu seguíamos na frente; sem me virar, perguntei o que era tão engraçado.

— Estava pensando no dia em que o papai morreu.

— O que tem?

— Nós estávamos sentados no campo atrás da casa, almoçando, quando ouvi que ele e a mamãe discutiam. Lembra o que estávamos comendo?

— O que você quer dizer? – perguntei.

— Estávamos comendo maçãs. A mamãe as embrulhara num pano e nos mandara sair. Ela sabia que iam brigar, acho.

— O pano era vermelho – falei.

— Isso mesmo. E as maçãs eram verdes e não estavam maduras. Lembro-me de você reclamando disso, apesar de que era tão pequeno que fiquei surpreso por ter notado.

— Consigo lembrar que as maçãs estavam azedas.

A força da lembrança me fez esboçar uma careta e saliva se acumulou na minha língua.

— Foi o dia mais quente de uma verdadeira onda de calor e estávamos sentados na grama alta, comendo e ouvindo os gritos do papai e da mamãe. Ou eu estava ouvindo. Não sei se você percebeu.

Quando ele contava a história, no entanto, era como se o cenário fosse se formando.

— Acho que percebi – falei. Aí tive certeza. – Algo se quebrou, não?

— Isso mesmo – ele falou. – Você realmente se lembra.

— Algo se quebrou e ela gritou.

Minha garganta começou a inchar e precisei segurar as lágrimas.

— O papai quebrou a janela com um soco e depois bateu no braço dela com o cabo do machado. Ele tinha ficado louco, acho. Antes ele já tinha chegado perto da loucura, mas quando entrei em casa para ajudar a mamãe, senti que ele tinha ficado completamente doido. Não me reconheceu quando cheguei com meu rifle.

— Como é que as pessoas ficam loucas?

— É algo que acontece de vez em quando.

— Você pode ficar realmente louco e depois voltar ao normal?

— Não realmente louco. Não, acho que não.

— Ouvi falar que isso passa de pai para filho.

— Nunca tinha pensado nisso. Por quê? Você às vezes sente que está ficando louco?

— Às vezes eu sinto um certo desamparo.

— Não acho que é a mesma coisa.

— Vamos torcer.

— Você se lembra do meu primeiro rifle? – ele perguntou. – A arma que o papai chamava de rifle de ervilha? Ele não achou engraçado quando puxei o gatilho – Charlie fez uma pausa. – Eu atirei duas vezes nele, uma no braço e outra no peito, e esse segundo tiro foi que o derrubou. E ele ficou ali, *cuspendo* em mim, várias vezes. *Cuspendo* e xingando, me odiando. Nunca tinha visto um ódio como aquele, nunca antes, nem depois. Nosso pai, deitado ali, tossindo sangue e *cuspendo* em mim. A mamãe estava desmaiada. O braço quebrado e a dor a fizeram desmaiar. Há algum tipo de bênção, acho, por ela não ter visto seu filho

matar o marido. Bom, o papai deitou a cabeça e morreu, eu o arrastei para fora da casa até o estábulo e quando voltei a mamãe tinha acordado e estava num transe de dor ou medo. Ela ficava falando: “De quem é esse sangue? De quem é esse sangue no chão?”. Respondi que era meu. Não sabia o que mais falar. Ajudei-a a se levantar, levei-a até a carroça. Era uma longa viagem até a cidade, e ela gritava cada vez que eu passava por um buraco. Seu antebraço estava em formato de V. Como um rifle aberto para ser recarregado.

— O que aconteceu depois? – perguntei, pois não me lembrava.

— Quando conseguimos algo para a dor e uma tala para seu braço, já era noite. E foi só na metade do caminho de volta que me lembrei de você – ele tossiu. – Espero que não fique bravo por isso, irmão.

— De jeito nenhum.

— Eu tinha me distraído. E você estava sempre em seu mundo particular, quieto nos cantos. Mas como falei, foi um dia especialmente quente. E, claro, assim que eu saí, você tirou seu gorro. E lá ficou você sentado, por quatro ou cinco horas, com o cabelo e a pele claros embaixo do sol. A mamãe estava dormindo na carroça, drogada, e eu a deixei ali, para correr e ver como você estava. Não pensei que iria se queimar; meu medo era que um coiote pudesse ter aparecido e o encontrado sozinho ou que você tivesse andado até o rio e se afogado. Então fiquei aliviado ao vê-lo sentado ali, inteiro, e desci correndo a colina para pegá-lo. E você estava muito quente e todo queimado. O branco dos seus olhos estava vermelho como sangue. Você ficou cego por duas semanas e a sua pele descascou como uma cebola. E assim, Eli, foi como você ganhou suas sardas.



NÃO DISTINGUI, À PRIMEIRA VISTA, O PORTO. HAVIA TANTOS BARCOS ancorados que seus mastros pareciam estar emaranhados; centenas deles juntos de forma tão densa que dava a aparência de uma vasta floresta seguindo as ondas. Charlie e eu abrimos caminho até a beira da água e tudo ao nosso redor era caos: homens de todas as raças e idades correndo, gritando, empurrando, lutando; vacas e ovelhas indo para lá e para cá; carroças puxadas por cavalos carregavam madeira e tijolos até a colina enlameada; e o som de martelos trabalhando ecoavam da cidade para o mar. Havia risadas no ar, apesar de que não me dava a impressão de alegria, mas sim de algo mais maníaco e maldoso. Tub estava nervoso e eu também. Não tinha visto nada remotamente parecido com isso e imaginava como poderíamos encontrar um homem nessas ruas e nesses becos labirínticos, onde tudo era esquisito, escuro e escondido.

— Vamos procurar o Morris – falei.

— Ele já esperou semanas por nós – disse Charlie. – Mais uma hora não vai mudar nada. – Claro que meu irmão *gostou* da atmosfera e não se sentia mal.

Vi que muitos dos barcos pareciam estar ancorados havia muito tempo, apesar de ainda estarem carregados e perguntei sobre isso a um homem que passava por nós. Ele estava descalço e, durante nossa conversa, acariciava a cabeça de uma galinha que trazia embaixo do braço.

— Abandonado por sua tripulação – ele nos contou. – Quando a febre do ouro pega você, não há um segundo a perder. Certamente não se pode esperar que alguém queira descarregar a farinha por um dólar ao dia, com os rios cantando tão perto – piscando para o horizonte, ele falou: – Eu geralmente olho esses barcos e imagino seus investidores desconcertados e impotentes em Nova York e Boston, e isso me agrada. Posso perguntar: vocês estão agora em São Francisco?

O que estão achando?

— Só posso dizer que estou louco para conhecer melhor a cidade – disse Charlie.

— Meus sentimentos sobre São Francisco aumentam e diminuem com meu humor – falou o homem. – Ou será que a cidade altera meu humor, mudando assim minha opinião? De qualquer forma, num dia é uma verdadeira amiga, alguns dias depois, minha pior inimiga.

— Qual é o seu sentimento esta manhã? – perguntei.

— Estou no meio, agora. De qualquer forma, estou bem, obrigado.

— Como é que esses barcos não foram saqueados? – perguntou Charlie.

— Oh, muitos foram. Os que permaneceram intocados são os que estão guardados por seus capitães ou que estão cheios de carga pouco valiosa.

Ninguém se preocupa com trigo ou algodão grátis agora. Ou eu deveria dizer, quase ninguém.

Ele apontou para um homem solitário remando um pequeno barco na baía, abrindo caminho entre os barcos altos. Sua pequena embarcação estava ridiculamente cheia e ele manjava os remos com grande cuidado, para evitar molhar as coisas.

— Aquele sujeito se chama Smith. Eu o conheço bem. O que ele vai fazer quando chegar à margem? Vai amarrar essas caixas pesadas em sua mula doente e arrastá-las até a Miller's General Store. Miller vai deparar Smith no preço, e o dinheiro que Smith receber por seu trabalho destruidor será perdido numa única rodada de cartas ou servirá para uma simples refeição. Eu fico me perguntando se vocês dois tiveram o prazer de jantar em nossa cidade. Mas não, eu saberia se já tivessem jantado, porque seus rostos estariam pálidos e estariam murmurando incessantes insultos a Deus.

— Eu paguei vinte e cinco dólares por uma prostituta em May field – falou Charlie.

— Você vai pagar a mesma quantia para simplesmente sentar num bar com elas em São Francisco. Para se deitar com elas, espere gastar um mínimo de cem dólares.

— Que homem pagaria isso? – perguntei.

— Estão fazendo fila para pagar. As prostitutas estão trabalhando em turnos de quinze horas e ganham milhares por dia. Vocês devem entender, cavalheiros, que a tradição de economia e de gastos sensatos desapareceu aqui. Simplesmente não existe mais. Por exemplo, quando cheguei essa última vez do trabalho, tinha um saco razoável de pó de ouro, e apesar de saber que era uma loucura, decidi me sentar e comer uma boa refeição no restaurante mais caro que pude encontrar. Tinha dormido no chão frio por três meses, sobrevivendo à base de truta, gordura de porco e mais truta. Minha coluna estava detonada do trabalho e eu queria muito algum tipo de calor e pompa, um toque de veludo e dane-se o

preço. Então fiz uma boa refeição, não especialmente gostosa, com carne, batata, cerveja e sorvete, e por esse repasto, que teria custado talvez meio dólar na minha cidade natal, eu paguei a quantia de trinta dólares.

Charlie ficou desgostoso.

— Só um estúpido pagaria isso.

— Concorde – falou o homem. – Concorde cem por cento. E estou feliz por lhes dar as boas-vindas a uma cidade povoada somente por estúpidos. Além do mais, espero que *sua* transformação em um estúpido não seja uma experiência desagradável.

Quase um quilômetro adiante, pela praia, percebi um enorme sistema de polias feito de madeira e cordas grossas saindo da água; estava sendo usado para desencalhar um navio a vapor. Um homem, com um grande chapéu e terno preto, açoitava um grupo de cavalos para girar a manivela. Perguntei ao homem da galinha o que era aquela operação e ele respondeu:

— Aqui está uma pessoa com tanta ambição quanto Smith, mas com cérebro. Esse homem de chapéu reclamou como seu o barco abandonado e está tentando arrastá-lo para um pedaço de terra que teve a previsão de comprar há algum tempo. Ele vai consertar o barco e alugar seus quartos para pensionistas ou lojistas e ganhar uma fortuna. Uma lição para vocês: talvez o dinheiro não esteja nos rios, mas nos homens que trabalham neles. Há muitas variáveis no processo de retirada do ouro da terra. Você precisa de coragem e sorte, e a ética de trabalho de uma mula. Por que se importar, com tantos outros já fazendo isso, se empilhando na cidade e com muita pressa de gastar até o último grão?

— Por que você não abre uma loja? – perguntei.

A pergunta o surpreendeu e ele demorou um momento para pensar em qual poderia ser a resposta. Quando o homem a encontrou, uma tristeza apareceu em seus olhos e ele balançou a cabeça.

— Infelizmente meu papel em tudo isso já está estabelecido – falou.

Eu ia perguntar a qual papel ele estava se referindo quando ouvi um barulho, algo caindo ou quebrando ao longe, seguido de um som de apito cortando o ar do oceano. Um das cordas tinha se soltado e vi o homem de terno preto parado junto a um cavalo caído de lado na areia. Por ele não estar açoitando o cavalo, pensei que o animal estava agonizando ou morto.

— São tempos loucos por aqui, não? – falei para o homem.

— São loucos. Temo que isso tenha arruinado meu caráter. Certamente arruinou o de outros – ele assentiu, como se estivesse respondendo a si mesmo. – Me arruinou, sim.

— Como é que você está arruinado? – perguntei.

— Como não estou? – ele se questionou.

— Não é possível voltar para sua casa e recomeçar?

Ele balançou a cabeça.

— Ontem vi um homem pular do teto do Orient Hotel, rindo todo o tempo, até se esborrachar no chão. Estava bêbado, dizem, mas eu o vi sóbrio pouco antes disso. Há uma sensação aqui que, se entrar em você, vai envenenar seu ser. É uma loucura de possibilidades. O ato final desse homem foi a personificação da mente coletiva de São Francisco. Entendo completamente. Eu tinha um desejo forte de aplaudir, se quer saber a verdade.

— Não entendo o propósito dessa história – falei.

— Poderia ir embora daqui e retornar à minha cidade natal, mas não voltaria a ser a mesma pessoa que era quando parti – explicou. – Não reconheceria ninguém. E ninguém me reconheceria.

Virando para a cidade, ele acariciou sua ave e riu. Um tiro de revólver foi ouvido ao longe; barulhos de cascos, um grito de mulher que se transformou em uma risada.

— Um coração grande e ganancioso! – ele falou e começou a caminhar na direção da cidade, desaparecendo.

Na praia, o homem com o chicote estava parado perto do cavalo morto, olhando para a baía e os vários mastros. Ele tinha tirado o chapéu. Estava inseguro e eu não o invejava.



Batemos na porta de Morris no hotel, mas ele não respondeu. Charlie girou a maçaneta e entramos, encontramos seus muitos itens de toalete, seus perfumes e cremes, empilhados no chão perto da entrada. Mas, além disso, não havia nenhum sinal do homem, nenhuma roupa ou bagagem, e a cama estava arrumada, as janelas fechadas; tive a impressão de que Morris já não voltava havia muitos dias. Sua ausência nos deixou bastante preocupados, pois apesar de ser verdade que estávamos bem atrasados, as instruções de Morris eram de esperar por nós, não importava quanto tempo demorássemos, e não era de seu caráter mudar nada do que estava predeterminado. Quando sugeri que poderíamos ver se ele tinha falado algo com o proprietário do hotel, Charlie me encorajou a investigar. Eu estava saindo quando percebi um grande chifre negro na parede ao lado da cama. Pendurado nele, havia um sino de latão. Embaixo do chifre havia uma placa que dizia: TOQUE O SINO. FALE PARA FAZER PEDIDOS. Segui as instruções, e o barulho de um sino encheu a sala. Isso espantou Charlie, ele girou o pescoço para ver.

— O que você está fazendo?

— Ouvi falar desse sistema nos hotéis do leste.

— Ouviu falar de qual sistema?

— É só esperar – passou um momento e a voz de uma mulher, fraca e distante, saiu do centro do edifício.

— Olá? Sr. Morris?

Charlie olhou ao seu redor.

— Ela está na parede? De onde vem isso?

— Olá? – repetiu a voz. – O senhor pediu o serviço?

— Diga algo – Charlie me falou. Mas eu me senti inexplicavelmente acanhado e apontei para ele falar.

— Você consegue me ouvir daqui? – disse Charlie.

— Consigo ouvi-lo mal. Por favor, fale direto no alto-falante.

Charlie estava gostando disso, levantou-se da cama e se aproximou do aparelho, colocando o rosto direto no alto-falante.

— Como está? Melhor?

— Está melhor – disse a voz. – O que posso fazer pelo senhor hoje, Sr. Morris? Estou aliviada por estar de volta. Ficamos preocupados quando o senhor foi embora com aquele estranho homem de barba – Charlie me olhou. Voltando-se para o alto-falante, falou:

— Não é o Morris, madame. Vim de Oregon City para visitá-lo. Ele e eu trabalhamos para a mesma empresa lá.

A voz fez uma pausa.

— E onde está o Sr. Morris?

— Não sei.

— Acabamos de chegar – falei, impelido a participar.

— Quem falou? – perguntou a voz.

— Foi o meu irmão – disse Charlie.

— Então são dois agora.

— Sempre fomos dois – falei para ela. – Desde o dia em que eu nasci.

Nem Charlie nem a mulher reconheceram minha piada e foi, na verdade, como se ela nunca existisse. A voz adotou um tom irritado.

— Quem deu permissão para vocês entrarem no quarto do Sr. Morris?

— A porta estava destrancada – mentiu Charlie.

— Então é assim? Vocês não podem simplesmente entrar no quarto alugado por outro homem e usar seu falante na parede.

— A senhora nos desculpe por isso, madame. Deveríamos nos encontrar com ele há alguns dias, só que nossa viagem atrasou. Estávamos com pressa de visitar o Morris e jogamos a precaução pela janela.

— Ele não comentou nada sobre uma reunião.

— Ele não teria falado.

— Hum – disse a voz.

— Você diz que ele foi embora com um homem de barba – continuou Charlie. – Essa pessoa se chamava Warm? Hermann Warm?

— Nunca perguntei o nome do homem e ele nunca me disse.

— Que cor era a barba dele? – perguntei.

— É o seu irmão de novo?

— Era uma barba ruiva? – perguntei.

— Era ruiva.

— Há quanto tempo Morris saiu? – perguntou Charlie.

— Há quatro dias. Ele pagou até amanhã de manhã. Quando disse que estava saindo antes, eu ofereci uma restituição parcial, mas ele não aceitou. Um cavalheiro.

— E ele não deixou nenhuma mensagem para nós?

— Não.

— Ele falou aonde estava indo?

— Para o rio de Luz, me contou. Ele e o homem de barba ruiva riram. Não sei por quê.

— Você está me dizendo que eles estavam rindo juntos?

— Estavam rindo ao mesmo tempo. Assumo que estavam rindo da mesma coisa. Procurei pelo rio no mapa, mas não consegui encontrar.

— E o Sr. Morris não parecia constrangido? Com o se sua partida fosse forçada, por exemplo?

— Não parecia.

Charlie ficou pensando nisso.

— A amizade é algo curioso para mim – falou.

— Para mim, também – concordou a voz – Pensei que o Sr. Morris não gostasse do homem, de repente eles se tornaram inseparáveis, passando todos os minutos juntos, trancados neste quarto.

— E você tem certeza de que ele não deixou nenhuma instrução para nós?

— Acho que eu saberia se ele tivesse deixado – ela respondeu desdenhosa.

— Ele não deixou nada então?

— Eu não falei isso.

Charlie olhou para o alto-falante.

— Madame, conte-me o que ele deixou, por favor.

Eu podia ouvir a mulher respirar.

— Um livro – ela falou finalmente.

— Que tipo de livro?

— Um livro que ele escreveu.

— O que ele escreveu no livro?

— Não sei. E se soubesse, nãoalaria.

— Escrita pessoal, é isso?

— É isso. Naturalmente, assim que entendi o que havia ali, eu parei de ler.

— O que você aprendeu com sua leitura?

— Que o clima não estava favorável no começo de sua viagem para São Francisco. Estou envergonhada por ter lido isso. Respeito a privacidade dos hóspedes.

— Sim.

— Meus hóspedes podem esperar de minha parte a mais absoluta privacidade.

— Entendo. Posso perguntar onde está o livro agora?

— Está comigo, em meu quarto.

— Eu gostaria muito que você nos mostrasse.

Ela fez uma pausa.

— Acho melhor não.

— Digo que somos seus amigos.

— Então por que ele não falou nada sobre vocês?

— Talvez ele tenha deixado o livro para nós.

— Ele esqueceu o livro. Eu o encontrei enrolado nos lençóis ao pé de sua cama. Não, ele estava empacotando suas coisas e com pressa para ir embora, sempre olhando sobre o ombro. Pelo que sei, podia ser de vocês dois que ele estava fugindo.

— Então você não vai nos mostrar o livro, é isso?

— Farei o melhor para os meus hóspedes, é o que eu vou fazer.

— Muito bem – disse Charlie. – Você pode nos trazer o almoço com cerveja?

— Vocês ficarão conosco?

— Por uma noite, pelo menos. Esse quarto está ótimo.

— E se o Sr. Morris voltar?

— Se ele saiu com Warm, como você está dizendo, ele não vai voltar.

— Mas se voltar?

— Então você vai ter um bom lucro em champanhe, porque será uma reunião muito feliz.

— Vocês querem um almoço quente ou frio?

— Quente, com cerveja.

— Dois almoços quentes completos?

— Com cerveja.

A mulher desligou e Charlie voltou a se deitar na cama. Eu perguntei o que ele achava da situação.

— Não sei *o que* pensar. Vamos precisar dar uma olhada no livro, claro.

— Não acredito que a mulher vai deixar.

— Veremos o que fazer – ele falou.

Abri a janela e me inclinei para respirar o ar salgado. O hotel estava localizado numa rua inclinada e eu vi um grupo de homens chineses, com suas tranças, seda e chinelos sujos de barro, empurrando um boi colina acima. O boi não queria ir, e os chineses batiam nele com as mãos. A linguagem deles era algo como um coro de pássaros, completamente estranha, mas linda por sua estranheza. Provavelmente estavam apenas xingando. Houve uma batida na porta e a corpulenta mulher entrou com nossos almoços, que estavam mornos, não exatamente quentes. A cerveja estava fria e deliciosa, eu bebi metade dela

num único gole. Perguntei à mulher quanto tinha gastado nesse gole e ela olhou o copo.

— Três dólares – estimou. – As duas refeições juntas custam dezessete.

Parecia que esperava ser paga no ato e Charlie se levantou e entregou uma moeda; quando ela começou a tirar o troco de seu bolso, ele segurou sua mão, dizendo que podia guardá-lo como pagamento por nossa grosseria ao entrar no quarto do Morris sem permissão. Ela guardou o dinheiro, mas não agradeceu e, na verdade, pareceu achar desagradável recebê-lo. Quando Charlie mostrou e estendeu para ela uma segunda moeda, seu rosto ficou ainda mais duro.

— O que é isso? – ela perguntou.

— Pelo livro.

— Já disse que não posso entregá-lo.

— Claro madame, a senhora pode ficar com ele; só queremos dar uma olhada.

— Vocês nunca colocarão os olhos nele – falou. Suas mãos estavam vermelhas e parecia que se sentia insultada. Ela saiu correndo do quarto, com pressa para, suspeito, contar a alguém ou a todos os seus empregados sua vitória moral. Charlie e eu nos sentamos juntos para comer nosso almoço. Fiquei triste com o pensamento do destino da mulher. Por causa da minha expressão preocupada, ele falou:

— Você não pode dizer que eu não tentei – e precisei admitir que era verdade.

A comida, posso mencionar, não valia o preço. Quando a mulher voltou para recolher nossos pratos, Charlie se levantou. Ela estava com a cabeça empinada, sua expressão era de superioridade e falou:

— Então?

Charlie não respondeu, mas se agachou e enterrou um soco na barriga dela, com o qual ela caiu sentada numa cadeira e se encurvou, babando, tossindo e lutando para recuperar a respiração e a compostura. Eu trouxe um copo de água, pedindo desculpas e explicando que nossa necessidade do livro não era uma questão superficial e que de uma forma ou de outra ficaríamos com ele.

— Esperamos não ter de machucá-la mais, madame – acrescentou Charlie. – Mas entenda que vamos fazer o que for necessário para conseguí-lo.

Ela estava em tal estado de assombro mudo que acho que não ouviu a lógica em nossas palavras, mas quando eu a levei até seu quarto, ela entregou o diário imediatamente e sem mais problemas. Insisti que ficasse com a moeda extra e, no final, ela aceitou, algo que, gosto de pensar, diminuiu a indignidade de receber um soco tão terrível, mas acho que não, pelo menos não muito. Nem Charlie nem eu estávamos predispostos a ser violentos com alguém tão inferior fisicamente – “violência amarela”, alguns diriam –, mas era uma necessidade, como ficará evidente nas próximas páginas.

O que segue é uma transcrição de todas as seções pertinentes do diário de Henry Morris, relacionadas com sua misteriosa parceria com Hermann Kermit Warm e a deserção de seu posto como escoteiro e confidente do Comodoro.

** Warm se aproximou hoje, do nada, depois de quase não o ter visto por uma semana. Estava passando pelo lobby do hotel e ele ficou ao meu lado, segurando meu braço pelo cotovelo como um cavalheiro ajudando uma dama a atravessar um terreno irregular. Isso me surpreendeu, naturalmente, e eu o afastei. Com isso, ele pareceu ofendido e exigiu: "Estamos noivos ou não?". Eram nove horas da manhã, mas ele estava bêbado, isso era evidente. Falei que parasse de me seguir, o que o surpreendeu, mas também fiquei surpreso, pois apesar de ter sentido alguém me espiando nesses últimos dias e noites, era uma sensação distante e eu não tinha formulado as palavras na minha própria mente. Mas vi por sua expressão culpada que ele tinha me seguido e fiquei feliz por tê-lo enfrentado. Ele perguntou se eu emprestaria um dólar e falei que não. Depois de receber minha resposta, ele tirou o chapéu, gastou e empoeirado, e saiu do hotel com os dedos presos a seu colete, a cabeça orgulhosa inclinada para trás. Cruzando o toldo, ele chegou à rua debaixo do brilho quente do sol. Isso o deixou feliz, e ele estendeu os braços como se quisesse abraçar a luz. Uma carroça estava subindo a colina com o lixo e Warm pulou casualmente na carroça, sem que o carroceiro percebesse. Foi uma saída graciosa, não posso negar; apesar de que no geral ele estava muito pior do que quando o vi pela primeira vez, não tanto pela bebida quanto por um abuso geral de si mesmo. Ele cheira mal. Não deveria ficar surpreso se morresse antes da chegada daqueles dois de Oregon City.*

** Um dos dias mais estranhos que já passei. Essa manhã, Warm estava de novo esperando no lobby. Eu o vi antes que ele me visse, e estudei sua aparência bastante melhor: Suas roupas estavam limpas e remendadas, e ele tinha tomado banho. Sua barba estava penteada; o rosto, limpo; e ele parecia uma pessoa bem diferente do homem que tinha me abordado vinte e quatro horas antes. Logo me viu na base da escada e correu pelo lobby para pegar minha mão, oferecendo suas sinceras desculpas por seu comportamento no dia anterior. Ele parecia tocado, de verdade, quando as aceitei, o que por sua vez me tocou ou me deu uma pausa, porque aqui havia uma versão desconhecida de um homem que eu tinha pensado conhecer, e conhecia bem. Para meu assombro, ele então perguntou se poderia me convidar para almoçar, e apesar de não estar com fome, eu aceitei,*

curioso por descobrir que mudança de destino havia acontecido nesse indivíduo anteriormente necessitado e sujo.

Nós fomos até um restaurante que ele escolheu, um boteco sem charme chamado Black Skull, onde Warm foi cumprimentado entusiasticamente pelo dono, um homem fedido com um protetor de olho de couro vermelho e negro e sem nenhum dente na boca. Esse personagem dúbio perguntou a Warm como seu “trabalho” estava progredindo, e Warm respondeu com uma única palavra: “Brilhante”. Isso não fez muito sentido para mim, mas o dono riu muito. Ele nos mostrou uma mesa separada com uma cortina, trazendo duas tigelas de ensopado sem gosto e pão, que parecia meio mofado. Ele não nos cobrou nada e, quando perguntei a Warm sobre a natureza de sua aliança com o dono, sussurrou que ainda não havia acontecido, mas que tinha “toda certeza de que não ia dar em nada”.

Depois do almoço, quando o dono tinha limpado a mesa e fechado a cortina para nós, a postura jovial de Warm mudou e ele se tornou duro e sério. Tirou meio minuto para juntar seus pensamentos e finalmente olhou para mim, dizendo: “Estive observando você, sim, é verdade. Comecei a fazer isso a princípio com a ideia de descobrir suas fraquezas. Devo admitir. Pensei em matá-lo ou mandar que alguém fizesse isso.” Quando perguntei por que iria querer isso, falou: “Mas é claro que no momento em que o vi, você era o homem do Comodoro?”. “O Comodoro?”, falei vagamente. “O que isso significa?” Ele balançou a cabeça com minha atuação fraca, desdenhando com um gesto, e voltou a seu discurso. “Meus sentimentos por você rapidamente mudaram, Sr. Morris, e vou contar por quê. Você não tem nenhum osso desonesto em seu corpo. Geralmente, por exemplo, quando um homem dá bom-dia a outro, ele vai sorrir só enquanto está olhando para o outro homem, mas assim que este passa, o sorriso imediatamente desaparece. Seu sorriso era falso. Esse homem é um mentiroso, vê?” “Mas todo mundo faz isso”, falei. “É só uma pequena civilidade.” “Você não faz”, ele me contou. “Seu sorriso, apesar de fraco, permanece nos seus lábios muito depois de ter se virado. Você tem verdadeiro prazer em comungar com outro homem ou outra mulher. Vi isso acontecer muitas vezes e pensei: se eu pudesse ter uma pessoa assim ao meu lado, veria minha ideia ser completada. Queria tratar desse mesmo assunto durante minha visita ontem de manhã, mas meu propósito foi malvisto, como você se lembra. Francamente eu estava nervoso por encará-lo e achei que uma bebida me daria coragem.” Ele abaixou a cabeça com a lembrança. “Bom”, ele falou, “essa manhã acordei na minha cabana, sofrendo de uma vergonha extrema. Não era algo novo para mim, mas hoje havia

alguma coisa totalmente desapontadora nisso. A vergonha tinha um peso que nunca havia experimentado e espero nunca voltar a experimentar. Era como se eu tivesse atingido uma parede, chegado a meu limite de autodesprezo. Alguns chamariam isso de epifania. Chame como você quiser. Mas eu encarei a coisa hoje e jurei mudar minha vida, limpar meu corpo, limpar minha mente, dividir meus segredos com você, porque sei que é um bom homem e um bom homem é a coisa de que mais preciso na vida, agora.”

Antes que pudesse responder a esse discurso apaixonado, Warm tirou de seus bolsos vários papéis soltos e amassados e os colocou na minha frente, implorando que olhasse para eles, o que fiz, descobrindo página após página de listas e números escritos à mão e cálculos científicos mostrando não sei o quê. Finalmente tive de admitir minha ignorância. “Infelizmente, não tenho ideia do que isso representa”, falei. “É a base de uma descoberta muito importante”, ele me contou. “E que descoberta?” “É talvez o evento científico mais significativo de nossas vidas.” “E que evento é esse?” Assentindo, ele juntou os papéis numa pilha, colocando-os no bolso de seu casaco. Com as pontas dos papéis saindo por sua lapela, ele riu, olhando para mim como se eu fosse um homem muito inteligente. “Você está pedindo uma demonstração”, ele falou, intencionalmente. “Não estou”, respondi. “Você terá uma, mesmo assim.” Tirou um relógio do casaco e se levantou para sair. “Preciso ir agora, mas vou visitá-lo amanhã de manhã no seu hotel. Vou fazer minha demonstração, ao concluir, você terá sua opinião e sua decisão.” “Decisão com relação a quê?”, perguntei, porque não tinha nenhuma ideia do que ele estava propondo. Mas Warm só balançou a cabeça e falou: “Podemos discutir isso amanhã de manhã? Está bem para você?”. Falei que sim ao homem engraçado e ele apertou minha mão, correndo para ir a algum outro lugar. Fiquei olhando enquanto ele saía do restaurante e vi que estava rindo. E desapareceu.

** Nem bem eu tinha levantado da cama e Warm bateu na minha porta. Sua aparência tinha melhorado, pois agora ele usava um novo chapéu. Quando comentei isso, ele o tirou para me mostrar bem os detalhes do acessório, a costura interior, a maciez do couro e o que ele chamou de sua “riqueza e fineza geral”. Perguntei o que tinha feito com seu velho chapéu e ele ficou cauteloso. Pressionei e admitiu ter jogado sobre um inocente pombo que tomava sol na rua. O pombo não conseguia escapar e assim Warm teve o prazer culpado de ver a cartola sair correndo, dobrando uma esquina para longe da vista.*

Quando me contou essa história, vi uma caixa escondida aos seus pés. Perguntei o que era e ele levantou seu dedo e falou: “Ah”.

Ele se preparou para a enigmática demonstração, e logo o conteúdo da caixa estava em cima da pequena mesa de jantar no centro do meu quarto. Isto foi o que eu vi na minha frente: uma pequena caixa de madeira, de aproximadamente um metro por uns setenta centímetros, um saco de juta contendo um pouco de terra fresca com cheiro forte, um saco de veludo vermelho e um cantil de lata, colocado na vertical. As cortinas estavam fechadas e fui abrílas, mas Warm disse que preferia que ficassem assim. “É necessário tanto por razões de privacidade como para que a demonstração seja mais eficiente”, ele explicou. Voltei à mesa e olhei como ele colocava dois terços da terra na caixa, alisando até ficar nivelada. Ele então me entregou o saco de veludo e pediu que eu inspecionasse seu interior. Vi que estava cheio de pó de ouro e falei. Ele pegou o saco de volta e esvaziou a poeira dentro da caixa. Claro que isso me deixou chocado e perguntei o que estava fazendo. Ele não falou nada, mas me mandou guardar na memória o formato do pó (ele tinha espalhado num grande círculo). Cobriu isso com o terço restante da terra e passou uns cinco minutos mexendo com as mãos até ficar bem misturado. Ele gastou bastante energia fazendo isso e estava transpirando muito nesse momento. Depois pegou minha bacia de lavatório e começou a lentamente jogar água sobre a caixa, quase enchendo-a. Tendo completado essas curiosas tarefas, ele se afastou, sorrindo para mim com uma expressão espantada. Finalmente, falou: “Aqui está um modelo de escavação no rio feito por um prospector. Aqui temos uma miniatura do que deixou meio mundo louco. O principal desafio de um prospector é este: como ele chega ao que sabe que está logo debaixo de seu pé? As únicas respostas à questão são trabalho duro e sorte. A primeira é taxativa, e a segunda, pouco confiável. Por vários anos, estive procurando um terceiro método, mais concreto, mais simples”. Ele levantou o cantil e o abriu. “Corrija-me se eu estiver errado, Sr. Morris, mas com esta fórmula acredito que consegui fazer exatamente isso.” Ele me entregou o cantil e perguntei se era para beber. “A não ser que você esteja procurando uma morte muito dolorosa, acho melhor não”, ele me falou. “Não é um tônico?”, perguntei. “É um adivinho”, ele falou, e ao falar essas palavras sua voz ficou estranha e assombrada, sua garganta endurecida, seu sangue pulsando em suas têmporas. Abaixando a cabeça, esvaziou o cantil na caixa. Era um líquido roxo e fedido. Era mais grosso que a água, mas rapidamente foi absorvido e desapareceu na terra. Trinta longos segundos se passaram e eu olhava para a água, mas não conseguia ver nenhuma diferença. Levantei a cabeça para olhar para Warm. Suas pálpebras

estavam meio fechadas e pensei que ele parecia meio adormecido. Abri minha boca para oferecer minhas condolências, porque seu experimento havia sido, aparentemente, um fracasso, quando percebi em seus olhos o reflexo de um brilho dourado. Quando voltei minha atenção para a caixa, meu coração quase saiu pela boca, porque na minha frente, juro perante Deus no céu, o círculo de ouro estava iluminado e brilhando através de uma camada pesada de terra negra!

Minha reação à demonstração foi de completo espanto, e minhas muitas declarações e perguntas gaguejadas agradaram muito a Warm. Ele logo começou a explicar seus planos para o líquido, que eram os seguintes. Represar uma seção isolada do rio e, na calada da noite, encher as águas com a fórmula – em grande quantidade, obviamente – e depois, quando a coisa funcionasse, tirar o ouro encontrado. O brilho, ele explicou, durava somente preciosos minutos, mas, nesse tempo, ele poderia encontrar o que levaria semanas para conseguir se usasse os métodos tradicionais de extração. Depois que tivesse trabalhado num segmento particular do rio, ele passaria a outro, depois outro; isso seria repetido até ter feito sua pilha, e depois venderia os ingredientes secretos por um milhão e passaria o resto de seus dias no que ele chamava de “braços sedosos do sucesso”. Nesse ponto, eu estava bastante espantado. Era a mais impressionante invenção que eu já tinha visto. Minha única pergunta demorou a chegar. Eu não queria ofender o homem ou desmontar as grandes esperanças no quarto, mas era preciso falar e assim eu simplesmente perguntei. “Por que você está sendo tão franco comigo? Como sabe que não vou trair sua confiança?” “Já expliquei minhas razões para envolvê-lo”, respondeu Warm. “Preciso de outro homem para realizar esse plano e acredito que você seja esse homem.” “Mas atualmente recebo um salário para espioná-lo, para que você possa ser morto!”, exclamei. “Sim, isso é verdade, mas deixe-me perguntar uma coisa. Que motivo o Comodoro deu para querer me matar?” “Ele diz que você é um ladrão.” “E o que eu roubei?” “Ele não mencionou isso.” Warm falou enfático. “Ele não poderia dizer, porque é uma mentira. Ele me quer morto porque eu não entrego os ingredientes do meu líquido para encontrar ouro. Há seis meses, eu o procurei em Oregon City, pedindo fundos para uma viagem à Califórnia. Fiz uma demonstração parecida com a que você acaba de ver e fiz uma oferta que achei generosa. Ele iria bancar uma expedição, e em troca receberia metade dos lucros. No começo, ele concordou, e prometeu total cooperação e apoio. Mas por eu não ter mostrado a receita, ele ficou enlouquecido e apontou um revólver para o meu rosto. Estava bêbado e não

conseguiu mirar. Quando ele se inclinou, eu peguei um peso de papel da mesa e joguei nele. Tive sorte, e acertei sua testa, derrubando-o. Enquanto eu saía, descendo a escada a cada três degraus, ouvi sua voz atrás de mim. “Você não está livre de mim, Warm. Meus homens vão arrancar sua fórmula e cortá-lo em pedacinhos!” Acreditei nele. E não fiquei surpreso quando você chegou, Sr. Morris. O que me surpreendeu e ainda surpreende é que um cavalheiro como o senhor prefira passar sua vida como cúmplice de um assassino e acossador.”

A história soou verdadeira, ainda mais quando me lembrei da cabeça enfaixada do Comodoro há seis meses. Warm fez uma pausa em seu discurso e eu fiquei andando pelo quarto, pensando em tudo e ponderando minhas possibilidades. No final, perguntei, um pouco desesperado: “Mas o que você espera realmente de mim em tudo isso? O que pode esperar que eu realize para você?”. “Está claro na minha mente”, ele falou. “Eu gostaria que você entrasse no negócio comigo como sócio, meio a meio. Você vai investir o que tiver em nossa expedição, porque só o custo da comida acabaria com minhas pequenas economias. Vou precisar do seu quarto para preparar grande quantidade da fórmula, e você vai me ajudar a fazer isso. Também vai me ajudar no trabalho físico depois que acamparmos no rio. Mas o mais importante é que você vai se tornar o rosto e a voz da operação, porque possui o dom da comunicação que eu não tenho. Vai lidar com as patentes, advogados, contratos, todas essas porcarias – exatamente o tipo de coisa que eu odeio. Isso virá mais tarde, no entanto. Por enquanto, entraríamos na floresta juntos e veríamos como a fórmula funciona direito.” “E o que você acha que o Comodoro faria com relação à minha nova aliança?”, perguntei. “Você entende o que está me pedindo?” Nisso, ele se aproximou e colocou as mãos em meus ombros. “Você não é o mensageiro de um tirano, Sr. Morris. É melhor do que isso. Venha comigo para o mundo e exija sua independência. Deve se levantar para ganhar muitas coisas, e riquezas é uma parte delas.” Meu coração se tornou pesado com essas palavras, e Warm, entendendo minha necessidade de dissecar a questão, me deixou com meus pensamentos e falou que voltaria na manhã seguinte, esperando uma resposta. Eu me sentei na cama, a caixa ainda em cima da mesa, sua luz brilhando, que depois desapareceu totalmente.

* Horas mais tarde, e eu ainda estou sentado aqui. A resposta está na minha frente, é fácil de ver, mas é tão ousada a ponto de ser incomensurável. Não tenho ninguém para me ajudar nisso e terei de decidir sozinho. Estou me sentindo muito mal.

** Não dormi a noite toda, e quando Warm voltou essa manhã, eu formalmente concordei em tomar parte na sua expedição ao rio de Luz. Estou convencido agora de sua genialidade e, apesar de estar relutante de abandonar meu posto, escolhi seguir meu coração e fazer exatamente isso. Para que estou vivendo, afinal? Olho para meu passado com desonra. Fui treinado e instruído. Mas não vou mais ser assim. Hoje, renasci, e minha vida vai ser minha de novo. Será diferente para o resto da vida.*

Houve um concentrado silêncio enquanto Charlie e eu nos sentamos digerindo essa incrível história. Aproximei-me da mesa e passei um dedo por sua superfície. Havia um pouco de terra em cima dela; quando mostrei minha mão trêmula para Charlie, ele jogou o diário de lado e falou:

— Acredito nisso. Acredito em tudo isso. As instruções do Comodoro eram explícitas num ponto: antes de matar Warm eu deveria obter de qualquer maneira, com a violência que fosse necessária, o que ele descreveu como “a fórmula”. Quando perguntei a ele que fórmula era, disse que não era assunto meu, mas que Warm saberia do que eu estava falando, e que, depois que conseguisse, eu devia guardá-la com a minha vida.

— Por que não me falou sobre isso antes?

— Ele mandou não falar. E de qualquer forma, o que poderia significar para você? Era tão vago, eu nem pensei nisso. Sempre há uma obscuridade sepulcral nas ordens do Comodoro. Você se lembra do trabalho antes desse, em que eu tive de cegar primeiro o homem antes de matá-lo?

— O Comodoro mandou fazer isso?

Charlie assentiu:

— Ele falou que o homem iria entender e que eu deveria deixá-lo “sentado um tempo no escuro” antes de enchê-lo de bala. Esse negócio da fórmula parecia ser a mesma coisa, até eu conseguia ver.

Ele se afastou da cama e foi até a janela, apertando as mãos e olhando para o alto da colina. Ficou silencioso por um minuto, mais ou menos, e quando finalmente falou, sua voz era solene e doce.

— Nunca me importou muito matar os inimigos do Comodoro, irmão. Sempre acontece de eles serem repelentes de uma forma ou de outra. Alguns valentões, homens sem misericórdia ou graça. Mas não gosto da ideia de matar um homem por causa de sua engenhosidade.

— Nem eu. E fico feliz por ouvi-lo dizer isso.

Ele respirou fundo pelo nariz.

— O que você acha que deveríamos fazer?

— O que *você* acha que deveríamos fazer?

Mas nenhum dos dois sabia o que fazer.

O Black Skull era exatamente como Morris tinha descrito, um alpendre de madeira e lata, situado num pequeno beco entre dois prédios de tijolo bem maiores, dando a aparência de estar totalmente esmagado. O interior era igualmente inexpressivo ou até negativo: cadeiras e mesas diferentes estavam espalhadas pelo salão e um tubo de aquecimento soltava uma fumaça acre do que parecia ser uma cozinha desorganizada e suja. Entramos sem fome e continuamos assim, o cheiro forte de carne de cavalo no ar. O homem com o olho tapado mencionado no diário estava parado num canto, com uma mulher alta e pitoresca, estranhamente bem arrumada num vestido de seda verde brilhante sem manga. Os dois estavam se divertindo e só nos notaram quando paramos ao lado deles.

A mulher era uma visão incrível e o vestido era o menos importante. Seus braços eram tão lindos e finos que eu me vi querendo colocar as mãos nela; seu rosto também era tão incrivelmente adorável, com um lindo perfil indígena e um par de olhos verdes, quando ela os pousou em mim, tive de virar a cabeça, como se ela estivesse olhando através do meu corpo para um ponto do outro lado do salão; quando ela fez isso eu senti minhas entranhas tomadas por uma água muito fria. O proprietário olhou para nós automaticamente e assentiu antes de voltar ao esporte que estavam praticando, que agora descrevo:

A mulher mantinha as palmas para cima. Em sua mão direita havia um pequeno pedaço de tecido, igual ao do seu vestido, suas pontas costuradas com um grosso fio dourado. Não sei por que, mas havia algo magnético nesse pedaço de tecido; achei agradável ficar olhando para ele, e um sorriso apareceu no meu rosto. Percebi que o proprietário também estava olhando e sorrindo. Charlie estava olhando, mas seu rosto manteve o típico semblante pouco amigável.

— Está pronto? — a mulher perguntou ao dono do lugar.

Ele concentrou os olhos firmes no tecido, e todo seu ser ficou tenso. Assentiu e falou:

— Pronto.

Assim que ele falou essa palavra, a mulher começou a passar o tecido de um lado para o outro, entre os dedos e os pulsos, a tal velocidade que era impossível ver a olho nu. Então ela fechou as mãos e colocou-as em frente ao proprietário, falando num tom monótono e baixo:

— Escolha.

— Esquerda — ele disse.

A mulher abriu a mão esquerda: nada de tecido. Ela abriu a direita para revelar o quadrado verde e dourado; tinha ficado enrolado em seu punho, mas agora aparecia inteiro.

— Direita — ela falou.

O proprietário entregou um dólar para a mulher e falou:

— Outra vez.

A mulher abriu novamente as mãos, palmas para cima.

— Está pronto?

Ele falou que estava. Eles jogaram outra rodada e dessa vez eu me concentrei mais intensamente. O proprietário deve ter notado isso, porque, quando a mulher apresentou seus punhos, ele me convidou a escolher. Acreditei que sabia onde estava o tecido e concordei.

— Está ali – falei. – Na mão direita.

A mulher abriu seu punho e a mão estava vazia.

— Esquerda – ela falou. Enfie a mão no bolso para pegar um dólar.

— Não terminei meu acordo com ela – disse o proprietário.

— Deixe-me jogar uma vez.

— Você acabou de jogar uma.

— Vamos um de cada vez.

Ele reclamou.

— Eu a chamei para jogar comigo. Você pode jogar depois que eu acabar, mas agora eu preciso me concentrar completamente.

Ele se virou para a mulher, passando outro dólar para ela.

— Certo – falou, e as mãos dela começaram a se movimentar. Aceitando meu papel de não participante, prestei atenção às mãos da mulher o máximo possível. Acho que nunca tinha prestado tanta atenção a algo em toda a minha vida. Quando suas mãos pararam, eu apostaria cada centavo que tinha que o tecido estava em sua mão esquerda.

— Mão esquerda – falou o proprietário e eu arfei de ansiedade.

Inacreditavelmente, a mulher abriu o punho e a mão estava vazia, e o proprietário pulou de angústia. Ele realmente deu um pequeno pulo. Escondi meus sentimentos o melhor que pude, mas internamente eu também estava destruído. Charlie tinha seguido o jogo; estava parcialmente encantado e parcialmente entediado.

— Qual é o propósito disso? – ele perguntou.

— Encontrar o pedaço de tecido – disse o proprietário, de maneira inocente.

— Mas qual é a atração? Com que frequência você ganha?

— Nunca ganhei.

— E quantas vezes você jogou?

— Muitas, muitas vezes.

— Você está jogando seu dinheiro fora.

— Então todo mundo está jogando dinheiro fora – ele nos olhou mais atentamente agora. – O que vocês dois *querem*, posso perguntar? Estão aqui para comer?

— Estamos procurando Warm.

Ao ouvir o nome, o proprietário baixou o rosto, e seus olhos se encheram de dor.

— É mesmo? Bom, se vocês o encontrarem, podem mandar meus cumprimentos – isso foi falado com tanta amargura que Charlie foi levado a perguntar: – Você tem algum problema com ele?

— Eu o alimentei tantas vezes depois que ele me deslumbrou com seu truque de luzes e sombras. Deveria saber que ele fugiria do nosso acordo.

— Qual era o acordo exatamente?

— É uma questão pessoal.

— Você ia com ele até o rio de Luz, é isso? – perguntei.

Ele ficou tenso e perguntou:

— Como vocês sabiam disso?

— Somos amigos de Warm – falou Charlie.

— Warm não tem amigos além de mim.

— Somos bons amigos há muito tempo.

— Desculpem, mas não acredito em vocês.

— Somos amigos dele – falei – e sabemos que ele tem outros também.

Recentemente ele jantou aqui com o Sr. Morris, por exemplo.

— Aquele rapazinho delicado?

— Eles foram para o rio juntos, é o que ouvimos.

— Warm nunca confiaria seus segredos a um homem como aquele – mas depois pensou por um momento e aparentemente chegou a acreditar que sim. Ele suspirou. – Meu espírito está por baixo hoje. Eu gostaria de ficar sozinho para jogar. Vocês podem se sentar se quiserem comer. Se não, por que não me deixam em paz?

— Você tem alguma ideia de onde estavam planejando montar sua operação?

O homem não respondeu. Ele e a mulher começaram outra rodada do jogo. Quando seus punhos pararam, ele falou:

— Mão direita.

— Esquerda – disse a mulher.

Ele pagou outro dólar.

— Outra vez – ele falou e as mãos da mulher retomaram sua dança.

— Estamos pensando em visitá-lo em seu acampamento – falei.

A mulher levantou seus punhos, e o proprietário respirou fundo.

— Está na esquerda.

— Direita – ela falou.

— Você vai nos contar quando o viu pela última vez? – perguntei.

— Você não me ouviu dizer que eu queria ficar sozinho? – ele perguntou.

Charlie abriu seu casaco para mostrar os revólveres.

— Quero que nos conte tudo que sabe, e agora.

O proprietário não ficou surpreso ou preocupado por isso.

— Hermann falou que vocês viriam um dia. Não acreditei nele.

— Quando você o viu pela última vez? – perguntei.

— Ele veio há uns quatro ou cinco dias. Tinha um chapéu novo para me mostrar. Disse que viria me pegar no dia seguinte para irmos ao rio. Eu me sentei aqui, nesse mesmo lugar, como um tonto, por várias horas.

— Mas ele não falou qual rio, não deu nenhuma dica?

— Ele sempre falou em seguir esse rio corrente acima até a nascente.

— Esse rio no qual ele tinha feito uma reivindicação?

— É isso mesmo.

— Por que não foi lá?

— Segui-lo? E depois o quê? Obrigá-lo a me aceitar? Não, se ele quisesse que eu fosse, teria vindo me pegar. Ele tomou a decisão de viajar com o outro homem.

Charlie não gostou da atitude do proprietário.

— Mas e o acordo entre vocês? – ele perguntou. – E o ouro?

— Não me importa seu dinheiro – respondeu o proprietário. – Não sei por quê. Deveria prestar mais atenção a isso. Não, eu estava querendo uma aventura com um amigo, resumindo. Achava que Warm e eu éramos amigos íntimos.

Essas palavras trouxeram uma expressão de desgosto ao rosto do meu irmão. Ele abotoou seu casaco e foi beber no bar. Eu fiquei para olhar o homem perder outro dólar para a mulher, depois outro.

— É difícil encontrar um amigo – falei.

— É a coisa mais difícil nesse mundo – ele concordou. – Outra vez – falou para a mulher. Mas ele estava impaciente, era evidente. Eu os deixei com seu jogo. Meu irmão tinha bebido um conhaque e esperava na estrada por mim. Andamos na direção do hotel de Morris, passando pelo estábulo onde tínhamos deixado Tub e Nimble. O cuidador me viu passando e chamou:

— É seu cavalo – ele falou, fazendo um gesto para que eu entrasse. Charlie disse que iria dar uma olhada na cidade e voltaria em meia hora, e nos separamos.

Quando entrei no estábulo encontrei o cuidador, um careca cheio de sardas e arqueado usando macacão, inspecionando o olho de Tub. Cheguei perto e ele fez um gesto com a cabeça, falando.

— Ele tem um personalidade agradável, o que é incomum.

— Como está o olho?

— É sobre isso que quero falar. É preciso cuidar dele – apontou e disse: – Duas portas para baixo, há um veterinário.

Perguntei quanto o procedimento poderia custar e ele me disse:

— Vinte e cinco dólares, acho. É melhor ver com o médico, mas sei que é por aí.

— O cavalo inteiro não vale vinte e cinco dólares. Um olho não deveria

custar mais do que cinco, para mim.

— Eu faço por cinco – ele falou.

— Você? Já fez isso antes?

— Já vi fazerem numa vaca.

— Onde faria?

— No chão do estábulo. Vou drogá-lo com láudano, ele não vai sentir dor.

— Mas como você iria remover o olho?

— Vou usar uma colher.

— Uma colher? – perguntei.

— Uma colher de sopa – ele concordou. – Esterilizada, claro. Puxar o olho, cortar os tendões com uma tesoura – é assim que foi feito com a vaca. Então o médico encheu o buraco do olho com álcool. Isso acordou a vaca! O veterinário disse que não tinha dado láudano suficiente. Eu vou dar muito para o cavalo.

Acariciando o rosto de Tub, falei:

— Não há nenhum remédio que eu poderia dar a ele em vez disso? Ele já sofreu muito e não precisa ficar meio cego.

— Um cavalo de um olho não é bom para cavalgar – concordou o ajudante. – O mais inteligente seria vendê-lo por sua carne. E tenho cavalos à venda no fundo. Gostaria de vê-los? Poderíamos chegar a um acordo justo.

— Vamos em frente com o olho. Não vamos cavalgar até muito longe e talvez ele ainda possa ser de algum uso para mim.

O cuidador juntou as ferramentas para a operação e colocou-as em cima de uma colcha que havia aberto no chão, ao lado de Tub. Trouxe uma vasilha de cerâmica cheia de água e láudano; quando Tub bebeu aquilo, o cuidador me chamou ao seu lado. Como se fosse um segredo, ele sussurrou:

— Quando as pernas dele começarem a ceder, quero que me ajude a empurrar. A ideia é que ele caia diretamente sobre a colcha, entende?

Respondi que sim, e ficamos juntos, esperando que a droga fizesse efeito. Isso não demorou muito e na verdade aconteceu tão rápido que nos pegou desprevenidos: a cabeça de Tub caiu, balançou e tropeçou pesada na nossa direção, nos prendendo na lateral do estábulo. O cuidador começou a ficar frenético sob o peso; seu rosto ficou vermelho e seus olhos começaram a inchar enquanto ele empurrava e xingava. Estava com medo por sua vida e comecei a rir dele, contorcendo-me sem o menor sentido de dignidade, algo como uma mosca no mel. O cuidador se sentiu humilhado e depois enfurecido por minha postura; ele se contorceu ainda mais frenética e selvagemmente. Com medo de que o homem pudesse ter um ataque ou se machucar, bati o máximo possível nas costas de Tub; ele recuou e se afastou de nós, e o ajudante gritou:

— Empurre, maldição, empurre!

Eu engoli minha risada e coloquei todo o meu peso contra a barriga de Tub. Entre meus esforços e os do cuidador, além da tentativa de Tub de ficar de pé,

nós o empurramos para o outro lado do estábulo, espalhando todas as ferramentas, que caíram no chão. O cuidador agarrou meu braço e me puxou com Tub, que bateu na parede e caiu no chão, sua cabeça perfeitamente em cima da colcha. O cuidador estava ofegando e coberto de suor, e me olhava com o mais sincero desprezo, seus punhos apertados agarrando suas calças de brim.

— Posso perguntar, senhor, de que merda o senhor está rindo?

Ele estava muito bravo, parado ali na minha frente, e precisei de muito autocontrole para não voltar a rir. Consegui, mas foi por pouco. Falando com arrependimento, me dirigi a ele:

— Desculpas por isso. Mas foi engraçado.

— Morrer esmagado por um cavalo, essa é sua ideia de diversão?

— Desculpe ter rido – voltei a falar. Para mudar de assunto, aponte para Tub e falei: – De qualquer forma, foi um tiro certeiro. Bem na coxa.

Ele balançou a cabeça e grunhiu baixo, o catarro se juntando em sua garganta.

— Exceto por um detalhe. Ele está deitado do lado errado! Como vou mexer no olho agora? – ele cuspiu o catarro no chão e olhou por um bom tempo. Em que estaria pensando? Decidi recuperar a confiança do cuidador, por Tub, porque não gostava da ideia do velho realizando uma operação delicada enquanto estava bravo.

Havia muita corda na parede ao fundo do estábulo, então peguei um pedaço e amarrei os tornozelos de Tub, para poder puxá-lo. O ajudante certamente sabia o que eu estava fazendo, mas não ofereceu sua ajuda e começou a enrolar um cigarro. Ele fez isso com grande seriedade, como se exigisse toda a sua concentração. Amarrar os tornozelos de Tub demorou cinco minutos, durante esse tempo o cuidador e eu não trocamos nenhuma palavra, e eu estava ficando bravo com ele, sentindo que seu mau humor era exagerado, então ele se aproximou com um segundo cigarro, que tinha enrolado para mim.

— Não acenda no feno, por favor.

Havia uma única polia pendurada no alto do estábulo; passamos a corda por ela, uma em cima da outra. Com os dois puxando, não foi difícil virar Tub. Depois de trabalhar e fumar juntos, já tínhamos voltado a ser amigos. Dava para ver por que ele tinha ficado bravo. Não entendeu minha risada. Mas éramos pessoas diferentes, e muitas das coisas que eu achava engraçado estavam quase levando esse homem a desmaiar.

Tub estava deitado, dormindo e respirando, e o ajudante foi pegar a colher que estava dentro de uma vasilha de água fervente em sua cozinha. Voltando ao estábulo, ele jogava o utensílio quente de uma mão para a outra a fim de não se queimar. Suas mãos, percebi, estavam imundas, apesar de que nossa aliança era tão fraca que não ousei comentar. Assoprando a colher para esfriá-la, ele me instruiu:

— Fique longe da parte de trás. Se ele for igual à novilha, vai chutar muito.

Ele empurrou a colher no encaixe do olho e, com um rápido movimento de punho, tirou-o para fora. Este ficou pendurado no nariz de Tub, grande, nu, brilhando e ridículo. O cuidador pegou o glóbulo e puxou para esticar o tendão; cortou-o com a tesoura e o resto voltou para o soquete vazio. Segurando o olho em sua palma, procurou um lugar para colocá-lo. Perguntou se eu poderia segurá-lo e recusei. Ele foi embora com o olho e voltou sem ele. Não me contou o que tinha feito com a coisa e também não perguntei.

Pegou uma garrafa de vidro marrom e abriu, jogando o conteúdo no encaixe do olho de Tub até o álcool derramar, chegando à borda. Quatro ou cinco segundos se passaram até a cabeça de Tub se jogar para trás, arqueando-se rigidamente e fazendo um barulho estridente e rouco: “*Heeee!*”, e suas pernas traseiras deram um coice na parede do estábulo. Balançando sobre sua coluna, ele voltou a ficar de pé, ofegando, tonto e com um olho a menos. O cuidador falou:

— Deve doer como um inferno, pela forma como isso os acorda. Eu dei um monte de láudano também!

Nesse momento, Charlie tinha entrado e estava parado quieto atrás de nós. Havia comprado um saco de amendoins e estava comendo depois de descascá-los.

— Qual é o problema com Tub?

— Nós tiramos seu olho – contei. – Ou melhor, esse homem tirou.

Meu irmão entrecerrou os olhos. Ele me ofereceu o saco de amendoins e eu peguei um punhado. Ofereceu o saco para o cuidador, depois percebeu que os dedos do homem estavam nojentos e disse:

— Melhor eu colocar um pouco na sua mão.

O cuidador abriu as palmas para receber sua parte. Agora éramos três homens parados comendo amendoim. O cuidador, percebi, comia todo o amendoim, com casca e tudo. Tub ficou ao lado, tremendo, com o álcool escorrendo por seu rosto. Ele começou a urinar e o cuidador, mastigando com barulho, virou-se para mim.

— Se você pudesse me pagar aqueles cinco dólares essa noite, isso me ajudaria bastante.

Eu dei os cinco dólares e ele os guardou numa bolsa presa dentro de seu macacão. Charlie se aproximou de Tub e olhou a órbita vazia.

— Isso deveria ser preenchido com algo.

— Não – falou o cuidador. – Ar fresco e enxague com álcool são as melhores coisas.

— É um horror olhar para isso.

— Então não olhe.

— Não vou ser capaz de me controlar. Não daria para cobrir com um tapa-

olho?

- Ar fresco e enxague – respondeu o cuidador.
- Quando ele estará pronto para viajar? – perguntei.
- Depende da distância que vocês vão percorrer.
- Vamos até as escavações nos rios a leste de Sacramento.
- Vão atravessar com a balsa?
- Não sei. Charlie?

Charlie estava andando ao redor do estábulo e sorrindo, como se estivesse se divertindo. Ele tinha tomado um ou dois drinques, julgando por sua amabilidade e felicidade. De qualquer forma, não tinha ouvido minha pergunta e não pressionei por uma resposta.

- Provavelmente, vamos viajar de balsa – falei.
- E quando estão planejando ir?
- Amanhã, pela manhã.
- E quando chegarem às escavações, vão dormir ao ar livre?
- Vamos.

O ajudante pensou nisso.

— É muito cedo para ir – ele falou.

Eu acariciei o rosto de Tub.

— Ele parece alerta.

— Não estou dizendo que ele não vai conseguir fazer isso. Ele é bem forte.

Mas se fosse meu cavalo, eu não o cavalgaria por uma semana, pelo menos.

Charlie voltou de suas perambulações e pedi mais amendoins. Ele segurou o saco de cabeça para baixo: vazio.

— Qual é o restaurante mais caro da cidade? – perguntou ao cuidador, que assobiou antes de responder, coçando simultaneamente a testa e os genitais.

O Golden Pearl era totalmente coberto de veludo pesado cor de vinho, com centenas de candelabros sobre cada mesa, pratos de porcelana, guardanapos de seda e talheres de prata. Nosso garçom era um homem de pele branca com um *smoking* escuro, polainas de seda azul e um rubi na lapela que chamava muito a atenção. Pedimos carne e vinho, precedidos por conhaque, um pedido que o agradou bastante.

— *Muito* bom – ele falou, escrevendo com um floreio em seu bloco com capa de couro. – *Muito, muito* bom.

Ele estalou os dedos e duas taças foram colocadas na nossa frente. Fez uma reverência e se retirou, mas eu sabia que ia voltar em seguida, que iria acompanhar nossa experiência gastronômica com extremo charme e agilidade. Charlie deu um gole no conhaque.

— Jesus, é ótimo.

Eu bebi um pouco. Parecia totalmente diferente de qualquer conhaque que já

tivesse bebido. Estava muito distante de minha experiência com conhaque, a ponto de eu ter pensado se não seria outro tipo de bebida. Independentemente do que fosse, era muito bom, e tomei outro gole, maior. Tentando não parecer muito preocupado, falei:

— Onde estamos, em termos de nosso serviço para o Comodoro?

— O que você quer dizer? – ele perguntou. – Vamos continuar com o trabalho.

— Apesar de ele ter nos enganado?

— O que está propondo, Eli? Não há nenhuma razão para cortar nossa ligação com ele até investigarmos esse chamado rio de Luz. Mesmo se não quisermos trabalhar para ele, eu ainda diria que devemos investigar.

— E se Warm e Morris forem bem-sucedidos? Você planeja roubá-los?

— Não sei.

— Se não forem, acho que vamos matá-los.

Charlie deu de ombros, sua atitude era tranquila e despreocupada.

— Eu realmente não sei! – ele disse.

O garçom trouxe nossos bifês; Charlie enfiou um garfo na boca e fez um ruído de satisfação. Também comi um pedaço, mas minha mente estava em outra coisa. Decidi tratar desse assunto naquela hora, aproveitando que Charlie estava de bom humor.

— Estive pensando que, se nunca falarmos que encontramos o diário de Morris, ninguém poderia pensar mal de nós se voltássemos a Oregon City.

Com essas palavras, Charlie engoliu sua carne, e a alegria de um momento anterior desapareceu de seu rosto.

— Que droga você está falando? – ele perguntou. – Poderia me explicar, por favor? Primeiro, o que falaríamos ao Comodoro quando voltássemos?

— Diríamos a verdade, que Morris desertou com Warm, que o paradeiro deles é desconhecido. Nunca poderíamos encontrá-los sem nenhuma dica que nos guiasse.

— O Comodoro esperaria que, pelo menos, verificássemos as terras reivindicadas por Warm.

— Claro e poderíamos dizer que fizemos isso e não encontramos nada. Ou se você preferir, poderíamos visitar o lugar na nossa viagem de volta. Sabemos que Warm não estará lá, afinal. A questão é: se é só o conteúdo do diário que nos leva a continuar, então vamos queimar o livro e ir em frente como se nunca tivéssemos colocado os olhos nele.

— E se o diário não for a única coisa que nos leva a continuar?

— É a única coisa para mim.

— Qual é a sua proposta real, irmão?

— Entre o que temos guardado em Mayfield e o que temos em casa, possuímos o suficiente para nos livrar de uma vez por todas do Comodoro.

— E por que iríamos fazer algo assim?

— Parecia que você estava querendo isso, antes. *Já pensei em parar*, você falou.

— Assim como todo mundo que tem um emprego já pensou em desistir.

— Temos o suficiente para parar, Charlie.

— Parar e fazer o quê? – ele tirou um pedaço de gordura de seu dente e o jogou no prato. – Está *tentando* arruinar meu jantar?

— Poderíamos abrir a loja juntos – falei.

— O *quê?* Que *loja?*

— Há muito queremos e nós dois estamos ricos e ainda possuímos um pouco de juventude. Esta é nossa chance de sair.

Ele estava ficando cada vez mais frustrado com minhas palavras e logo bateria o punho na mesa e me atacaria, de verdade. Mas justamente quando estava chegando a um ponto de verdadeira raiva, algum pensamento o acalmou e ele voltou a cortar seu bife. Comeu com bastante apetite enquanto minha comida foi ficando fria, e quando ele terminou, pediu a conta e pagou os dois pratos, apesar do custo. Eu estava preparado, então, para que ele dissesse algo maldoso na conclusão do almoço e foi isso que ele fez. Bebendo o último gole de vinho, falou:

— Estabelecemos, de qualquer forma, que você deseja parar. Então pare.

— Você quer dizer que eu pararia, mas você não?

Ele assentiu:

— Claro, eu precisaria de um novo parceiro. Rex pediu trabalho no passado, talvez ele queira vir comigo.

— Rex? – falei. – Rex é como um cachorro que fala.

— Ele é obediente como um cachorro.

— Ele tem o cérebro de um cachorro.

— Eu poderia trazer o Sanchez.

Ao ouvir isso, eu tossi e algumas gotas de vinho saíram pelo meu nariz.

— Sanchez? – eu cuspi. – Sanchez?

— Sanchez atira bem.

Segurei meu estômago e ri:

— Sanchez!

— Só estou pensando em voz alta – falou Charlie, enrubescido. – Poderia demorar algum tempo para encontrar alguém. Mas você tomou sua decisão e tudo bem para mim. Seria uma boa notícia para o Comodoro também – ele acendeu um charuto e se encostou na cadeira. – Vamos continuar com esse trabalho e nos separar depois de concluído.

— Por que você diz isso? Nos separar?

— Vou continuar com o Comodoro e você vai virar vendedor.

— Você quer dizer que não vamos mais nos ver?

— Vou vê-lo quando passar por Oregon City. Sempre que precisar de uma camisa ou alguma outra coisa, vou até você – ele se levantou e se afastou da mesa.

Pensei: *ele realmente quer que eu pare ou está somente me enganando e me provocando para eu continuar?* Estudei o modo como caminhava para tentar entender; recebi uma dica quando sua testa se distendeu e sua coluna ficou frouxa – ele estava com pena de mim, de toda a minha tristeza.

— Amanhã de manhã vamos sair para encontrar Warm e Morris – disse. – Vamos terminar o trabalho e ver o que acontece depois.

Ele se virou e saiu do restaurante. O elegante garçom apareceu ao meu lado e ofegou forte quando eu me levantei para ir, porque minha comida estava intocada e ele se sentiu insultado pelo desperdício.

— Senhor! – ele me chamou, seu tom bastante indignado. – Senhor! Senhor!

Ignorando-o, saí para a selvagem noite de São Francisco: lanternas balançando sobre as carroças, o constante barulho do chicote, o cheiro de esterco e de óleo queimado, o contínuo som de mugido.

Voltei ao quarto para dormir e não vi mais Charlie até a manhã, quando acordei e o encontrei totalmente vestido e lavado, barba feita e rosto rosado; estava alerta e senti uma esperança de que essa mudança em seu temperamento estivesse relacionada de alguma forma com nossa discussão na noite anterior, que ele tinha preferido se manter relativamente sóbrio e acordar cedo, assim eu poderia, por associação, ficar melhor e poderíamos analisar o trabalho de um ponto de vista moral. Mas depois vi que seus revólveres estavam brilhando nos coldres – ele tinha limpo e polido, como era seu hábito antes de completar uma tarefa. Sua decisão de passar uma noite pacífica sem beber muito não foi tomada para me agradar ou me acalmar, mas sim para que pudesse estar inteiro para o provável assassinato de Warm e Morris. Triste, eu me levantei da cama e me sentei na mesa em frente a ele. Descobri que não conseguia encará-lo e Charlie falou:

— Não vai funcionar com você bravo assim.

— Não estou bravo.

— Está, sim. Podemos voltar a discutir assim que o trabalho terminar, mas por enquanto você precisa deixar isso de lado.

— Estou falando que não estou bravo.

— Você nem consegue olhar para mim.

Olhei. E foi como se não houvesse nada de errado com ele, estava muito tranquilo. Imaginei o que ele, por sua vez, estaria vendo em mim, o cabelo despenteado, a barrigona apertada dentro de uma camisa suja, os olhos vermelhos e cheios de dor e desconfiança. Tudo foi ficando claro para mim, de repente: eu não era um assassino eficiente. Não era, nunca tinha sido e nunca seria. Charlie havia sido capaz de usar meu temperamento, era tudo; ele tinha me

manipulado, explorado minha personalidade, assim como um homem cutuca um galo antes de uma rinha. Pensei em quantas vezes puxei meu revólver contra um estranho e meti uma bala ao seu corpo, meu coração numa explosão louca de raiva, pela simples razão de que ele estava atirando em Charlie e minha alma exigia que protegesse minha carne e meu sangue? E eu tinha dito que Rex era um cachorro? Charlie e o Comodoro, os dois juntos, obrigando-me a um trabalho que me mandaria para o inferno. Tive uma visão deles no salão do homem, a cabeça de ambos envolta em fumaça, rindo para mim enquanto eu permanecia montado em meu cavalo cômico, no gelo e na chuva. Isso já tinha realmente acontecido; eu sabia que era verdade. Tinha acontecido e voltaria a acontecer, pelo tempo que eu permitisse.

— Este é meu último trabalho, Charlie.

Ele respondeu sem vacilar:

— Como você quiser, irmão.

E pelo resto da manhã naquele quarto, empacotando, lavando e nos preparando para a viagem, não trocamos mais nenhuma palavra.

O cuidador me encontrou na porta do estábulo.

— Como ele está? – perguntei.

— Dormiu bem. Não tenho certeza de como vai cavalgar, mas está melhor do que eu pensei – entregou-me uma garrafa de álcool. – Duas vezes por dia – falou. – Manhã e noite, até terminar. Sempre o amarre a algo quando fizer. Molhe e corra, é meu conselho.

— Você fez isso hoje?

— Não e nem pretendo. Fiz uma vez para mostrar como é, mas daqui pra frente é todo seu.

Querendo resolver logo isso, destampeei a garrafa e dei um passo na direção de Tub, então o cuidador falou:

— Preferiria que fizesse isso do lado de fora. Acabei de tampar o primeiro buraco e não quero que ele faça outro – ele apontou e vi o trabalho malfeito, um pedaço de lata cobrindo o buraco.

Levei Tub e amarrei-o a um poste. Sua órbita tinha sangue coagulado e pus na beirada, e sem o olho para manter sua forma, a pálpebra tendia a se fechar. Eu joguei uma boa quantidade de álcool e me afastei.

— *Heee!* – fez Tub, chutando, tentando fugir, urinando e defecando.

— Desculpe – falei. – Desculpe-me por isso, Tub. Desculpe, desculpe.

Seu desconforto passou e eu fui pegar a sela do estábulo. Charlie tirou Nimble e ficou ao lado de Tub e de mim.

— Pronto? – perguntou.

Eu não respondi, mas subi em Tub. Suas costas e suas pernas estavam mais fracas do que antes, seus músculos fatigados; também estava confuso pela perda

de metade de sua visão e virava seu pescoço para a esquerda, a fim de ver com seu olho direito. Eu o levei até a estrada e ele deu uma volta completa, depois outra.

— Ele está tentando se orientar – falei.

— Está sendo ruim cavalgá-lo tão cedo – disse Charlie. – Dá para ver que ele precisa de descanso.

Puxei as rédeas e Tub parou de girar.

— Não vamos fingir que de repente você se importa com o bem-estar dele.

— Não me importo com o cavalo. Estou falando sobre o que é o melhor para o trabalho.

— Oh! Sim! Claro! O trabalho! Quase me esqueci dele! Nosso propósito notável! Vamos falar mais sobre isso! Nunca vou me cansar do assunto enquanto viver!

Percebi que meu lábio estava tremendo; meus sentimentos estavam tão machucados aquela manhã, olhando para meu irmão em seu cavalo alto e saudável, e sabendo que Charlie não me amava da forma que eu sempre amei, admirei e cuidei dele; meu lábio tremia e acabei gritando, tanto que até as pessoas que passavam por nós fizeram comentários.

— O trabalho! Sim! O trabalho! Mas é claro que era a isso que você estava se referindo!

Os olhos de Charlie se fecharam de desprezo, e a vergonha me tomou como uma febre. Sem uma palavra, ele se virou e foi embora, cortando as ruas cheias e desaparecendo do outro lado de uma carroça. Eu tentei não perdê-lo de vista, mas Tub continuou a girar seu pescoço e andar de lado; eu o apertei com meus calcanhares e a dor o endireitou, mas ele não pôde manter sua respiração quando tentamos andar, e minha vergonha redobrou. Eu queria simplesmente desistir nesse momento e me afastar de Tub e do trabalho, de Charlie, voltar num novo cavalo até meu ouro em Mayfield e construir uma vida separada, com ou sem a guarda-livros pálida, desde que tudo fosse tranquilo, fácil e completamente diferente de minha atual posição no mundo. Esse era meu sonho e era poderoso, vívido, mas não havia feito nada para realizá-lo, e Tub continuou sua corrida ofegante. Cheguei à praia e encontrei Charlie, parei ao lado dele enquanto caminhávamos até o embarque da balsa. Passamos o ponto onde o cavalo do homem com cartola tinha morrido. O animal estava parcialmente sem pele, com uma boa porção de sua carne arrancada. Corvos e gaivotas brigavam pelo que restava, furiosos e bicando, a pele grudada ficando roxa, o vento cobrindo-a de areia e as moscas insinuando-se onde conseguiam. Senti São Francisco parada atrás de mim, mas não olhei para trás em nenhum momento e pensei: *não gostei do tempo que passei aqui.*

A balsa era um barco pequeno movido a pás chamado *Old Ulysses*, tinha um

curral na ponta que abrigava cavalos com ovelhas, vacas e porcos. Assim que Charlie amarrou Nimble, ele me deixou; eu não o segui, fiquei ali cuidando de Tub e falando palavras doces, oferecendo conforto com minha proximidade e cuidado, apesar de tardio. Tinha o plano de permanecer ali durante as oito horas de viagem, mas a água estava brava e os porcos ficaram com enjojo (só os porcos) e foi necessário respirar um pouco de ar puro. Não encontrei Charlie e nada importante aconteceu no resto da viagem, exceto isto: perguntei a uma mulher se ela tinha horas e ela me olhou de baixo para cima e falou:

— Não tenho para dividir com você – e foi embora.

Comprei umas maçãs farinhentas de um cego e dei para Tub quando o barco estava chegando em Sacramento. Suas pernas estavam tremendo. Era o fim da tarde.

Charlie e eu nos afastamos da civilização e entramos numa floresta de carvalho, densa, úmida e impossível de percorrer sem tomar cuidado. Era um avanço lento, piorado ainda pelo fato de não estarmos conversando. *Não vou falar primeiro*, pensei. Então Charlie me disse.

— Gostaria de discutir nossos métodos para lidar com Warm.

— Certo – falei. – Vamos cobrir todos os ângulos.

— É isso. Começando com nosso empregador. O que ele poderia querer que fizéssemos?

— Matar Morris primeiro, rapidamente e sem maldade. De Warm, extrair a fórmula, depois matá-lo, também, mas devagar.

— E o que faríamos com a fórmula?

— Devolvê-la ao Comodoro.

— E o que ele faria com isso?

— Afirmaria ser o inventor e ficaria ainda mais rico.

— Assim, a verdadeira questão é: por que estamos fazendo isso para ele?

— Mas é exatamente isso que estou tentando discutir.

— Quero que conversemos sobre isso, Eli. Responda-me, por favor.

— Vamos fazer isso por um salário – respondi. – E por nossa reverência a um homem poderoso, cuja posição você espera um dia usurpar ou ocupar.

Charlie fez uma careta que dizia: não sabia que você sabia disso.

— Certo. Vamos assumir que seja verdade. Faria sentido, então, dar mais poder ao Comodoro? Permitir isso?

— Não faria sentido.

— Não. Agora, faria sentido seguir as instruções do Comodoro menos a última parte? Menos entregar a fórmula?

— Matar dois homens inocentes e roubar para nós a ideia que tiveram?

— A parte moral vem depois. Perguntei se faria sentido.

— Pelo menos, faria sentido, sim.

— Ótimo. Agora, vamos discutir as consequências de desobedecer o

Comodoro.

— Seria desagradável. Acho que seríamos caçados por toda a vida.

— A menos? – ele falou, os lábios revirados. – A menos?

— Isso – falei. – Teríamos de matá-lo.

— Como?

— O que você quer dizer?

— Esperar por ele? Avisar que estamos atrás dele? Entrar em guerra com seus capangas? Ele tem homens em todos os postos e em todas as cidades, lembre-se disso.

— Não, a única forma seria eliminá-lo de uma vez. Voltar como se estivéssemos retornando da missão, aí matá-lo em sua casa e fugir.

— Fugir para onde? Quem viria atrás de nós se o homem estivesse morto?

— Eu ficaria surpreso se ele não tivesse ordens explícitas a serem realizadas caso seja assassinado.

— Com certeza tem – concordou Charlie. – Ele já me falou sobre isso no passado: “Se meu sangue for derramado prematuramente, haverá um oceano de sangue derramado em resposta”. Então, como isso poderia influenciar nossos planos?

— A única forma seria matá-lo em segredo.

— Segredo total – concordou Charlie.

— Chegaríamos em segredo e o matariamos enquanto dorme. Depois disso, fugiríamos para o deserto e nos esconderíamos por vários dias, aí retornaríamos de mãos vazias, como se viéssemos de São Francisco, afirmando ter perdido a fórmula, ter perdido Morris e Warm. Agiríamos com surpresa quando descobríssemos sobre a morte do Comodoro e ofereceríamos nossos serviços para perseguir e matar qualquer envolvido.

— Isso é bom, exceto pela última parte – ele falou. – Se o Comodoro for assassinado, acusações vão voar para todos os lados, e haverá uma boa dose de violência por causa disso. Eu ficaria surpreso se não fôssemos acusados; e seria suspeito se nós, em contrapartida, não acusássemos também. Muito sangue seria derramado e para quê? Se o homem com o dinheiro já morreu?

— E qual é a sua ideia, irmão?

— E se o Comodoro simplesmente morresse dormindo? Um travesseiro sobre o rosto, é tudo.

— Isso – falei. – É uma boa maneira. E teríamos a fórmula, também.

— Teríamos, mas não poderíamos usá-la por um bom tempo.

— Poderíamos viver com o dinheiro de Mayfield, mais nossas economias.

— Ou poderíamos encontrar um rio escondido e trabalhar com a fórmula de forma anônima.

— Seria difícil esconder.

— Difícil, mas não impossível. Provavelmente teríamos de trazer mais

algumas pessoas conosco. Não sei como Warm acha que vai ser capaz de represar um rio com a ajuda de apenas uma pessoa.

— Vamos voltar à questão moral – falei.

— A questão moral – falou Charlie. – Sim, vamos.

— Nunca gostei muito do Sr. Morris pessoalmente. Ou deveria dizer que ele nunca gostou ou nos respeitou, o que atrapalha meus sentimentos com relação a ele. Mas vou admitir que sinto certo respeito por ele.

— Sim, também me sinto assim. Ele é honrado. Mesmo com o abandono de seu posto.

— Ele é mais honrado por causa disso, é minha forma de ver as coisas. E quanto a Warm, não posso evitar. Eu o admiro por sua inteligência.

— Claro, claro.

— Bom, não sei mais o que falar.

— Preferia não matá-los.

— É isso. Estive pensando no último trabalho, onde perdemos nossos cavalos. Lembra-se daqueles homens que enfrentamos? Todos estavam atrás de sangue e mais sangue e não fazia diferença para eles de quem era. Estavam vivendo só para morrer. E nosso papel estava marcado no momento em que entramos na propriedade deles.

Charlie fez uma pausa, lembrando-se.

— Foi um bando duro, é verdade.

— Pareceu correto para mim, porque se eles tinham ou não feito algo contra o Comodoro, eram homens maus e teriam nos matado se não tivéssemos atirado primeiro. Mas esses dois, Warm e Morris. Seria como matar crianças ou mulheres.

Charlie ficou quieto. Estava pensando nos dois futuros, o imediato e o distante. Tinha mais para falar, mas não o interrompi, pois senti que já tinha falado o suficiente para explicar minha posição. Eu estava aliviado por termos conversado e por Charlie não estar totalmente contra minha forma de pensar. Estava também aliviado que os maus sentimentos de São Francisco tivessem diminuído. Mas geralmente chegávamos a uma trégua através desse tipo de discussão clínica.

A noite chegou antes de conseguirmos localizar Warm, e acampamos embaixo dos carvalhos. Eu coloquei o álcool em Tub, que relinchou, chutou e se contorceu; quando a dor passou, ele se deitou no chão, ofegando e olhando para nada. Não tinha muito apetite, mas eu ainda acreditava que havia muita vida nele, que logo começaria sua recuperação. Quando me preparava para dormir, vi o topo das árvores se dobrando e batendo com o vento. Dava para ouvir o rio, mas não consegui localizá-lo; um momento eu o sentia ao norte, outro momento estava certo de que ficava ao sul. Pela manhã descobri que estava no leste.

Encontramos o terreno reivindicado por Warm depois do almoço e decidimos passar a noite ali, para que Tub pudesse descansar do dia inteiro de cavalgada e para que Charlie e eu pudéssemos nos concentrar no que vinha pela frente.

O lugar era pitoresco e confortável, e acampamos acima do rio, num banco de areia gramado. Uma pequena placa na entrada do local dizia: **ESSAS ÁGUAS SÃO PROPRIEDADE TEMPORÁRIA DE HERMANN KERMIT WARM, UM HOMEM HONESTO EM RELAÇÕES AMIGÁVEIS COM A MAIORIA DOS ANJOS NO CÉU. AQUELES QUE ENFIAREM SUAS PANEAS NESTA PROPRIEDADE SERÃO INVADIDOS, INSULTADOS, ATINGIDOS COM HARPAS E PROVAVELMENTE RAIOS TAMBÉM.** Videiras estavam pintadas ao redor dessas palavras. Warm tinha dedicado um bom tempo ao projeto.

Havia gordas trutas subindo a corrente e Charlie atirou em uma para nosso jantar. Depois de receber a bala, o peixe soltou uma nuvem de sangue e caiu de lado, enquanto a corrente o levava rio abaixo. Charlie se enfiou na água e pegou o peixe pelo rabo, levantando-o e jogando-o na areia, onde eu estava sentado. Eu o limpei e fritei com gordura de porco. O peixe pesava quase dois quilos e comemos tudo, menos a cabeça e as tripas. A grama grossa era excelente para dormir e nós dois tivemos uma boa noite de sono. Pela manhã, encontramos um homem parado ao nosso lado, pequeno, grisalho e sorridente, um prospector feliz voltando para a civilização com sua bolsa de pó e pepitas garimpadas com dificuldade.

— Bom dia, cavalheiros – ele falou. – Estava a ponto de fazer uma fogueira para meu café quando senti sua fumaça. Dividirei com prazer uma caneca com vocês, se puder usar seu fogo.

Falei para seguir em frente e ele alimentou o carvão, colocando sua panela enegrecida em cima da brasa. Falou para si mesmo, enquanto fazia isso, oferecendo palavras silenciosas de encorajamento e graça:

— Bom, bom. Organizado, organizado. Muito benfeito.

A cada meio minuto, mais ou menos, ele sofria um ataque de tiques nervosos e eu pensava: ele ficou tanto tempo sozinho ao ar livre que se tornou duas pessoas.

— Você está indo para São Francisco? – perguntou Charlie.

— Pode apostar. Fiquei quatro meses fora e, quanto mais perto, não consigo acreditar. Tenho tudo organizado até o último detalhe.

— Tem tudo organizado?

— Todas as coisas que vou fazer – não perguntamos o que ele tinha elaborado, mas não precisou de nenhum convite para continuar: – A primeira coisa que vou fazer é alugar um bom quarto, no alto, assim posso ver tudo que passa. A segunda coisa que vou fazer é pedir um banho muito quente. A terceira coisa que vou fazer é entrar na banheira com a janela aberta e ouvir a cidade. A quarta coisa que vou fazer é me barbear e cortar o cabelo, bem curto. A quinta

coisa que vou fazer é comprar uma roupa nova, do chapéu às botas. Camisa, camiseta, calça, meias, tudo.

— Preciso ir ao banheiro – interrompeu Charlie e entrou na floresta.

O prospector não se perturbou com a indelicadeza do meu irmão e, na verdade, parecia não ter notado. Estava olhando para o fogo enquanto falava; provavelmente teria continuado mesmo se eu tivesse ido embora.

— A sexta coisa que vou fazer é comer um bife do tamanho da minha cabeça. A sétima coisa que vou fazer é ficar muito bêbado. A oitava coisa que vou fazer é conseguir uma linda garota e me deitar com ela. A nona coisa que vou fazer é conversar sobre sua vida, e ela vai perguntar sobre a minha, e vamos fazer isso por um tempo, de forma civilizada e apropriada. A décima coisa que vou fazer não é problema de ninguém, só meu. A décima primeira coisa que vou fazer é mandá-la embora e me esticar na cama limpa e macia, assim – ele esticou os braços o mais alto que conseguia. – A décima segunda, nossa, vou dormir, dormir e dormir!

A água começou a ferver e ele nos serviu uma caneca de café, o gosto era tão ruim que me deixou espantado e foi preciso muita polidez para não cuspir o líquido. Passando o dedo no fundo da caneca, eu encontrei um pouco de areia. Cheirei, lambi e identifiquei como terra. As pessoas geralmente descrevem algo como “com gosto de” terra, mas esse não era o caso – minha caneca estava cheia de terra e água quente, nada mais. Acredito que o homem, por alguma mania de prospector solitário, começou a ferver terra e acabou acreditando que era café. Pensei em falar sobre o assunto com ele, mas o sujeito estava tão feliz em dividir aquilo comigo e eu não queria deixá-lo chateado; de qualquer forma, quem era eu para pensar em tentar desfazer o que certamente tinha tomado vários dias e várias noites para se tornar um fato para ele? Decidi esperar até seu próximo ataque de tiques e jogar fora a água suja enquanto não estivesse olhando. Charlie voltou do meio do mato e eu contei com olhares secretos que ele não deveria beber o “café”; quando o prospector ofereceu uma caneca, ele recusou.

— Mais para nós – disse o prospector e eu sorri tímido.

— Eu queria saber se você viu dois amigos nossos – perguntou Charlie. – Eles subiram o rio há alguns dias. Dois homens, um com barba, outro não.

— Tinham bastante equipamentos com eles? – ele questionou.

— A barba dele era vermelha.

— Isso mesmo. Tinham bastante equipamentos com eles. Duas mulas carregadas com o dobro do que Benny está levando – ele apontou para sua mula, Benny, parada ao lado de Tub e Nimble. Não acho que uma mula poderia carregar mais do que a dele.

— Que tipo de equipamento? – perguntei.

— Painelas, lona, corda, madeira. O de sempre. A única coisa estranha é que

eles tinham quatro tonéis de vinte e cinco galões, dois por mula. O ruivo disse que estavam cheios de vinho. Não quiseram me vender uma gota, miseráveis! Gosto de beber como qualquer outro, mas levar tanto assim no meio do nada é o tipo de ganância que pode arruiná-lo. É exigir demasiado de uma mula, a ponto de ela não conseguir mais se recuperar. Aquelas duas estavam já bem ruins, me pareceu.

— Alguma ideia de onde estavam indo?

— Estavam interessados em saber a localização de uma represa de castor que mencionei. Só comentei como um lugar que eles deveriam evitar, mas os dois quiseram saber todos os detalhes.

— Onde fica? – perguntou Charlie.

— Você tem o mesmo olhar que eles! E vou falar exatamente o que disse para os dois: aquele pedaço de terra não vale o seu tempo. Aqueles castores vão comer todo pedaço de madeira do seu acampamento assim que você olhar para o lado, e o que você colocar no rio, qualquer coisa, vai ter o mesmo destino. Uma chateação maldita, é o que são. Ei, essa é boa! – ele sofreu um ataque de tiques e eu joguei minha água suja na grama. No momento em que seu ataque parou, ele viu que minha caneca estava vazia e me preparou outra, encorajando-me a beber. Encostei a caneca na boca, fechando meus lábios na borda, sem deixar nenhum líquido entrar.

— Se os nossos amigos estão indo para lá – disse Charlie –, gostaríamos de visitá-los.

— Bom, não poderão dizer que não os avisei. Mas vocês saberão que estão perto quando passarem por um acampamento a uns seis ou oito quilômetros daqui. Não parem com a esperança de fazer amigos, porque esse grupo não tem interesse em socializar. Na verdade, são tremendamente rudes. Mas não importa. Mais uns três quilômetros e vocês verão a represa. Não dá para evitar, de tão grande que é.

Ele levantou a chaleira para se servir de outra caneca de seu preparado e percebi que fez uma careta de dor com o esforço. Perguntei se estava machucado e ele assentiu. Tinha lutado com um índio à faca e ganhou, ele contou, mas o índio tinha arrancado um pedaço dele, o que o enfraqueceu. Permanecera caído ao lado do cadáver por muitas horas antes de poder retomar as forças para ficar de pé. Ele levantou a camisa para nos mostrar o corte embaixo de seu peito. Suas pontas estavam cicatrizadas, mas ainda havia uma casca no buraco – uma ferida horrível. Acho que devia ter umas três semanas.

— Ele me acertou bem aqui. Acho que dei uma melhor nele, entretanto.

Ele se afastou do fogo e voltou para Benny, amarrando sua caneca e chaleira à mula.

— Onde está seu cavalo? – perguntou Charlie.

— Foi por isso que lutei contra o índio, não falei? Ele roubou meu amigo Jesse

na noite em que estava dormindo. Quando voltou atrás de Benny, eu estava pronto para ele. Tudo bem, é um bom dia para caminhar. E se o Velho Ben consegue, então vou conseguir também – ele tirou o chapéu para nós. – Obrigado pela companhia. Vou beber algo em homenagem a vocês, na cidade.

— Espero que consiga realizar seus planos – disse para ele, que deu um sorriso louco e falou:

— Eh! – virou-se e foi embora, com Benny levando o equipamento. Quando já estava longe, Charlie perguntou:

— O que tinha de errado com o café?

Entreguei minha caneca; ele deu um pequeno gole e cuspiu discretamente. Seu rosto não tinha expressão.

— É terra – ele falou.

— Eu sei.

— O homem ferve terra e bebe?

— Não acho que ele saiba que é terra.

Charlie levantou a caneca e deu outro gole. Deixou um pouco na boca e voltou a cuspir.

— Como ele pode não saber que é terra?

Pensei nesse prospector com tiques, o outro que tinha uma galinha e o prospector morto sem cabeça e falei:

— Parece que a solidão de trabalhar em lugares selvagens não é nada saudável para um homem.

Charlie estudou a floresta ao redor com um pouco de suspeita ou desconfiança.

— Vamos continuar – ele falou, virando-se para enrolar seu saco de dormir.

Tub parecia ruim e eu resistia a passar o álcool nele, já que achava que a energia usada seria necessária para nos levar à represa dos castores. Ele estava respirando forte e não quis beber água.

— Acho que Tub está morrendo – falei para Charlie.

Ele inspecionou um pouco meu cavalo; não falou que concordava comigo, mas dava para ver que sim.

— São poucos quilômetros – falou –, com sorte chegaremos logo e Tub poderá descansar e recuperar as forças. O melhor é passar logo o álcool para podermos sair.

Expliquei que achava melhor pular essa parte, e Charlie teve uma ideia. Ele tirou uma garrafa de suas coisas; seu rosto se abriu num sorriso quando me mostrou.

— Não se lembra? O líquido entorpecedor do médico de dente?

— E? – falei, sem entender.

— Então? Que tal passar um pouco disso em Tub antes do álcool? É só passar e esperar um pouco. Aposto que vai evitar a dor.

Não tinha certeza se o líquido seria eficiente sem ser injetado, mas fiquei curioso e segui as instruções de Charlie, por isso coloquei uma pequena quantidade do remédio no buraco do olho de Tub. *Ele ficou duro, esperando a dor do álcool*, pensei, *mas esta nunca chegou e ele voltou a ofegar*. Então joguei o álcool e novamente ele ficou rígido, mas não gritou, nem chutou ou urinou e fiquei feliz por Charlie ter pensado nisso; e ele também estava feliz consigo mesmo, e acariciou o nariz de Tub parecendo genuinamente desejar o melhor. Depois disso, partimos para subir o rio. Havia um sentimento auspicioso entre nós que eu esperava que pudéssemos manter.

O acampamento ao sul da represa dos castores era um lugar abandonado, onde havia pouco mais do que uma fogueira e sacos de dormir dispersos, com ferramentas e madeiras jogadas pela área. No limite do acampamento havia três homens mal-encarados, irritados com a nossa aproximação. Era um grupo sujo até pelos padrões dos prospectores, as barbas emaranhadas, os rostos enegrecidos com fuligem ou lama, as roupas manchadas e desleixadas; tudo com relação a eles era escuro e encardido de verdade, tirando a cor de seus olhos, que era como a sombra de um azul forte. *Irmãos*, pensei. Dois deles tinham rifles; o terceiro trazia revólveres nos coldres. Charlie falou com eles:

— Algum de vocês viu um par de homens indo para o norte faz alguns dias? Um deles tinha barba, o outro não.

Como nenhum deles respondeu, eu falei:

— Tinham duas mulas com eles, com barris de vinho?

Nada de resposta. Passamos por eles e fiquei de olho em seus movimentos, porque pareciam do tipo que atirariam pelas costas. Depois que os perdemos de vista, Charlie falou:

— Não são os típicos prospectores.

— Eram assassinos – concordei.

Provavelmente estavam se escondendo de algo em seu passado coletivo, trabalhando na exploração de ouro enquanto isso e, julgando pelo visual deles, não estavam conseguindo muita coisa.

Mais uns dois quilômetros subindo o rio e Tub começou a tossir. Com minhas pernas podia sentir uma secura vazia em seu tórax e percebi que havia sangue escorrendo de seus lábios e caindo no rio. Desmontei e toquei sua boca com a mão; vi que o sangue era negro. Mostrei para Charlie, que falou que estávamos tão perto da represa que poderíamos fazer um acampamento temporário e nos aproximar a pé de Warm e Morris. Desmontamos e levamos os cavalos para o meio das árvores. Encontrei um ponto com sombra para Tub e assim que removi a sela, ele se deitou no chão. Senti que ele não ia mais se levantar e fiquei triste por tê-lo tratado tão mal. Coloquei minha vasilha perto dele, enchendo com água do meu cantil, mas ele não quis beber. Coloquei um pouco de grama no chão,

mas ele não se interessou também, só ficou deitado, ofegando.

— Não sei onde vamos conseguir outro cavalo por aqui – falou Charlie.

— Ele pode melhorar com algum descanso – falei.

Charlie ficou parado atrás de mim, esperando. Eu me agachei em frente a Tub, acariciando seu rosto e repetindo seu nome, com a esperança de confortá-lo. Ele piscou e fechou o olho vazio; sua língua ensanguentada estava pendurada fora da boca, babando sobre a terra. Oh, eu me senti muito triste de repente e não conseguia gostar de mim mesmo.

— Temos de ir agora – disse Charlie. Ele colocou uma mão no meu ombro e a outra no seu revólver. – Quer que eu faça isso?

— Não. Vamos embora, deixe-o assim.

Nós nos afastamos dos cavalos em direção ao norte, para finalmente encontrar Warm.

O acampamento de Morris e Warm estava murado dos dois lados por colinas íngremes, com densas florestas. Chegamos ao ponto alto do lado mais ocidental, olhando de cima seu assentamento benfeito: os cavalos e as mulas estavam lado a lado, havia uma pequena fogueira em frente às barracas, e suas ferramentas, selas e mochilas estavam organizadas. Era fim da tarde e fazia um pouco de frio; o sol jogava uma luz laranja contra as árvores e refletia a superfície do rio, uma veia prateada e cheia de curvas. Abaixo do acampamento, havia uma represa de castores, fazendo que a água ficasse parada num círculo preguiçoso. Não dava para dizer se a fórmula funcionava ou não, mas aquele era um bom lugar para testá-lo.

Vi algum movimento dentro da barraca e Morris apareceu, engatinhando até a abertura, e parecendo tão diferente da pessoa bem arrumada e perfumada que tinha conhecido no passado que no começo não o reconheci. Suas roupas estavam cheias de barro e sal, seu cabelo, uma bagunça completa; suas calças e mangas estavam enroladas, a pele exposta tinha uma cor roxa. Mostrava um sorriso fixo no rosto e falava sem parar, provavelmente para Warm, ainda na barraca, mas ele estava longe e não dava para ouvir o que dizia. Descemos até o campo deles numa rota diagonal, caminhando com cuidado para não soltar nenhuma pedra e alertar os homens de nossa chegada. Perto da base da colina, perdemos a visão do campo; mas era possível ouvir a voz de Morris e descobrimos que ele não estava falando com ninguém, mas cantando. Charlie bateu no meu ombro e apontou para barraca; de onde era possível ver seu interior vazio. Ao mesmo tempo que vi isso, ouvi uma curta instrução vinda de cima das nossas cabeças:

— Levantem as mãos ou mandarei uma bala na cabeça de cada um.

Olhamos para cima e vimos um indivíduo selvagem, como um gnomo sentado no galho de uma árvore. Ele tinha um revólver apontado para nós. Seus

olhos estavam tremendo, vitoriosos.

— Esse é o nosso Hermann Warm – disse Charlie.

— Exatamente – disse o homem –, e saber meu nome me leva a saber o de vocês. São os homens do Comodoro, não é mesmo? Os famosos irmãos Sister?

— Exatamente.

— Vocês andaram muito para me encontrar. Estou a ponto de me sentir honrado. Não totalmente, mas perto.

Eu me mexi e Warm falou tranquilo:

— Mexa-se assim novamente e vou matá-lo. Você acha que estou brincando, cavalheiro, mas você faz algo e eu puxo o gatilho, não tenha dúvidas.

Ele estava falando sério e foi como se eu pudesse sentir o ponto preciso em que a bala entraria no meu crânio. Warm, como Morris, estava descalço e as calças estavam enroladas; também a carne de suas pernas e mãos estava roxa e eu pensei: será que a fórmula para encontrar ouro tinha funcionado? Não dava para saber por sua expressão, porque ele tinha o olhar duro e protetor. Charlie notou a cor roxa e perguntou:

— Tem feito vinho, Warm?

Esfregando seus tornozelos, como um grilo, Warm respondeu:

— Faz muito tempo que não.

— Então, você é mais rico hoje do que ontem? – perguntei.

Cheio de suspeitas, ele falou:

— O Comodoro falou com você sobre a fórmula?

— De uma forma vaga, sim – falou Charlie. – Mas descobrimos os principais fatos através de Morris.

— Duvido muito – disse Warm.

— Pergunte a ele.

— Vou mesmo – sem tirar os olhos de nós, ele assobiou duas vezes, de modo agudo e breve; ao longe voltou um som idêntico e Warm assobiou mais uma vez. Do meio das árvores veio Morris, ainda alegre e sorrindo até ver nós dois, Charlie e eu, quando congelou, seu rosto com uma forte expressão de terror.

— Está tudo bem, estão dominados – disse Warm. – Subi aqui para olhar o rio e tive sorte. Vi esses malandros se esgueirando na direção de nosso acampamento. Eles ficaram sabendo de nosso pequeno experimento aqui e estão tentando me dizer que foi você que contou.

— Estão mentindo – disse Morris.

— Não foi só você, Morris – falou Charlie. – O homem de um olho só no Black Skull nos contou onde vocês planejavam acampar. Mas foi seu diário que provou ser indispensável.

Olhando para o rosto de Morris, notei sua torturada lembrança.

— A cama – ele falou. – Me desculpe, Hermann. Maldição, esqueci completamente.

— Esqueceu, é? – falou Warm. – Não fique mal, Morris. Foi um momento complicado e estivemos trabalhando duro. De qualquer forma, a culpa é dos dois. Não deixei aquele ciclope saber dos nossos planos? Em troca de quê? De uns pratos de comida ruim.

— Mesmo assim – falou Morris.

— Não pense mais nisso – falou Warm, tranquilizando-o. – Temos os dois na nossa frente. Isso é o importante. A questão agora é: o que fazer com eles?

O rosto de Morris ficou sem expressão.

— A única coisa a fazer é atirar neles.

— Dá para imaginar isso? – falou Charlie. – Uma semana ao ar livre, e o homenzinho já está louco por sangue.

— Espere um pouco – disse Warm.

— Não tem outra solução – continuou Morris. – A gente enterra os dois e termina com tudo. Demorará um mês antes de o Comodoro organizar algo contra nós e até lá estaremos longe.

— Eu me sentiria muito melhor com essa ameaça eliminada – arriscou Warm.

— Atire neles, Hermann. Acabe logo com isso.

Warm estava ponderando.

— Fico ruim do estômago de pensar nisso.

— Posso falar algo? – perguntei.

— Não – disse Morris. – Hermann, atire neles. Vão se mexer.

— Se fizerem isso, vou realmente matá-los. Você aí, o grandão, vá em frente, pode falar.

— Deixe-nos trabalhar com vocês. Nós não trabalhamos mais com o Comodoro e não temos mais nenhum dever para com ele.

— Não acredito em você – disse Warm. – Sua presença aqui mostra isso.

— Estamos aqui por causa do que lemos no diário – disse Charlie. – Queremos ver seu rio de Luz.

— Vocês querem nos roubar, é isso que quer dizer.

— Estamos os dois impressionados com sua engenhosidade e inteligência – falei. – E somos simpáticos à decisão de Morris de abandonar o Comodoro. Como falei, tomamos a mesma decisão e fomos impelidos a visitá-los.

Minhas palavras, ditas com sinceridade, fizeram Warm parar e senti que estava me olhando e pensando. Quando finalmente respondeu, no entanto, suas novas não estavam a meu favor:

— O problema é que, mesmo se vocês tiverem rompido com o Comodoro, algo que eu duvido ser verdade, mas mesmo se for, não tenho fé em seus motivos. Colocado de forma simples, vocês são ladrões e assassinos, e não há lugar em nossa operação.

— Não somos ladrões – disse Charlie.

— Somente assassinos então, é isso?
— Vocês estão extenuados do trabalho – falei. – Vamos ajudá-lo com as tarefas e oferecemos nossa proteção também.
— Proteção contra quem?
— Contra quem vier atacá-los.
— E quem vai nos proteger de vocês?
— Deixe-nos participar de seu grupo – falou Charlie. Sua paciência tinha acabado e seu tom era exigente, o que fez Warm se decidir. Ele não falou mais nada, e quando olhei para cima pude ver que Warm estava levantando a cabeça enquanto virava sua arma para Charlie. Eu estava começando a pegar meus revólveres quando Warm, ainda se afastando, virou demais, perdeu o equilíbrio e caiu do galho, dando uma cambalhota no ar e desaparecendo sem um ruído sequer numa trilha de altas samambaias. Morris, desarmado, virou e saiu correndo pelo meio das árvores; Charlie levantou um revólver em sua direção, mas eu corri e segurei seu braço. Ele sacou seu outro revólver, mas Morris tinha desaparecido. Ele se separou de mim para persegui-lo, mas Morris já estava longe e Charlie o abandonou, voltando-se para onde Warm tinha caído – só que o homem já não estava mais lá, havia desaparecido sem ser detectado. Charlie olhou impotente para as samambaias, depois para mim. Passou um momento e ele começou a rir, o rosto pálido e descrente. Esse encontro com Warm, apesar das armas, tinha sido tão diferente de nossas experiências anteriores que ele não pôde evitar de achar engraçado. Sua diversão logo desapareceu, no entanto, e, quando voltamos a nosso acampamento para nos reagrupar, ele estava simplesmente bravo.

Tub tinha desaparecido quando voltamos. Ele estava tão fraco que nem pensei em amarrá-lo, mas enquanto saímos, tinha se levantado e desaparecido. Segui a trilha, coberta de sangue levando a uma pequena colina que formava uma muralha ao redor de nosso acampamento; o lado mais extremo disso era quase vertical e ele havia caído, deslizando uns quarenta e cinco metros sob seu próprio peso antes de chegar ao alto de uma enorme sequoia. Ele estava com o rabo para cima, e suas pernas, apontadas para o céu. *Que vida difícil é a dos animais do homem, que prova de dor, resistência e falta de sentido*, pensei. Eu considerei descer para ver como estava, porque se estivesse respirando, seria melhor colocar uma bala nele, mas suas feições ilustravam a chegada da morte inquestionável, e eu me afastei dele, voltei ao acampamento para encontrar Charlie guardando sua munição.

A morte de Tub provou ser útil para diminuir a chateação de Charlie, preocupado como estava por meu bem-estar, ofereceu-me palavras de encorajamento, uma promessa de conseguir um novo cavalo, que fosse igual a Nimble, ou até melhor. Aceitei suas palavras de conforto, agindo solene e

pensativo, mas na verdade não estava especialmente triste pela morte de Tub. Agora que tinha morrido era como se minha simpatia por ele também tivesse desaparecido e eu estava ansioso por minha vida sem sua presença. Era um bom animal, mas havia significado um peso para mim; nossas vidas não eram fáceis juntos. Muitos meses depois, voltei a ficar triste por ele e esse sentimento ainda está comigo hoje, mas na hora de seu falecimento só senti um peso saindo de meus ombros.

— Está pronto? – perguntou Charlie.

Assenti. Sabia a resposta, mas perguntei de qualquer forma:

— Qual será nosso curso de ação?

— Força é a única forma – ele falou.

— Certamente eles devem saber que poderíamos ter matados os dois, mas não fizemos isso.

— Eu os teria matado se você não tivesse interferido.

— Por tudo que sabem, no entanto, escolhemos não matá-los.

Charlie não respondeu e eu falei, um pouco tonto:

— E se entrássemos no campo deles, sem armas, com as mãos para o ar.

— Eu me recuso a honrar essa ideia com uma resposta.

— Estou só tentando discutir cada possibilidade.

— Só há duas. Deixá-los em paz ou visitá-los novamente. E se voltarmos a visitá-los, será necessário usar a força. Eles teriam nos matado antes se não fosse por falta de jeito, e agora não vão hesitar. Morris estará armado e não poderemos nem conversar – ele balançou a cabeça. – A força é a única forma, irmão.

— Mas e se voltássemos a Mayfield... – comecei.

— Já passamos por isso – Charlie interrompeu. – Se quiser ir, pode ir, mas terá de ir caminhando até Sacramento para conseguir um novo cavalo. A escolha é sua. Vou terminar este trabalho com ou sem você.

Tomei a decisão de ir com Charlie, então. Achei que ele estava certo. Tentamos entrar no acampamento de forma pacífica, mas eles não nos deixaram. Era toda a misericórdia que poderia esperar de meu irmão, e a oportunidade para visitar o rio de Luz era muito incomum para que pudéssemos deixar passar. Encarei essa decisão como o último derramamento de sangue do futuro próximo, se não do resto da minha vida; contei a Charlie isso e ele me falou que se o pensamento me trazia conforto, eu deveria abraçá-lo.

— Mas – ele falou –, você está esquecendo o Comodoro.

— Oh, sim. Bom, depois dele então.

Charlie fez uma pausa.

— E haverá provavelmente alguma matança relacionada à morte de Comodoro. Acusações feitas, dívidas pagas, esse tipo de coisa. Poderia ser bem sangrento, na verdade.

Então essa será a era final de mortes na minha vida, pensei.

— Está ficando escuro – disse Charlie. – Deveríamos atacar agora, caso eles estejam planejando fugir. Podemos chegar a eles dando a volta maior, do lado leste da colina. Será fácil, pode olhar.

Ele começou a urinar no fogo. Observei a luz das chamas morrendo em seu rosto e queixo. Ele estava feliz. Charlie sempre estava feliz quando tinha algo a fazer.

Demos uma volta ao redor do acampamento de Warm e Morris, cruzando o rio a uns oitocentos metros e voltando, rastejando sobre o ponto da colina do outro lado do assentamento deles. No meio das árvores podíamos ver as brasas na fogueira, os barris da fórmula estavam à beira da água, um deles caído e vazio enquanto os outros três permaneciam fechados. Não dava para ver nenhum dos homens, mas seus animais continuavam ali e assumi que estivessem se escondendo embaixo de suas tendas ou no meio das árvores, armados e esperando uma luta. Morris, pensei, estaria rezando desesperado e cheio de arrependimento; apesar de conhecer pouco o homem, decidi que Warm era provavelmente mais ousado, mais aventureiro, era levado por uma atitude de certeza e uma exigência sobre si mesmo para ver todo o plano, não importava o que acontecesse. Mas independentemente do que passava em suas mentes, não era possível vê-los, e o acampamento estava quieto como um túmulo.

A represa, em comparação, estava explodindo com o inescrutável trabalho dos castores noturnos, numerosos, gordos e peludos sobre a luz leitosa da lua. Eles se curvavam, nadavam e se erguiam, fazendo ruídos baixos, comunicando algum lamento de castor ou talvez um sentimento de encorajamento; eles vinham até a margem, levando galhos e ramos de volta para a água e colocando-os na represa. À frente deles estava o mais rápido do grupo, olhando para os outros como se supervisionasse seus esforços.

— Aquele ali é o chefe – falei para Charlie. Ele também estava olhando para eles e assentiu.

Logo, o castor corpulento saiu da represa e foi até a margem, caminhando com cuidado no começo, como se não confiasse no chão para apoiar seu peso, mas seu medo foi momentâneo e então ele entrou no acampamento em si, viajando sem hesitação ou medo e indo diretamente para os barris da fórmula. Ao enfiar a cabeça no barril caído, ele recuou com o cheiro, depois passou para um dos outros barris cheios. Parado sobre suas pernas traseiras, enfiou o dente na lateral, tentando derrubá-lo e, acho, arrastar ou rolar até o rio. Achei o cenário mais incrível do que tudo, mas Charlie estava muito concentrado e ansioso, porque sabia que a atenção inoportuna do castor levaria a uma reação de Warm e Morris, se eles estivessem vendo. Claro, passou um momento e surgiu um barulho *clack-clack* do fundo do vale. Charlie assentiu excitado:

— Ali? Ouviu?

O som se repetiu e eu consegui ver as formas negras de pedras voando pelo ar na direção do tenaz roedor, que tinha, nesse momento, conseguido derrubar o barril. Nós traçamos o ponto de origem até um grupo de árvores e arbustos a uns vinte metros do acampamento do nosso lado do rio – Warm e Morris estavam escondidos na base da mesma colina em que estávamos, e, sem uma palavra, Charlie e eu começamos a descer para pegá-los por trás.

— Eu cuido de Morris – ele sussurrou. – Você mantém Warm sob sua mira, mas não deve atirar nele a menos que seja absolutamente necessário. Atire no braço dele, se for preciso. Ele ainda será capaz de trabalhar e de falar.

Meu próprio centro estava começando a se expandir, como sempre acontecia antes da violência, um vidro derrubado de tinta negra cobrindo minha mente, seu conteúdo jorrava incessante, sem limites. Minha pele e escalo começaram a ressoar e formigar, eu me tornei alguém diferente, ou me tornei meu segundo Eu, e essa pessoa estava muito feliz de sair das trevas e entrar no mundo vivo, onde podia fazer o que quisesse. Senti ao mesmo tempo luxúria e desgraça, por isso pensei: *por que aprecio essa minha reversão a um animal?* Comecei a soltar ar quente pelo nariz, enquanto Charlie estava quieto e calmo e fez um gesto para que eu ficasse quieto. Ele estava acostumado a me encurralar assim, dominando-me e preparando-me para a batalha. *Que vergonha*, pensei. Vergonha, sangue e degradação.

Estávamos perto o suficiente, por isso consegui ver onde Warm e Morris estavam escondidos e a forma indistinta de seus braços quando jogavam as pedras. Imaginei como seria o esconderijo deles quando fosse iluminado momentaneamente pelas nossas armas; cada folha e pedra ficaria evidente e clara, e eu poderia visualizar as expressões congeladas dos homens, sua terrível surpresa ao serem descobertos.

Charlie, de repente, colocou a mão em meu peito para me deter. Seus olhos examinaram os meus e ele falou meu nome, como se me buscasse; isso me removeu da mentalidade descrita anteriormente e me trouxe de volta à Terra.

— O que foi? – perguntei, quase frustrado pela interrupção.

Charlie levantou seu dedo, apontou e disse em sussurros:

— Olhe.

Balancei a cabeça para acordar meu verdadeiro Eu e segui a linha do seu dedo.

Ao sul do acampamento vinha uma fila de homens no escuro, e eu sabia, assim que vi suas silhuetas carregando os rifles, que eram os irmãos de olhos azuis que encontramos antes. Pensando na minha breve interação com aqueles homens, lembrei-me da leve mudança em suas fisionomias quando mencionei os barris de vinho de Warm, e era isso que os havia atraído. O castor estava na beira da água com sua conquista, mas levou um chute na barriga desferido pelo irmão

mais alto e saiu voando pelo ar, caindo com um forte barulho no rio. Bravo, ele começou a bater o rabo na superfície da água, alertando seus companheiros desse último perigo; todos instantaneamente pararam seus trabalhos e voltaram à segurança do interior da represa, onde poderiam se juntar sem a ameaça de caos e brutalidade. O castor chefe foi o último a desaparecer, e seus movimentos eram lentos. Achei que provavelmente estava sofrendo com o golpe em seu estômago – ou tentando recuperar seu orgulho ferido? Há algo de humano nesses pequenos animais, algo de velho e sábio. São animais cuidadosos e pensantes.

O irmão maior rolou o barril para fora da água e colocou perto dos outros antes de olhar dentro da barraca. Encontrando-a vazia, gritou:

— Olá!

Pensei ter ouvido um tipo de risada vindo de onde estavam Morris e Warm, e olhei sem entender para Charlie. O riso foi crescendo, tornou-se histérico e os irmãos se mexeram na areia, olhando-se preocupados.

— Quem está aí? – perguntou o irmão maior.

A risada morreu e Warm falou:

— Estamos aqui. Quem está aí?

— Estamos trabalhando na parte mais baixa do rio – respondeu o irmão.

Chutando um barril, ele falou: – Queremos comprar um pouco desse vinho de vocês.

— O vinho não está à venda.

— Pagamos o preço de São Francisco – ele bateu na sua bolsa para ilustrar isso, mas não houve resposta e o irmão ficou procurando no escuro. – Por que estão se escondendo nas sombras assim? Estão com medo de nós?

— Não muito – respondeu Warm.

— Então por que não saem e conversam conosco como homens?

— Não vamos sair.

— E se recusam a nos vender?

— Exatamente.

— E se eu simplesmente pegasse um barril?

Warm parou, a fim de pensar na resposta. Finalmente, disse:

— Iria mandá-lo para casa com uma bola a menos, amigo.

Agora dava para ouvir o riso louco de Morris – a última sentença tinha feito cócegas no fundo de sua alma e ele havia se entregado totalmente, dominado por sua alegria. Charlie, sorrindo, disse:

— Warm e Morris estão bêbados!

Os irmãos se juntaram no banco de areia para conversar em particular. Depois da conferência deles, o maior se afastou dos outros, assentindo.

— Parece que vocês já tiveram sua parte esta noite, mas antes de o sol nascer, o espírito de vocês vai baixar e o sangue pesado vai forçá-los a dormir. Pode contar que vamos voltar então, homens. E levaremos seu vinho e suas vidas

também.

Não houve resposta a isso, nenhum riso ou gozação, e o irmão começou a descer o rio, seu queixo alto, muito dramático e orgulhoso. Estava querendo parecer orgulhoso, era evidente. Suas palavras foram suficientemente teatrais para que a dupla abaixo de nós fizesse uma pausa; mas agora eu podia ouvir Morris e Warm conversando, em voz baixa no começo, mas logo aumentando e chegando a uma discussão acalorada, aos gritos, suas palavras inflamadas. A voz de súplica de Morris se ouviu clara quando ele gritou:

— Hermann, não!

Logo depois disso vi a explosão da pistola de Warm e o irmão maior caindo com um tiro fatal no rosto.

Num instante, os outros se agacharam e começaram a atirar na direção de Morris e Warm; e a dupla bêbada também atirou, para qualquer lugar, como se estivessem com a cabeça abaixada e os olhos fechados. Charlie me instruiu:

— Precisamos matar os dois. Se eles matarem Warm, não temos nada.

De nosso ângulo elevado, foi muito fácil acertar os dois irmãos remanescentes. Em menos de vinte segundos, eles estavam mortos na areia, ao lado de seu líder.

O eco de nossos tiros se espalhou pelas colinas e florestas, e da base do vale veio o grito de vitória de Warm. Sem saber que tínhamos ajudado, ele acreditava que sozinho havia matado os irmãos e estava orgulhoso disso. Charlie gritou para eles:

— Não foram seus tiros, Warm, mas meus e de meu irmão, está me ouvindo?

Isso acabou com a comemoração de Morris e Warm, e eles voltaram a murmurar um com o outro, discordando e se preocupando atrás dos arbustos em que se encontravam.

— Sei que vocês podem me ouvir – disse Charlie.

— Qual dos dois está falando? – perguntou Warm. – O mau ou o gordo? Não quero falar com o mau.

Charlie olhou para mim. Fez um gesto para que eu falasse e me levantei para isso. Esperava parecer tranquilo e sério nos meus movimentos, mas estava constrangido e ele estava embaraçado por mim. Limpei a garganta.

— Olá! – falei.

— É o gordo? – perguntou Warm.

— Eli é o meu nome.

— Mas você é o maior? O mais robusto dos dois?

Pensei ter ouvido Morris rir.

— Sou robusto – falei.

— Não falei isso como ofensa. Eu mesmo tenho problemas em deixar a mesa. Alguns de nós simplesmente têm mais fome do que outros, e o que se pode

fazer? Devemos passar fome?

— Warm – falei –, você está bêbado, mas precisamos falar sério. Você acha que pode fazer isso? Ou será que Morris pode?

— O que vocês querem discutir? – ele falou.

— O mesmo de antes. De juntarmos forças e trabalhar no rio.

Charlie esticou o braço e me beliscou forte.

— O que você está fazendo? – ele sussurrou.

— Nossa posição mudou com essas mortes – falei para ele.

— Não vejo nada mudando. Eles ainda estão esperando no escuro com revólveres prontos para atirar em nós.

— Deixe-me ver qual é a reação. Acredito que podemos conseguir o que queremos sem derramar mais sangue.

Ele se sentou encostado numa árvore, pensando e mordendo os lábios.

Acabou apontando para a escuridão, como se eu devesse falar, e gritei:

— Se não quiserem discutir isso, seremos forçados a entrar em ação, Warm. Quando afirmo que não queremos matar nenhum de vocês, digo isso com toda a honestidade.

Warm zombou:

— Sim, vocês exigem que a gente divida nossos lucros com vocês, e se decidirmos o contrário disso, bem, então serão obrigados a nos matar. Está vendo como sua proposta não é muito boa, do nosso ponto de vista?

— Estou propondo que *ganhemos* uma parte dos lucros. E de qualquer forma, se os quiséssemos mortos, você acha que teríamos derrubado aqueles homens lá embaixo?

Morris disse algo que não consegui entender, mas Warm logo repetiu:

— Morris diz que acha que foi ele que acertou o da esquerda.

— Não foi, não.

Warm não falou comigo por um bom tempo e não consegui ouvi-lo conversando com Morris.

— Um dos dois está ferido? – perguntei.

— Um arranhão no braço de Morris. Está tudo bem, apesar da sensação de queimado.

— Temos remédios que vão eliminar essa sensação. E temos álcool para limpar a ferida. Vamos trabalhar no rio com vocês e protegê-los contra bandidos ou intrusos. Pense nisso, Warm. Vocês estavam na nossa mira mais cedo; se quiséssemos os dois mortos, já estariam.

Outro longo silêncio, sem que eu pudesse ouvir o mais leve murmúrio de Morris ou Warm. Estavam procurando respostas em suas almas? Permitiriam que, dali em diante, os sanguinários irmãos Sister participassem de seu empreendimento exclusivo? Cresceu um barulho então, que no começo não pude identificar e quando consegui, questionei se estava mesmo ouvindo o som, de tão

incongruente para a atual situação: Hermann Warm estava assobiando. Eu não conhecia a música, mas era do tipo que eu sempre gostei, lenta e chorosa, com letras que falavam sobre corações partidos e morte. O assobio foi ficando mais alto, pois Warm saiu de seu esconderijo e caminhou em área aberta, cruzando a espinha convexa da represa de castores, passando pelo banco de areia até seu acampamento. Ele era um assobiador muito talentoso, e a música subia e descia, tremendo no ar e desaparecendo com o barulho do rio. Ela não parou e Charlie, sem falar uma palavra, se levantou e começou a descer a colina. Não sabia qual era o plano nem poderia descobrir se ele tinha um. Warm não imaginava qual era o plano e Morris não poderia. Não havia nenhum plano. Mas eu também comecei a descer e sem pensar em como seria nossa aproximação. Warm olhava para nós, que descíamos a colina, a música que saía de seus lábios mais trêmula e romântica. Seus braços estavam abertos, da forma como um artista faria, como se quisesse abraçar o público.

Caminhamos pela represa até a margem do rio. A música de Warm parou e ficamos frente a frente. Era um homem com um olhar selvagem, uns trinta centímetros mais baixo do que eu, fedendo a álcool e tabaco. Seus ombros e braços eram magros e os quadris também, mas sua barriga era grande e redonda, e ele não tinha medo de nós, o que significava que não tinha medo da morte. Talvez por isso gostei muito dele; e dava para ver pelo *show* de assobio, por ter permanecido assim, a céu aberto, que Charlie também ficou impressionado pela ousadia e a força de seu caráter. Warm ofereceu a mão, primeiro para Charlie e depois para mim, e nós dois aceitamos, solidificando nossa aliança. Depois disso, houve um momento em que ninguém soube exatamente o que dizer ou fazer. Morris, que ainda não estava preparado para socializar, tinha ficado para trás, nos arbustos, com o uísque.

Aumentamos o fogo e nos sentamos para discutir nossa parceria. Charlie queria colocar no rio um barril da fórmula aquela noite, mas Warm foi contra, dizendo que ele e Morris estavam bêbados e exaustos. Morris, devo dizer, acabou saindo de seu esconderijo, os braços cruzados pelo desconforto, mas esperando parecer despreocupado ou indiferente. Dava para ver que ele estava muito perturbado com nossa presença; vi como Charlie olhava para ele e fiquei preocupado com o que meu irmão poderia dizer ou fazer com o homem. Foi um alívio quando ele cumprimentou Morris sem malevolência, estendendo a mão e dizendo que esperava que o passado ficasse no passado. Morris apertou a mão de Charlie num reflexo; olhando para mim, ele deu de ombros e passou uma garrafa grande. Seu bigode estava sujo na ponta e seus olhos, vermelhos e inchados.

— Estou cansado, Hermann – falou.

Warm olhou para ele com afeição.

— Foi um longo dia, não, meu amigo? Bom, por que não vai dormir? Todos

precisamos descansar e retomar como um quarteto pela manhã.

Morris não disse mais nada e se retirou para sua barraca. Eu bebi um pouco de uísque e entreguei a garrafa para Charlie. Ele tomou um gole e passou para Warm, que deu um gole curto e a tampou, escondendo a garrafinha no bolso de sua jaqueta como se dissesse: é o suficiente por hoje. Ele lambeu sua palma para alisar o cabelo e arrumou suas lapelas. Estava tentando parecer sério.

Foi decidido que meu irmão e eu ficaríamos com metade de tudo que fosse tirado do rio e o restante iria para o que Warm chamou de Empresa.

— A Empresa é você e Morris – disse Charlie.

— Isso, mas os lucros não serão gastos no *saloon*. Serão usados para financiar futuras excursões, parecidas com esta, apesar de mais ambiciosas e, portanto, mais caras. De qualquer forma, se isso sair como planejei, a Empresa vai crescer rapidamente, com várias operações acontecendo simultaneamente, e haverá oportunidades para se tornarem ainda mais envolvidos, se provarem ser confiáveis. Por enquanto, por que não esperam e veem quanto você e seu irmão podem ganhar com esta modesta expedição sem cortar a minha garganta e a de Morris, hein?

Justo, pensei. Warm começou a coçar seus tornozelos e canelas e eu perguntei:

— Vocês tiraram muito do rio ontem à noite?

— Ficamos tão encantados com o espetáculo que perdemos um bom tempo simplesmente olhando, vadiando, rindo e nos congratulando, quando deveríamos ter trabalhado. Mas no quarto de hora que trabalhamos antes do ouro parar de brilhar, removemos o que nos teria levado um mês com o método normal. A fórmula funciona, isso é certo. Funciona tão bem quanto eu esperava, ou até melhor.

Olhando para o rio, Warm estava contente por pensar em seus sucessos e senti uma poderosa inveja enquanto o observava. Estava colhendo os benefícios, tanto monetários quanto espirituais, de seu trabalho e de sua inteligência, e isso me fazia pensar em meu próprio caminho que, por comparação era muito menos inteligente e mais desalmado. Charlie também estudava Warm, apesar de sua expressão ter menos admiração e mais uma curiosidade enigmática. Acho que Warm não percebeu nossas atenções voltadas para ele, e continuou com sua história:

— Foi simplesmente a coisa mais linda que já vi, cavalheiros. Centenas e centenas de peças de ouro, cada uma delas acesa, brilhante como uma vela. Posso dizer que é o trabalho mais agradável que já fiz, pisando na água e na terra, pegando as pedras de ouro e colocando-as no balde – seus olhos estavam entrecerrados e concentrados na memória; senti um calafrio quando olhei para o rio e o imaginei como ele tinha descrito. – Vinte e quatro horas – ele falou –, aí vocês verão por si mesmos.

Mais uma vez, ele começou a coçar sua canela, mais forte agora; percebi sob a luz da fogueira que a cor de sua pele tinha escurecido e que a carne estava dura. Ele assentiu para minha expressão curiosa e falou:

— Algo com que não contava, é verdade. Sabia que a fórmula era cáustica, mas assumi que não faria mal depois de diluída no rio. No futuro devemos nos equipar com algum tipo de coberta para os pés e as canelas.

Morris chamou da barraca e Warm pediu licença; quando voltou estava mais carrancudo e nos confessou que Morris estava tendo alguma dificuldade para se aclimatar à vida ao ar livre.

— Sabe Deus quanto devo a ele, mas vocês precisavam ver seu rosto quando forcei-o a deixar seus pés e perfumes em São Francisco. Como ele conseguiu chegar à Califórnia vindo de Oregon City carregando todas aquelas garrafas e caixas é inconcebível.

— Como está o braço dele? – perguntei.

— A bala só raspou, e ele não está em perigo até onde posso ver, mas moralmente está abalado. Ele se sentiu mal por vocês dois conseguirem chegar aqui, e suas pernas o estão incomodando, mais do que as minhas até. Mas você falou algo sobre um remédio? Isso o deixaria mais tranquilo, acho, sobre a ajuda que você ofereceu.

Charlie me mandou voltar a nosso acampamento para pegar nossas coisas enquanto ele e Warm discutiam os detalhes finais do consórcio. Quando voltei com Nimble, pesado com nossas selas e bagagem, Charlie tinha arrastado os três irmãos mortos para mais perto do fogo, algo que entendi imediatamente, mas que Warm, de pé ao lado, não poderia saber o que ele ia fazer.

— Não seria melhor enterrá-los na floresta? – ele falou. – Não gostaria de olhar para o rosto deles pela manhã.

— O sol nunca mais vai brilhar sobre eles – respondeu Charlie e ele colocou um dos homens diretamente em cima das chamas.

— O que você está fazendo? – perguntou Warm.

— Como está o estoque de óleo para lamparina?

Agora Warm entendeu. Ele entregou seu suprimento de óleo e eu, em troca, dei o álcool e o remédio entorpecedor. Ele se retirou para cuidar de Morris enquanto eu ajudava Charlie a se livrar dos cadáveres. Nós os cobrimos de óleo da cabeça aos pés e logo os três estavam queimando exultantes, seus corpos empilhados e enegrecidos na base da fogueira e pensei: *tudo isso por uma vida mais calma*. O rosto de Warm apareceu na entrada da barraca para ver o horrível espetáculo. Ele parecia triste. Depois de algum tempo, ele falou para ninguém em especial.

— É o suficiente por hoje – sua cabeça desapareceu e eu fiquei sozinho, mais uma vez, com meu irmão.

Vendo como ele desenrolava seu saco de dormir, eu quis perguntar no que

estava pensando, porque queria muito confiar nele, queria que tivesse finalmente tomado uma decisão moral, mas não podia pensar nas palavras corretas para falar e tinha medo de qual poderia ser a resposta. Além disso, eu estava esgotado e, assim que deitei minha cabeça, caí no mais impenetrável e pesado sono sem sonhos.

Quando acordei, o sol iluminava minha cara, o som do rio nos meus ouvidos, e Charlie não estava ao meu lado. Warm estava parado ao lado da pilha de cinzas da fogueira, um graveto comprido em sua mão, meio agachado. Ele apontou para um dos crânios escurecidos de um dos irmãos mortos e falou:

— Vê? Agora, olha.

Ele bateu no alto do crânio, que desmoronou como pó.

— Aí está a sua última recompensa como o homem civilizado – suas palavras tinham ficado um pouco amargas, por isso perguntei:

— Você não é do tipo temente a Deus, Warm?

— Não sou. E espero que tampouco você seja.

— Não sei se sou.

— Você tem medo do Inferno. Mas a religião só tem a ver com isso, na verdade. Medo de um lugar em que preferimos não estar, e onde não existe algo como suicídio para fugir.

Pensei: *por que pensar em Deus logo depois de acordar?* Warm voltou sua atenção para a pilha de cinzas.

— Suponho que o cérebro cozinhe até desaparecer? – ele se questionou. – O calor o converte em água, que depois evapora. Só um pouco de fumaça e lá vai flutuando o precioso órgão pelo ar.

— Onde está Charlie?

— Ele e Morris foram nadar – Warm encontrou outro crânio e o destruiu da mesma forma.

— Eles foram juntos? – perguntei.

Olhando para cima do rio, ele falou:

— Morris estava reclamando de suas pernas, e seu irmão disse que um mergulho poderia aliviar a sensação de queimado.

— Há quanto tempo eles partiram?

— Meia hora – Warm deu de ombros.

— Você pode me levar até eles?

Ele respondeu que sim. Não estava alarmado e eu não pretendia deixá-lo assim, mas tentei apressá-lo o máximo possível, agindo como se estivesse com muito calor e pronto para nadar. Warm não gostava de correr, no entanto; na verdade, parecia insistir em parar e dissecar todas as coisas. Enquanto colocava as botas, ele se perguntava:

— O que você imagina que aconteceu com o primeiro homem que envolveu

seu pé descalço com folhas ou couro para se proteger? Provavelmente foi expulso da tribo, castrado – ele riu. – Provavelmente foi apedrejado e morto!

Eu não tinha nada para falar, mas Warm não parecia precisar de nenhuma resposta e continuou seu discurso enquanto subíamos o rio:

— Claro que naquela época os pés das pessoas estavam cobertos de calos bem duros, então o desejo de usar algo teve provavelmente mais a ver com aparência do que conforto ou necessidade, pelo menos nos climas mais quentes.

Ele apontou para uma águia voando perto; quando o pássaro mergulhou e agarrou um peixe pesado do rio, Warm aplaudiu.

Suas pernas não estavam boas e ofereci meu braço, que ele agarrou, agradecendo. A areia era macia e funda, por isso pedi várias vezes para descansarmos e eu, apesar de não querer parar mais do que o necessário, também hesitava em explicar minhas razões para ter pressa. Mas Warm deduziu isso; ele riu e me perguntou:

— Você não confia completamente em seu irmão, não é?

No contexto de nossa frágil aliança de negócios, e como Charlie estava sozinho com o companheiro mais fraco de Warm, esta era uma pergunta séria, e sua expressão mostrava apenas alegria, como se estivéssemos trocando inocentes confidências.

— Ele é difícil de deter – foi minha resposta indireta.

— Morris, acho, desprezava seu irmão antes da ajuda que nos deram ontem à noite. E o incrível é que estavam andando de braços dados hoje de manhã. O que você pensa disso?

— Não sei o que falar, exceto que não faz parte do caráter dele.

— Você não acha que sua ajuda seja sincera?

— Estou surpreso de ouvir isso, é tudo.

Warm parou para coçar sua canela e pude ver que sua pele estava bem mais escura, com bolhas começando a se formar na rótula. Sua coceira estava ficando mais furiosa, então ele arrancava a própria pele com as unhas; acredito que estava frustrado com o fato de a fórmula atuar como um agente irritante, estragando assim a beleza de seus planos. Finalmente, ele se deitou para bater nas pernas e diminuir a louca coceira, e isso pareceu trazer algum alívio.

Endireitando as pernas da calça, ele me perguntou:

— Mas você não acha realmente que Charlie iria *matar* o velho Morris, acha?

— Não sei. Espero que não – ele colocou seu braço sobre o meu e continuamos a subir. – Admito que parece incomum falar dessa forma com você.

Ele balançou a cabeça.

— O melhor é manter isso em aberto, até onde sei. E já não está assim? Realmente, o que Morris e eu podemos fazer? Preferíamos que você e seu irmão *não* nos matassem, mas estamos mais ou menos à mercê de vocês, não estamos?

— Que grupo você juntou, Warm.

Grave, ele falou:

— Problemático, não é? Um dândi e dois assassinos infames.

Comecei a rir e Warm me perguntou o que era engraçado.

— Você e suas pernas e mãos roxas. Morris e meu irmão, e os homens empilhados no fogo. Meu cavalo morto caído de uma colina.

Warm apreciou o sentimento e ficou parado ao meu lado.

— O toque do poeta em você, Eli – ele disse que gostaria de me perguntar algo pessoal e dei minha permissão. Ele queria saber isto: – É uma pergunta que fiz a Morris há algum tempo, mas agora estou me questionando a mesma coisa sobre você, que é como chegaram a trabalhar para um homem como o Comodoro.

— É uma longa história. Basicamente, meu irmão conheceu a violência desde jovem, graças a nosso pai, que era um homem mau. Isso trouxe muitos problemas a Charlie, entre eles o fato de ser sempre insultado. Ele não conseguia brigar com socos ou até facas, que era o normal, mas tinha que levar cada episódio até a morte. Bom, você mata um homem, então o amigo, irmão ou pai da vítima vem se vingar e começa tudo de novo. Então Charlie às vezes se encontrava em minoria, e era aí que eu entrava. Eu era jovem, mas meu temperamento estava sempre agitado, e o pensamento de alguém machucando meu irmão mais velho, até então ele tinha sido um irmão bom e protetor, era suficiente para me deixar louco. Com o crescimento de sua reputação, aumentou o número de seus oponentes, juntamente com sua necessidade de assistência, e na época ficou entendido que quem se levantasse contra um de nós iria brigar contra os dois. No fim descobrimos, e não sei por que, já que muitas vezes desejei que não fosse assim, que tínhamos e temos uma aptidão para matar. Por causa disso, fomos procurados pelo Comodoro, que nos ofereceu emprego. No começo, eram mais trabalhos que exigiam o uso de força, cobrar dívidas, esse tipo de coisa; depois passamos a cometer assassinatos. Mas como ele foi confiando mais na gente, e como o salário aumentou, logo conseguimos mais trabalhos.

Warm estava ouvindo interessado a história, e seu rosto estava tão sério que eu não poderia deixar de rir.

— Sua expressão me diz sua opinião da minha profissão, Warm. Estou inclinado a concordar com você. De qualquer forma, e como estava falando com Charlie, este é meu último trabalho.

Warm parou de caminhar e se virou para mim com um olhar perdido e cheio de medo. Perguntei a ele qual era o problema e ele falou:

— Acredito que você quis dizer que o trabalho *anterior* foi seu último. Por que não planejam terminar com este, não é isso?

A gente tinha acabado de fazer uma curva no rio; olhando para cima, vi

Charlie, nu, saindo da água para pegar suas roupas na margem. Morris estava flutuando atrás dele, de barriga para cima, o corpo parado. Quando Charlie se virou para nós, seu rosto se abriu num sorriso, e ele acenou. Também vi Morris sentado, tranquilo, e ele também acenou e gritou. Meu coração batia forte; parecia que o sangue estava sendo drenado. Voltando minha atenção para Warm, respondi:

— Foi só uma confusão de palavras, Hermann, e já deixamos de trabalhar para o homem. Dou minha palavra.

Warm ficou parado na minha frente, olhando diretamente para mim; suas maneiras expressavam várias coisas ao mesmo tempo: solidez, prudência, fadiga, mas também uma energia ou um brilho – algo como o centro de uma chama baixa. É isso que eles chamam de carisma? Não sei exatamente, exceto que digo que Warm estava mais *ali* do que um homem comum.

— Eu *acredito* em você – ele falou.

Chegamos onde estavam os outros, com Morris nos chamando da água.

— Hermann! Você precisa entrar! Realmente ajuda muito.

Sua voz estava mais aguda, e ele parecia fora de si, distante de suas restrições pessoais de rigidez e seriedade, e muito feliz com tudo.

— O bebê alegre – comentou Warm, deixando-se cair na margem.

Entrecerrando os olhos por causa do sol, ele olhou para cima e pediu: – Você pode me ajudar com minhas botas, Eli, por favor?

À noite, me encontrei descansando em frente ao fogo com Warm, esperando o céu escurecer para que pudéssemos usar a fórmula de forma mais eficiente. Para passar o tempo, ele me encorajou a falar da minha vida, contar para ele muitas aventuras perigosas, só que eu não tinha vontade de fazer isso e, na verdade, queria me esquecer de mim mesmo por um momento; devolvi as perguntas e ele foi bem mais comunicativo do que eu. Warm adorava falar sobre si mesmo, apesar de não fazer isso de uma forma orgulhosa ou egocêntrica. Acho que ele meramente reconhecia sua história como incomum e gostava de contá-la. Dessa forma, sua vida foi revelada para mim de uma vez.

Ele nasceu em 1815 em Westford, Massachusetts. Sua mãe tinha quinze anos e fugiu depois de dar à luz, assim que se sentiu forte o suficiente para ir embora. Ela deixou Warm aos cuidados de seu pai, Hans, um imigrante alemão, relojoeiro e inventor.

— Um grande pensador, um charadista incansável e solucionador de problemas. Ele nunca conseguiu resolver os próprios, no entanto, e não havia poucos. Era *difícil*... conviver com ele. Deixe-me dizer que meu pai tinha alguns hábitos pouco naturais.

— Como quais? – perguntei.

— Coisas feias. Um tipo específico de desvio. É muito desagradável falar

disso. Imaginar isso o faria perder o apetite. Melhor deixar o assunto de lado.

— Entendo.

— Não entende e fique feliz por isso. Mas essa foi a razão pela qual ele teve de deixar a Alemanha e pelo que me lembro precisou fugir rápido, à noite, perdendo quase tudo que tinha. Ele odiou os Estados Unidos desde que chegou e continuou a odiar com força até sua morte. Lembro-me dele olhando aquela linda paisagem outonal de Massachusetts, cuspidno no chão, e depois falando: “O sol e a lua sentem vergonha de nos iluminar!”. Berlim era uma grande metrópole e um parque de diversões para ele, entende? Aqui ele se sentiu rebaixado e minado, pois sua nova audiência não era tão respeitável quanto a que ele sabia que tinha em casa.

— O que ele inventava?

— Ele fazia melhorias pequenas e práticas em invenções existentes. Um relógio de bolso com um compasso construído, por exemplo; outro que ele desenhou exclusivamente para damas: um modelo menor em formato de lágrima e pintado em tons pastel. Ele era bem pago e bem querido antes de um escândalo arruiná-lo e forçá-lo a fugir. Quando chegou aos Estados Unidos, vestido de forma estranha e sem falar inglês, ele se encontrou desprezado até pelas companhias mais baixas, que ele acreditava estarem muito aquém dele; ao cair na pobreza, sua mente ficou mais obscura, quando já era mais obscura do que a da maioria dos homens. Cada vez mais suas invenções se tornavam diabólicas, absurdas. No fim, ele concentrou toda a sua energia no refinamento da tortura e dos aparelhos de matar. A guilhotina, falava, era a personificação mecânica do baixo resultado e da preguiça estética do homem. Ele a atualizou para que, em vez de simplesmente remover a cabeça de uma pessoa, o corpo fosse cortado em incontáveis pequenos cubos. Ele chamou a grande folha de lâminas prateadas cruzadas *Die Beweiskraft Bettdecke*: O Cobertor Conclusivo. Inventou uma arma com cinco canos que atiravam simultaneamente e cobriam trezentos graus em uma única explosão. Uma chuva de balas, com uma parte menor, ou o que ele chamava *Das Dreieck des Wohlstands*: O Triângulo da Prosperidade, dentro do qual ficava o atirador.

— Não é uma má ideia, na verdade.

— A menos que se lute contra cinco homens ao mesmo tempo que estejam diretamente em frente a cada cano, é uma terrível ideia.

— Mostra imaginação.

— Mostra um completo desrespeito por segurança e praticidade.

— De qualquer forma, é interessante.

— Não vou negar, apesar de que na época, eu tinha treze anos, não gostava muito de seu trabalho. Na verdade, suas invenções me enchiam de horror; não podia evitar a ideia de que queria testá-las em mim, e até agora ousou dizer que isso não era mera paranoia de minha parte. Então não fiquei completamente

infeliz quando ele fez uma mala e foi embora uma manhã de primavera, sem qualquer instrução ou adeus – nem mesmo um tapinha. Mais tarde, ele cometeu suicídio, com um machado, em Boston.

— Um machado? Como é possível?

— Não sei. Mas era isso que a carta dizia: *Lamento informar que Hans Warm matou-se com um machado no dia 15 de maio. Posses serão enviadas.*

— Talvez ele tenha sido assassinado.

— Não, acho que não. Se havia alguém que poderia encontrar uma forma de se matar com um machado, era meu pai. Nunca mandaram as coisas dele. De vez em quando eu me pergunto o que estava fazendo no fim.

— E depois que ele o abandonou, o que aconteceu?

— Fiquei sozinho por duas semanas em nossa cabana, quando minha mãe chegou, parou na porta, vinte e oito anos, linda como num quadro. Ela ficara sabendo que eu havia sido abandonado e veio me levar para Worcester, onde viveu o tempo todo. Estava muito chateada por ter me deixado, ela falou, mas tinha medo mortal de meu pai, que bebia muito e a ameaçava com facas, garfos e outras coisas. Era um romance muito forçado e unilateral, foi a minha compreensão. Ela não podia discutir o tempo sem repugnância. Mas isso era passado e nós dois ficamos felizes de nos reunirmos. Durante todo o primeiro mês em Worcester, ela simplesmente me abraçava e chorava. Era a isso que se resumia o nosso relacionamento no começo. Eu imaginava se aquilo iria parar.

— Parece que era uma boa mulher.

— Na verdade, era. Foram cinco anos de relações felizes, em que nossa vida era um tipo de perfeição. Ela tinha recebido um herança de sua família em Nova York e assim eu sempre tive o suficiente para comer, e minhas roupas estavam limpas. Ela me encorajava na minha busca por conhecimento, pois desde jovem sempre tive curiosidade pela maioria das coisas, de engenharia mecânica a botânica e química, sim exatamente isso! Infelizmente essa existência feliz não durou, porque quando me tornei adulto ficou claro para ela que eu era o filho do meu pai, tanto na aparência quanto no temperamento. Fiquei obcecado por meus estudos, dificilmente saía do meu quarto. Quando ela tentou me guiar para passatempos mais saudáveis, fui tomado por uma raiva que amedrontou os dois. Passei a beber, não muito no começo, mas o suficiente para que eu pudesse me tornar abusivo e desprezível, assim como meu pai tinha sido. Tendo passado por tudo isso antes, minha mãe compreensivelmente achou meu comportamento repelente, sua afeição foi diminuindo até não haver nada entre nós; nada a não ser minha necessidade de ir embora, que foi o que fiz, levando meu pequeno saco de dinheiro para Saint Louis, ou devo dizer que meu saco terminou em Saint Louis, o que me obrigou a parar de viajar. Era inverno e tive medo de morrer de frio, de tristeza ou dos dois. Vendi meu cavalo e me casei com uma mulher gorda a quem não amava nem um pouco, ela se chamava Eunice.

— Por que você se casaria com alguém de quem não gosta?

— Ela tinha um enorme fogão em sua cabana que emanava calor como os carvões do inferno. E ela aparentava ter uma pilha de comida que poderia alimentar os dois por toda a primavera. Você está sorrindo, mas garanto que foram minhas únicas motivações: calor e alimento. Queria tanto algum tipo de conforto que teria me casado com um jacaré, se pudesse dividir sua cama. E eu poderia também ter me casado com um jacaré, se levasse em conta toda a bondade que Eunice me mostrou. Ela não tinha graça ou charme. Tinha um não charme ou anticharme. Um poço sem fundo de antagonismo e hostilidade. E era terrivelmente feia. E cheirava à salada podre. Uma bruta, para ser breve. Quando o dinheiro da venda do meu cavalo acabou, e quando ela entendeu que eu não tinha planos para copular com ela, empurrou-me da cama para o chão, onde o calor do fogão queimava meu peito, enquanto o vento que entrava pelas frestas das madeiras congelava minhas pernas. Também minha esperança de uma mesa de jantar generosa foi logo perdida. Eunice era tão protetora como uma mãe urso em cima de seus biscoitos. De vez em quando ela me dava um ensopado aguado, então vamos dizer que não era de todo má, mas o lado bom estava ali em quantidades tão escassas que você tinha de olhar bem para encontrá-lo. Mas, como disse, estava terrivelmente frio, e eu tinha tomado a decisão de passar o inverno naquela cabana, de uma forma ou de outra. Quando o clima melhorasse eu a roubaria e fugiria para o oeste; eu riria por último. Ela descobriu meu plano, no entanto, e preparou algo para mim antes que eu pudesse entender. Cheguei em casa do *saloon* e encontrei um homem bravo e grande sentado na mesa de jantar. Ele tinha um prato cheio de biscoitos na sua frente. Entendi tudo imediatamente. Desejei boa sorte e fui embora.

— Foi amável.

— Voltei uma hora mais tarde e decidi botar fogo na cabana. O homem me pegou tentando acender meus fósforos e me chutou tão forte nas costelas que me jogou no alto. Eunice viu tudo da janela. Foi a única vez que a vi rir. Ela riu por muito tempo. De qualquer forma, é embaraçoso dizer, mas depois desse episódio doloroso fiquei desencantado e me tornei um ladrão comum por um tempo. Não conseguia deixar de pensar no meu azar, foi isso. Poucos meses antes eu estava sozinho com meus livros, limpo e abrigado, bem alimentado, feliz ao máximo. E naquele instante, apesar de não ter cometido nenhum erro, eu me encontrava caminhando furtivamente em celeiros à noite e me enfiando no feno cheio de esterco para não morrer de frio. Falei para mim mesmo: Hermann, o mundo levantou seu punho e acertou sua barriga! Resolvi dar uma resposta.

— O que você roubava?

— No começo eu estava atrás das necessidades mais básicas. Um pedaço de pão aqui, um cobertor ali, um par de meias de lã; coisas pequenas que não deveriam ser negadas a nenhum homem. Mas, a cada crime, eu me tornava

mais furtivo, petulante e também ganancioso; depois de um tempo comecei a levar tudo que podia agarrar, só pelo prazer malicioso que ganhava com isso. Roubei itens que nunca usaria. Um par de botas de mulher. Um berço. Num ponto, fugi de um abatedouro com a cabeça cortada de uma vaca nos meus braços. Para quê? Que propósito funcional poderia ter? Quando ficou muito pesado, joguei a coisa no rio. Flutuou um pouco e depois afundou como uma pedra. Roubar se tornou uma doença. Acho que via como uma forma de me vingar contra todos que *não* estavam tremendo, famintos e sozinhos. Foi mais ou menos nessa época que comecei a ser dominado pela bebida, física e espiritualmente. E você fala sobre suas estradas escorregadias.

— Meu pai bebia. E Charlie também.

— É algo que ainda me ataca, e talvez sempre me atacará. Claro, seria melhor tampar a garrafa para sempre. Eu reconheci o problema. Sei que isso não é bom para mim. Por que não parar? Por que não colocar um fim? Não, isso faria muito sentido. Seria razoável demais. Oh, é uma estrada escorregadia, está bem, não tenha dúvidas. Bom, dias e meses passam por mim e vou ficando mais sujo e mais depravado, por dentro e por fora. Você vai conhecer alguns tipos sem sorte que sentem orgulho de suas unhas cortadas e limpas, homens que vão se orgulhar de seus banhos semanais, não importa as dificuldades financeiras. Eles vão regularmente à igreja e se sentam pacientemente nos bancos, esperando uma mudança no destino sem um traço de amargura, barbas bem cuidadas. Deixe-me dizer que eu não era um desses. Na verdade, era o oposto. Fui ficando cada vez mais sujo. Cada vez mais queria deitar e me rastejar na terra, para chegar realmente a *viver dentro dela*. Meus dentes caíram e isso me agradou. Meu cabelo caía em tufo, e isso me agradava. Eu era o idiota da vila, delirante e maníaco, resumindo, só que a vila não era um lugar humilde com casinhas, era os Estados Unidos. Finalmente, fui tomado por uma preocupação inabalável, que era a crença de que eu estava realmente composto de sujeira humana.

— O quê?

— Um molde vivo de lixo, era minha ideia. Excremento. Meus ossos eram excremento endurecidos. Meu sangue... era excremento *líquido*. Não me peça para explicar. É algo que nunca vou ser capaz de fazer. Eu estava sofrendo, se não me engano, de escorbuto, que juntamente com a bebida e a agitação mental criaram essa ideia estranha.

— Um lixo vivo.

— Eu me deleitava com esse pensamento. Meu passatempo favorito era abrir caminho entre uma multidão, tocando e acariciando os braços nus de mulheres desacompanhadas. A visão de minha própria imundície em suas mãos e em seus punhos pálidos era uma das coisas mais satisfatórias que podia imaginar.

— Não acho que você era muito popular.

— Eu era um assunto popular. Socialmente, no entanto? Não, não era muito bem-visto. Mas eu raramente ficava no mesmo lugar tempo suficiente para me tornar um mito. Maníaco ou não, eu não era tonto, e sabia muito bem que deveria atacar e ir embora ao mesmo tempo, antes que alguém fosse violento comigo. Roubava um cavalo e ia para a cidade seguinte, só para recomeçar minha campanha de contaminação. Meus dias eram de excremento, sujeira e os mais sombrios dos pecados, e eu vivia pela metade, só me aguentando, esperando e desejando, acho, a morte. Mas uma manhã eu acordei e me encontrei num lugar muito curioso, gostaria de adivinhar que lugar era? Não diga prisão.

— Ia dizer isso.

— Deixe-me contar, então. Acordei com a rainha das ressacas de uísque na cama de uma barraca militar. Estava limpo e minha barba tinha sido raspada. Meu cabelo estava cortado e eu usava um uniforme de soldado. O toque de alvorada gritava nos meus ouvidos e achei que fosse morrer, literalmente, de medo e de confusão. Então um soldado sorridente se aproximou e agarrou meu braço. “Acorde, Hermann!”, ele gritava. “Se perder o toque de levantar mais uma vez, vai acabar se dando mal!”

— Mas o que foi que aconteceu?

— Era exatamente o que eu queria saber. Mas entrei em formação. Como você iria encontrar a resposta para isso?

— Acho que perguntaria a alguém.

Warm assumiu postura e voz sérias:

— Perdão, meu bom homem, mas você poderia me contar como é que eu acabei entrando na milícia? É só um pequeno detalhe, mas eu não consigo me lembrar.

— Seria uma forma estranha de começar uma conversa – admiti. – Mas o que mais se podia fazer? Não dava para simplesmente seguir com a farsa.

— Mas foi exatamente o que eu fiz. Entrei em formação, para dizer a verdade. Você deve entender, Eli, que fiquei desconcertado ao extremo. Como um alcoólatra, eu estava acostumado a esquecer uma ou duas horas de vez em quando, toda uma noite às vezes. Mas quanto tempo tinha se passado para eu me juntar a uma milícia e estabelecer relacionamentos com os outros soldados, sendo que todos pareciam me conhecer bem? Como poderia não me lembrar de tão drástica mudança? Decidi manter minha cabeça baixa e seguir o resto até conseguir entender as coisas.

— E você chegou a descobrir?

— Graças ao soldado sorridente, chamado Jeremiah. De vez em quando, para afastar o tédio, ele gostava de ir até a cidade e encontrar o pior bêbado sujo. Ele o enchia de bebida, extraía informações pessoais e depois, quando o homem estava totalmente incapacitado, arrastava-o até o acampamento, colocava um

uniforme militar e o punha na cama. Foi o que aconteceu comigo.

— Você ficou bravo quando entendeu que tinha sido enganado?

— Não muito, porque quando descobri já me sentia feliz por estar ali. A vida na milícia trouxe algumas mudanças positivas. Fui forçado a me banhar regularmente, algo de que não gostava no começo, mas persisti, e esse retorno aos hábitos de limpeza conseguiu acabar com minha atormentada obsessão por excrementos. Estava bem alimentado e as camas eram confortáveis, as barracas eram quentes o suficiente e sempre havia um pouco de bebida à noite. Jogávamos cartas, cantávamos. Um grupo robusto de homens, esses soldados. Um bando de órfãos, na verdade, sozinhos no mundo, passando o tempo juntos, sem muito que fazer. Dessa maneira, seis ou sete meses tranquilos se passaram e eu estava começando a me perguntar como poderia sair dali quando tive a sorte de ficar amigo de um tenente-coronel chamado Briggs. Se não o tivesse conhecido, nós não estaríamos aqui sentados, esperando para colocar as mãos nas riquezas do rio.

— O que aconteceu?

— Vou contar. Eu estava passando por seu quarto uma noite quando notei a porta entreaberta, geralmente ela ficava não só fechada como trancada. Como muitos dos outros soldados, tinha curiosidade sobre ele, porque enquanto o oficial típico era como um capataz que adorava gritar, Briggs era tímido e reservado, um homem magro, grisalho com um olhar distante, sempre trancado na privacidade de seu quarto, fazendo sabe Deus o quê. Não há muitos mistérios na milícia; descobri que não podia deixar de investigar. Abri a porta e olhei. Digame, então, Eli, o que você acha que eu vi?

— Não sei.

— Dê um chute.

— Realmente não sei, Hermann.

— Não gosta de adivinhar, hein? Certo, vou contar. Vi nosso homem, Briggs, parado sozinho, em profundo pensamento usando um avental de algodão. Na mesa em frente a ele, havia bico de gás e bēquer, além de todo o resto de uma parafernália de laboratório. Espalhado por todo seu quarto, havia numerosos livros grossos.

— Ele era um químico?

— Era seu *hobby*, mas ele não era muito bom, fui descobrir depois. Mas a visão de seus equipamentos tomou conta de mim. Sem saber o que estava fazendo, entrei em seu quarto e fiquei parado em frente ao equipamento, olhando para aquilo como se estivesse hipnotizado. Quando notou minha presença, Briggs ficou envergonhado e me xingou, atacando minha impertinência e mandando que saísse do quarto. Pedi perdão, mas ele não me ouviu e me empurrou para fora. Aquela noite não consegui dormir. A proximidade dos livros e equipamentos reacendeu minha vontade de estudar e aprender; me dominou

como uma febre e finalmente eu me levantei da cama e escrevi uma carta para Briggs, explicando meu passado e o do meu pai, e essencialmente exigindo que me aceitasse como seu assistente. Enfiar a carta por baixo de sua porta e ele me chamou na manhã seguinte. Estava cauteloso, mas entendeu minha seriedade, e a profundidade de meu conhecimento foi importante na negociação, que terminou sendo que eu o ajudaria em seus experimentos e como pagamento ele me daria acesso a seu equipamento e livros, e eu poderia ter uma quantidade de tempo para trabalhar sozinho. Desisti de minhas costumeiras noites de cartas, uísque e histórias sujas, em troca de um laboratório razoavelmente ambicioso, pelo menos para um acampamento militar. Guiado então por minha própria intuição, e também pelos livros que Briggs tinha em sua biblioteca, fui levado ao reino da Luz.

Warm parou a fim de se servir uma xícara de café. Ele me ofereceu uma caneca, mas eu recusei. Ele bebeu um pouco e voltou para sua história.

— Os anos que tinham se passado desde que estudei pela última vez, quantos tinham sido? E todo esse tempo eu não fiz nada além de me abusar e maltratar. Eu não tinha base para falar, nem física nem mental, e quando me sentei e abri um livro naquela mesma noite, fui tomado por uma preocupação de que meu cérebro pudesse não reconhecer palavras como no passado. O cérebro é um músculo, afinal, e eu teria de retreiná-lo, não acha? Hã? Bom, tive uma boa surpresa, que foi que minha mente, sem que eu soubesse, durante esse tempo tinha melhorado por conta própria, esperando pelo dia em que eu tirasse a poeira e a usasse de novo. Esse dia havia chegado e meu cérebro, como se estivesse preocupado que eu pudesse ignorá-lo de novo, atacou cada página de cada livro com uma magnífica força e vitalidade. Era tudo que eu podia fazer para me recuperar, e ainda bem que fiz isso, pois recebi meu prêmio alguns meses depois, quando tive a ideia para a fórmula de encontrar ouro, ou deveria dizer, ela me atingiu, porque era como se tivesse sido atingido no peito por uma pedra pesada; eu realmente caí sentado na cadeira. O pobre Briggs não sabia o que estava errado comigo. No começo eu não conseguia falar. Aí passei para o papel e a tinta, mas não consegui me mover por uma hora.

— O que ele achou da ideia?

— Isso eu não sei porque nunca contei, e ele nunca me perdoou por não contar. Não que eu desconfiasse dele pessoalmente, mas não queria que nenhum homem tivesse essa informação. Era simplesmente muito peso para carregar. Claro, isso o ofendeu muito e ele me baniu de volta para as barracas, onde tentei, por um tempo, continuar meu trabalho. Quando isso mostrou ser impossível, pois os homens se divertiam escondendo ou modificando minhas anotações, comecei a planejar minha deserção. Mas quando um dos meus companheiros tentou isso, sendo pego e fuzilado no mesmo dia, o pensamento de deserção perdeu o apelo para mim. No fim, eu estava começando a me sentir desesperado, temendo que

minha grande ideia desaparecesse no ar, e procurei Jeremias, o homem responsável por minha presença ali. Falei para ele: “Jeremias, quero sair daqui. Diga-me, por favor, o que eu devo fazer?”. Ele colocou suas mãos nos meus ombros e disse: “Se quer ir embora daqui, então você deve se virar e ir embora. Porque, Hermann, você não é realmente parte da milícia”. Nunca tinha sido admitido formalmente, na verdade, nunca assinei meu nome em nenhum lugar. Naquela noite, eles deram uma festa. Saí de manhã e montei um modesto laboratório nos arredores. Demorou quase um ano de tentativa e erro antes de obter os resultados desejados. Primeiro, consegui iluminar o ouro, mas só por um breve instante. Quando descobri uma forma de sustentar o brilho, algo na fórmula o transformou em cinza. Num ponto, acidentalmente queimei metade da minha cabana. Não foi fácil, é o que estou dizendo. Quando finalmente fiquei satisfeito com os resultados, isso coincidiu com a notícia de que tinham encontrado ouro na Califórnia, e eu vim para o oeste pela Trilha do Oregon. Isso me levou a Oregon City e ao seu homem, o Comodoro. A partir daí, acredito, você sabe a história.

— Mais ou menos.

Warm coçou as mãos e as pernas. Olhando para cima, ele falou sobre seu ombro:

— O que você acha, Morris? O céu está escuro o suficiente para você?

Morris gritou de volta:

— Mais um minuto, Hermann. O desgraçado se escondeu numa esquina e eu estou perto de mandá-lo dessa para melhor.

— Vamos ver se consegue – disse Charlie.

Estavam jogando cartas na barraca.

Quatro homens tirando as calças ao mesmo tempo ao lado de um rio à noite. O fogo estava alto atrás de nós e tínhamos tomado três goles de uísque cada, que era a quantidade apropriada para a tarefa à frente, decidimos – o suficiente para compensar o frio da água, mas não o bastante para não nos concentrarmos no trabalho e, mais tarde, para conseguirmos nos lembrar de tudo. O castor chefe estava sentado, desajeitado, em cima da represa, acompanhando nossos movimentos e se coçando com suas pernas traseiras como um cachorro; a fórmula tinha criado feridas em sua carne também. Mas onde estavam seus camaradas? Parecia que estavam se escondendo ou descansando. Quando meu pé tocou a água, comecei a rir nervoso, mas me reprimi, sentindo que a felicidade não era adequada, ou era uma falta de respeito; a que ou quem, não saberia dizer, mas tinha a impressão de que estávamos todos segurando a respiração da mesma maneira e pelas mesmas vagas razões.

Um dos barris tinha sido trazido até a margem, destampado, pronto para ser derramado. Notei o aroma da fórmula e meu peito sentiu uma queimação

instantânea. Morris estava parado na beirada, olhando a água com terror.

— Como estão suas pernas, Morris? – perguntei.

Olhando suas canelas, ele balançou a cabeça.

— Nada bem – foi sua resposta.

— Coloquei uma vasilha de água no fogo e juntei um pouco de sabão para nos lavarmos logo depois – falou Warm. – Morris e eu não pensamos nisso da última vez, por isso nossos problemas atuais – e virando-se para Morris, perguntou: – Consegue aguentar outra noite?

— Vamos acabar logo com isso – murmurou Morris. Suas pernas estavam assadas até as coxas, sua pele estava dura e coberta de bolhas gordas, cheias de um líquido marrom e penduradas pelo próprio peso. Estava tendo problemas para ficar de pé e quando chegou perto da água, eu me perguntei: por que estamos fazendo isso com ele?

— Morris – falei. – Acho que você não deveria trabalhar essa noite.

— E deixar o ouro para vocês? – ele zombou, mas seu tom, a fraqueza em sua garganta, traíram qualquer bom humor. Ele estava com medo e Warm foi rápido em concordar comigo.

— Eli está certo. Por que não se senta e descansa por enquanto? Você ainda vai receber uma parte do que eu tirar.

— E da minha parte também.

Warm e eu olhamos para Charlie. Sua caridade era mais lenta em chegar, mas ele acabou assentindo e falando:

— Da minha também, Morris.

— Então, vê? – disse Warm.

Morris hesitou. Seu orgulho tinha enfraquecido e ele não queria desistir.

— E seu eu tirasse só da parte rasa?

— É bom que você sugira isso – disse Warm –, mas poderia desabilitá-lo permanentemente. O melhor é se sentar agora e deixar que trabalhemos. Você pode assumir da próxima vez, certo? O que acha?

Morris não respondeu, mas se afastou de nós, olhando para a areia.

Animado, Warm falou:

— Da última vez, o brilho estava concentrado deste lado do rio, onde jogamos a fórmula. Mas se as águas fossem agitadas, com um galho de árvore, digamos, do alto da represa do castor, provavelmente aumentaríamos o campo de iluminação.

Morris gostou da ideia e encontramos um comprido galho para ele trabalhar. Warm o ajudou com o braço e o instalou no centro da represa, afastando o castor de volta para a água antes de continuar sozinho até a outra margem, que seria sua área de concentração. Agora ele pediu que eu e Charlie derramásemos o primeiro barril nas águas, nos avisando para não deixar o líquido tocar nossa pele.

— Dá para ver que já é dolorida misturada com água; o líquido puro poderia

abrir um buraco em vocês – ele apontou para o segundo barril, posicionado na margem, uns vinte metros rio acima. – Assim que o primeiro estiver vazio, façam o mesmo com o outro.

— E o terceiro? – perguntou Charlie. – Não seria melhor derramar todos e pegar tudo de uma vez?

— Já estamos brincando com a sorte com dois – respondeu Warm.

— Se terminássemos essa noite, poderíamos ir embora de manhã e levar Morris ao médico.

— Todos precisaríamos de médicos. Mantenha o foco, Charlie, por favor. Depois que vocês esvaziarem o segundo barril, Morris mistura tudo. Quando virem o brilho, peguem seus baldes e comecem a trabalhar, rápido!

Charlie e eu nos agachamos ao lado do barril para levantá-lo. Minhas mãos estavam tremendo muito, fiquei muito nervoso de repente; meus ombros se contraíam e tremiam. *Não me sentia assim desde que deitara com uma mulher pela primeira vez*, pensei. E era exatamente o mesmo tipo de excitação divina: estava torturado pela tontura, ansioso por aquele rio ganhar vida. Charlie percebeu meu tremor e minha concentração, por isso me perguntou:

— Tudo bem?

Respondi que achava que sim. Agarrei a parte de baixo do barril com meus dedos, enfiando a mão na areia. Contamos até três e lentamente levantamos o barril pesado no ar e começamos a dar uns passos cuidadosos, de lado, entrando lentamente no rio. O choque da água gelada fez Charlie assobiar e depois rir, o que me fez rir também, e paramos de andar por um momento, para que nós dois ríssemos juntos. A lua e as estrelas brilhantes estavam penduradas acima de nossas cabeças. A fórmula se mexia dentro do barril. Sua superfície era negra e prateada, e o rio também mostrava as mesmas cores. Vimos o barril, e o líquido denso caiu da borda. Não consigo me lembrar de jamais ter me sentido tão ousado.

A partir do momento em que começamos a derramar, demos pequenos passos para trás na direção do banco de areia. O barril soltou suas fumaças e seus vapores, e mais uma vez senti o cheiro em meu nariz e meus pulmões; tive ânsias e quase vomitei, de tão forte e esmagador. O calor atacou meus olhos e eles imediatamente se encheram de lágrimas.

Depois que saímos da água, jogamos o barril e subimos o rio para pegar o segundo. Levantamos e derramamos, depois fiquei na areia esperando. Da outra margem, Warm instruiu Morris a começar a mexer. Como o homem debilitado não conseguia manter um ritmo rápido o suficiente, Warm conseguiu outro galho e agitou as águas batendo na superfície várias vezes, da maneira mais rápida e violenta que conseguiu. Ouvi um barulho nas minhas costas e me virei para ver Charlie abrindo o terceiro barril com uma machadinha.

— O que você está fazendo? – perguntei.

— Vamos jogar todos – falou, enquanto tirava a tampa do barril.

Warm percebeu e gritou do outro lado do rio:

— Deixe isso!

— Vamos jogar todos e acabar com isso de uma vez! – falou Charlie.

— Deixe disso! – gritou Warm. – Eli, impeça-o!

Eu me aproximei, mas Charlie já estava levantando o barril sozinho. Ele deu um passo e depois outro antes de perder o equilíbrio e tropeçar; o espesso fluido caiu pela borda e escorreu pela frente do barril, cobrindo sua mão direita até a articulação. Em poucos segundos, aquilo começou a atacar sua carne e ele derrubou o barril na areia, onde a fórmula se espalhou, desperdiçada.

Charlie se agachou de dor, o queixo travado, e eu peguei seu punho para estudar a ferida. Havia bolhas crescendo nas articulações e subindo pelo punho – dava para ver as bolhas subindo e descendo, como se estivessem respirando, como um sapo guardando ar em sua garganta. Ele não estava com medo, mas bravo, seu nariz ofegando como um touro, com a baba escorrendo por seu queixo. *Os olhos*, pensei, *estão magníficos*; o reflexo da fogueira revelava o próprio exemplo do desafio, de um ódio esclarecido. Peguei do fogo a água aquecida e ensopei sua mão para enxaguá-la, depois agarrei uma camisa para enrolá-la. Warm não percebeu o que estávamos fazendo, nem que Charlie tinha sofrido um acidente.

— Corram, vocês aí! – ele gritou. – Não estão vendo? Corram aí!

— Consegue segurar um balde? – perguntei a Charlie.

Ele tentou fechar a mão, e sua testa mostrou a profunda dor. As pontas de seus dedos, unidas pelo pano, já estavam inchadas e lembrei que essa era a mão com a qual ele atirava – algo que ele devia ter pensado no momento em que derramou a fórmula.

— Não consigo fechar – ele disse.

— Mas ainda consegue trabalhar?

Ele falou que acreditava que sim e eu peguei um balde, deslizando o cabo por sua mão até o braço. Ele assentiu, peguei um balde para mim e nos viramos para o rio.

Enquanto estávamos distraídos com a ferida de Charlie, a fórmula tinha funcionado, seu brilho tão intenso que precisei proteger os olhos. O fundo do rio estava completamente iluminado, assim todo pedregulho e pedra com musgo estava visível. Os flocos e fragmentos de ouro, que momentos antes estavam frios e mudos, agora eram pontos da mais pura alaranjada luz amarela, e tão distintas quanto as estrelas no céu. Warm estava trabalhando, suas mãos enfiadas no rio, sua cabeça subindo e descendo em busca dos pedaços maiores. Ele era metódico, trabalhando de forma inteligente, eficiente, mas seu rosto e seus olhos, iluminados pelo brilho do rio, revelavam um grande e supremo prazer. Morris estava exausto e não conseguia mais se mexer; ele enfiou o galho na represa e se

encostou nele, olhando para as águas com uma expressão de satisfação calma, quase narcótica. Olhei para Charlie. Seu rosto estava mais tranquilo, mais leve, sua dor e sua raiva haviam desaparecido, esquecidas, e vi como ele engolia em seco. Meu irmão estava maravilhado. Olhou para mim. Sorriu para mim.

No mundo estático dos fatos e dos números duros, demorou aproximadamente vinte e cinco minutos antes de o ouro parar de brilhar, mas aqueles momentos enquanto trabalhávamos no rio não foram nem breves nem longos, foram na verdade de alguma forma removidos da própria restrição ou noção de tempo – estávamos fora do tempo, é como pareceu para mim; nossa experiência foi tão incomum que fomos elevados a um lugar onde tais preocupações como minutos e segundos não só eram irrelevantes como não existiam. Esse sentimento, falando pessoalmente, foi criado somente pela riqueza que nossas pilhas de ouro cada vez maiores representavam, mas também pelo pensamento de que essa experiência nascia da mente única de um homem, e apesar de nunca antes ter pensado na noção de humanidade ou se eu era feliz ou infeliz por ser humano, agora sentia orgulho pela mente do homem, sua curiosidade e sua perseverança; fiquei obstinadamente feliz comigo mesmo por estar vivo. O ouro de nossos baldes brilhava em densos poços de luz, e os galhos das árvores ao redor estavam tomados pelo brilho do rio. Havia um vento quente descendo pelo vale sob a superfície da água que fez meu cabelo dançar sobre meus olhos. Esse momento, nessa posição no tempo, foi o mais feliz de toda a minha vida. Desde então, senti que havia sido feliz demais, que os homens não deveriam ter acesso a esse tipo de satisfação; certamente, ele temperou todo momento de felicidade que experimentei desde então. De qualquer forma, e talvez seja apenas isso, não era algo que poderíamos manter por muito tempo. Tudo imediatamente depois disso tornou-se negro e o mais errado possível. Tudo depois disso foi morte de uma forma ou de outra.

Cruzando de volta pela represa, Morris errou o passo e caiu na parte mais funda do rio. Ele mergulhou na água e não subiu mais. O ouro tinha parado de brilhar e eu e meu irmão estávamos sentados na areia ao lado do fogo, limpando-nos com a água e o sabão que Warm tinha preparado. Nosso desconforto do contato direto, eu deveria dizer, tinha sido mínimo no começo; entre o frio do rio, que formigava na pele, e também nossa própria excitação e o sangue que corria rápido, nem prestamos atenção em qualquer sensação ruim. Mas quando o ouro voltou a ficar mudo, sentimos um crescente calor que se tornou nossa total preocupação e foco. Agora estávamos andando o mais rápido possível, nos lavando e esfregando nossas mãos, nossas pernas e nossos pés. Charlie só conseguia trabalhar com metade da velocidade e eu fui ajudá-lo depois de ter

me lavado. Tinha acabado com suas pernas quando ouvi Morris gritar. Quando olhei para cima, ele estava caindo.

Charlie e eu corremos até a beira d'água, ao mesmo tempo que Warm tinha chegado ao centro da represa, com o pesado balde de seu lado direito. Ele olhou impotente para o rio, e Charlie gritou para que usasse o galho de Morris, ainda enfiado na represa, para tirá-lo dali, mas Warm aparentemente não ouviu. Ele colocou o balde no chão e seu rosto estava sombrio. Deu um passo largo e mergulhou nas águas envenenadas. Ressurgiu com Morris embaixo do braço, estava desmaiado, mas respirando, os olhos fechados, a boca aberta, água escorrendo pela língua.

Quando chegamos ao rio, Charlie e eu nos aproximamos para ajudá-los, mas Warm gritou que não devíamos tocá-los, e obedecemos. Eles deitaram na areia, arfando e cansados, e eu corri até o balde com água, levando-o até a margem. Primeiro limpei Morris, que gemia, e depois Warm, que me agradeceu, mas com o balde logo vazio e os homens precisando de mais, Charlie e eu os arrastamos até a parte de cima do rio, longe das águas com a fórmula e os deitamos na parte rasa. Peguei o sabão e nos agachamos ao lado dos dois, esfregando-os, lavando-os e falando que tudo logo ficaria bem, mas o desconforto deles só crescia, com a forma como reclamavam da dor. Agora se contorciam, tremendo como se estivessem sendo imolados lentamente, e na verdade acho que era isso que realmente estava acontecendo.

Nós os tiramos da água. Peguei o que restava do remédio entorpecedor e cobri o rosto e a cabeça deles. Os olhos estavam cobertos com um filme acinzentado e Morris disse que não conseguia ver. Então Warm disse o mesmo. Morris começou a chorar e Warm procurou sua mão. Eles ficaram juntos, de mãos dadas, chorando, gemendo e de repente começaram a gritar – os dois ao mesmo tempo, como se suas dores estivessem sincronizadas. Lancei um olhar secreto a Charlie: o que deveríamos fazer? Sua resposta secreta: nada. E ele estava certo. Exceto matá-los, não havia nada no mundo que pudéssemos fazer por eles.

Morris morreu de madrugada. Charlie e eu o deixamos na margem e carregamos Warm até sua barraca. Ele estava delirando e, quando o colocamos em sua cama, falou:

— Quanto tiramos, Morris? Que horas são?

Charlie e eu não tentamos responder; preferimos deixá-lo sozinho para dormir ou morrer. O céu estava baixo com nuvens e dormimos ao lado do fogo por toda a tarde. Quando começou a chover sobre nós, eu me sentei e percebi duas coisas ao mesmo tempo: Morris não estava mais recém-morto, mas totalmente morto, seu corpo duro e sem sangue, de alguma forma mais leve, lembrando um pedaço de madeira mais do que um homem; e segundo, os

castores tinham saído da água e morrido na margem perto do nosso acampamento. Quer dizer, nove castores mortos enfileirados na areia. Havia algo decorativo nisso, mas também nefasto ou proibido. Estavam deitados de barriga para cima, os olhos fechados, com o líder no centro, um pouco à frente dos outros. Não gostei de pensar que o grupo emergiu silenciosamente das águas, caminhando na direção em que estávamos dormindo. Eles estavam pensando, em sua mente de castor, em nos atacar? Arruinar-nos como tínhamos feito com eles usando nossas poções malignas? Ainda bem que eu nunca saberia a resposta para isso.

Fiquei triste por Morris ter morrido logo depois de ter tomado a decisão de corrigir sua vida e abandonar o Comodoro. Fiquei pensando se, durante seus últimos momentos, ele sentiu que sua morte era merecida, se desejou nunca ter deixado seu posto, se morreu com remorso e desapontamento. Esperava que não, mas pensei que era provável que sim, e odiei o Comodoro por sua influência. Sentí um ódio tão forte como nunca tinha sentido por ninguém antes e tomei uma decisão particular com relação a ele. A decisão não me fez me sentir melhor, mas eu sabia que iria melhorar no futuro, então decidi esquecer o assunto naquele momento, apesar da amargura permanente por nossa noite de glória compartilhada ter terminado nesse espetáculo grotesco e fracassado.

Eu me levantei e inspecionei minhas pernas. Horas antes, quando tinha deitado para dormir, tive medo de acordar e descobrir que as duas estavam cobertas de bolhas, mas não havia nenhuma. Do meio da coxa para baixo, a pele parecia ter sido queimada por uma tarde ao sol; estavam quentes ao toque e havia um grau de desconforto, mas não estavam nem perto do que eram as de Morris, e eu não acreditava que minha condição pioraria com o tempo.

Charlie estava dormindo de costas, os olhos abertos, e com uma ereção pressionando a frente de sua calça, o que, apesar de tentar ignorar, tomei como um sinal de bem-estar. *Quem sabe de que extraordinária forma a boa sorte poderia chegar em nossas vidas?*, foi o que pensei. Puxei sua calça e vi que suas pernas estavam como as minhas, vermelhas e sem pelos, mas saudáveis. Sua mão, no entanto, estava muito pior, com os dedos roxos ameaçando explodir de tão inchados. Sentí uma grande solidão ao ver isso, juntamente com os castores e também Morris. Gostaria de acordar Charlie para falar com ele, mas decidi que era melhor deixá-lo dormir.

Lembrei que não tinha limpado meus dentes desde São Francisco e me agachei na beira da água, no alto do rio, raspei minha língua, minhas gengivas e meus dentes e cuspi a espuma grossa na superfície da água. Ouvi a voz de Warm e olhei para a barraca.

— Hermann? — chamei, mas ele não falou mais nada. Movi os castores e os levantei, um por um, pela cauda e joguei-os na água, ao sul da represa. Eram mais pesados do que eu esperava, e a textura de seus rabos não parecia como o

apêndice de um ser vivo, mas algo feito pelo homem. Charlie tinha se sentado para ver como eu jogava os últimos. Apesar da peculiaridade do meu trabalho, ele não disse nada e, na verdade, parecia um pouco entediado. Esquecendo seu machucado, ele levantou a mão para afastar uma mosca e gritou com a dor de seus dedos batendo um no outro. Joguei o último castor e voltei para me sentar ao lado dele. Ele tentou desenrolar sua faixa, mas ela tinha prendido e secado na pele, e quando tirou o pano, arrancou junto uma camada de pele de seu punho e de seus dedos. Não parecia doer, não mais do que já estava doendo, mas o deixava com medo e desgostoso. Eu também senti isso. Disse que achava que deveríamos enfiar tudo no que restava de álcool antes de tirar a faixa e ele disse que preferia esperar até comer algo. Fiz café e feijão. Levei um prato para Warm, mas ele estava dormindo e eu não quis acordá-lo. Todo o seu corpo estava vermelho e roxo, o número de bolhas em suas pernas tinha dobrado e todas tinham estourado, cobrindo sua pele de um líquido marrom-amarelado. Seus dedos estavam negros e um cheiro de morte emanava dele; achei que Warm morreria antes do nascer do sol. Quando saí da barraca, Charlie estava jogando o álcool dentro de uma vasilha de Warm e havia outra com água fervendo no fogo e uma camisa de algodão dançando no meio de suas bolhas turvas. Ele tinha tirado a camisa da sela de Morris, falou, e olhou para mim esperando uma reprovação, mas claro que não falei nada. Ele enfiou a mão no álcool e uma veia gorda em formato de Y pulsou na sua testa. Ele precisava gritar, mas se segurou; quando a dor diminuiu, estendeu a mão e eu retirei a faixa. A carne saiu como antes e sua mão estava arruinada, foi o que vi. Charlie olhou para ela e não disse nada. Com um graveto, tirei a camisa de Morris da água; quando ela esfriou, enrolei a mão de Charlie, cobrindo os dedos dessa vez, de forma a escondê-los e não precisar pensar no que significavam.

Decidi enterrar Morris, longe do rio, onde a areia e a terra se juntavam. Isso me tomou várias horas e foi realizado com uma pá de cabo curto pertencente a Warm. Não entendi e ainda não entendo a razão da existência dessa ferramenta em comparação com sua contraparte de cabo longo. Posso dizer que cavar uma cova com ela foi uma tortura. Fiz o trabalho sozinho, e Charlie me ajudou a arrastar o corpo da praia e jogá-lo no buraco, mas na maior parte do tempo meu irmão ficou sentado, e por duas vezes foi caminhar pelo rio longe o suficiente para perdê-lo de vista. Não o pressionei e ele ficou olhando enquanto eu enchia a cova.

Tínhamos o diário de Morris (por que não o devolvemos quando ele estava vivo? Simplesmente porque não pensamos nisso) e tentei decidir se deveria enterrá-lo com o corpo. Perguntei a Charlie qual era sua opinião e ele disse que não tinha uma. No fim, decidi guardar o livro, pensando que sua história era única e o melhor era manter suas palavras desenterradas onde pudessem ser divulgadas e admiradas. Foi uma coisa sem graça e triste ver o corpo torto de

Morris no fundo daquela cova. Ele estava imundo, roxo e obscuro. Não era mais o Morris, mas eu falava com a coisa como se fosse.

— Desculpe, Morris. Sei que você preferiria algo com mais estilo. Bom, você nos impressionou com seu caráter. Não sei se vale algo, mas você tem o meu respeito e o do meu irmão.

Charlie não reagiu a meu discurso. Eu não tinha certeza se ele estava prestando atenção o suficiente para ouvi-lo. Tive medo de ser muito dramático. Falar em público, dá para imaginar, não era algo comum para mim. Lembrando-me de minha *bonbonnière* da guarda-livros de Mayfield, tirei-a do bolso do meu casaco e a joguei na cova, com Morris – uma medida de grandeza, era minha ideia. Ela se desenrolou sobre o peito dele, brilhando azul. Perguntei a Charlie se deveríamos marcar o lugar com uma cruz, e ele disse que eu poderia perguntar a Warm. Quando entrei na barraca, encontrei Warm acordado e razoavelmente alerta.

— Hermann – falei. Ele piscou seus olhos leitosos e “olhou” na minha direção.

— Quem está aí? – perguntou.

— É o Eli. Como você está se sentindo? Fico feliz em ouvir sua voz.

— Onde está Morris?

— Morris morreu. Nós o enterramos subindo o rio. Você acha que deveríamos marcar sua cova ou deixá-lo assim?

— Morris... morreu? – ele começou a balançar a cabeça para frente e para trás e a chorar em silêncio. Sai da barraca.

— Então? – perguntou Charlie.

— Pergunto de novo mais tarde.

Pensei que estava cansado de ver homens chorando.

Misturamos todo o ouro tirado, que entre nossos esforços conjuntos na noite anterior e a operação inicial de Morris-Warm resultou em quase um balde inteiro. Isso era uma fortuna e eu quase não conseguia levantar o balde sozinho. Pedi a Charlie para levá-lo, mas ele respondeu que não queria. Falei que era muito pesado e ele disse que acreditava em mim.

Num ataque de praticidade e com meus pensamentos voltados inevitavelmente para o futuro, comecei a olhar para o cavalo de Morris. Era um animal robusto e, apesar de sentir um pouco de culpa, coloquei minha sela sobre ele e cavalguei subindo e descendo o rio, pela margem. Era fácil de dominá-lo e o animal era um tanto quanto cavalheiro. Não sentia nada em especial por ele, mas achei que isso iria mudar se passássemos algum tempo juntos. Decidi que iria ganhá-lo com carinho, açúcar e confiança.

— Vou adotar o cavalo do Morris – disse a Charlie.

— Oh – ele respondeu.

Warm estava muito mal para ser transportado e de qualquer forma eu não achava que ele poderia ser salvo, mesmo se o levássemos para outro lugar.

Ele quase nem percebia quando eu me aproximava, mas não queria deixá-lo morrer sozinho. Charlie lembrou que não sabíamos a receita da fórmula e eu concordei, mas o que ele queria que fizéssemos, torturar o moribundo atrás de todas as instruções e de todos os ingredientes?

Seu tom estava sombrio ao dizer:

— Não fale assim comigo, Eli. Perdi minha mão de trabalho nisso. Só estou falando o que se passa em minha mente. Afinal, Warm pode querer que saibamos.

Ele não estava olhando para mim quando disse isso e eu nunca o tinha ouvido falar dessa maneira, mesmo quando éramos crianças. Pensei que soava parecido comigo, na verdade. Ele nunca tinha sentido medo antes, acho, mas agora sentia e não sabia o que era ou o que fazer. Falei que sentia muito por tê-lo atacado sobre a fórmula e ele aceitou minhas desculpas. Warm me chamou, e Charlie e eu entramos na barraca.

— Que foi, Hermann? – falei.

Ele estava deitado de costas, os olhos abertos em direção ao teto da barraca. Seu peito estava subindo e descendo de forma muito rápida, e ele estava ofegando forte. Warm me disse:

— Estou pronto para ditar a lápide de Morris.

Peguei uma caneta e papel e me agachei ao seu lado. Quando falei que podia começar, ele assentiu, limpou a garganta e cuspiu para o alto, um cuspe grosso que fez um giro no ar e caiu no centro de sua testa. Acho que ele nem percebeu ou não se importou. De qualquer forma, ele não se limpou nem pediu que eu limpasse.

— Aqui jaz Morris – falou –, um bom homem e amigo. Ele desfrutou dos melhores aspectos da vida civilizada, mas nunca teve medo de uma aventura nem de trabalho duro. Morreu como um homem livre, que é mais do que a maioria das pessoas pode dizer, se vamos ser honestos. A maioria das pessoas está presa a seu próprio medo e sua própria estupidez e não tem força para analisar com frieza o que está errado em sua vida. A maioria das pessoas vai continuar insatisfeita, sem nunca tentar entender por que ou como elas poderiam mudar as coisas para melhor, elas morrem sem nada no coração a não ser sangue sujo, velho e fino, sangue fraco, diluído, e não vale a pena suas memórias serem lembradas, vocês verão o que estou falando. A maioria das pessoas é imbecil, realmente, mas Morris não era assim. Ele deveria ter vivido mais. Ele tinha mais a dar. E se existir um Deus, ele é um filho da puta.

Warm parou. Cuspiu de novo, dessa vez para o lado, no chão.

— Não existe Deus – ele disse decidido, e fechou os olhos. Eu não sabia se

queria que essa última frase fosse incluída na lápide e não perguntei, porque não tinha planos de transferir o discurso, já que era evidente que ele não estava em seu juízo perfeito. Mas prometi a Warm que iria escrever da maneira como ele tinha dito e acredito que isso o consolou. Ele agradeceu a nós dois e saímos da barraca para nos sentarmos em frente ao fogo. Charlie, segurando o punho de sua mão ferida, disse:

— Não acha que pode ser o momento de ir embora?

Balancei a cabeça.

— Não podemos deixar Warm morrer sozinho.

— Poderia demorar dias para ele morrer.

— Então vamos ficar aqui por dias.

Foi tudo que falamos sobre o assunto; e foi o começo de uma nova irmandade, com Charlie nunca mais à frente e eu o seguindo desajeitadamente atrás, o que não quer dizer que os papéis tenham sido invertidos, mas destruídos. Depois daquilo, e até hoje, somos cuidadosos em nosso relacionamento, como se tivéssemos medo de deixar o outro chateado. Em termos de nossa anterior forma de comunicação, não posso dizer por que ela desapareceu de repente, apagada como um vela. Claro que no momento que isso aconteceu, fiquei um pouco triste, pelo menos em teoria ou como uma lembrança piegas. Mas a pergunta que muitas vezes surgia na minha cabeça era: o que aconteceu com meu irmão corajoso? Nunca pude responder, só que ele desapareceu e ainda não voltou.

De qualquer forma, não tivemos de esperar dias pela morte de Warm, mas horas. A noite tinha caído e Charlie e eu estávamos deitados ao redor do fogo, com preguiça e cansados, quando Warm falou num sussurro:

— Olá?

Charlie disse que não queria ir e eu entrei sozinho na barraca.

Warm estava nas últimas. Ele sabia disso e estava com medo. *Será que ele vai virar religioso no fim e implorar por uma entrada rápida no Céu?* Mas não, o homem era muito firme em sua falta de crença para sucumbir a alguma covardia de última hora. Ele não queria falar comigo, mas perguntou por Morris, tendo esquecido que o homem havia morrido.

— Por que ele não está aqui? – arfou Warm.

— Ele morreu esta manhã, Hermann, não se lembra?

— Morris? Morreu? – sua testa ficou enrugada e sua boca se abriu, rígida pela angústia, e olhei para suas gengivas, brilhando com sangue. Ele se virou, respirando rápido, hesitante, como se a passagem de ar estivesse parcialmente bloqueada. Girei meu pé e ele se virou seguindo o som e perguntando.

— Quem está aí? É você, Morris?

— Sou eu, o Morris – respondi.

— Oh, Morris! Onde você esteve todo esse tempo? – seu tom era tão aliviado e comovedor que senti as emoções travarem minha garganta.

— Estava juntando gravetos.

— Como? Gravetos? Para a fogueira? – falou Warm, com mais vigor. – Bom homem. Faremos uma fogueira à noite para iluminar toda a operação. Melhor ainda para encher nossos baldes da fortuna, não?

— Muito melhor – concordei.

— E os outros? – ele perguntou. – Para onde correram? Aquele Charlie não gosta muito de trabalhar, percebi.

— Não, ele prefere descansar.

— Não gosta muito de se limpar, não é?

— Não gosta, não.

— Mas ele acabou sendo um bom homem, não dá para negar.

— Ele é um bom homem, Hermann, você estava certo.

— E o outro, Eli, onde ele foi?

— Está aí fora em algum lugar.

— Fazendo suas rondas? Protegendo o acampamento?

— Ele está lá fora, no escuro.

Num tom mais baixo, continuou:

— Bom, não sei como você se sente, mas gosto muito daquele cara, na verdade.

— É. E eu sei que ele gosta de você também, Hermann.

— O que foi?

— Disse que sei que ele gosta de você também.

— Estou ouvindo um traço de ciúmes na sua voz?

— Não!

— Sinto-me bem por isso! Todos esses homens por aí, e todos eles tão decentes e honrados. Eu me senti como um pária por tanto tempo – com essas palavras, seus lábios deram um sorriso triste, e ele fechou os olhos leitosos; lágrimas escorreram pelos cantos cerrados das pálpebras e eu as enxuguei com meu dedão. Warm manteve os olhos fechados depois disso. Ele não os abriria mais.

— Morris, se eu não resistir essa noite, queria que você continuasse com a fórmula.

— Melhor não pensar nisso. Você deveria apenas descansar agora.

— Tive uma ideia: se cobríssemos a pele com gordura de porco antes de submergir, isso provavelmente reduziria o estrago.

— É uma boa ideia, Hermann.

Ele ofegou e disse:

— Bom, sinto que nos conhecemos há muito tempo!

— Eu sinto exatamente o mesmo.

— E sinto muito por você ter morrido antes.

— Estou bem, agora.

— Queria ajudá-lo. Achei que poderíamos ser amigos.

— Somos amigos.

— Eu – ele falou. – Eu.

Abriu a boca e emitiu um som estranho do fundo do seu ser, como se um pedaço sólido dele tivesse se quebrado. O que foi aquilo? Não acho que sentiu dor, ou pelo menos não fez nenhum ruído de dor. Coloquei minha mão em seu peito e senti seu coração tremer e parar. Uma coluna de ar saiu de sua boca e seu corpo se moveu até cessar; foi quando o relógio parou para Hermann Kermitt Warm. Seu braço direito caiu da cama e eu o levantei. Quando caiu de novo, deixei-o pendurado e saí da barraca. Encontrei Charlie sentado ao lado do fogo e tudo estava igual a quando entrei, exceto por um pequeno detalhe.

Era a presença de meia dúzia de índios andando pelo campo, mexendo nas nossas coisas, inspecionando os cavalos e as mulas, e talvez procurando entre nossas posses por qualquer coisa de valor que pudessem roubar. No momento em que abri a barraca, um índio segurando um rifle fez um gesto para que eu me sentasse ao lado de Charlie e obedeci. Nenhum dos dois estava armado, nossos coldres estavam no chão, embaixo de nossas selas, como era nosso hábito quando estávamos acampados. Mas, mesmo se Charlie estivesse armado, não sei se conseguiria puxar seu revólver. Ele estava sentado de lado, olhando para a fogueira, olhando pouco para nossos visitantes, não querendo ser parte daquilo.

O balde de ouro estava entre nós e acredito que poderia nem ter sido notado se Charlie não tivesse tentado escondê-lo sob seu chapéu, algo que o índio com o rifle viu e suspeitou. Ele veio até nós e tirou o chapéu de lado; sua expressão era séria e ficou igual mesmo quando descobriu o conteúdo do balde. Mas ele achou interessante o suficiente para mandar os outros abandonarem suas investigações. Agora estavam todos agachados ao redor do fogo olhando o balde. Um deles começou a rir, mas os outros não gostaram disso e mandaram, se não estou errado, que ficasse quieto. Outro olhou para mim e perguntou algo de forma brusca; achei que ele estivesse perguntando de onde tínhamos tirado todo o ouro. Apontei para o rio e ele me olhou com desprezo. Eles esvaziaram o balde, dividindo tudo em partes iguais em bolsas de pele até esvaziá-lo. Depois disso, eles se levantaram e discutiram algo de forma séria, apontando para nós dois enquanto falavam. O índio com o rifle entrou na barraca de Warm e respirou forte. Pensando agora, parece algo pouco indígena, a forma como ele agiu. Mas ele realmente fez isso. Arfou como uma velha e saiu da tenda, a mão sobre a boca, os olhos abertos com medo e pavor. Afastando seu povo para longe do acampamento na direção do rio, ele descreveu o que tinha visto na barraca e todos se viraram e correram para o meio da escuridão. Achei estranho que não tivessem levado nossos revólveres, cavalos, nem nos matado, mas era provável que tivessem pensado que éramos portadores de alguma praga ou de lepra. Ou

talvez tivessem decidido que era suficiente levar o ouro.

— Warm está morto – falei para Charlie.

— Vou dormir – ele falou.

E foi exatamente o que fez.

Enterrei Warm pela manhã, sem a ajuda de Charlie, apesar de mais uma vez ele estar presente ao enterro. A mochila de Warm estava cheia de diários e papéis, eu tentei procurar a fórmula, mas não consegui entender nada do que estava escrito, menos por causa da minha ignorância em ciência e química do que pela sua letra, que era horrível. Finalmente, desisti e coloquei os livros em cima do seu peito antes de cobri-lo com areia e terra. Não fiz nenhum discurso dessa vez e decidi que não iria marcar nenhuma das covas, algo de que depois me arrependi, pois poderia ilustrar alguma conexão entre eles como amigos leais, mencionando também o que fizeram no rio. Mas eu me sentia melancólico e azarado ou travado, e só queria ir embora; no momento em que a cova estava terminada, Charlie e eu montamos nossos cavalos e partimos, com a barraca ainda armada e a fogueira ainda fumegando. Olhando para trás, pensei que nunca seria um líder entre os homens, nem queria ser líder ou liderado. Pensei que só queria me liderar. Para que não morressem de fome, desamarreei o cavalo e as mulas de Warm. O cavalo não se mexeu, mas as mulas nos seguiram. Dei um tiro por sobre a cabeça delas que as fez fugir descendo o rio. Estavam sem nada, sem nenhum sinal de que tinham donos, e suas pernas atarracadas correram de modo tão rápido e eficiente que parecia irreal.

Tomamos a rota para o norte e chegamos a Mayfield três dias depois.

Durante todo esse tempo, Charlie e eu não tínhamos muito a falar um para o outro. Acredito que ele estava pensando o que poderia fazer pelo resto da vida e, de certa forma, eu pensava o mesmo sobre a minha vida. Refletindo a respeito do que havia acontecido nos últimos dias, pensei que, se esse tivesse sido realmente meu último trabalho, fora realmente muito dramático. Decidi que visitaria minha mãe assim que pudesse, se ela ainda estivesse viva. Inventei muitas conversas conciliatórias, todas terminando com ela me abraçando e dando um beijo no meu rosto, entre a barba e o olho. Esse pensamento me tranquilizava, e a viagem até Mayfield, apesar de nossos recentes problemas, foi bastante agradável. Quando chegamos mais ou menos à metade do caminho, falei para Charlie:

— Sua mão esquerda ainda é mais rápida do que a maioria da direita dos outros.

— A maioria não são todos – ele respondeu e voltamos ao silêncio.

Meus pensamentos sobre os índios roubando o ouro eram complicados.

Parecia apropriado, de alguma forma, que ele não fosse nosso – não senti um pouco de remorso quando levantei o balde? Mas duvido que eu teria sido capaz de

descrever com tal distanciamento se não houvesse uma pilha de ouro esperando por nós embaixo do fogão em May field, uma soma que para mim representava a realização de todas as mudanças que queria na minha vida. Então quando senti cheiro de fumaça a uns três ou quatro quilômetros antes de nos aproximarmos da cidade, fui tomado por um poderoso sentimento de terror e apreensão. No tempo que demoramos para chegar ao hotel, meus sentimentos passaram de preocupação a raiva, que depois se tornou uma triste aceitação. O hotel estava totalmente queimado, assim como os prédios ao lado; nos escombros vi o fogão, que estava caído de lado. Fui andando pelo meio das cinzas e da madeira queimadas, sabendo que nosso tesouro tinha desaparecido, e quando tive certeza voltei para Charlie, que permanecera montado em Nimble, com os ombros caídos, no meio da estrada.

— Nada – falei.

— Bebida – ele respondeu, que era uma das respostas mais sãs e conscientes que ele deve ter dito. Mas com o hotel queimado não *havia* nenhum lugar para beber ou se sentar e ficar bêbado, e fomos forçados a comprar uma garrafa de conhaque do farmacêutico e esvaziá-la na estrada como bandidinhos comuns.

Nós nos sentamos na calçada do outro lado dos escombros do hotel e ficamos olhando para ele. O fogo tinha se apagado havia alguns dias, mas a fumaça ainda subia em alguns pontos, como o cobras-fantasma. Quando a garrafa estava pela metade, Charlie perguntou:

— Você acha que May field fez isso?

— Quem mais?

— Ele não deve ter ido embora, se escondeu, esperando que partíssemos. Acho que ele riu por último – admiti que era verdade e Charlie continuou: – Fico imaginando onde estará sua garota.

— Não tinha pensado nisso – por um instante fiquei surpreso, mas foi por pouco tempo.

Uma pessoa apareceu na estrada e reconheci o homem aos prantos. Estava levando seu cavalo, as lágrimas caíam pelo seu rosto, como sempre. Ele não nos viu nem nos percebeu; estava falando sozinho, num estado de devastação catatônica, e me senti profundamente contrariado por ele. Peguei uma pedra e atirei. Ela bateu em seu ombro e ele olhou para mim.

— Vá embora daqui! – falei. Não sabia por que não gostava dele. Era como se eu estivesse espantando um corvo de um cadáver. Bom, eu estava bêbado. Chorando, o homem continuou sua viagem miserável. – Não sei o que fazer agora – admiti a Charlie.

— O melhor é não pensar nisso agora – ele aconselhou. E aí, confuso: – Está vendo ali? É meu verdadeiro amor.

Era sua prostituta se aproximando.

— Olá, qual é o seu nome? – ele falou feliz. Ela ficou parada na nossa frente

com os olhos úmidos e vermelhos, a ponta do vestido sujo, suas mãos tremendo. Ela mexeu o braço e jogou algo no meu rosto. A coisa acertou minha testa e caiu no chão, ao meu pé. Eram os cem dólares que tinha deixado para a guardalivros. Olhando para o dinheiro, comecei a rir, apesar de saber que isso significava que ela tinha morrido. Pensei que eu não poderia amar a guardalivros, mas adorava a ideia de que ela me amasse, e a ideia de não estar sozinho. De qualquer forma, não havia nada em meu coração que lembrasse tristeza, e eu olhei para a prostituta e disse para seu rosto patético:

— E que tal isso?

Ela cuspiu e foi embora, peguei as moedas do chão. Dei cinquenta dólares a Charlie e ele guardou em sua bota, o dedo mindinho arqueado de forma elegante. Joguei as minhas dentro da bota também, e nós dois rimos como se esse fosse o ponto alto de uma comédia moderna.

Estávamos sentados na terra, e a garrafa estava quase vazia. Acho que teríamos desmaiado e dormido na estrada se a prostituta do Charlie não tivesse juntado todas as outras prostitutas, que agora estavam ao nosso redor como uma matilha, olhando para baixo com escândalo e ultraje. Com Mayfield e depois o hotel destruídos, elas estavam passando por maus momentos, sem perfume emanando de suas cabeças, os vestidos agora amassados e remendados. Começaram a nos provocar, dizendo coisas pouco educadas sobre nosso caráter.

— Que dupla.

— Olhe para eles no chão, assim.

— Olhe a barriga daquele.

— O outro está com a mão machucada, parece.

— Acabaram os dias de matar garotos no estábulo.

Por cima do barulho, Charlie me perguntou confuso:

— Por que elas estão tão bravas?

— A gente espantou o chefe, lembra? – para as prostitutas expliquei: – Mas não queimamos o hotel, foi Mayfield. Pelo menos acho que foi ele. Mas tenho certeza de que não fomos nós. – Isso só serviu para deixá-las mais bravas, no entanto.

— Não fale nada sobre Mayfield.

— Mayfield não era tão ruim!

— Ele nos pagava, não é?

— Ele nos dava quartos, não é?

— Ele era um maldito, mas não chegava aos pés de vocês dois.

— Vocês dois são os verdadeiros malditos.

— O artigo genuíno, essa é a verdade.

— O que deveríamos fazer com esses malditos?

— Esses malditos.

— Vamos pegá-los!

Então elas vieram para cima de nós, nos subjugando e nos prendendo no chão. Pela parede de corpos, eu conseguia ouvir Charlie rindo e também achei isso engraçado no começo, mas minha diversão deu lugar ao aborrecimento quando descobri que não conseguia me mexer, e vi as mãos das prostitutas esvaziarem meus bolsos de todo meu dinheiro. Comecei então, assim como Charlie, a lutar e repreender as prostitutas, mas parecia que, quanto mais lutávamos, mais fortes elas ficavam. Quando ouvi Charlie gritar de dor, entrei realmente em pânico – a prostituta dele estava pisando em sua mão machucada – e mordei a que estava mais perto de mim sobre seu vestido, enterrando meus dentes em sua gorda e fedida barriga. Ela ficou com mais raiva por causa disso e tirou meu revólver do coldre, apontando para minha cabeça. Fiquei completamente paralisado e em silêncio, e o olhar de ódio era tão forte nela que eu esperava a qualquer momento presenciar aquela luz branca saindo do túnel negro do cano do revólver. Mas isso nunca aconteceu e as prostitutas, com o suficiente, foram embora sem falar nada, levando nossos revólveres e nosso dinheiro, menos os cem dólares que tínhamos jogado em nossas botas, onde elas felizmente não pensaram em olhar.

INTERVALO II

Desmaiei na terra e no sol na meio morta cidade de Mayfield. Quando acordei, havia escurecido e a menina estranha de minha visita anterior estava parada na minha frente. Ela tinha um novo vestido e seu cabelo estava limpo e enrolado numa faixa vermelha. Suas mãos estavam cruzadas no peito e havia um ar de expectativa e tensão sobre ela. Não olhava para mim, mas para o lado, para Charlie.

— É você – falei.

Ela fez um gesto silencioso, depois apontou para meu irmão, que segurava um jarro cheio de água. No fundo dele, havia grânulos negros girando e eu vi que os punhos da garota estavam manchados de veneno, como o antes; quando Charlie levou o jarro a seus lábios, eu derrubei da mão dele. O jarro não quebrou, mas caiu num poço de barro. A água se espalhou e a garota fez uma expressão sombria.

— Por que fez isso?

— Quero falar com você, sobre o que me disse antes – falei.

Olhando distraidamente para o jarro, ela falou.

— *O que* eu disse antes?

— Você falou que eu era um homem protegido, lembra-se?

— Lembro.

— Pode me contar, por favor, se ainda sou protegido?

Ela me olhou e eu sabia que ela conhecia a resposta, mas não falou nada.

— A que grau estou protegido? – persisti. – Será sempre assim?

Ela abriu e fechou a boca. Balançou a cabeça.

— Não vou contar.

A bainha do vestido girou como uma roda quando a garota se virou e foi embora. Procurei ao redor por uma pedra para jogar nela, mas não havia nenhuma. Charlie ainda olhava para o jarro, caído na lama.

— Tenho uma sede maldita – ele falou.

— Ela queria matá-lo – falei para ele.

— Quem, ela?

— Vi como ela envenenou um cachorro antes.

— A coisinha linda. Por que diabos ela faria isso?

— Só pela maldade, é tudo que posso pensar.

Charlie entrecerrou os olhos e se virou para o céu roxo. Ele encostou sua cabeça e fechou seus olhos, e disse:

— Então, mundo? – e riu.

Um ou dois minutos se passaram, e ele estava dormindo.

FIM DO INTERVALO II

Charlie teve sua mão amputada por um médico em Jacksonville. Sua dor nessa época diminuíra, mas a carne tinha começado a apodrecer e não havia nada mais a fazer, a não ser removê-la. O médico, chamado Crane, era um homem mais velho, mas estava alerta e firme; ele usava uma rosa em sua lapela e desde o começo eu tinha fé nele como uma pessoa de princípios. Quando falei dos nossos problemas financeiros, por exemplo, ele desprezou meu comentário como se a noção de receber um salário era algo a se pensar depois. Houve um incidente quando Charlie pegou uma garrafa de conhaque, dizendo que queria estar bêbado antes do procedimento, algo a que o médico se opunha, explicando que o álcool causaria muito sangramento. Mas Charlie disse que isso não fazia diferença, ele faria do jeito dele e nada no mundo o impediria. Por fim, puxei Crane de lado e falei para dar a Charlie um anestésico sem contar a ele o que era. Viu a sabedoria no meu plano e, depois de conseguir sedar meu irmão, tudo saiu da melhor forma possível, dentro das péssimas condições. A operação aconteceu em uma sala iluminada à vela, na casa de Crane.

O apodrecimento tinha subido acima do punho e Crane precisou cortar até o meio do braço com uma faca longa que fora fabricada, ele falou, especificamente para cortar ossos. Sua testa brilhava com transpiração quando ele chegou ao meio e a lâmina, quando o médico acidentalmente a tocou, estava tão quente que chegou a queimá-lo. Ele tinha colocado um balde para que a mão e o punho caíssem, mas seu objetivo ou disposição não funcionou e eles caíram no chão. Ele nem quis recuperá-los, ocupado como estava em cuidar de Charlie,

e eu cruzei a sala e os levantei. Não eram nem pesados nem leves; o sangue pingava livremente da extremidade aberta e eu os coloquei no balde, agarrando pelo punho. Nunca tinha tocado no braço de Charlie assim quando ele estava preso ao resto do corpo, e por isso fiquei envergonhado com a estranheza. Acabei passando meu dedão sobre os pelos negros e ásperos. Senti-me muito perto de Charlie quando fiz isso. Coloquei a mão e o punho de pé no balde e o retirei da sala, porque não queria que Charlie os visse quando acordasse. Depois da cirurgia, ele ficou deitado numa cama alta no centro do salão, enfaixado e drogado, e Crane me incentivou a tomar um pouco de ar, dizendo que demoraria algumas horas para Charlie voltar a ficar consciente. Eu agradei e saí de sua casa, caminhando até o limite da cidade, até o restaurante que tinha visitado a caminho de São Francisco. Sentei-me na mesma mesa de antes e fui atendido pelo mesmo garçom, que me reconheceu e perguntou numa voz irônica se eu tinha voltado para outra refeição de cenouras e raízes. Mas, depois de acompanhar a operação e com gotas secas de sangue do meu irmão decorando minhas calças, eu não tinha nem um pouco de fome e só pedi um copo de cerveja.

— Você desistiu de comer completamente? – ele falou, mexendo nos bigodes.

Fiquei ofendido por seu tom e falei:

— Meu nome é Eli Sister, seu filho de uma prostituta, e vou matá-lo aqui mesmo se não correr e me servir o que eu pedi.

Isso fez o garçom perder a malícia em seu olhar, ficando cauteloso e respeitoso a partir de então. Sua mão tremia quando colocou o copo de cerveja na minha frente. Não era comum que eu fizesse isso de forma tão vulgar; mais tarde, quando fui embora do restaurante, pensei que devia reaprender a me sentir calmo e em paz. *Vou descansar meu corpo por todo um ano!*, pensei. Essa foi minha decisão, uma que fico feliz em dizer que acabei realizando, uma que saboreei e com a qual me deleitei completamente: doze meses descansando, pensando, de forma plácida e serena. Mas antes que essa vida de sonho pudesse acontecer, eu sabia, havia um último trabalho que teria de realizar e resolver sozinho.

Eram dez horas da noite quando finalmente cheguei a nossa cabana nos arredores de Oregon City. Encontrei a porta arrancada e todas as nossas coisas derrubadas ou destruídas; fui até o quarto do fundo e vi, sem me surpreender, que nosso esconderijo atrás do espelho tinha sido encontrado. Havia mais de dois mil e duzentos dólares enfiados na parede, mas agora não restara nada, a não ser um pedaço de papel, que eu peguei e li:

*Caro Charlie,
Sou um bastardo e levei todo o seu dinheiro, todo ele. Estou bêbado, mas não acho que vou devolver quando estiver sóbrio. Também levei o dinheiro de seu irmão e peço desculpas, Eli – sempre gostei de você quando não olhava para mim de forma ridícula. Vou embora com esse dinheiro e vocês podem me encontrar, boa sorte nisso. De qualquer forma, os dois vão ganhar mais, vocês sempre foram bons nisso. É um jeito de merda de dizer adeus, mas sempre fui assim e não vou me sentir mal mais tarde. Há algo errado com meu sangue ou minha mente ou o que for que guie o homem.*

— Rex

Dobrei o bilhete e coloquei-o de volta na parede. O espelho tinha sido derrubado e quebrado, e eu espalhei os cacos com minha bota. Não estava pensando, só esperando por um pensamento ou sentimento. Como isso não aconteceu, desisti e saí para ajudar Charlie a descer de Nimble. Crane tinha dado uma garrafa de morfina e ele esteve mais ou menos catatônico durante toda a nossa viagem de volta. Acabei achando necessário amarrá-lo a Nimble e o puxei por uma corda. Várias vezes, ele ficou espantado ao perceber que sua mão não estava mais ligada a seu corpo. Era algo de que ele acabava se esquecendo; quando percebia, era tomado pelo choque e pela tristeza.

Levei-o até seu quarto e ele se arrastou até seu colchão. Antes de desmaiar, falei de que ia sair, e ele não me perguntou aonde ia, nem se importou. Fechou as mandíbulas e levantou seu braço enfaixado para acenar. Deixando-o com seu sono drogado, fiquei parado na entrada de nossa casa, calculando nossas magras posses. Nunca tinha gostado muito do lugar; olhando ao redor agora para as roupas manchadas de vinho, os pratos e os copos quebrados, eu sabia que nunca mais voltaria a dormir ali. Era uma hora de cavalo até a cidade. Minha mente estava atenta, limpa e concentrada. Eu tinha viajado por muitos dias, mas não estava nem um pouco fatigado ou comprometido. Não estava nem um pouco com medo.

A mansão do Comodoro estava escura, exceto por seu quarto um pouco iluminado no primeiro andar. A lua estava alta e brilhante e eu me escondi embaixo dos galhos de um cedro antigo que ficava no limite da grande propriedade. Vi uma empregada sair do fundo com uma banheira vazia embaixo do braço. Estava brava com algo e quando chegou em sua cabana, separada da casa principal, xingou baixinho. Esperei uns quinze minutos para ver se ela saía; como isso não aconteceu, cruzei o jardim agachado, em direção à casa. Ela não tinha trancado a porta de trás e eu entrei na cozinha. Estava quieta, fria e limpa. O que o Comodoro tinha feito com a garota? Dei outra olhada para sua cabana; tudo estava quieto e parado, exceto por uma vela branca que ela tinha acendido e

colocado na janela.

Subi as escadas acarpetadas e parei do lado de fora do quarto do Comodoro. Pela porta ouvi como ele repreendia e insultava alguém; não sabia quem, porque o homem só murmurava umas desculpas e não dava para saber quem era ou o que tinha feito de errado. Quando ele se cansou do abuso, mandou o outro sair; com seus passos se aproximando de mim, e eu me encostei na parede ao lado da porta. Eu não tinha revólver, somente uma faca cega que trazia na mão. Mas a porta se abriu e o homem desceu as escadas sem notar minha presença. Ele saiu pela porta dos fundos e eu fui até a janela no fim do corredor para seguir seus movimentos. Vi como ele entrava na cabana da empregada; ele apareceu na janela olhando amargurado para a mansão e eu me escondi nas sombras para testemunhar a dor nos olhos do homem. Seu rosto horrível era a descrição de uma vida violenta, e mesmo assim lá estava ele, acovardado e impotente para se defender. Quando apagou a vela da cabana, tudo ficou escuro e voltei pelo corredor. A porta tinha ficado aberta e eu entrei.

Os aposentos do Comodoro ocupavam todo o primeiro andar da mansão e não havia paredes no vasto espaço, nenhum quarto, mas os móveis estavam agrupados como se eles existissem. Estava escuro, tirando as luzes fracas de algumas lamparinas de mesa ou candeeiros trêmulos. No canto mais distante, detrás de um biombo chinês, subia uma coluna de fumaça de charuto; parei ao ouvir a voz do Comodoro, pensando que ele não estava sozinho. Mas não ouvi uma segunda voz e deduzi que ele estivesse falando consigo mesmo. Ele estava descansando na banheira, fazendo um discurso imaginário e eu pensei: *o que tem no banho que faz as pessoas falarem sozinhas?* Agarrei minha faca e cruzei os aposentos para me encontrar com ele, seguindo uma linha de tapetes para não fazer nenhum barulho. Dei a volta no biombo, a faca no alto, preparado para enfiá-la no coração do Comodoro, mas seus olhos estavam cobertos com uma toalha de algodão e meu braço caiu de lado. Ali estava um homem cuja influência poderia ser encontrada em todo canto do país e que se encontrava sentado, bêbado, numa banheira de cobre, o corpo sem pelo, o peito ossudo, com cinzas compridas se equilibrando perigosamente em seu charuto. Sua voz era aguda:

— Senhores, é uma pergunta feita com frequência, e hoje eu a apresento a vocês, e vamos ver se sabem a resposta. O que é que faz um homem grande? Alguns vão apontar a riqueza. Outros, a força do caráter. Alguns vão dizer que é um grande homem quem nunca perde seu temperamento. Alguns afirmam que é aquele fervoroso em sua adoração ao Senhor. Mas estou aqui para dizer precisamente o que é ser um grande homem, e espero que vocês ouçam minhas palavras neste dia e que as adotem com seus corações e suas almas, e que entendam o que quero dizer. Porque eu desejo o melhor para vocês!

Ele assentiu e levantou uma mão, agradecendo os aplausos-fantasma. Dei

um passo para me aproximar dele e passei a faca perto de seu rosto. Sabia que deveria matá-lo enquanto tinha a oportunidade, mas queria ouvir o que ele tinha a dizer. Ele abaixou a mão e deu uma longa tragada de seu charuto. Isso mexeu com as cinzas, que caíram na banheira com um ruído; ele bateu na água com os dedos onde imaginava que as cinzas tinham caído.

— Obrigado – ele falou. – Obrigado, obrigado – fez uma pausa, enchendo o pulmão de ar. Agora falava com ênfase e em voz alta. – Um grande homem é aquele que consegue apontar uma lacuna no mundo material e injetar nesse espaço em branco uma *essência de si mesmo!* Um grande homem é aquele que consegue criar sorte através da *absoluta força de vontade*, num lugar onde não havia ninguém anteriormente! Um grande homem, então, é aquele que consegue *tudo partindo do nada!* E o mundo ao seu redor, cavalheiros aqui reunidos, acreditem quando digo isso, é simplesmente isso: nada!

Num rápido movimento eu o ataquei. Deixando cair a faca no chão, pressionei seus ombros para que sua cabeça ficasse embaixo da água. Ele começou a lutar e se debater; tossia e se engasgava, fazendo um ruído que parecia “*Hesch, hesch, hesch!*”. Isso reverberava nas paredes da banheira e eu sentia como se fizesse cócegas nas minhas pernas e subisse pelo meu peito. O instinto de sobrevivência do Comodoro estava enfraquecendo, e sua luta se tornou mais forte, mas eu tinha todo o meu peso sobre ele, o homem estava preso e não conseguia se mover. Eu me sentia muito forte e correto, e nada no mundo poderia ter evitado que eu terminasse meu trabalho.

Sua toalha tinha caído do rosto e ele olhava para mim de dentro da água, e, apesar de não querer olhar para ele, achei que seria o apropriado e encarei seus olhos. Fiquei surpreso com o que vi, porque ele só demonstrava medo, assim como todos os outros que tinham morrido. Ele me reconheceu, nada mais. Acho que eu queria que ele me visse e lamentasse por não ter me respeitado de forma apropriada, mas não havia tempo para isso. Falando de maneira prática, achei que haveria talvez uma explosão de cores em sua mente, depois um vazio infinito, como uma noite ou todas as noites juntas.

O Comodoro morreu. Depois disso eu o puxei, assim sua cabeça ficou meio submersa, para parecer que tinha se afogado sozinho por causa da bebida. Seu cabelo cobria a testa, e o charuto flutuava perto de seu rosto e não havia nada digno em seu fim. Eu saí pela porta da frente e voltei para nossa cabana, onde encontrei Charlie adormecido e sem vontade de viajar. Apesar dos seus protestos, eu o levantei e o amarrei em Nimble, e fomos em direção à casa de nossa mãe.



A MADRUGADA TINHA UMA COR PRATEADA, E PESADAS GOTAS DE chuva balançavam a grama alta. O efeito da morfina havia passado, e Charlie roncava nas costas de Nimble enquanto cavalgávamos pela trilha da propriedade. Fazia anos que não via a casa e me perguntava se não estaria em ruínas e o que faria se mamãe não estivesse ali. Quando vi o lar, notei que estava recém-pintada e que um quarto tinha sido construído no fundo; havia uma horta organizada com um espantalho, que me pareceu familiar. Reconheci que estava usando um velho casaco do meu pai, e também seu chapéu e suas calças. Desmantei do cavalo de Morris e me aproximei do espantalho para verificar seus bolsos. Não havia nada além de um fósforo usado. Coloquei-o no meu bolso e fui andando até a porta da frente. Eu estava muito nervoso para bater e por um tempo fiquei somente olhando. Mas minha mãe tinha me ouvido e abriu a porta em sua camisola de dormir. Ela me olhou sem nenhum traço de surpresa, também olhou por cima do meu ombro.

— O que aconteceu com ele? – ela perguntou.

— Ele machucou a mão e está cansado.

Ela fechou a cara e pediu que eu esperasse na varanda por um momento, explicando que não gostava que as pessoas a vissem subindo na cama. Mas eu já sabia disso e falei:

— Vou entrar quando você me chamar, mãe.

Ela se afastou e eu me sentei no corrimão, balançando as pernas e olhando os detalhes da casa. Estava sentindo uma grande ternura e bastante dor também, com as lembranças. Olhando para Charlie, caído sobre seu cavalo, pensei nas vezes que tínhamos vindo para cá.

— Não foram tão ruins – falei para ela.

Minha mãe me chamou e eu entrei na casa e fui até o fundo, o quarto novo, onde ela estava deitada em sua cama alta feita de latão e algodão macio. Ela bateu as mãos por cima do lençol.

— Onde estão meus óculos? – ela perguntou.

— Estão no seu cabelo.

— O quê? Oh, aqui. Isso – ela os colocou e olhou para mim. – Aí está você – concluiu. Seu rosto ficou sério e ela perguntou: – O que aconteceu com a mão de Charlie?

— Ele teve um acidente e a perdeu.

— Perdeu, é mesmo? – balançou a cabeça e murmurou. – Como se fosse apenas uma besteira ou uma inconveniência.

— Não foi nada disso para nós.

— Como ele a perdeu?

— Foi queimada e depois infeccionou. O médico disse que mataria o coração dele se Charlie não fizesse a cirurgia.

— Mataria seu coração?

— Foi o que o médico disse.

— Ele usou essas exatas palavras?

— Algo do gênero.

— Humm. E a operação foi dolorosa?

— Ele estava inconsciente durante a amputação. Diz agora que sente uma queimação, e que o toco coça, mas está tomando morfina, o que ajuda. Acho que logo ele ficará curado. A cor voltou a seu rosto, percebi.

Ela limpou a garganta duas vezes. Começou a mexer a cabeça, como se estivesse pesando suas palavras; implorei para que falasse o que estava pensando e ela disse:

— Bom, não é que não esteja feliz por vê-lo, Eli, porque estou. Mas você poderia me falar o que o levou a me visitar depois de todo esse tempo?

— Senti que precisava estar perto de você – falei. – Foi algo muito forte e não consegui evitar.

— Está bem – ela disse, assentindo. – E você me explicaria, por favor, que diabos está falando?

Isso me fez rir, mas pude ver que ela estava séria e fiz uma tentativa de responder honestamente:

— O que quero dizer é, de repente, no fim de um longo e difícil trabalho, não entendi por que não deveríamos estar próximos um do outro, uma vez que éramos tão próximos antes, você e eu, até o Charlie.

Ela não pareceu pensar muito nessa resposta; ou talvez ela não tenha acreditado. Como se quisesse mudar de assunto, perguntou:

— Como você anda em termos de seu temperamento?

— De vez em quando eu me perco.

— E o método tranquilizador?

— Eu ainda uso o método tranquilizador de vez em quando.

Ela assentiu e pegou um copo com água do criado-mudo. Depois de beber, limpou o rosto com o colarinho de sua camisola; ao fazer isso, sua manga escorregou e vi o braço torto. Tinha sido mal curado e parecia irregular, como se causasse desconforto; com essa visão, senti uma dor antiga ou o que alguns poderiam chamar de dor de pena em meu próprio braço. Ela me pegou olhando e sorriu. Seu sorriso era lindo – minha mãe era uma mulher muito bonita quando jovem, todos sabiam – e ela disse, feliz:

— Você está igual, sabe?

Não posso dizer quanto alívio foi ouvi-la dizer isso e respondi:

— Quando eu a vejo, sinto o mesmo. É quando estou fora que me perco.

— Você deveria ficar aqui, então.

— Gostaria de ficar. Sinto muito sua falta, mãe. Penso em você com muita frequência e acredito que Charlie também.

— Charlie pensa em si mesmo, é nisso que ele pensa.

— É tão difícil me comunicar com ele, sempre distante – senti um soluço crescer em meu peito, mas fiz força para que se extinguísse. Soltando o ar, consegui me controlar. Sóbrio, falei:

— Não sei se deveria deixá-lo lá fora, assim. Posso trazê-lo para dentro de casa? – fiquei quieto por um tempo. Esperei que minha mãe dissesse algo, mas ela nunca falou. Finalmente, eu disse: – Vivemos muitas aventuras juntos, Charlie e eu, e vimos coisas que a maioria dos homens não consegue ver.

— E isso é tão importante?

— Agora que terminou, parece que sim.

— Por que você diz que terminou?

— Já me cansei. Estou querendo uma vida mais tranquila, só isso.

— Você veio à casa certa para isso – apontando para o quarto, ela perguntou: – Você viu todas as mudanças? Continuo esperando que você elogie.

— Tudo parece esplêndido.

— Viu o jardim?

— Está lindo. A casa também. E você. Está se sentindo bem?

— Sim, não e mais ou menos – pensando, acrescentou. – Principalmente mais ou menos.

Uma batida na porta e Charlie entrou no quarto. Ele tirou o chapéu e o pendurou no toco do seu braço.

— Olá, mãe.

Ela olhou para ele por um bom tempo.

— Olá, Charlie – ela respondeu.

Como ela continuava olhando, ele se virou para mim.

— Não sabia onde estávamos no começo. A casa era tão familiar, mas eu

não conseguia reconhecer – sussurrando, ele falou. – Você viu o espantalho?

Nossa mãe ficou nos olhando com algo parecido com um sorriso em seu rosto. Mas era um sorriso triste e distante:

— Estão com fome? – ela perguntou.

— Não, mãe – falei.

— Nem eu – disse Charlie. – Mas eu gostaria de tomar um banho, por favor.

Ela falou que tudo bem e ele a agradeceu, saindo. Quando parou na porta para me encarar, sua expressão era sincera e direta. Pensei que não havia mais nenhuma vontade de brigar nele. Depois que Charlie saiu, minha mãe falou:

— *Ele* parece diferente.

— Ele precisa descansar.

— Não – ela bateu no peito e balançou a cabeça, triste.

Quando expliquei que ele tinha perdido a mão com a qual atirava, ela falou:

— Espero que vocês dois não queiram que eu lamente isso.

— Não esperamos nada, mãe.

— Não? Parece que vocês dois estão esperando que eu pague por sua comida e alojamento.

— Vamos encontrar trabalho.

— E qual seria, exatamente?

— Eu estive pensando em abrir um entreposto comercial.

— Você quer dizer que vai investir em um? – ela falou. – Não quer dizer que vai trabalhar em um? Com todos os clientes e suas perguntas?

— Eu me imaginei fazendo isso. Você não consegue acreditar?

— Francamente, não.

— Não importa o que vamos fazer – suspirei. – O dinheiro vem e vai – balancei a cabeça. – Não importa e você sabe disso.

— Certo – ela falou, mais branda. – Você e seu irmão podem dormir em seu antigo quarto. Se vocês realmente querem ficar, podemos construir outro quarto depois. E quando digo nós, estou falando de você e de Charlie – ela pegou um espelho de mão e olhou para ele. Arrumando o cabelo, me falou: –

Provavelmente, eu deveria ficar feliz por vocês dois ainda estarem unidos. Desde que eram crianças até hoje.

— Nossa aliança foi quebrada e emendada muitas vezes.

— Seu pai os aproximou – ela abaixou o espelho. – Podemos agradecê-lo por algo.

— Acho que gostaria de ir me deitar, agora.

— Devo acordá-los para o almoço?

— O que você vai fazer?

— Ensopado de carne.

— Isso é ótimo, mãe.

Ela fez uma pausa:

— Você quer dizer: está ótimo, não me acorde? Ou: está ótimo, me acorde?

— Pode me acordar, por favor.

— Certo, então. Vá dormir.

Eu saí e olhei pelo corredor. A porta da frente estava aberta e me apresentava com um bloco de pura luz branca. Passando sob o batente do quarto de minha mãe, pensei ter ouvido sua voz; eu me virei e ela me olhou esperando:

— Está tudo bem? – perguntei. – Você me chamou?

Ela acenou para mim e eu cruzei o quarto. Parado ao lado de sua cama, ela esticou a mão e agarrou meus dedos. Ela me puxou, subindo sua mão por meu braço, como se estivesse escalando uma corda. Abraçou meu pescoço e me beijou no rosto. Seu lábio estava molhado e frio. Seu cabelo, seu rosto e seu pescoço tinham cheiro de sono e sabão. Eu saí para nosso antigo quarto e me deitei num colchão no chão. Era um espaço limpo e confortável, apesar de pequeno, e eu sabia que seria por pouco tempo e, dessa forma, era perfeito. Não podia me lembrar de outro momento em que estive precisamente no lugar em que queria estar, e era um sentimento bastante satisfatório.

Caí no sono, mas acordei alguns minutos depois. Conseguia ouvir Charlie no quarto ao lado, lavando-se na banheira. Não falava nada nem falaria, eu sabia, mas o som da água parecia o de uma voz, a maneira como ela se espalhava, tagarelando, depois ficando quieta, como se caísse numa contemplação humilde. Parecia que eu conseguia sentir, a partir desses sons, a tristeza ou a alegria de seu criador; ouvi atentamente e decidi que meu irmão e eu estávamos, pelo menos no presente, distantes de todos os perigos e horrores do mundo.

E posso dizer que essa era uma conclusão agradável para mim.

RECONHECIMENTOS

Leslie Napoles
Gustavo deWitt
Gary deWitt
Nick deWitt
Mike deWitt
Michael Dagg

Lee Boudreaux
Abigail Holstein
Daniel Halpern
Sara Holloway
Sarah MacLachlan
Melanie Little

Peter McGuigan
Stephanie Abou
Daniel McGillivray
Hannah Brown Gordon
Jerry Kalajian
Philippe Aronson
Emma Aronson
Marie-Catherine Vacher

Azazel Jacobs
Monte Mattson
Maria Semple
George Meyer
Jonathan Evison
Dave Erikson
Dan Stiles
Danny Palmerlee
Alison Dickey
John C. Reilly
Carson Mell
Andy Hunter
Otis the Dog

"DeWitt produziu uma saga que transpõe gêneros e é emocionante, engraçada e, talvez, inesperadamente tocante"

PUBLISHERS WEEKLY

"CORAJOSO, COM HUMOR SECO E MUITAS VEZES CÔMICO... DeWitt escolheu ter uma voz narrativa afiada e distinta"

**NEW YORK TIMES
BOOK REVIEW**

"ALGO QUE OS LIVROS DE DeWitt compartilham é sua voz narrativa habilmente esculpida e uma inclinação para olhar alegremente sob curativos ensanguentados"

LOS ANGELES TIMES

"EXISTE ALGO CINEMÁTICO NO ESTILO DE PROSA DE DeWitt, O QUE A PRINCÍPIO FAZ O LEITOR OLHAR COM MAIS ATENÇÃO - 'É ISSO MESMO?' - APENAS PARA CONTINUAR VIRANDO AS PÁGINAS COM PRAZER"

**WALL STREET
JOURNAL**

"DeWitt cria uma homenagem à vida no Velho Oeste e ao mesmo tempo revela a brutalidade desse ambiente"

KIRKUS REVIEWS

"OS IRMÃOS SISTER É UM WESTERN GLORIOSAMENTE PICAresco; TUDO NESSE LIVRO É ESTILOSO, DESDE SEU CONCEITO ATÉ A CAPA"

**DAILY BEAST,
NEWSWEEK**

"EMOCIONANTE... UMA HISTÓRIA COM VOZ EXUBERANTE... TÃO RICAMENTE CONTADA, TÃO DETALHADA, QUE O QUE EMERGE É UM ESTRANHO CIRCO DA EXISTÊNCIA [...] EM CERTO NÍVEL É TAMBÉM UM TIPO DE HISTÓRIA DE VINGANÇA, MARAVILHOSAMENTE OBSCURA"

ESQUIRE



Sobre o autor



PATRICK DE WITT nasceu em Vancouver, Canadá, em 1975. Morou na Califórnia, em Washington, e agora vive no Oregon com sua esposa e filho. É autor também da aclamada obra *Ablutions: Notes for a novel*.

Este livro foi composto em Bembo Std para a Editora Planeta do Brasil em abril de 2013.